

Working Papers em Linguística

Multifuncionalidade,
mudança e variação:
uma homenagem à professora
Edair Maria Görski



Working Papers em Linguística, v. 22, n. Especial, 2021

Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis - SC - Brasil

Editora-chefe

Izete Lehmkuhl Coelho

Coeditores

Marco Antonio Martins

Izabel Christine Seara

Organização

Izete Lehmkuhl Coelho

Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Carla Regina Martins

Marco Antonio Rocha Martins

Editoração

Ana Beatriz Ribeiro

Ana Cláudia Fabre Eltermann

Caio Vinícius Silva

Clóvis Alencar Butzge

Edoardo Nilo Valle

Érica Marciano de Oliveira Zibetti

Fernanda Delatorre

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder

Helena Gouveia

João Paulo Zarelli Rocha

Conselho Editorial

Adair Bonini, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Adriana Fischer, Centro Universitário de Brusque, Brasil

Aline Cacilda Koteski Emilio, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Ana Cláudia Souza, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

André Berri, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Clarice Nadir von Borstel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Cláudia Regina Brescancini, Pontifícia Universidade Católica – RS, Brasil

Cristiane Lazzarotto-Volcão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cristine Gorski Severo, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edair Maria Gorski, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edwiges Maria Morato, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Fabio Luiz Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Felício Wessling Margotti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Helena Guerra Vicente, Universidade de Brasília, Brasil

Heronides Maurílio de Melo Moura, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Izabel Christine Seara, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Josias Ricardo Hack, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Leandra Cristina de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Leonor Scliar Cabral, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Lucélio Dantas Aquino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luizete Guimarães Barros, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Magdiel Medeiros Aragão Neto, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Mailce Borges Mota, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Inêz Probst Lucena, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Izabel de Bortoli Hentz, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Teresa Santos Cunha, Universidade do Estado de Santa Catarina

Márluce Coan, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maurício Eugênio Maliska, Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil

Monica Mano Trindade, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Morgana Fabiola Cambrussi, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Nara Caetano Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Nelita Bortolotto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Nívea Rohling, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil

Otávio Goes de Andrade, Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Renato Basso, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Roberta Pires de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Rodrigo Acosta Pereira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ronald Taveira da Cruz, Universidade Federal do Parnaíba Piauí, Brasil

Rosângela Hammes Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Rosely Xavier, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Bueno Borges da Silva, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Tarcisio de Arantes Leite, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Terezinha da Conceição Costa-Hübes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Vidomar Silva Filho, Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Werner Heidermann, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Sumário

NÚMERO ESPECIAL MULTIFUNCIONALIDADE, MUDANÇA E VARIAÇÃO: UMA HOMENAGEM À PROFESSORA EDAIR GÖRSKI

APRESENTAÇÃO	4
Izete Lehmkuhl Coelho, Isabel Monguilhott, Carla Regina Martins Valle, Marco Antonio Rocha Martins	
<hr/>	
ENTREVISTA	
ENTREVISTA COM A PROFESSORA EDAIR MARIA GÖRSKI, NOSSA HOMENAGEADA	18
Carla Regina Martins Valle, Cláudia Andrea Rost Snichelotto	
<hr/>	
ARTIGOS	
A CONTRIBUIÇÃO DE EDAIR MARIA GÖRSKI PARA A DESCRIÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS DO PORTUGUÊS FALADO EM FLORIANÓPOLIS	32
Cláudia Andrea Rost Snichelotto, Diane Dal Mago	
GRAMATICALIZAÇÃO, VARIAÇÃO, MULTIFUNCIONALIDADE E TUDO: CIRCUNSCRIÇÃO DA VARIÁVEL DISCURSIVO-PRAGMÁTICA E TAL	66
Maria Alice Tavares, Ana Clarissa Viana Duarte	
EXPANSÃO NO SISTEMA DE CONCESSIVIDADE: A GRAMATICALIZAÇÃO DE APESAR DE (QUE) NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS	86
Sanderléia Roberta Longhin	
AINDA EM FAVOR DE UMA INTERFACE ENTRE SOCIOLINGÜÍSTICA E GRAMATICALIZAÇÃO ...	111
Sebastião Carlos Leite Gonçalves	
VALORES MODAIS DO MORFEMA -RA NA LÍRICA PROFANA GALEGO-PORTUGUESA	137
Márluce Coan	
VARIAÇÃO NO USO DO PRESENTE DO MODO SUBJUNTIVO: INTEGRANDO NÍVEIS DE ANÁLISE	157
Tatiana Schwochow Pimpão	
O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DE FUNÇÕES E VALORES MARCADOS PELA LEITURA ITERATIVA OU DURATIVA	182
Diana Reis Bittencourt	
LA RELEVANCIA PRESENTE EN TIEMPO DE PANDEMIA: UN ESTUDIO SOBRE CONSTRUCCIONES VERBALES EN LA ESCRITURA PERIODÍSTICA	215
Leandra Cristina de Oliveira, María Alejandra Godoy Roa, Alison Felipe Gesser	
A EXPRESSÃO DO FUTURO DO PRESENTE, A TERCEIRA ONDA VARIACIONISTA, OS GÊNEROS DO DISCURSO E O MUNDO PÓS-COVID-19: ALGUMAS DISCUSSÕES	246
Marcela Langa Lacerda	

A HISTÓRIA SE FAZ PRESENTE: A INFLUÊNCIA DOS DIALETOS ITALIANOS NA FALA EM PORTUGUÊS DE JOVENS ESTUDANTES DO OESTE DE SANTA CATARINA	278
Marizete Bortolanza Spessatto	
USOS LINGÜÍSTICOS DE UM GRUPO DE LÉSBICAS E GAYS: QUESTÕES DE IDENTIDADE E ESTILO DISCUTIDAS EM ENTREVISTA DIRIGIDA	302
Ana Beatriz Oliveira Ribeiro	
O USO VARIÁVEL DE [-STE] NA PÁGINA <i>TAL QUAL DUBLAGENS</i> E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL	327
Kamilla Oliveira do Amaral	

MULTIFUNCIONALIDADE, MUDANÇA E VARIAÇÃO: UMA HOMENAGEM À EDAIR MARIA GÖRSKI

Izete Lehmkuhl Coelho | [Lattes](#) | izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina

Isabel Monguilhott | [Lattes](#) | monguilhott@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Carla Regina Martins Valle | [Lattes](#) | carlaval10@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Marco Antonio Rocha Martins | [Lattes](#) | marcomartins.ufsc@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

1 Introdução

Este número especial da revista *Working Papers em Linguística* faz uma singela homenagem à querida professora Edair Maria Görski por sua relevante contribuição aos estudos sobre a língua em uso, relacionados em geral com a Sociolinguística Variacionista e com o Funcionalismo de vertente norte-americana e por seu envolvimento marcante em atividades de pesquisa, ensino e extensão na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A formação de inúmeros pesquisadores renomados que, atualmente, estão espalhados nas mais diversas universidades brasileiras é um de seus legados.

O número abre com uma entrevista de nossa homenageada realizada pelas ex-orientandas e amigas Carla Regina Martins Valle (UFSC) e Cláudia Andrea Rost Snichelotto (UFFS). Nessa entrevista, a professora Edair fala de sua trajetória como professora e pesquisadora universitária, dos principais temas que foram e são objeto de seu interesse, de sua frequente colaboração com a formação de bancos de dados de língua oral e escrita no âmbito do projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL),¹ bem como de seus projetos de pesquisa vinculados a campos temáticos variados.

Para além da entrevista, o número reúne trabalhos de alguns de seus orientandos e ex-orientandos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFSC, muitos dos quais atualmente são pesquisadores em diferentes instituições brasileiras de ensino superior: Universidade Federal da Fronteira Sul, Universidade

¹ www.varsul.org.br.

Federal do Rio Grande, Instituto Federal de Santa Catarina, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Ceará.

O número reúne, ainda, trabalhos de pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus São José do Rio Preto que estabeleceram parcerias com a homenageada, ao longo dos seus mais de quarenta anos de vida acadêmica.

2 Nossa homenageada

Edair Maria Görski é formada em Letras em 1975 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegrete, com Mestrado, concluído em 1985, e Doutorado, concluído em 1994, ambos em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Passou por diferentes instituições de ensino, desde a educação básica até o ensino superior, com um vínculo de vinte e sete anos com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Na UFSC, sua trajetória é marcante. Desde o início de sua carreira de professora, em 1994, Edair vinculou-se ao projeto VARSUL, contribuindo com a constituição de um dos maiores e mais importante banco de dados de fala da Região Sul do Brasil, bem como com a formação dos bolsistas do projeto. Participou ativamente da formação do banco de dados VARSUL de Santa Catarina, coordenando o trabalho de transcrição e de revisão das entrevistas realizadas em quatro regiões do estado – Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó – de acordo com os critérios estabelecidos pelo projeto interinstitucional, bem como coordenando o trabalho de ampliação do banco de dados, em suas diferentes etapas.

Edair participou também do projeto *Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina* (PHPB-SC), no âmbito do VARSUL, atuando na formação do banco de dados de língua escrita de sincronias passadas, formado por anúncios, cartas de leitores, cartas de redatores e cartas pessoais coletados nas cidades de Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó.

Destacamos também sua forte atuação na formação de recursos humanos. Orientou até o presente momento dezenove trabalhos de iniciação científica, trinta e seis dissertações de mestrado e doze teses de doutorado nas áreas de Sociolinguística e Dialetologia e de Teoria e Análise Linguística, esta última, com foco no Funcionalismo de vertente norte-americana. Além disso, orientou onze monografias de um curso de especialização na Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Os trabalhos de orientação de dissertação de mestrado e de tese de doutorado vinculados ao Programa de Pós-graduação (PPGL) da UFSC e os trabalhos de orientação de dissertação de mestrado ao Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da UFSC dão rosto a essa sua grande contribuição:

Dissertações de mestrado orientadas no PPGL da UFSC:

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro. Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo. 2020. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

Heliene Arantes Carvalho. Expressão de gradação aumentativa na fala manauara. 2020. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

Kamilla Oliveira do Amaral. Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-stes} na página Tal Qual Dublagens. 2020. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

Ana Elisa Costa Ferreira. “Vamos juntas/es/os”: a marcação linguística de gênero na referência genérica a pessoas. 2019. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

Wenderson Phelipe da Silva Santana. Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay. 2018. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

Tiago de Mattos Cardoso. O funcionamento do sintagma nominal complexo sujeito em textos argumentativos escritos: uma descrição sintático-semântico-discursiva. 2016. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

Wagner Saback Dantas. Uma proposta de (re)análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

Julie Cristiane Teixeira Davet. Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular na fala de Florianópolis. 2013. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

Ivelã Pereira. “Mesmo”: a multifuncionalidade de um item linguístico camaleônico. 2013. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

Guilherme Henrique May. Labov e o fato social. 2011. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

Diana Liz Reis. O uso do futuro do subjuntivo: um estudo funcionalista sobre verbo e modalida-

- de. 2010. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- Cláudia Tiemi Sakamoto. A variação do SE medial na fala de Florianópolis. 2008. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- Marcos Luiz Wiedemer. A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina. 2008. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- Maryualê M. Mittmann. Construções de alçamento a sujeito: variação e gramaticalização. 2006. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- Daiane Martins de Oliveira. Tudo: multifuncionalidade e definitude. 2006. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- Suelen de Andrade Viana. Por uma interface sociolinguística no livro didático de língua portuguesa: análises e contribuições. 2005. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- Denize Ricardi. A diversidade linguística brasileira no material didático para o ensino de português para estrangeiros. 2005. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- Rosemary de Fátima de A . D. Luchina. Variação no uso do pretérito imperfeito na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado. 2004. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- Elizabeth Penzlien Tafner. As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista. 2004. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- Raquel Meister Ko. Fritag. Gramaticalização e variação de ‘acho (que)’ e ‘parece’ na fala de Florianópolis. 2003. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- Ladigênia Tereza Martins. ‘Bom’ e ‘bem’ e suas multifunções na fala de região sul do Brasil. 2003. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- Diane dal Mago. Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização. 2001. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- Madelaine Gasparini. ASSIM se fala, ASSIM se escreve. 2001. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

Carla Regina Martins Valle. Sabe?~não tem? ~entende?: requisitos de apoio discursivo em variação na fala de Florianópolis. 2001. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

Cláudia Rost. Olha e veja: gramaticalização e variação. 2001. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

Marizete Bortolanza Spessatto. Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó. 2001. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

Adriana de Oliveira Gibbon. A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação. 2000. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

Diomara Finck. Expansão e redução de cláusulas infinitivas na fala de Florianópolis. 2000. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

Tatiana Schwochow Pimpão. Variação no Presente do Modo Subjuntivo: abordagem discursivo-pragmática. 1999. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

Maria Alice Tavares. Um Estudo Variacionista de Aí, Daí, Então e E Como Conectores Sequenciadores Retroativo-Propulsores. 1999. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

Teresa Santos da Silva. Alternância entre o Pretérito Imperfeito e o Futuro do Pretérito na Fala de Santa Catarina. 1998. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

Márluce Coan. Anterioridade A Um Ponto de Referência Passado: Pretérito (Mais-Que-)Perfeito. 1997. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

Isaura Maria Longo Naumann. Construções Bi-Transitivas No Português Falado: Forma e Função. 1996. Dissertação (Mestrado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

Teses de doutorado orientadas no PPGL da UFSC:

Marcela Langa Lacerda Bragança. Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente. 2017. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

Carla Regina Martins Valle. Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em com-

petição. 2014. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

Adriana de Oliveira Gibbon. Trajetória de gramaticalização da perífrase IR (Presente) + Infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas. 2014. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

Diana Liz Reis de Bittencourt. O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade. 2014. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

Tatiana Schwochow Pimpão. Uso variável do presente do modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. 2012. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

Cláudia Andrea Rost. Olha e vê: caminhos que se entrecruzam. 2009. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

Ângela Cristina di Palma Back. A multifuncionalidade da forma verbal -sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica. 2008. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

Raquel Meister Ko. Freitag. A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança. 2007. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

Katja Reinecke. Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages. 2006. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

Márluce Coan. As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente. 2003. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

Maria Alice Tavares. A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

Mariléia Silva dos Reis. Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista. 2003. Tese (Doutorado em programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

Dissertações de mestrado orientadas no ProfLetras da UFSC:

Wilson José Caldeira. Uso pronominal de ‘a gente’ na fala de personagens da obra de Monteiro Lobato: contribuições para o ensino. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

Michela Ribeiro Espíndola. “Dize-me com quem falas que te direi quem és”: crenças e atitudes linguísticas de discentes e docentes no espaço escolar. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

Mara Aparecida Andrade da Rosa Siqueira. O ensino de gramática a partir da língua em uso: por uma prática voltada ao desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

Os temas desses trabalhos de orientação – em sua maioria – estão relacionados a grandes projetos desenvolvidos por Edair no âmbito do VARSUL, do PPGL e do ProfLetras. Projetos com abordagens teórico-metodológicas sociofuncionalistas a projetos voltados ao ensino de gramática no âmbito do ProfLetras: (i) *Variável linguística e domínio funcional numa perspectiva sociofuncionalista*; (ii) *Modos verbais e verbos modais: uma abordagem sociofuncionalista da modalidade*; (iii) *O percurso de gramaticalização de formas de base adverbial e verbal: funções e formas concorrentes*; (iv) *Análise do funcionamento variável de itens discursivos sob uma perspectiva funcionalista/variacionista*, (v) *Marcadores discursivos na fala de Santa Catarina*; (vi) *Variação e mudança em categorias verbais*; (vii) *Sociofuncionalismo: impacto de fatores sociais em domínios funcionais*; (viii) *Variação linguística: aspectos estilísticos e identitários* e (ix) *Ensino de gramática a partir do uso: multifuncionalidade e variação (ProfLetras)*.

Mesmo depois de aposentada, em 2006, nossa homenageada continua em intenso ritmo de trabalho, com a produção de inúmeras publicações e contribuição com a formação de pesquisadores como professora voluntária em dois programas de Pós Graduação da UFSC, o PPGL e o ProfLetras.

A Eda, como nossa homenageada é conhecida entre os seus, sempre foi fonte de inspiração para estudantes e colegas, por ter trabalhado incansavelmente em prol de uma universidade pública, gratuita e diversa, por ser sempre inovadora nas suas propostas de pesquisa e de ensino, tanto na graduação, quanto na pós graduação, por ter sempre buscado aprofundamento teórico e prático e por ter sempre compartilhado tão generosamente seus conhecimentos.

3 Organização deste número especial

Para iniciar a apresentação dos artigos escritos em homenagem a essa (sócio)linguista tão especial, trazemos o texto de Claudia Andrea Rost Snichelotto e Diane Dal Mago intitulado *A contribuição de Edair Maria Görski para a descrição do Português Brasileiro falado em Florianópolis: a variação/gramaticalização de marcadores discursivos*. Neste artigo, as autoras reúnem uma compilação de trabalhos orientados pela Professora Edair Maria Görski, notadamente que tratam da variação/gramaticalização de marcadores discursivos derivados de diferentes categorias gramaticais, como formas verbais derivadas de verbos de percepção e cognição (*sabe?* e *entendeu?*, *olha*, *veja*, *vê* e *quer dizer*), de reduções frasais (*tá?*), de adjetivos (*certo?* e *bom*) e de advérbios (*bem*). A partir da confluência entre a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Funcional norte-americana, Snichelotto e Dal Mago centram sua análise nos resultados dos estudos que investigaram quatro amostras sincrônicas de fala do português da região Sul do Brasil, provenientes do Banco de Dados VARSUL da cidade de Florianópolis, apesar de certas diferenças metodológicas. Os resultados das amostras sincrônicas investigadas apontaram pistas de mudança individual e conjunta dos MDs investigados e permitiram identificar tendências de uso de cada forma. De modo geral, as quatro amostras diversificadas do VARSUL de Florianópolis coletaram 2689 dados de marcadores discursivos, dentre as quais os de base verbal, até este momento, foram os mais investigados nas pesquisas. Os marcadores discursivos identificados como requisitos de apoio discursivo *sabe?* e *entendeu?* apresentaram maior frequência de dados. Esse volume mostrou-se muito superior ao das pesquisas reunidas neste artigo sobre itens discursivos.

No artigo de Maria Alice Tavares e Ana Clarissa Viana Duarte intitulado *Gramaticalização, variação, multifuncionalidade e tudo: circunscrição da variável discursivo-pragmática e tal*, as autoras, à luz de uma interface variação-gramaticalização, objetivam: (i) descrever e exemplificar duas das estratégias que podem ser adotadas para a delimitação de uma variável linguística – a perspectiva da variação estrita e a perspectiva de percurso de gramaticalização; (ii) mostrar que a perspectiva de percurso de gramaticalização pode ser aplicada à delimitação de uma variável discursivo-pragmática, a extensão geral. Essa variável pode ser considerada um macrodomínio funcional que agrega formas cujas funções são provenientes de um processo de gramaticalização que se desenvolveu entre dois microdomínios. Os extensores gerais tomados como variantes são *e tal* e *e tudo*. Os dados foram extraídos do Banco de Dados FALA-Natal. Tavares e Duarte mostram que variáveis discursivo-pragmáticas podem ser circunscritas em consonância com a perspec-

tiva de percurso de gramaticalização, mais especificamente aquela que leva em conta a distinção entre macros e microdomínios funcionais. A aplicação dessa estratégia para dar conta da multifuncionalidade de formas discursivo-pragmáticas permite um tratamento uniforme à variação em todos os níveis da língua.

Na sequência, Sanderleia Roberta Longhinl, no artigo intitulado *Expansão no sistema de concessividade: a gramaticalização de “apesar de (que)” na história do português*, trata do processo de gramaticalização do qual resultou a perífrase concessiva *apesar de (que)* na história em português. Com base no caráter fundante de mecanismos cognitivos e pragmáticos, no impacto dos contextos de uso e em um protótipo de juntor concessivo, Longhin busca responder às questões: que traços do nome *pesar*, aliados a contextos particulares, ajudam a explicar a predisposição à mudança? como as relações concessivas expressas por *apesar de (que)* refletem fatos de seu percurso de constituição? que relações podem ser apreendidas entre a implementação gradual da mudança de significado e a composição estrutural como juntor complexo? A pesquisa é conduzida à luz de uma metodologia diacrônica pautada nos padrões polissêmicos de *pesar*, com suas respectivas propriedades distribucionais. Os resultados fornecem um mapa cronológico detalhado de possíveis estágios de mudança, nos quais sobressaem o peso da fonte *pesar*, enquanto *shell noun*, para as generalizações sintática e semântica e para a ação dos processos inferenciais que habilitaram as relações concessivas dos tipos causa negada e restritiva.

No trabalho intitulado *Ainda em favor de uma interface entre sociolinguística e gramaticalização*, Sebastião Carlos Leite Gonçalves insiste na defesa de uma proposta de conciliação teórica-metodológica entre duas teorias linguísticas preocupadas com a mudança linguística – a Gramaticalização e a Sociolinguística –, destacando o pioneirismo da Linguística brasileira na elaboração dessa proposta, que passou a ser conhecida como “Sociofuncionalismo”. Para tratar dos pontos de convergência e divergência entre Teoria da Gramaticalização e Teoria da Variação e Mudança Linguística, Gonçalves parte dos trabalhos de Naro e Braga (2000) e de Görski e Tavares (2013), por terem sido os primeiros a responderem questões relevantes que levariam ao trabalho de interface entre os dois modelos teóricos. O autor ilustra essa proposta de conciliação com casos de perífrases verbais de aspecto cursivo que, resultantes de gramaticalização, podem ser abordadas sob perspectiva sociofuncionalista. Primeiramente testa dois critérios de gramaticalização – frequência de uso e parâmetros de auxiliaridade – e depois mostra os contextos de variação entre as perífrases, provando, assim, a pertinência da proposta.

Em *Valores modais do morfema -ra na lírica profana galego-portuguesa*, Márluce Coan, utilizando dados de toda a lírica profana galego-portuguesa, analisa os usos modais do morfema *-ra* no eixo passado, considerando-se seus significados de passado conjuntivo, passado condicional, passado volitivo e passado anterior ao momento de fala, bem como investiga os efeitos do tipo de cantiga, do item lexical e da polaridade na configuração desses usos modais. Os dados da autora provêm do *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* e do projeto *Edição, Atualização e Preservação do Património Literário Medieval Português*. Os resultados apontam maior frequência modal de *-ra* em cantigas de amor, especialmente nas funções condicional, volitiva e conjuntiva, por vincularem-se a segredos amorosos, diferentemente das de escárnio e maldizer, que exibem um estilo mais direto. Em relação à análise lexical, os resultados de Coan indicam que, na função volitiva, ganham destaque os verbos modais; nas demais funções, predominam verbos de estado, cognitivos e sensitivos, em oposição aos verbos de ação e processo, mais utilizados quando o *-ra* codifica funções temporais. Ademais, há mais usos de *-ra* modal em contextos de polaridade positiva implicando equilíbrio entre as tarefas de cognição e codificação: a expressão da irrealidade ou distanciamento da realidade via *-ra* é função menos frequente que a temporal, portanto, mais marcada, função codificada em contextos mais frequentes (os afirmativos), portanto, menos marcados. Decorre dessa análise a observação de que, nos usos modais do *-ra*, pode-se aludir à irrealidade, independentemente de ser o enunciado afirmativo ou negativo.

No artigo *Variação no uso do presente do modo subjuntivo: integrando níveis de análise*, Tatiana Showshow Pimpão parte da premissa de que a variação no uso do modo subjuntivo tem sido amplamente abordada, especialmente a partir da virada do século, permitindo um considerável mapeamento do fenômeno em dados de fala do português brasileiro. As pesquisas, muitas das quais ancoradas nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, preocupam-se em controlar variáveis independentes na tentativa de identificar o contexto de retenção do subjuntivo e, por conseguinte, o contexto de entrada do modo indicativo. Independentemente das particularidades da amostra selecionada e dos procedimentos metodológicos adotados, os diferentes estudos realizados ressaltam a importância das variáveis *tipo de oração* e *modalidade*. No entanto, tais pesquisas não demonstram como o *tipo de oração*, situado no nível da sintaxe, está integrado ao nível discursivo-pragmático, âmbito da modalidade. Assim, Pimpão propõe incluir subtipos oracionais e proceder a um cruzamento de variáveis na tentativa de responder à seguinte questão: *Como a variável de natureza sintática tipo de oração se articula com a variável de*

natureza discursivo-pragmática modalidade? Para responder a essa pergunta, a autora recorre à sua pesquisa (PIMPÃO, 2012), em que investigou o uso variável do presente do modo subjuntivo em dados de fala de informantes de Florianópolis e Lages (VARSUL). Resultados gerais apontam para a associação entre orações finais e submodo deôntico e entre orações causais, concessivas, condicionais, parentéticas e com o item *talvez* e o submodo epistêmico. Por sua vez, a oração substantiva direta exhibe percentuais elevados sob o escopo do submodo deôntico, e a oração substantiva objetiva, uso categórico de subjuntivo sob o escopo do submodo epistêmico.

Em *O pretérito perfeito composto em português: uma análise de funções e valores marcados pela leitura iterativa ou durativa*, Diana Reis de Bittencourt analisa a semântica do pretérito perfeito composto, em seu valor iterativo ou durativo, bem como o seu consequente distanciamento em relação ao valor perfectivo do pretérito simples. Para tanto, Bittencourt discute as possibilidades de leituras de pluralidade obtidas pelo pretérito perfeito composto (PPC), decorrentes da característica de cada predicado verbal, o que interfere em sua interpretação durativa ou iterativa, justificando, assim, a incompletude de descrições a partir de um valor semântico único. Se, por um lado, essa dinâmica linguística afasta o PPC não só de um valor perfectivo, e consequente competição maior com o pretérito simples, como ainda de uma função perfeita, é no domínio discursivo que a funcionalidade do pretérito composto parece se impor cada vez mais, conforme aponta a análise final da autora.

O artigo *La relevancia presente en tiempo de pandemia: un estudio sobre construcciones verbales en la escritura periodística*, escrito por Leandra Cristina de Oliveira, María Alejandra Godoy Roa e Alisson Felipe Gesser, investiga a expressão de anterioridade, em consideração ao domínio da relevância presente (RP), à luz do Funcionalismo Linguístico/Linguística centrado no uso (GIVÓN, 1995; 2001a; 2001b; 2002; HOPPER, 1991; 1998; BYBEE, 2006; 2016), a partir das noções de domínio funcional e do princípio da estratificação (HOPPER, 1991; GIVÓN, 2002; GÖRSKI; TAVARES, 2017). O olhar dos autores se direciona a formas variantes na função de indicar situações que denotam o resultado persistente de uma situação passada, um subdomínio recoberto pela RP. A análise leva em conta a compilação de cinco notícias de repercussão mundial, com fatos vinculados à pandemia da COVID-19, publicadas em tempo coincidente em jornais eletrônicos de quatro países hispânicos (Argentina, Colômbia, Espanha e Peru). Os resultados sinalizam para: (i) a complexidade implicada no recorte do subdomínio funcional; (ii) a identificação de diferentes camadas no subdomínio recortado, como as formas de

presente, de pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto e de locuções verbais; e (iii) um uso mais frequente do pretérito perfeito composto nas amostras da Espanha e do Peru, nas quais essa forma verbal parece avançar no processo de gramaticalização, conforme Oliveira (2010).

No texto *A expressão do futuro do presente, os gêneros do discurso no âmbito da terceira onda variacionista e o mundo pós-covid-19: algumas incursões* de Marcela Langa Lacerda objetiva resgatar algumas reflexões empreendidas em sua pesquisa (LACERDA, 2017) no que tange a implicações teórico-metodológicas decorrentes da centralidade que os gêneros do discurso ganham em alguns trabalhos de *terceira onda variacionista*, fazendo emergir um novo ângulo investigativo para fenômenos variáveis, tais como a expressão do futuro do presente. Por meio de pesquisa bibliográfica, a autora examina (i) parte da literatura sobre esse fenômeno e (ii) parte da literatura da terceira onda variacionista, para ancorar análise de dois artigos jornalísticos que versam sobre o futuro pós-COVID-19. Os resultados dessa reflexão apontam, como consequências teórico-metodológicas da incorporação de novas perspectivas sobre a variação na terceira onda variacionista, dentre outros aspectos, para: (i) a visão de língua como prática social, sendo a prática discursiva a que recebe mais atenção; (ii) o foco na compreensão da paisagem social das práticas discursivas, por meio do exame da prática estilística; (iii) os gêneros do discurso como o quadro mais produtivo para o exame do estilo linguístico; (iv) o estilo linguístico como uma propriedade do gênero; (v) o linguístico e sua exterioridade como dimensões integradas; (vi) a imprescindibilidade de análise da dimensão social e verbal dos gêneros do discurso, para exame de formas em variação/mudança; (vii) a relação forma-função do fenômeno em tela sendo contraída no âmbito do estilo do gênero e estando a serviço de sua orientação ideológica. Sob esse novo ângulo, muito ainda há o que se investigar sobre a expressão do futuro do presente.

No artigo intitulado *A história se faz presente: a influência dos dialetos italianos na fala em português de jovens estudantes do oeste de Santa Catarina*, Marizete Bortolanza Spessatto apresenta resultados de uma pesquisa que teve como foco a análise da variação linguística que caracteriza a interferência de uma língua de imigração na fala em português. Trata-se da interferência dos dialetos italianos, sobretudo o vênето (também chamado de Talian, em cenário brasileiro) e se evidencia especialmente por um fenômeno de variação fonológica, com a produção de tepe em contextos de vibrante múltipla, levando à produção de “caro” quando o esperado seria “carro”. Partindo de estudos anteriores sobre o tema, a autora delimitou a análise em um grupo de 20 falantes jovens, sendo eles estudantes

de anos finais do ensino fundamental (idade entre 12 a 16 anos, no período de desenvolvimento da pesquisa). Como base teórica, Spessatto segue os preceitos da Teoria da Variação, também chamada de Sociolinguística Quantitativa. Os resultados da pesquisa, com a análise quantitativa dos dados linguísticos, por meio do programa estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988), mostraram uma acentuada variação na fala dos estudantes, que produziram tepe em 76% dos contextos de vibrante múltipla tanto em início de palavra, como em “Roma”, quanto em posição intervocálica de vibrante múltipla, como em “terra”. Os dados evidenciam a manutenção desse fenômeno em variação, já identificado em pesquisas desenvolvidas a partir dos anos de 1980, mesmo se tratando de sujeitos jovens, a maior parte deles não-detentora da língua de origem do seu grupo étnico.

Em *Usos linguísticos de um grupo de lésbicas e gays: questões de identidade e estilo discutidas em entrevista dirigida*, Ana Beatriz Oliveira Ribeiro busca investigar as percepções dos sujeitos de pesquisa acerca da(s) possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s) e também acerca da fala como marcador dessa(s) identidade(s), ainda se há e quais seriam os usos linguísticos associados a lésbicas/gays. O *corpus* constitui-se de quatro entrevistas realizadas em duplas com total de oito sujeitos (quatro mulheres autodeclaradas lésbicas e quatro homens autodeclarados gays). Para geração e análise desses usos, a autora propõe um instrumental metodológico para o *corpus* de análise, considerando: *interação, intimidade e informalidade*. Estudos variacionistas de terceira onda (ECKERT, 2012, 2016) instauram-se na pós-modernidade – marcada pela fluidez dos sujeitos (RAMPTON, 2006) – e apresentam um redimensionamento, pois a) o significado social das variáveis é priorizado, sujeitos e suas práticas discursivas são o *locus* de análise; b) inverte-se a perspectiva da variação refletindo o lugar social, para variação como recurso constitutivo de significado social; c) metodologias emergem das práticas estilísticas em que os sujeitos se envolvem. Assim, as metodologias não devem ser tomadas como fixas e não devem ser apenas replicadas sem considerar a multiplicidade dos sujeitos e das singularidades das pesquisas. Ribeiro observou que: i) os sujeitos de pesquisa acreditam que não há apenas uma identidade relacionada a lésbicas/gays; ii) a maioria apontou que se sentem confortáveis para demonstrar sua(s) identidade(s) com sujeitos LGBT ou pessoas íntimas e em lugares conhecidos; iii) todos consideram que a fala pode funcionar como um marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s)/gay(s); iv) todos os sujeitos concordam que existem usos linguísticos característicos de lésbicas/gays.

No texto *O uso variável de {-ste} na página tal qual dublagens e a construção de identidade social*, Kamilla Oliveira do Amaral objetiva analisar a realização variável de {-ste}

na página Tal Qual Dublagens, verificando, sobretudo, a existência de significados socioidentitários indexicalizados pelo referido morfema. Para esta pesquisa, a autora observa a dinâmica interacional da página em questão, que interpretou como uma comunidade de práticas (ECKERT, 2006) e analisou 302 ocorrências de {-ste}, mapeadas durante a etnografia virtual (HINE, 2000) realizada na página. A partir da análise, Amaral verificou que {-ste} conta com cinco formas alternativas que estão relacionadas a alterações morfofônicas: -ste, -stes, -stis, -rte e -rtes. Cada uma das cinco formas indexicaliza concomitantemente quatro diferentes camadas de significação: uma referente ao significado referencial do morfema (expressão de segunda pessoa do singular) e três associadas a significados socioidentitários: significado de identidade macrosociológica; significado de identidade regional e significado de identidade gay. A atuação simultânea dessas quatro camadas expressa uma noção de identidade plural, denominada identidade de grupo social.

4 Nossos agradecimentos

Agradecemos de um modo muito especial à querida homenageada deste número, Edair Maria Görski, por seu lindo trabalho em prol do desenvolvimento da (Sócio) Linguística no Brasil e por sua incansável atuação na formação de bancos de dados de língua oral e escrita e na formação de inúmeros pesquisadores brasileiros.

Agradecemos também aos pareceristas anônimos, pelas valiosas sugestões, e às autoras e aos autores que contribuíram imensamente com seus textos para deixar este número ainda mais especial.

Aos leitores, desejamos um proveitoso diálogo em meio à diversidade de temas aqui compartilhados. Que esse diálogo possa ser construído também com a homenageada seja pelo viés da linha de pesquisa sociofuncionalismo, seja pelas áreas de atuação Sociolinguística e Dialetoлогия ou Teoria e Análise Linguística – Funcionalismo, seja pela temática abordada neste número especial, *Multifuncionalidade, mudança e variação*, que tivemos o prazer de organizar.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA EDAIR MARIA GÖRSKI, NOSSA HOMENAGEADA

Carla Regina Martins Valle | [Lattes](#) | carlavalle10@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Cláudia Andrea Rost Snichelotto | [Lattes](#) | claudiarost@uffs.edu.br
Universidade Federal da Fronteira Sul

Introdução

Coube a nós a desafiadora tarefa de entrevistar a professora Edair Maria Görski, nossa orientadora de mestrado e doutorado, parceira de publicações, projetos e eventos e homenageada nesta edição da revista *Working Papers em Linguística*.

Procuramos lançar questionamentos que levassem a professora Edair a rememorar sua jornada como pesquisadora e que possibilitassem uma retomada dos principais temas que foram e são objeto de seu interesse. Entendemos que as respostas concedidas pela professora refletem sua sólida carreira na UFSC e seu olhar para a língua em uso, que integra multifuncionalidade, variação e mudança, considerando aspectos sociais, identitários/estilísticos e culturais constitutivos das línguas.

Nessas preciosas páginas, a professora Edair nos conta sobre sua atuação no Núcleo Interinstitucional de Pesquisa VARSUL - Variação Linguística na Região Sul do Brasil; recupera os passos para a construção das interfaces sociofuncionalistas no Brasil, defendendo maior espaço para o componente social; evidencia sua aderência a uma visão ampla de gramática (que inclui a pragmática) e de gramaticalização; problematiza os impactos das mudanças sociais da sociedade contemporânea nos estudos de variação e gramaticalização; considera a importância da observação dos diferentes gêneros textuais/discursivos nos estudos variacionistas, funcionalistas e de interface e destaca as principais contribuições da Sociolinguística e do Funcionalismo na formação e atuação dos/as professores/as da Educação Básica. A entrevista é concluída com uma sensível reflexão da professora sobre o momento pandêmico atual e sobre a desafiadora tarefa de mulheres pesquisadoras em conciliar os diferentes papéis sociais que exercem, culminando em uma retrospectiva de sua trajetória pessoal como professora, pesquisadora, orientadora, filha, mulher, mãe e avó.

Convidamos leitores e leitoras a conferir nossa entrevista, gentilmente concedida pela professora Edair Maria Görski por e-mail no primeiro semestre de 2021 em meio aos desafios enfrentados em decorrência da pandemia da COVID-19, e conhecer um pouco da história e da trajetória acadêmica da Eda, como preferimos chamar: exemplo de postura ética, pesquisadora de espírito em constante renovação, orientadora que deixa criar e sonhar e professora comprometida com o ensino público, gratuito e de qualidade.

Entrevista

Valle e Snichelotto: Profa. Edair, seu ingresso na UFSC na década de 1990 é marcado por sua vinculação ao Varsul – Variação Linguística na Região Sul do Brasil, projeto responsável pela constituição de um banco de dados linguístico dos três estados da Região Sul. Refletindo sobre a sua trajetória no projeto, qual a relevância desse tipo de banco de dados para a realização de pesquisas sobre variação e para o desenvolvimento de trabalhos em perspectiva baseada no uso?

Edair Görski¹: O banco de dados Varsul foi constituído na década de 1990, com entrevistas sociolinguísticas realizadas em 12 cidades (a capital e mais três cidades etnicamente representativas de cada estado da Região Sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), reunindo 288 gravações transcritas (24 por cidade) com informantes de zona urbana estratificados por faixa etária, sexo/gênero e escolaridade, como se pode conferir em <http://www.varsul.org.br>. A formação desse banco de dados seguiu a mesma orientação metodológica utilizada pelo Projeto Censo-Peul/UFRJ, que tem inspirado a criação de outros bancos de dados sociolinguísticos em diversas instituições brasileiras. Além dessa amostra básica, o Núcleo Varsul continua armazenando novas amostras, tanto de fala como de escrita, ampliando consideravelmente seu banco de dados de modo a possibilitar inúmeras pesquisas das quais tem resultado uma farta produção de teses e dissertações, artigos e livros sobre a descrição do português falado na Região Sul, principal objetivo do Varsul. (VANDRESEN; COELHO, 2008).

Tive o privilégio de participar diretamente da constituição desse banco de dados e da realização concomitante de pesquisas descritivas, tanto minhas como de orientandos na graduação e na pós-graduação. Cabe aqui um registro e um agradecimento especial: deve-se ao professor Paulino Vandresen, coordenador geral do Projeto Varsul à época, o

¹ Gostaria de agradecer à Cláudia e à Carla por esta oportunidade de falarmos sobre Sociofuncionalismo e alguns desafios teórico-metodológicos que vêm sendo colocados às propostas de articulação entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo, especialmente no que diz respeito à dimensão *sócio* da interface em relação com a gramaticalização, questões que vêm recebendo atenção de pesquisadores envolvidos com essa interface na UFSC..

incentivo constante por conduzir paralelamente a organização da amostra e a descrição sociolinguística dos dados coletados – caminho que a professora Izete Lehmkuhl Coelho e eu (e mais tarde outros professores vinculados ao Varsul) nos empenhamos em seguir com nossos orientandos desde a década de 1990, especialmente na UFSC. Outro registro especial é que as duas interlocutoras desta entrevista – as quais tive o privilégio de orientar e com as quais continuo mantendo frutíferas parcerias –, também integraram o Projeto Varsul desde a década de sua criação.

Acredito que essa contextualização é um indicativo da relevância de bancos de dados formados por entrevistas sociolinguísticas para estudos de variação e mudança linguística (três décadas se passaram desde as primeiras gravações do Varsul!), tanto na área da Sociolinguística Variacionista como na área do Funcionalismo, considerando, por exemplo, a multifuncionalidade de itens linguísticos, fenômenos em gramaticalização e, mais recentemente, padrões de esquemas construcionais.

Vale destacar ainda que os diversos bancos de dados que vêm sendo formados no Brasil possibilitam a realização de pesquisas comparativas de modo que os resultados podem ser usados num mapeamento descritivo de fenômenos variáveis no PB, a exemplo do que se encontra na coletânea organizada por Marco Martins e Jussara Abraçado (2015).

Valle e Snichelotto: Na década de 1980 iniciam-se os movimentos de aproximação entre a Sociolinguística laboviana e o Funcionalismo de vertente norte-americana no Brasil. De lá para cá, têm ganhado espaço interfaces Sociofuncionalistas, dentre elas aquela sedimentada por você e seus orientandos. Fale um pouco sobre esse histórico e sobre as bases para a interface.

Edair Görski: O movimento inicial de aproximação entre a Sociolinguística Variacionista (SV) laboviana e o Funcionalismo (FUNC) de vertente norte-americana no Brasil se deu no âmbito do Projeto Peul-UFRJ ainda na década de 1980, com Anthony Naro, Sebastião Votre e orientandos, que acabaram levando para outras instituições esse tipo de abordagem. Os trabalhos pioneiros nessa interface tinham foco na *variação* e consideravam a *forma*, em diferentes níveis linguísticos, como variável dependente; e a *função*, entendida como significação semântico-pragmática-discursiva, como variável independente (como status informacional, por exemplo), no sentido de que a segunda motiva e explica a primeira (cf. NARO; VOTRE, 1992). Trata-se de um tipo de interface que continua bas-

tante produtiva e que vem aprimorando os aportes teórico-metodológicos, notadamente quanto à circunscrição do envelope de variação e ao controle de variáveis independentes mais complexas e multiníveis, refinando, por exemplo, o tratamento dispensado a aspectos socioestilísticos e às categorias de tempo, aspecto e modalidade, como podemos conferir, entre outros trabalhos, nas teses de Mariléia Reis (2003), Márluce Coan (2003) e Tatiana Pimpão (2012); e ainda nas teses de Ângela Back (2008) e Diana Bittencourt (2014), estas basicamente funcionalistas.

Como bem sinalizado na pergunta, mesmo nos restringindo aos mesmos campos teóricos – SV e FUNC de vertente norte-americana –, pode-se dizer que existem interfaces sociofuncionalistas (no plural), uma vez que abordagens distintas podem acionar diferentes aspectos de um e de outro campo. Como uma expansão daqueles trabalhos iniciais no Peul. Naro e Braga (2000) dão início a uma articulação teórica entre *gramaticalização* e *variação*, articulação que foi minuciosamente sistematizada por Maria Alice Tavares (2003) em sua tese sobre os conectores sequenciadores *e*, *aí*, *daí* e *então*, em que a autora traça o percurso diacrônico desses quatro itens em seu processo de gramaticalização e os analisa sincronicamente como variantes ou camadas de um domínio funcional. Em perspectiva similar, Cláudia Rost Snichelotto (2009) analisa a gramaticalização e o uso variável dos marcadores discursivos interacionais *olha* e *vê* em uma amostra sincrônica e outra diacrônica. Já Adriana Gibbon (2014) prioriza a gramaticalização deixando a variação em plano secundário ao analisar a trajetória da perífrase Ir + infinitivo (como em *vou sair*), que compartilha traços de aspecto, modalidade e tempo e cujo uso se estende para além do domínio funcional do futuro.

Nesse tipo de abordagem que contempla gramaticalização e variação, o fenômeno variável é circunscrito dentro de um domínio funcional (uma função comunicativa) constituído por diferentes camadas/formas que coexistem na expressão de uma mesma função/significação e resultam de mudança(s) por gramaticalização (cf. o princípio de estratificação de Hopper (1991)), caso em que a multifuncionalidade dos itens também é considerada na configuração do domínio funcional (GÖRSKI; TAVARES, 2017).

Entre os pontos de convergência entre SV e FUNC destacam-se alguns: prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza dinâmica abriga variação e mudança contínua e gradual, num movimento complementar entre sincronia e diacronia; relevância de fatores de natureza interacional situados em práticas discursivas e sociais, seja como condicionadores estilísticos (SV), seja como motivadores de mudança por gramaticalização (FUNC); importância do papel da frequência de uso, seja como índice de difusão

sociolinguística (SV), seja para o estabelecimento da gramática (FUNC); consideração de forças em competição numa relação de complementariedade, como por exemplo, o princípio da economia, associado a menor esforço de processamento, e o princípio da iconicidade, isto é, da transparência entre forma e função, com impulso por mais informação e consequentemente maior esforço de processamento (TAVARES; GÖRSKI, 2015).

Outras articulações teórico-metodológicas contemplando gramaticalização e variação também vêm sendo feitas: Raquel Freitag (2007) propõe uma aproximação entre gramaticalização e uma abordagem evolutiva da língua, em sua tese sobre categorias verbais, mais especificamente sobre a expressão do passado imperfeito (como em *sabia* e *estava sabendo*); Carla Valle (2014) adiciona nessa interface aspectos estilísticos e identitários, construindo variáveis complexas multidimensionais em sua tese sobre os marcadores discursivos interacionais *sabe?* e *entende?*; Marcela Bragança (2017) propõe uma articulação entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico, a partir de reflexões sobre a expressão do tempo futuro do presente (como em *sairei*, *vou sair*, *saio amanhã*); entre outros trabalhos (GÖRSKI; MARTINS, a sair).

Valle e Snichelotto: Você tem trabalhado em uma perspectiva de gramaticalização como expansão, considerando os aspectos pragmáticos envolvidos no processo. Que noção de gramática é acionada nessa perspectiva e como ela se diferencia da noção de gramaticalização como redução?

Edair Görski: Em termos gerais, gramaticalização é o processo de mudança pelo qual a gramática é criada, ou o estudo desse processo, que engloba um subconjunto de mudanças linguísticas possíveis nos níveis semântico-pragmático e categorial. A literatura mais recente sobre o tema tem feito uma distinção entre duas abordagens – gramaticalização como redução e gramaticalização como expansão – que estão estritamente relacionadas com a concepção de gramática assumida (TRAUGOTT, 2010). A gramaticalização como redução é focada em “perdas” e corresponde à visão tradicional de gramaticalização, envolvendo aumento de dependência, fixação e obrigatoriedade de elementos; considera basicamente o escopo sentencial da gramática.

A gramaticalização como expansão, por outro lado, é focada em “ganhos” e corresponde a uma visão estendida de gramaticalização, que incorpora aspectos semântico-pragmáticos e extensão de contextos de uso que dizem respeito à classe hospedeira, à ampliação do escopo estrutural para além da sentença e à multifuncionalidade (HIMMELMANN, 2004). A gramaticalização como expansão está associada a uma

concepção de gramática também alargada que abarca além do nível estrutural também o nível semântico-pragmático-discursivo. Nessa perspectiva, a gramática codifica, articuladamente, os níveis da semântica proposicional e da pragmática discursiva, e seu escopo recai “predominantemente sobre as relações de coerência entre a proposição (oração) e o contexto comunicativo mais amplo, seja o texto corrente, seja a situação de fala face a face e, nesta última, a interação falante-ouvinte” (GIVÓN, 2018, p. 35). Essa concepção estendida de gramática abriga conectores textuais e marcadores discursivos de diferentes tipos, que relacionam “um enunciado à situação do discurso, mais especificamente à interação falante-ouvinte, às atitudes do falante e/ou à organização de textos” (HEINE, 2013, p. 1211).

Valle e Snichelotto: A Sociolinguística Variacionista, vertente da Sociolinguística mais disseminada no Brasil, tem passado por mudanças significativas conectadas às novas dinâmicas da sociedade contemporânea. Na última década, você e seu grupo de pesquisa tem inovado, dedicando-se a questões estilísticas e identitárias. Qual o impacto dessas mudanças para a interface sociofuncionalista? Qual o lugar do componente social na interface?

Edair Görski: Uma visão panorâmica das mudanças pelas quais a SV tem passado desde a década de 1960, e que está diretamente relacionada a mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, é dada pela sistematização proposta por Eckert (2012) de três ondas dos estudos variacionistas. Resumidamente: tomando o significado social e a prática analítica como critérios definidores, a autora caracteriza cada fase da seguinte maneira: (i) estudos de 1ª onda buscam estabelecer amplas correlações estatísticas entre variáveis linguísticas e macrocategorias sociais (classe socioeconômica, sexo/gênero, faixa etária, etnia) tomadas como condicionadores, em busca de padrões sociolinguísticos de uso na comunidade de fala; (ii) estudos de 2ª onda já lidam com um viés etnográfico, considerando categorias socioculturais e demográficas locais, procurando captar a variação em práticas sociais de grupos; e (iii) estudos de 3ª onda, com caráter ainda mais fortemente etnográfico, colocam foco na agência do sujeito e suas práticas estilísticas situados numa dinâmica dialética entre cenários micro e macrosociais.

O significado estilístico e identitário também é visto diferentemente nessas três fases variacionistas: (i) na 1ª onda, o significado estilístico está vinculado a graus de atenção prestada à fala sendo avaliado em relação ao parâmetro formalidade; e a identidade do falante é associada a sua estratificação social; (ii) na 2ª onda, o significado que sobressai

é o identitário de grupo, seja grupo social ou regional; e (iii) na 3ª onda, os significados social, estilístico e identitário se mesclam a aspectos ideológicos e culturais mais amplos e as variáveis linguísticas são vistas como indexadoras desses significados, sendo utilizadas para (re)construir e projetar personas.

Em relação a uma interface sociofuncionalista, como já pincelado, os estudos em geral têm priorizado fenômenos de variação que são funcionalmente motivados; quando levam em conta fatores sociais, o fazem basicamente na linha dos estudos de 1ª onda e/ou observando a difusão sociolinguística de usos entre grupos. Ao voltarmos nosso interesse para questões estilísticas e identitárias nos termos do que é feito em estudos de 3ª onda, a interface sociofuncionalista precisa ser reconfigurada, basicamente no que diz respeito à dimensão *sócio* da SV. É nesse sentido que nosso grupo de pesquisa vem trabalhando na última década. Nessa perspectiva, Carla Valle (2014), „como mencionado na questão 2, inseriu aspectos estilísticos e identitários em sua tese sobre marcadores discursivos, ao analisar a fala de informantes da localidade pesqueira da Barra da Lagoa/ Florianópolis-SC. A dissertação de Kamilla Amaral (2020) – que analisa a emergência e expansão de usos do segmento *-ste(s)*, agregado a bases verbais e não verbais (como em *arrasaste*, *compreistes*, *porqueste*, *boystes*), numa página de internet manauara – avança na discussão acerca do significado social e identitário visto como multicamadas que atuam simultaneamente.

Em artigos mais recentes e ainda inéditos também temos nos voltado a essas questões, buscando responder, em alguma medida, ao desafio de expandir conceitual e metodologicamente o componente social da SV na interface sociofuncionalista: discutindo sobre a dinâmica do significado social na gramaticalização a partir de uma aproximação entre gramaticalização e variação via função interpessoal da linguagem, e entre o domínio funcional e o domínio social; e propondo um modelo de *domínio sociofuncional* que, numa prática analítica integrada, coloque luz no significado social e sua articulação com o significado semântico-pragmático.

Valle e Snichelotto: Que impactos os novos arranjos sociais da sociedade atual (globalizada e integrada às mídias sociais) e a postura mais agentiva dos sujeitos contemporâneos têm nos estudos da variação e nos processos de gramaticalização?

Edair Görski: É fato que mudanças na sociedade têm impactos na língua. Estudos alinhados com a 3ª onda variacionista refletem essas mudanças, mas também, em alguma medida, mostram uma relação dialética: a sociedade impacta a língua e a língua (os usos

variáveis) também pode impactar a sociedade, contribuindo para alterar certos padrões de comportamento. É nesse sentido que se diz que a variação não reflete o significado social, mas o (re)constrói; e que há uma relação bidirecional entre: (re)criação de identidades/ tipos sociais pelos sujeitos agentivos ↔ variação linguística; e cenário social mais amplo ↔ variação linguística (ECKERT, 2016).

Considerando esse quadro, os estudos de variação enfrentam o desafio de – para além de descrever fenômenos variáveis e seus condicionamentos (socio)linguísticos em busca de padrões de regularidade na comunidade a partir de análises quantitativas (cf. 1ª onda) – encontrar caminhos metodológicos que permitam captar analiticamente a bidirecionalidade apontada acima. Ademais, se a agência dos sujeitos, seja pelo seu comportamento seja por sua linguagem, impacta os arranjos sociais e vice-versa, acreditamos que essa relação dialética também pode atuar como força motriz para movimentos de gramaticalização, especialmente de gramaticalização como extensão, em que a participação ativa dos interlocutores ganha destaque. E aqui cabe salientar o papel dos jovens e sua forte inserção nas mídias sociais, especialmente ao indexalizarem valores sociossemióticos e identitários em suas práticas discursivas, questão da qual também temos nos ocupado.

Valle e Snichelotto: A circulação entre diferentes gêneros textuais/discursivos implica diferentes usos, estilos, formas linguísticas. É possível articular este olhar para os gêneros com a interface sociofuncionalista?

Edair Görski: A questão dos gêneros textuais/discursivos tem chamado a atenção dos sociolinguistas há bastante tempo, seja como condicionadores de processos de variação/mudança, seja como critério organizador de amostras de análise, ou ainda como tópico de discussão teórico-metodológica com valor explanatório como se pode conferir na tese de Marcela Bragança (2017) e na coletânea recentemente organizada por Caroline Biazolli e Rosane Berlinck (2021). No lado funcionalista também aparece tanto como elemento caracterizador do *locus* em que se situam os fenômenos em análise, especialmente em relação à multifuncionalidade, quanto como contexto em que se observam as práticas discursivas em que os falantes, ao se engajarem com determinados propósitos sociais, negociam significados. Em se tratando de gramaticalização, uma inovação individual que é produzida expressivamente pode ter sua frequência de uso aumentada gradualmente, ou seja, rotinizada, “entre os tipos, *estilos* e gêneros linguísticos, bem como entre os falantes” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 232; grifo acrescido). No âmbito da entrevista sociolinguística, por exemplo, que é tomada como um macrogênero textual que contém

em sua composição diferentes gêneros, como narrativa de experiência pessoal e relato de opinião (TAVARES, 2014), essas configurações internas têm sido consideradas como atuantes na distribuição de formas em variação e também de itens multifuncionais.

Como já mencionado, Bragança (2017) propõe uma articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança. O campo dialógico, nesse caso, diz respeito basicamente a gêneros discursivos. Então, sim, é não só possível, mas também desejável articular o olhar para os gêneros com a interface sociofuncionalista.

Valle e Snichelotto: Na sua percepção, e diante de expressivas mudanças no cenário social e educacional brasileiro, quais embates atuais entram para o campo de discussão da Sociolinguística e do Funcionalismo? Quais seriam as possíveis contribuições dessas abordagens na formação e na atuação dos/as professores/as da Educação Básica?

Edair Görski: Na trilha de respostas anteriores e considerando o cenário sociopolítico brasileiro atual e seu impacto no cenário educacional, é importante que os avanços teórico-metodológicos verificados na área da SV repercutam na formação do/a professor/a, especialmente nos cursos de Letras e Pedagogia. Nesse sentido, defendemos uma Sociolinguística Educacional (SE) voltada para a formação de um sujeito reflexivo, crítico, criativo e agentivo, que seja capaz de contribuir com mudanças no cenário social. Uma SE que, assentada no fato de que a língua é um sistema heterogêneo sócio-historicamente situado que abrange diferentes normas linguísticas e que a variação/mudança é constitutiva das línguas humanas, (i) esteja atenta à (re)construção das identidades dos sujeitos e às diferentes formas de expressão de suas (inter)subjetividades; (ii) seja norteadas por valores de respeito à diversidade e de legitimação de variedades linguísticas, especialmente de usos inovadores que expressem significados sociais identitários; (iii) reconheça que tais significados são dinâmicos, multicamadas e ideologicamente atravessados. É nessa linha, enfatizando uma ou outra dessas facetas, que temos produzido algumas publicações, dentre as quais deixo como indicação de leitura para os interessados nesse tema: Görski e Coelho (2009); Görski e Freitag (2013); Görski e Valle (2019); Valle e Görski (inédito).

Em relação ao Funcionalismo, especialmente no que tange à multifuncionalidade e à gramaticalização, cabe considerar, além de motivações cognitivo-comunicativas para usos linguísticos já bem estabelecidos, também as mudanças no cenário social como potenciais forças motrizes atuando na emergência e difusão de usos inovadores. Temos buscado avançar em reflexões acerca do papel dos jovens e das mídias digitais, por exemplo,

e de como essa questão poderia ser explorada no ensino, considerando a relação entre diferentes papéis gramaticais desempenhados por um item e funções socialmente simbólicas ou estilísticas correlacionadas (GÖRSKI; VALLE, inédito).

Articulando os dois campos numa abordagem sociofuncionalista, no que diz respeito a contribuições para a esfera da Educação Básica, além dos aspectos mencionados acima, retomo algumas considerações de Görski e Martins (a sair): Essa interface – além de fornecer ferramentas para explorar o jogo de relações entre formas e funções/significações, considerando casos de multifuncionalidade e de variação, e para correlacionar diferentes usos a contextos discursivos – fornece explicações funcionais para fenômenos em mudança e variação que levam em conta tanto a trajetória linguística dos itens como o contexto sócio-histórico de sua realização. Em outras palavras, permite lidar com a ideia de que a gramática abrange tanto usos bem estabelecidos na língua, regularizados pela recorrência, como usos emergentes, seja quanto à forma, seja quanto à (re)significação, sensíveis a pressões externas à língua.

Valle e Snichelotto: Apesar do crescimento da presença feminina na pesquisa brasileira, em tempos de pandemia da COVID-19 tem ficado evidente que as mulheres ainda enfrentam condições desiguais de trabalho e dificuldades para conciliar os diferentes papéis sociais que exercem. Profa. Edair, a respeito da sua trajetória pessoal, como foi e é conciliar os papéis de professora, pesquisadora, orientadora, filha, mulher, mãe e avó?

Edair Görski: No momento em que vou responder a esta pergunta, a mídia veicula a notícia devastadora de que o Brasil chega à terrível marca de meio milhão de mortes em decorrência da COVID-19. Impossível alguém não se abalar com o forte impacto desse fato dramático!

Mas tentando, na medida do possível, abstrair momentaneamente essa dura realidade, vou focar no cerne da questão proposta: dificuldades enfrentadas especialmente pelas mulheres para conciliar os diferentes papéis sociais que lhes são requeridos. Os obstáculos que precisam ser contornados nesta época de pandemia – notadamente por mulheres que têm que harmonizar uma vida profissional cheia de exigências com uma vida familiar também repleta de demandas – não são pequenos e requerem muito esforço e determinação. Em outros tempos e diferentes situações, esse mesmo tipo de desafio para conciliar vários papéis já foi vivenciado (e continuará a ser) no dia a dia por milhões de mulheres, entre as quais me incluo.

Fazendo uma breve retrospectiva de minha trajetória, me deparo com a coexistência de sentimentos e sensações um tanto contraditórios, que, acredito, sejam compartilhados por muitas mulheres, tais como a experiência da angústia de não acompanhar

plenamente o desenvolvimento dos filhos pequenos; da exaustão pela carga de trabalho como fonte de renda e meio de sustento; e do prazer, ainda que esporádico à época, proporcionado, no meu caso, pela pesquisa acadêmica. Com o passar dos anos e com os filhos adultos construindo suas próprias trajetórias, o impulso de buscar compensar a ausência materna se manifestou no cuidado com os netos, numa espécie de ilusório efeito geracional retroativo; o trabalho, à medida que foi/vem exigindo mais no plano acadêmico, foi/vem também propiciando um sentimento mais acentuado de realização profissional, tanto pelo gratificante retorno dado por orientandos(as) bem-sucedidos(as) que, por sua vez, passam a desempenhar com zelo esse mesmo papel, como pela disposição para enfrentar novos desafios teóricos e práticos no campo da pesquisa.

Cenário atual: O longo período de isolamento/distanciamento imposto pela pandemia – não obstante o consequente afetamento da saúde física, mental e social, especialmente pela falta de movimentação e de contato direto com os familiares e amigos, e pela dureza dos fatos diários circundantes – tem me permitido uma maior concentração em leituras e avanço em reflexões teóricas, resultando em produções escritas individualmente e em coautorias, num saldo academicamente positivo. Evidentemente, o fato de eu ser aposentada, embora continue atuando como professora voluntária, reduz consideravelmente as funções institucionais, e o tempo que tenho disponível inegavelmente não se compara ao de quem está na ativa. Balanço final: Encontrar o ponto certo de equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal/familiar – eis nosso maior desafio!

Referências

- AMARAL, K. *Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-STE} na página Tal Qual Dublagens*. 2020, 255 fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- BACK, A. C. P. *A multifuncionalidade da forma verbal -sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica*. 2008, 308 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. (Org.). *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- BITTENCOURT, D. L. R. de. *O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade*. 2014, 345 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BRAGANÇA, M. L. L. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. 2017. 696 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

COAN, M. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003, 232 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. *Third wave variationism*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 1-16. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27?rskey=bQ0xHO&result=1>. Acesso em: 15 out. 2019.

FREITAG, R. M. K. *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. 2007, 238 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GIBBON, A. de O. *Trajetória de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. 2014, 278 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. Revised edition. Amsterdam: John Benjamins, 2018.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. *Working papers em Linguística*, Florianópolis, v.10, n.1, p. 73-91, 2009.

GÖRSKI, E. M.; FREITAG, R. M. K. O papel da sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa como língua materna. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.) *Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa*. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, volume V. Natal: EDUFRN, 2013. p. 11-52.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017, p. 35-63.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. Reconfiguração da sociolinguística variacionista e repercussões para o ensino: questões estilísticas e identitárias. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 63, n. especial, 2019, p. 97-117.

GÖRSKI, E. M.; MARTINS, M. A. Questões teórico-metodológicas da sociolinguística em interface com o gerativismo e o funcionalismo linguísticos e o ensino de língua portuguesa. In: VIEIRA, M. dos S. M; WIEDEMER, M. L. (Org.). *Dossiê Grupo de Trabalho de Sociolinguística da ANPOLL, 35 anos depois: reflexões e cenários*. (a sair)

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. A dinâmica do significado social na gramaticalização: desafios para uma abordagem sociofuncionalista. Inédito.

HEINE, B. On discourse markers: Grammaticalization, pragmaticalization, or something else? *Linguistics*, v. 51, n. 6, p. 1205-1247, 2013.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Ed.). *What makes grammaticalization: A look from its fringes and its components*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2004, p. 21-42.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 7-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

NARO, A. J.; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.8, n.2, p. 285-290, 1992.

NARO, A.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, n. 9, p. 125-134, 2000.

PIMPÃO, T. S. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. 2012, 303 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

REIS, M. S. dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. 2003, 212 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ROST SNICHELOTTO, C. A. *“Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam*. 2009, 408 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003, 286 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

- TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero *entrevista sociolinguística*. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 203-223.
- TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.
- TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: LURAGHI, S.; BUBENIK, V. (Ed.) *Continuum companion to historical linguistics*. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2010, p. 269-283.
- VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014, 415 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por uma Sociolinguística Educacional socialmente constituída. Inédito.
- VANDRESEN, P.; COELHO, I. L. Formação e políticas de disponibilização do banco VARSUL. In: GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. de. (Org.). *Língua Portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*. Rio de Janeiro, 2008, v. 1, p. 75-86.

**A CONTRIBUIÇÃO DE EDAIR MARIA GÖRSKI
PARA A DESCRIÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS
DO PORTUGUÊS FALADO EM FLORIANÓPOLIS**

EDAIR MARIA GÖRSKI'S CONTRIBUTION TO DISCOURSE MARKER
DESCRIPTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE SPOKEN IN FLORIANÓPOLIS

Cláudia Andrea Rost Snichelotto | [Lattes](#) | claudiarost@uffs.edu.br
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Diane Dal Mago | [Lattes](#) | dianedalmago@gmail.com
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

Resumo: Neste artigo reunimos uma compilação de trabalhos orientados pela professora Edair Maria Görski, notadamente que tratam da descrição de marcadores discursivos derivados de diferentes categorias gramaticais, como formas verbais (*sabe?* e *entendeu?* *olha*, *veja*, *vê* e *quer dizer*), reduções frasais (*tá?*), adjetivos (*certo?* e *bom*) e advérbios (*bem*). A partir da confluência entre a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Funcional norte-americana, centramos nossa análise nos resultados dos estudos que investigaram a multifuncionalidade e a variação dos MDs a partir de quatro amostras sincrônicas de fala do português da região Sul do Brasil, provenientes do Banco de Dados do Projeto Interinstitucional VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) da cidade de Florianópolis, apesar de certas diferenças metodológicas. De modo geral, as quatro amostras do VARSUL/Florianópolis coletaram 2689 dados de marcadores discursivos, dentre os quais os de base verbal, até este momento, foram os mais investigados nas pesquisas. Os resultados das amostras sincrônicas investigadas apontaram variação e tendência de uso das formas.

Palavras-chave: Marcadores discursivos. Multifuncionalidade. Variação.

Abstract: In this article we gathered a compilation of works advised by professor Edair Maria Görski, notably those that deal with the description of discourse markers derived from different grammatical categories, such as verbal forms (*sabe?* and *entendeu?*, *olha*, *veja*, *vê* and *quer dizer*), phrasal reductions (*tá?*), adjectives (*certo?* and *bom*) and

adverbs (*bem*). Data analysis was based on the theoretical perspective of Variationist Sociolinguistics and North American Functional Linguistics. Despite certain methodological differences, we centered our analysis on the results of studies that investigated the multifunctionality and variation of DMs from four synchronic samples of speech in Brazilian Portuguese South taken from VARSUL Interinstitutional Project Database (Urban Linguistic Variation in the South of Brazil) in the city of Florianópolis,. In general, the four samples from VARSUL/Florianópolis collected 2689 exemplars of discourse markers, including the verbal ones, which are until now the most investigated in the research. The results of the investigated synchronic samples showed variation and tendency to use the forms.

Keywords: Discourse markers. Multifunctionality. Variation.

Introdução

As autoras deste artigo têm uma relação acadêmica de longa data com a professora Edair Maria Görski. Inclusive a amizade das autoras começou com os encontros de orientação coordenados por ela na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Diane Dal Mago foi aluna de Edair na graduação em Letras, em 1994, depois trabalharam juntas na agência do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil)¹ em Florianópolis, estendendo-se a parceria para a orientação do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPgL) da UFSC. A experiência como membro da equipe auxiliar na agência do VARSUL da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Porto Alegre foi o mote do encontro de Cláudia Andrea Rost Snichelotto com a professora Edair, no mestrado em Linguística na UFSC. Essa aproximação se deu, primeiramente, pelo mesmo interesse teórico de investigação que a professora Edair na perspectiva da Sociolinguística de inspiração laboviana e, depois, também porque viram, nos marcadores discursivos (doravante MDs), um impulso de pesquisa.

No período de 1995 a 2014, foram coordenados pela Profa. Edair quatro projetos, intitulados “Marcadores discursivos na fala de Santa Catarina – I e II”, de 1995 a 2000, e “O percurso de gramaticalização/discursivização de formas de base adverbial e verbal: funções e formas concorrentes I e II”, de 2000 a 2014. Esses projetos resultaram na orientação de 21 pesquisas, dentre as quais 10 relatórios de iniciação científica de estudantes

¹ Para informações acerca da constituição do VARSUL, consulte Vandresen (2005), Bisol (2005), Costa (2005) e Vandresen e Coelho (2008) ou acesse a página do Projeto em: <http://www.varsul.org.br>.

da graduação em Letras (FREITAG, 1999; 2001; CONSTANTE, 2001; VALLE, 1999, 1998; GÓES, 1998; TAVARES, 1997, 1996; DUARTE, 1997, 1996), 8 dissertações de mestrado (TAVARES, 1999; DAL MAGO, 2001; VALLE, 2001; GASPARINI, 2001; ROST, 2002; FREITAG, 2003; MARTINS, 2003; OLIVEIRA, 2006) e 3 teses de doutorado (TAVARES, 2003; ROST SNICHELOTTO, 2009; VALLE, 2014) do PPgL da UFSC.

Este artigo constitui uma singela homenagem à nossa querida professora-orientadora Edair e reúne uma compilação de sete trabalhos que apresentam resultados consistentes sobre a descrição de MDs provenientes de formas verbais (*sabe?*, *não tem?* e *entende?*, *olha*, *veja* e *vê*, *quer dizer*), reduções frasais (*tá?*), adjetivos (*certo?*, *bom*) e advérbios (*bem*). A reunião desses textos também pretende registrar a valiosa contribuição da Profa. Edair não só na orientação de pesquisas descritivas de itens discursivos do português, mas também na formação de recursos humanos na área de Linguística.

É comum a todos os trabalhos o estudo de elementos linguísticos de base verbal, adjetival e adverbial com traços de cognição/percepção/enunciação que, em sua trajetória de mudança, sofrem alteração em sua configuração gramatical, associada a mudanças semânticas-pragmáticas, o que se reflete num *continuum* multifuncional. As sete pesquisas se apoiam na interface entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico norte-americano², conforme Naro (1998), Naro e Braga (2000), Tavares (1999, 2003), Görski et al. (2002, 2003), Görski (2006), Tavares e Görski (2012, 2015), entre outros.

Os estudos aqui reunidos analisam amostras sincrônica e diacrônica do português da região Sul do Brasil. Todavia, neste artigo, centraremos nossa discussão nos resultados das pesquisas que analisaram amostras orais provenientes de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL, do município de Florianópolis, em Santa Catarina, porque a amostra base desta localidade tem sido ampliada desde o ano 2000 e pode revelar muito sobre o comportamento dos MDs, embora apresentem diferenças metodológicas na sua constituição.

As questões que colocamos foram: O que os estudos sobre MDs têm a dizer, em especial, sobre a fala florianopolitana? O que o controle de fatores extralinguísticos tem a revelar a respeito do uso dos MDs em Florianópolis?

A fim de responder a nossas perguntas, este artigo apresenta quatro partes: na próxima seção, definimos brevemente o que entendemos por MD, dentro do contexto no qual estão inseridos os estudos sumarizados neste artigo. Na seção seguinte, expomos a

² A vertente norte-americana do Funcionalismo Linguístico recebeu mais recentemente a denominação de teoria baseada no uso (BYBEE, 2010).

multifuncionalidade e a variação dos MDs que subsidiam nossa análise. Na sequência, apresentamos e discutimos os resultados e, por fim, na última seção, propomos as considerações finais.

1 Marcadores discursivos: breve revisão

Os MDs são itens linguísticos altamente recorrentes na fala e têm despertado interesse de investigação em diferentes línguas e perspectivas teóricas. Em razão disso, é possível encontrar diferentes termos e definições atribuídas aos MDs, bem como variados materiais e métodos de análise, seja na dimensão sincrônica ou diacrônica (SCHIFFRIN, 2003; MASCHLER; SCHIFFRIN, 2015).

No Brasil, Said Ali (1971 [1930] apud URBANO, 1997) foi quem teve visão pioneira ao descrever as expressões de situação – ou MDs – distinguindo os linguísticos (verbais e prosódicos) dos não linguísticos (olhar, riso, expressão corporal). No final da década de 1990, a pesquisa descritiva sobre MDs proliferou com a publicação de Castilho (1989) e Marcuschi (1989), baseada em amostras orais do Projeto NURC (Norma Urbana Linguística Culta). Esses dois trabalhos foram desdobrados por pesquisadores, como, por exemplo, Risso, Silva e Urbano (1996, 2006) e Risso (1999). É, entretanto, o estudo de Silva e Macedo (1996) que avança na descrição dos MDs e na sua correlação com fatores de natureza social. Martelota e Leitão (1996) e Martelotta, Votre e Cezario (1996) analisaram o funcionamento dos MDs em entrevistas realizadas pelo Grupo de Estudos Discurso e Gramática, que também inspiraram inúmeras pesquisas pelo Brasil.

Os MDs provêm de elementos lexicais de variadas categorias gramaticais (cf. SCHIFFRIN, 1987, 2003; MARCUSCHI, 1989; SILVA; MACEDO, 1996; BASÍLIO, 2002), como advérbios (*então, bem, apenas e mal*), verbos (*tá? sabe? entendeu?*), pronomes (*tal*), adjetivos (*bom*), conjunções (*e, mas*) (SCHIFFRIN, 1987, 2003; MASCHLER; SCHIFFRIN, 2015), porém, devido à dificuldade de formação de um paradigma homogêneo, tanto parâmetros funcionais (por exemplo, SCHIFFRIN, 1987, 2003; RISSO; SILVA; URBANO, 1996, 2006) quanto formais (por exemplo, DIJK, 1977; FUENTES RODRÍGUEZ, 1987; FRASER, 1999 apud PONS BORDERÍA, 1998) podem ser considerados na sua definição e delimitação. É consenso entre os pesquisadores que os MDs são expressões que relacionam segmentos discursivos (SCHIFFRIN, 1987; FRASER, 1999; TRAUGOTT, 2020) de natureza diversa (cognitiva, expressiva, social e textual) (cf. SCHIFFRIN, 2003; VALLE, 2014).

Neste artigo, consideramos que os MDs são elementos multifuncionais os quais

“amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal” (URBANO, 1997, p. 86). São itens que desempenham um papel comunicativo importante, podendo articular simultaneamente diferentes valores, com graus de maior ou menor proeminência, tanto de caráter textual – estabelecendo elos coesivos entre partes do texto –, como interpessoal – mantendo a interação falante-ouvinte e auxiliando no planejamento da fala (MARCUSCHI, 1989, p. 282). Essa observação do papel comunicativo proeminente dos MDs permite-nos subdividi-los em dois grandes grupos: os intratextuais (ou ideacionais), orientados para o falante e a sua organização textual (*quer dizer, bom e bem*) e os interpessoais (ou pragmáticos), orientados para o falante e seu ouvinte (*sabe, sabes?, não tem?, entende? entendeu?, entendesse?, tá entendendo?, tás entendendo?, olha, veja, vê, tá?, certo?*) (CASTILHO, 1989; FREITAG, 2001).

Como se vê, a natureza pragmática da categoria está presente na sua definição, que não se revela como uma tarefa simples, pois envolve um olhar analítico criterioso sobre os contextos de fala em relação às formas e funções desempenhadas.

1.1 Multifuncionalidade e variação de marcadores discursivos: breve descrição

Trabalhos variacionistas de orientação funcionalista foram desenvolvidos e orientados pela professora Edair em Santa Catarina. Nessa perspectiva, primeiramente, a partir de uma abordagem funcionalista, as pesquisas descrevem a multifuncionalidade dos itens para captar padrões a partir do uso. Depois, com base em uma abordagem variacionista, tratam os itens como variantes de uma variável linguística (em termos funcionalistas: como camadas de um mesmo domínio funcional), alternantes em um mesmo contexto discursivo. Görski et al. (2003) assinalam que cada variável discursiva se caracteriza como um fenômeno superordenado e gradiente que inclui propriedade > macrofunção > funções, e o recorte da variável pode se dar em cada um dos níveis dessa hierarquia funcional. Para os propósitos do presente artigo, agrupamos os trabalhos segundo a origem da categoria e sempre que possível em ordem cronológica, bem como descrevemos brevemente o comportamento multifuncional dos MDs. São os resultados quali-quantitativos mais gerais que subsidiarão a discussão e a análise da seção 3.

1.1.1 Marcadores discursivos de base verbal

Dal Mago (2001) descreveu o comportamento discursivo da expressão *quer dizer* a partir do levantamento de dados de 56 entrevistas do VARSUL das cidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó (SC); Porto Alegre e São Borja (RS); Curitiba e

Londrina (PR). A autora localizou 659 ocorrências do *quer dizer*, dentre as quais apenas 82 dados são relativos ao MD na amostra oral investigada. O ponto central do trabalho diz respeito à multiplicidade de funções desempenhadas pelo item e ao movimento de mudança em seu estatuto categorial. Na literatura linguística, podem ser observados muitos contextos de uso do *quer dizer*, mas eles não são suficientes para recobrir todos os dados disponíveis na fala.

Com o intuito de delinear a expansão do *quer dizer*, Dal Mago (2001) delimitou quatro macrofunções para os contextos em que o item ocorre: a macrofunção *significa* ('significar'), as macrofunções *ou seja* (retomador, explicativo, esclarecedor e conclusivo) e *aliás* (atenuador, retificador de conteúdo e de forma) e a macrofunção de *planejamento verbal*, que abriga os MDs, cuja função específica é a de preenchedor de pausa. Essas macrofunções têm em comum a propriedade de dar sequencialidade ao discurso, funcionando num duplo movimento: anafórico e catafórico. São as funções mais específicas de cada ocorrência em que se insere o item que permitiram delinear o quadro de funcionamento do *quer dizer*. Nas ocorrências que seguem, pode-se visualizar o funcionamento dessas quatro macrofunções:

1. Eu fazia comboio. Comboio *quer dizer* tomando conta dos navios mercantes de Belém do Pará, até atracar lá. (DAL MAGO, 2001, p. 10).
2. Nós conhecemos a Itália, de Roma pra cima, digamos assim, de uma maneira bastante – *quer dizer*, giramos em praticamente toda a Itália do Norte. (DAL MAGO, 2001, p. 76).
3. É, Londrina, a cidade não é assim, boa de se morar, tranquila, *quer dizer*, já foi mais tranquila, agora já está crescendo, né? (DAL MAGO, 2001, p. 76).
4. Agora hoje você sai, vai pesquisar e pode combater, certo? (pausa) *Quer dizer*, (pausa), nas matérias que são realmente (pausa), *quer dizer* (pausa), o negócio da terra, o ar. (DAL MAGO, 2001, p. 78).

Em 1, observam-se duas formas verbais inseparáveis “querer” (auxiliar) e “dizer” (principal), que podem funcionar como sinônimo de significar, havendo a possibilidade de intercambiar a sequência verbal em 1 pela palavra “significa”. Em 2, vê-se que o *quer dizer* tem o papel de reformular e retificar. Já em 3, atua em um contexto cujo papel é de atenuador do discurso, no sentido de abrandar, de diminuir o grau de certeza da infor-

mação. Na ocorrência 4, *quer dizer* é um MD que carrega marcas de planejamento verbal, para manter a relação entre os interlocutores.

Mesmo sabendo que os limites para o estabelecimento de uma ou outra função não são estanques, é válido mostrar que, dependendo do contexto de fala, o *quer dizer* é usado de forma diferenciada, de acordo com as necessidades dos falantes.

Os usos 2 e 3 descritos por Dal Mago (2001) também foram identificados por Bagno (2012, p. 574) no *corpus* do Nurc-Brasil. Como marcador conversacional, *quer dizer* é usado para revisar ou confirmar o que se acaba de dizer, tornando-se equivalente a *isto é*, *ou seja*, *vale dizer* etc. (e muito frequentemente pronunciado [ke'dze]).

Os resultados de Dal Mago (2001), em termos de frequência, mostraram que a maior concentração de dados se deu nas macrofunções *ou seja* e *aliás*, correspondentes aos articuladores textuais. As funções mais recorrentes também se encontram nesses grupos, que são o esclarecedor e o conclusivo seguidos do preenchedor de pausa e do retificador de conteúdo.

Seguindo a proposta dos projetos de Edair Görski, Valle (2001) efetuou um estudo sobre a multifuncionalidade dos itens *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, a partir de uma amostra composta por 36 entrevistas de informantes florianopolitanos, pertencente ao VARSUL. A autora localizou 203 ocorrências de *sabe?*, 205 de *não tem?* e 113 de *entende?*, totalizando 521 dados na amostra oral investigada. Os itens, conforme a autora, compartilham a propriedade interativa de requisitar apoio discursivo, o que permite tratá-los como formas concorrentes dentro de um mesmo domínio. A análise dos contextos de uso revelou que os Requisitos de Apoio Discursivo (RADs) operam em dois níveis: focalizando informações veiculadas no texto e assinalando relações entre partes do texto. Segundo Valle (2001), os dois níveis não se excluem, apenas caminham juntos de maneira superposta. Os fatos de focalização foram divididos da seguinte forma: foco no(s) participante(s); foco na(s) característica(s) do(s) participante(s); foco na avaliação do falante; foco na opinião do falante; foco na situação passada; e foco na situação presente. Exemplificamos a seguir ocorrências dos RADs que focalizam opinião, avaliação e situação presente porque foram as mais recorrentes na amostra de Valle (2001):

5. Agora, o serviço ali é:: um serviço:: brabo, ele é estúpido, *sabe?* Ele é/ porque é pesa::do, mas sempre uma ajuda a outra, né? (VALLE, 2001, p. 67).
6. Olha, a impressão que eu tenho, sendo eu bancário, o Plano pra mim não:: não resolveu nada, *sabe?* (est) Apesar que estava tudo, né? numa hora da morte- (VALLE, 2001, p. 68).

7. Vai fazer dois anos. Porque é:: faz um ano e:: Setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. É, um ano e cinco meses. (hes) Ela morreu... Eu, assim, conto e não posso contar muito com a família da mãe, *entendes?*... (est) Que a gente/ que eles sabem assim que eu sou filha adotiva. (VALLE, 2001, p. 69).

Em 5, o julgamento se dá pela predicativa sobre um participante (ele é estúpido). Associado a esse tipo de foco, o RAD pode estar sendo usado pelo falante para enfatizar sua opinião, pedindo a concordância de seu interlocutor, ou, em um sentido inverso, diminuindo a carga assertiva da proposição. Em 6, o que explicita o caráter opinativo daquilo que antecede o RAD é a expressão *pra mim*. Observe que, em 7, *entendes?* focaliza situações presentes durativas, parecendo ser usado mais no sentido de checar compreensão.

As relações estabelecidas pelos RADs estão descritas da seguinte forma: especificação, contraste, conclusão, retomada, sequenciação de ações ou de turno, anúncio de complemento, ênfase/atenuação e planejamento verbal. Exemplificamos a seguir ocorrências dos RADs que estabelecem relações de sequenciação, especificação e conclusão, o que vale dizer, relações de caráter textual mais amplo, porque foram as mais recorrentes na amostra de Valle (2001):

8. Foi o que ajudou muito a minha vida pra criar eles, e eles hoje, eu me sinto feliz porque são casados, não são ricos mas são pobres que não me dão trabalho, *sabe?*, são filhos bons:... não/ não têm vício, o moço, já tenho uma netinha pela parte do filho, de seis anos- (VALLE, 2001, p. 71).
9. Mas ele deu sorte, que ele só queimou por cima, só queimou a pele. Não teve [que]- aquelas queimaduras profundas, *entende?* Só queimou isso, é, só queimou assim ó, (est) como:: essas coisinhas aqui assim. (VALLE, 2001, p. 66).
10. Mas, enfrento com muito amor, enfrento com toda::, credo, com tudo que eu sinto, assim como se ela fosse uma/ uma moça boa, *sabe?*... Não me incomodo de não ir a certos lugares porque tenho ela, não saio mesmo quase, é difícil, só uma missa de manhã, enquanto ela fica sozinha, porque a igreja é aqui perto. (VALLE, 2001, p. 74).

Em 8, o RAD assinala o detalhamento daquilo que vem dito antes dele (os filhos e a rotina), introduzindo uma série de construções que especificam aquela sobre a qual o

item tem escopo. Em 9, *entende?* antecipa uma conclusão em relação à informação anterior. Em 10, *sabe?* participa da sequenciação de argumentos feita de forma justaposta, ou seja, sem a presença de conectores, sendo, neste caso, o único elo encadeador explícito da sequenciação.

Os resultados sinalizaram a atuação bidirecional dos RADs e o controle da frequência de uso apontou tanto para situações de variação como para contextos de especialização dos itens.

Valle (2014) confessou, em sua tese de doutorado, que, apesar de anos, durante a iniciação científica (VALLE, 1998, 1999) e o mestrado (VALLE, 2001), estudando MDs, havia desafios ainda maiores a serem enfrentados a respeito do tema. A proposta do novo estudo foi analisar e descrever a multifuncionalidade de *sabe?* e *entende?*³ considerando a atuação de forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. A autora coletou e examinou uma amostra de fala de 30 informantes da comunidade da Barra da Lagoa, em Florianópolis/SC, e encontrou um total de 1.610 ocorrências dos RADs.

Assim como em Valle (2001), Valle (2014) confirmou a propriedade comum a todos os RADs e o comportamento bidirecional dos itens como elementos cujo papel principal é colocar foco na fala, ou seja, têm o intuito de frisar determinadas porções discursivas relacionadas com o interlocutor, e textuais/discursivas, relacionadas com a organização do discurso oral. A classificação dos tipos de foco de Valle (2001) foi revisitada por Valle (2014), que identificou os seguintes tipos na amostra da Barra Lagoa: foco em comentário avaliativo, foco na opinião do falante, foco prospectivo, foco pragmático, foco na busca de informação, foco em situação e em discurso direto reportado. Segundo a autora, a focalização de informações (focalização da situação e em discurso direto reportado) e o grau de identificação do informante com o local mostraram-se relevantes no uso dos itens. Em oposição às formas neutras (*sabe?*, *entende?*, *entendeu?* e *tá entendendo?*), as formas *entendesse?*, *sabes?* e *tás entendendo?* foram empregadas por aqueles informantes que mais se identificam com a comunidade.

As três ocorrências da sequência, colhidas de Valle (2014), ratificam o comportamento dos MDs de identidade florianopolitana nativa, em contextos de fala em que os informantes demonstram seu apego ao lugar e à cultura local:

11. Aqui eu tô em casa, né? aqui eu me dou com todo mundo, com a população...
tendesse? (hes) Sair daqui pra onde? Morar no Centro que é mais movimenta-

³ As macroformas *sabe?* e *entende?* recobrem as formas *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendesse?*, *sabe?* e *entende?*.

do, que é mais-ah, então aqui não, aqui eu tô mais tranquilo com a família, que (hes) que é uma excelente família, então eu vivo tranqui::lo... *tendesse?* eu vou ali:: falo com os pes-pescadores, tô aqui vou na minha mãe que mora perto da praia, falo com um amigo, falo com outro, jogo um dominó, um baralho, que fica passando o dia até o outro dia do-dormir pra ir trabalhar, né? (VALLE, 2014, p. 345).

12. Tirava um pedaço, amassava bem, bem, bem, bem em cima da mesa, depois esti- às vez esticava, às vez não, às vez fazia redondinha, broa redondinha, sabe? e às vezes então não, cortava, fazia assim comprido e depois cortava, já ia cortando a broa do tamanho certo, *sabes?* E: Ah!... ah, depois botava numa forma pra botar no forno pra cozinhar. . (VALLE, 2014, p. 66).
13. F: Então esse-tudo isso que nós colhemos e que os meus pais... que os meus pais colheu, farinha, açúcar, com a graça de Deus, isso tudo não era pra vender, era só pro gasto só da casa (est)... *tás entendendo?* não se vendia nada, querida... não se vendia nada, era só pro-pro custo de-de [(inint)]
E: [A] única coisa que se vendia era o peixe então?
F: É,era o peixe, mas não tinha pra quem vender.
E: Não?
F: Não.
E: E (hes) e como é que fazia, pescava [(inint)]
F: [Ah, pescava,] fazia um caldo pra comer e outro bocado lá um vizinho comprava um peixinho... *tás entendendo?* e o outro mais não queria mais. (VALLE, 2014, p. 68).

Novamente, os resultados de Valle (2014) sinalizaram a atuação bidirecional dos RADs e o controle da frequência de uso apontou tanto para situações de variação como para tendências de usos em contextos específicos.

Outras duas pesquisas orientadas pela professora Edair descreveram o comportamento de itens discursivos do português brasileiro: Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009). Rost (2002) investigou os MDs derivados de formas verbais *olha* e *veja*⁴ a partir de dados de fala de 84 informantes do VARSUL das três capitais do Sul do Brasil –

⁴ As macroformas *olha* e *veja* (ROST, 2002) e *olha* e *vê* (ROST SNICHELOTTO, 2009) recobrem as variantes: *olha* ~ *olhe* ~ [‘ɔja] ~ [‘ɔj] ~ [‘ɔ] e inclusive a construção *olha só*, e *vê* envolveu as variantes *veja* ~ *veja* ~ *vê* ~ *vês*, inclusive a construção *veja bem*.

Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis. A autora localizou 453 dados do MD *olha* e 218 do MD *veja*, totalizando 671 ocorrências na amostra oral investigada. Esses MDs têm em comum a propriedade comum de chamada da atenção do ouvinte que desloca sua referência do contexto situacional para algo do texto do falante. Essa atuação bipartida faz ressaltar o forte valor interpessoal e textual dos itens e permite identificar duas macrofunções (articuladora interacional e articuladora textual), as quais recobrem nove funções específicas (advertência, interjetiva, atenuadora, de planejamento verbal, prefaciadora, retórica, exemplificativa, causal e concessiva) desempenhadas a partir dos contextos brevemente exemplificados a seguir.

14. E: Tânia, me diz uma coisa agora, dentro da educação, o que tu achas da língua portuguesa? O que é falar bem a língua portuguesa pra ti?
F; *Olha*, pra mim, eu acho assim, que falar bem a língua portuguesa. Olha, eu nem sei te explicar bem [o] a língua portuguesa, porque eu tenho tão pouco tempo de estudo, que eu nem conheço bem a língua portuguesa. (ROST, 2002, p. 6)
15. E: E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora]. F: [Pois é], E precisava ter, né? porque *veja*, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter. né? (ROST, 2002, p. 10)

Em 14, o item *olha*, ao chamar a atenção do ouvinte, mantém traços de sentido original no que concerne à percepção visual e introduz um contexto que pode revelar diferentes intenções do falante: ou defesa porque não conhece bem a língua portuguesa; ou tentativa de ganhar tempo para o planejamento e a formulação de sua resposta; ou ainda, *olha* pode revelar insegurança quanto ao desenvolvimento do tema que lhe foi proposto na pergunta. Em 15, *veja*, justaposto a “porque”, ajuda a articular os argumentos que o falante apresenta com relação aos problemas de esgoto em Curitiba, ao mesmo tempo em que chama a atenção do ouvinte.

De modo geral, os resultados revelaram que o MD *olha* apresenta fortes características interpessoais como elemento de contato e, paralelamente, parece ocupar posições junto a conectores tipicamente textuais, auxiliando na continuidade do discurso, ao mesmo tempo em que mantém a atenção do ouvinte direcionada para o texto do falante, apresentando, conforme o contexto, características ora mais interpessoais ora mais textuais;

e o MD *veja* preserva mais marcas morfossintáticas (número-pessoal e modo-temporal) e tende a coocorrer com pronome na posição estrutural de sujeito, mostrando, portanto, vestígios oracionais. Além disso, seu uso é favorecido em contextos sintaticamente dependentes e em posição medial na frase – características que o tomam mais marcado estruturalmente.

Por fim, o levantamento da frequência de uso das macrofunções e funções discursivas assumidas pelos itens no contexto de uso permitiram observar tanto para situações de variação como para contextos de restrição de uso de *olha* e *veja*.

Os resultados de Rost (2002) sinalizaram que algumas questões mereceriam ainda maior atenção, por essa razão, Rost Snichelotto (2009), na sua tese de doutorado, objetivou mapear estágios de mudança de *olha* e *vê* (e suas variações) em amostras sincrônicas, compostas por 140 entrevistas do VARSUL de Santa Catarina, e também em uma amostra diacrônica, representada por 17 textos de peças teatrais escritas nos séculos XIX e XX por escritores catarinenses. Na amostra oral investigada, a autora localizou 461 dados do MD *olha* e 131 do MD *vê*, totalizando 592 ocorrências. Já na amostra de dados de escrita foram localizadas 66 ocorrências em que predomina o MD *olha* (*olha* = 51; *vê* = 15).

O levantamento na literatura sobre MDs permitiu a identificação do traço comum de percepção que caracteriza *olha* e *vê* nas amostras e a identificação de dez contextos de atuação discursiva (de advertência, de opinião, de prefaciação, interjetivo, exemplificativo, de parentetização, causal, adversativo, de atenuação, concessivo). Vejamos algumas ocorrências dos itens:

16. E: Como é que é, como é que consegue conciliar assim do você é vendedora, né? como é que consegue conciliar, assim, tu tens quatro filhos pra cuidar, né? e mais o trabalho de casa e mais o trabalho de fora. Como é que consegue?
F: *Olha*, [não é] não é bem fácil, né? porque, *veja bem*, quatro filhos mais o de casa, né? eu acho, assim, que é bem <difícil>, sabe? pra mim. Tanto que eu tenho tudo eu tenho horário, sabe? pra tudo eu tenho horário, né? Então de manhã eu tenho que ficar em casa porque, né? tem que lavar roupa tem que fazer almoço, né? até [mandar] mandar todo mundo pra escola. Então, geralmente eu saio [depois da] de tarde, né? depois que eu acabo o serviço, né? Então foi esse meio que eu achei pra mim ter [o meu] o meu dinheiro, o meu ganho, né? pra ajudar em casa, foi esse. (ROST SNICHELOTTO, 2009, p. 257).

A análise funcional apontou ainda o papel da pressão contextual para a emergência de novos usos e a pragmatização do significado de *olha* e *vê*. Os enunciados imperativos, inerentemente intersubjetivos, podem vir a ser subjetivizados no curso da mudança de significados de conteúdo, baseados na estrutura argumental, para significados procedurais pragmáticos no nível discursivo (ROST SNICHELOTTO; GÖRSKI, 2011).

Assim como em Rost (2002), em Rost Snichelotto (2009), os resultados indicaram que *olha* foi a forma mais recorrente nas amostras investigadas em função dos seguintes fatores, entre outros: sincronicamente, há um uso mais generalizado de *olha* do que de *vê*, sendo que alguns contextos de atuação discursiva são categóricos para *olha*; *olha* se distancia de sua herança verbal em comparação a *vê*; diacronicamente, o MD *olha* já aparece em seis diferentes contextos no século XIX, ao passo que *vê* se manifesta em três contextos no século XX, apenas, com um número bastante reduzido de ocorrências.

Por fim, os diferentes contextos de atuação discursiva de *olha* e *vê* são atestados a partir de frequências de uso que apontam tanto para situações de variação como para contextos de restrição de uso.

1.1.2 Marcadores discursivos de base adjetival e adverbial

Os dois primeiros trabalhos de Freitag (1999, 2001) foram fruto de um projeto de iniciação científica orientado pela professora Edair. No primeiro, analisou a variação de *tá?* e *certo?* na fala de 24 informantes de Florianópolis e, no segundo, investigou o comportamento dos MDs *tá?* e *certo?* na fala de 72 informantes de Blumenau, Lages e Chapecó do VARSUL de Santa Catarina. A autora localizou 248 dados de *tá?* e 30 de *certo?*, totalizando 278 ocorrências nas duas pesquisas. O objetivo foi verificar se a variação de uso de *tá?* e *certo?* se constituía como um fenômeno regular na fala catarinense.

Apesar de terem diferenças na sua origem – *tá?* é de origem verbal e *certo?* é de origem adjetival –, compartilham propriedades funcionais: testar o canal com o interlocutor, solicitar sua aquiescência, ordenar e reorganizar o fluxo conversacional. Nas ocorrências a seguir, Freitag (2001) mostra que *tá?* e *certo?* emergem em contextos considerados in-comuns, segundo a perspectiva da gramática tradicional, porque são formas que auxiliam no encadeamento das informações, a seguir exemplificadas:

17. Só porque meus avós moravam perto [de nossa] da nossa casa, e eles não falavam português. Então a gente foi aprender *tá?* a gente sabia mas que foi praticar o português, foi mesmo quando a gente entrou pra aula, né? (FREITAG, 2001, p. 25).
18. Se você recebe alguém de fora, ela não vai vir diretamente nos bairros, nas fa-

velas, ela vai ocupar o nosso centro, *certo*? Claro que [o] o bairro não pode ser deixado, né? deve ser também cuidado, mas a administração não pode olhar especificar, que vai fazer isso e não vai fazer aquilo. (FREITAG, 2001, p. 25).

Os resultados gerais a partir de frequências de uso localizados por Freitag (2001) sinalizam que as quatro cidades catarinenses manifestam comportamentos diferenciados quanto ao uso desses MDs: de um lado, Florianópolis e Blumenau apresentaram maior número de ocorrências do *tá*? e, de outro, Chapecó e Lages, devido ao baixo número de ocorrências, não demonstraram evidências de restrição de uso de ambas as formas.

A multifuncionalidade dos MDs *bom* e *bem* foi pesquisada por Martins (2003), com base na fala de 288 informantes do VARSUL. A autora localizou 754 dados de *bom* e 118 de *bem*, totalizando 872 ocorrências na amostra investigada. A análise revelou que os dois itens ocorrem em diferentes contextos que não correspondem a sua origem como adjetivo (*bom*) e advérbio (*bem*). Assim, ao adquirirem traços mais discursivos, ambos itens partilham da propriedade de chamada de atenção para a informação no contexto discursivo. Essa propriedade ressalta dois níveis de atuação dos itens, não excludentes mas superpostos, isto é, ora fazem o papel de organizar o texto (macrofunção articuladora textual) e ora marcam a interação entre os interlocutores (macrofunção articuladora interacional). Essas duas macrofunções recobrem uma gama de funções (avaliativa, questionadora, atenuadora, planejamento verbal, prefaciadora, retórica, especificadora, diretiva, enumerativa, sequenciadora, finalizadora e retomadora) desempenhadas a partir dos contextos brevemente exemplificados a seguir.

19. Eu já tenho a casa aqui pra morar, já tenho a casa na praia, o que eu quero mais, né?
E: *Viajar.
F: *É. Ah, viajar. Ah, *bom*, eu gosto de viajar adoro. Eu disse pra ela que eu fui a Brasília, né? (MARTINS, 2003, p. 41).
20. E: *E daí, ela pretende o que que ela (hes) abrir um consultório? *[De dentista?]
F: Acho que é bem provável, né?
E: Já pensou?
F: *Bem*, é uma beleza, né? (MARTINS, 2003, p. 41).
21. O poste da frente da minha casa, que é um dos postes mestre [da] da luz, quebrou em três pedaços Ele torceu assim mas foi tudo, não ficou uma árvore

aqui em pé, nada, foi assim uma destruição aqui. Aqui pra cima. *Bom*, [aqui] aqui veio [na] [na] no colégio aqui [dá] dá o que, acho que dá dois quilômetros daqui... (MARTINS, 2003, p. 44).

22. E: *Sei. *E na família [da]- das tuas amigas, as pessoas que você convive, né? Aqui em Chapecó (est) (hes) também é assim, ou [você]- a tua família é diferente?

F: *Bom*, o que eu noto, digamos assim, é que- *bom*, na família é assim, porque mais amigos assim, digamos assim, ó vejo que nem eu, as minhas primas é assim... (MARTINS, 2003, p. 44).

23. E: E {na}- na sua infância assim, como foi?

F: *Bom*, a minha infância foi sempre trabalhando, né? Desde os dez anos de idade eu trabalhava com meu pai, [depois]- depois fui trabalhando [por]- por conta própria. Trabalhei dos dez anos até me casar, trabalhava junto com meu pai. (MARTINS, 2003, p. 40).

24. E: E o que que o senhor acha que foi pior, a ditadura do Vargas ou a ditadura militar de sessenta e quatro por aí?

F: *Bem*, a ditadura do Vargas teve uma coisa, a ditadura do Vargas só nos atingiu nós, os comunistas. (MARTINS, 2003, p. 40).

Em 19 e 20, tanto *bom* quanto *bem* exercem o papel de avaliar o que está sendo dito no contexto. Já em 21 e 22, o falante visa a ganhar tempo em seu discurso, ou seja, planejar o que irá dizer. Em 23 e 24, o uso dos MDs dá sequência à pergunta efetuada e também visa à interação entre os interlocutores.

De modo geral, os resultados atestados a partir de frequências de uso de Martins (2003) revelaram que a caracterização dos contextos de uso das formas condicionam a variação entre os itens, embora se verifiquem alguns contextos de restrição de uso de *bom* e *bem*.

Mais recentemente, Görski (2020) revisitou parte da amostra analisada por Martins (2003), examinando 72 entrevistas sociolinguísticas de 24 informantes das três capitais do VARSUL, estratificadas quanto à idade (de 25 a 49 anos e acima de 50 anos), ao sexo (masculino e feminino) e à escolaridade (primário, secundário e colegial). A autora categorizou todas as ocorrências de *bom* e *bem* (não só como MDs) e reanalisou os contextos de atuação dos MDs sob outros critérios, de modo a captar o espectro da multifuncionalidade dos itens e instâncias de gramaticalização. Foram localizados 247 dados de *bom* e 29 ocorrências de *bem*, totalizando 276 MDs nas três capitais. Cabe a ressalva de que, di-

ferentemente de Martins (2003), que localizou 41 dados de *bem* e *bom* em Florianópolis, a reanálise de Görski (2020) identificou 44 ocorrências dos itens na capital catarinense. Os resultados obtidos sinalizam que ambos os MDs compartilham o mesmo domínio funcional de chamada de atenção para a informação numa situação dialógica, embora apresentem especificidades de uso.

Vimos, nesta seção, que os estudos sobre a multifuncionalidade dos MDs originados de formas verbais (*quer dizer*, *sabe?*, *não tem?*, *entendeu?*, *olha*, *veja*, *vê*, *tá?*) foram os mais investigados até este momento, ao passo que as pesquisas sobre os MDs originados de adjetivos e advérbios (*certo?*, *bom* e *bem*) ocorreram em menor número. Todas têm como suporte diferentes amostras do *corpus* do Projeto VARSUL, conforme será detalhado na próxima seção.

2 Procedimentos metodológicos

As amostras sincrônicas analisadas pelos trabalhos reunidos neste artigo foram extraídas do VARSUL. A amostra base está transcrita e armazenada eletronicamente e disponível para consulta da comunidade acadêmica nas quatro sedes (UFPR, UFRGS, PUCRS e UFSC). A primeira etapa de constituição do banco foi coletada entre os anos 1988 e 1996 e contém entrevistas com 24 informantes de áreas urbanas representativas de diferentes influências étnicas (açoriana, italiana, alemã, eslava, entre outras), distribuídos igualmente por escolaridade, sexo⁵ e faixa etária. Felizmente, desde o ano 2000, como contribuição de pesquisas de mestrandos e doutorandos, desenvolvidos segundo a perspectiva laboviana, a amostra base das três capitais tem sido acrescida de outras faixas etárias (por exemplo, de 9 a 12 anos e de 15 a 24 anos) e mais um nível de escolaridade (superior), além da coleta de novas regiões desses municípios.

Neste artigo, interessa-nos sumarizar os estudos que investigaram a fala de informantes da capital catarinense, que, além das entrevistas coletadas em áreas mais próximas ao centro, já conta com amostras representativas de regiões mais afastadas da área central, como Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa e Barra da Lagoa⁶.

Dal Mago (2001), Rost (2002), Martins (2003) e Rost Snichelotto (2009) contam com a amostra de entrevistas de 24 informantes da primeira fase de constituição do VARSUL/Florianópolis estratificadas igualmente por idade (25 a 49 anos e mais de 50 anos), sexo (Masculino e Feminino) e escolaridade (até 4 anos = Primário⁷, de 5 a 8 anos = Ginásial e de 9 a 11 anos = Colegial), distribuídos de acordo com o quadro a seguir.

⁵ O fator sexo refere-se ao aspecto biológico (masculino e feminino). Não foi feita distinção, à época da constituição da amostra base, entre sexo e gênero.

⁶ O detalhamento destas amostras pode ser conferido em Brescancini (2002), Monguilhott (2009) e Valle (2014).

⁷ A escolaridade é estratificada e a nomenclatura antiga (primário, ginásio e colegial) substituída nos dias atuais segundo os anos de estudo.

Quadro 1 – Amostra base do VARSUL/Florianópolis

	Escolaridade					
	Primário		Ginasial		Colegial	
Idade \ Sexo	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
25 a 49 anos	2	2	2	2	2	2
Mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total Parcial	4	4	4	4	4	4
Total	08		08		08	
Total de 24 informantes						

Fonte: Rost (2002, p. 51).

Além de contar com as 24 entrevistas da primeira fase de constituição do VARSUL, Freitag (1999, 2001) e Valle (2001) incluíram, em suas pesquisas, uma amostra suplementar da fala de 12 jovens florianopolitanos, totalizando 36 entrevistas. A amostra está estratificada segundo a faixa de idade (15 a 21 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos), o tempo de escolarização (até 4 anos = Primário, de 5 a 8 anos = Ginásial e de 9 a 11 anos = Colegial) e o sexo (Masculino e Feminino), conforme se visualiza no quadro a seguir.

Quadro 2 – Amostra suplementar 1 do VARSUL/Florianópolis

Idade	Escolaridade					
	Primário		Ginasial		Colegial	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
15 a 21 anos	2	2	2	2	2	2
25 a 50 anos	2	2	2	2	2	2
Mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total de 36 informantes						

Fonte: Valle (2001, p. 57).

Além da inclusão das entrevistas dos jovens de 15 a 21 anos, os estudos de Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009) incorporaram 8 informantes à faixa de escolaridade de sua amostra, totalizando 44 informantes distribuídos por faixa de idade (15 a 24 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos), escolaridade (até 4 anos = Primário, de 5 a 8 anos = Ginásial, de 9 a 11 anos = Colegial e mais de 12 anos = Universitária) e sexo (Masculino e Feminino), distribuídos segundo o quadro a seguir.

Quadro 3 – Amostra suplementar 2 do VARSUL/Florianópolis

Idade / Sexo	Escolaridade							
	P		G		C		U	
	M	F	M	F	M	F	M	F
J	2	2	2	2	2	2	-	-
A	2	2	2	2	2	2	2	2
B	2	2	2	2	2	2	2	2
Total parcial	6	6	6	6	6	6	4	4
Total	12		12		12		8	
Total de 44 informantes								

Fonte: Rost Snichelotto (2009, p. 213).

Até aqui as amostras utilizadas pela maior parte dos estudos foram constituídas a partir da coleta aleatória da fala de informantes da área urbana com as mesmas características sociais (idade, sexo e escolaridade), que têm sido consideradas para a realização de pesquisas sociolinguísticas, e do mesmo modelo metodológico de coleta de dados. Durante a coleta, o informante discorre livremente sobre os temas abordados, com o mínimo de interferência linguística do entrevistador, a fim de minimizar a artificialidade da situação e para que as amostras coletadas sejam o mais representativas possível do vernáculo, ou seja, da fala usada em situações naturais de interação face a face nas diferentes localidades (VANDRESEN; COELHO, 2008). Esse modelo homogêneo de constituição das amostras do VARSUL, inserido na primeira onda dos estudos sociolinguísticos, nos moldes de Eckert (2012), permite verificar o reflexo das categorias sociais preestabelecidas na variação e mudança em uma comunidade de fala, bem como garante, em certa medida, a uniformização de dados de vários informantes para comparação posterior, seja dentro de uma mesma comunidade, seja entre comunidades distintas.

A amostra investigada por Valle (2014) apresenta como diferencial a coleta de entrevistas representativas de outra área geográfica da capital catarinense, notadamente a comunidade da Barra da Lagoa, bairro localizado a cerca de 20 km do centro urbano e situado na região leste de Florianópolis. Segundo a autora, o roteiro da entrevista foi, tanto quanto possível, efetuado por meio de uma conversação mais espontânea. À vista disso, o entrevistador buscava fazer perguntas ao informante relacionadas à identidade local, à história da comunidade e ao turismo na comunidade, a fim de que o uso do vernáculo emergisse na conversa de tal forma que o entrevistado comandasse a interlocução. Esse

cuidado possibilitou que alguns informantes agissem tão naturalmente que “o momento da entrevista foi interpretado por alguns como uma conversa ou como uma espécie de terapia” (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 102). Embora Valle (2014) não pretenda vincular esse formato de coleta das entrevistas à segunda onda dos estudos sociolinguísticos, nos moldes de Eckert (2012), o método adotado coloca em evidência o significado social das formas em variação em uma determinada comunidade ou grupo social. Outro diferencial dessa amostra é a distribuição dos informantes⁸, que originalmente previa 45 falantes nativos, porém resultou em 30 entrevistas (17 mulheres e 13 homens), distribuídos em idade, sexo e escolaridade, conforme quadro a seguir.

Quadro 4 – Amostra suplementar 3 do VARSUL/Florianópolis
(Amostra Brescancini-Valle).

Sexo/gênero	FEMININO			MASCULINO		
<div>Faixa etária</div> <div>Escolaridade</div>	14 a 28 anos	33 a 48 anos	51 a 83 anos	14 a 28 anos	33 a 48 anos	51 a 83 anos
Sem escolarização			2			
3 anos						2
4 anos		2	3			1
5 anos						1
8 anos	1	3			2	
9 anos	1			1		
10 anos	1					
11 anos	2			3	3	
Superior incompleto	1					
Superior completo	1					
Total parcial	7	5	5	4	5	4
	17			13		
Total geral: 30 informantes						

Fonte: Adaptada de Valle (2014, p. 190-191).

Fica visível até aqui que, embora as quatro amostras do VARSUL sejam constituídas por entrevistas sociolinguísticas, é preciso cautela na análise dos resultados relativos aos fatores sociais. Se a generalização dos resultados das amostras, de um lado, mostra-se impedida em razão da composição de células sociais que foram prejudicadas pela própria configuração, conforme alertou Valle (2014), e da localização geográfica (dois bairros da capital) dos informantes, de outro, a sua convergência pode ser um indicativo acerca da abrangência do uso dos MDs na fala.

Quanto ao tratamento quantitativo dos MDs, os estudos aqui sumarizados submeteram as ocorrências extraídas das entrevistas a testes estatísticos nos programas computacionais VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988; NARO, 1992) e GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Tendo em vista nossos objetivos, vamos nos valer, predominantemente, das frequências relativas e dos percentuais de uso mais amplos dos MDs.

3 Resultados e discussão

Nesta seção, reunimos os resultados mais gerais dos estudos sobre MDs. Cabe a ressalva de que algumas investigações podem apresentar mais ou menos ocorrências de MDs em razão do formato de coleta de dados da amostra, como sinalizamos na seção anterior. Todavia, os resultados poderão apontar tendências de uso de cada forma em Florianópolis.

De modo geral, nas quatro amostras do VARSUL/Florianópolis, foram coletados 2689 dados de MDs. Um volume maior dos itens foi localizado por Valle (2014) em relação às demais pesquisas reunidas neste artigo, isso muito por conta dos estímulos oferecidos ao longo da coleta das entrevistas, conforme visto na seção anterior.

Relativizando-se os resultados em razão da diversidade de amostras e da limitação no número de pesquisas realizadas até este momento, os MDs de base verbal obtiveram, até este momento, 2636 ocorrências, ao passo que os de base adverbial e adjetival apresentaram apenas 66 ocorrências nas pesquisas. Isso pode ser um indicativo da predisposição de formas verbais a evoluírem para a conformação do processo discursivo de estabelecimento de contato e colaboração mútua entre os interlocutores, conforme sugerem Risso, Silva e Urbano (2006, p. 423).

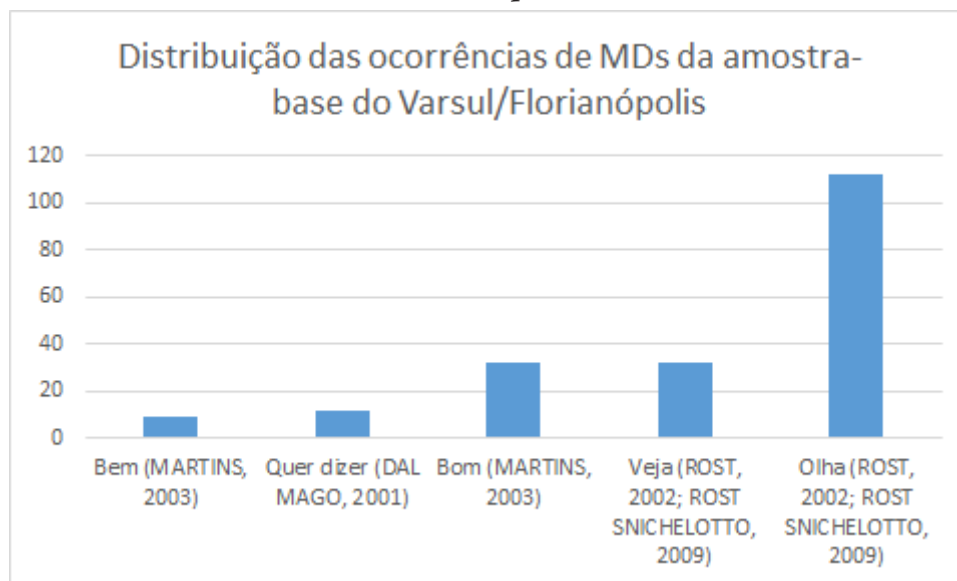
Vejamos, a seguir, o que o controle de fatores extralinguísticos tem a revelar a respeito do uso dos MDs em Florianópolis.

3.1 Distribuição dos MDs em Florianópolis por amostra

Nesta seção, optamos por apresentar os resultados por amostra em razão dos riscos de generalização de amostras heterogêneas. Nossa intenção é, além de verificar a frequência relativa de uso mais amplo, mostrar semelhanças e diferenças nos resultados dos fatores sociais das amostras analisadas e se alguma (e qual) característica social se destaca entre os fenômenos investigados.

Iniciamos com os resultados da amostra base do VARSUL/Florianópolis, que conta com 24 entrevistas de florianopolitanos. As pesquisas que investigaram essa amostra localizaram o total de 197 MDs. Nessa amostra, a maior frequência foi de *olha* e *vê*, totalizando 144 dados (ROST, 2002; ROST SNICHELOTTO, 2009). Na sequência, os MDs *bem* e *bom* apresentaram forte inibição de uso na fala de florianopolitanos, com apenas 41 dados (MARTINS, 2003), assim como o MD *quer dizer* com apenas 12 ocorrências (DAL MAGO, 2001) em Florianópolis. Vejamos a distribuição da frequência dos MDs no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Distribuição das ocorrências de MDs da amostra-base do Varsul/Florianópolis.



Fonte: Elaboração das autoras (2020).

Nos quatro estudos, foram controlados os fatores sociais idade, sexo e escolaridade cujos resultados gerais reunimos abaixo.

Quanto à variável idade, muitas pesquisas apontam que as formas inovadoras estão relacionadas aos informantes mais jovens. Os resultados revelaram que, na primeira faixa

de idade (de 25 a 49 anos), concentrou-se o maior número de ocorrências de MDs *olha* e *vê*, porém, demonstraram o contrário com relação ao uso dos MDs *quer dizer*, *bom* e *bem*. Quanto ao uso preferencial dos itens, a faixa etária acima de 50 anos tenderia ao emprego de *olha* e *bem*, enquanto a faixa de 25 a 49 anos privilegiaria o item *vê* e *bom*. Embora pareça não haver avaliação social aparente associada a esses MDs, não foi descartada a possibilidade de haver alguma relação com o fator mercado de trabalho.

Quanto à variável sexo, Paiva e Duarte (2003) ressaltam que as mulheres tendem a liderar a mudança quando a nova forma é considerada de prestígio, caso contrário, os homens tomam a ponta do processo de mudança. Silva e Macedo (1996) tinham como hipótese que as mulheres empregariam mais MDs em geral, o que foi confirmado, tendo em vista que as mulheres usaram de modo mais recorrente os MDs (*bom*, *olha*). De modo contrário, tendo em vista a crença de que possa haver prestígio social envolvido no uso desses MDs, a expectativa era que as mulheres empregariam menos os MDs em suas falas do que os homens. Porém, Coulthard (1991) alerta que a necessidade de ser polido não é determinada pelo sexo, mas depende das relações que se estabelecem face a face. Os resultados de Dal Mago (2001) revelaram pouca diferença entre homens e mulheres e os de Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009) mostraram que os homens fazem um pouco mais uso dos MDs do que as mulheres em Florianópolis, o que contrariou a hipótese de Martins (2003).

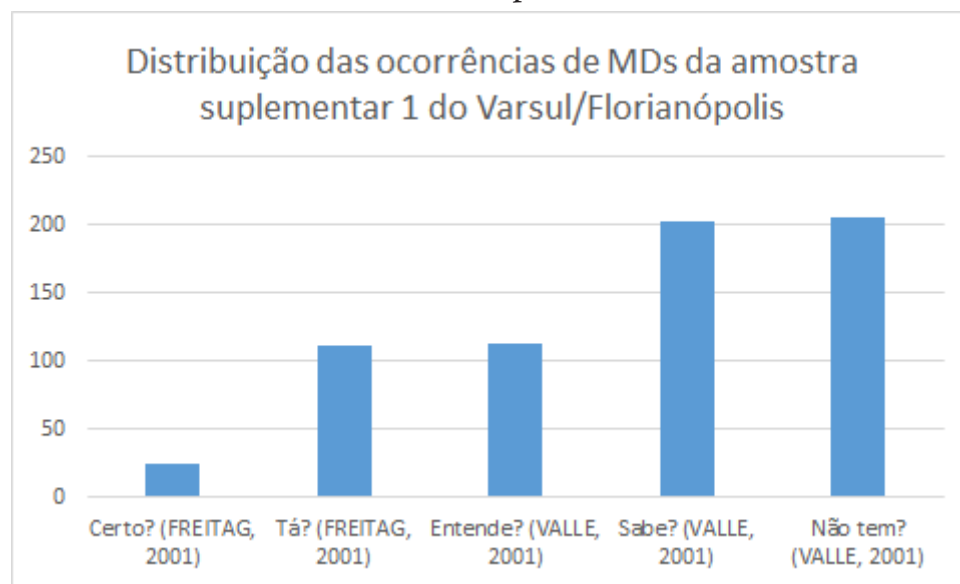
Quanto à variável escolaridade, estudos variacionistas têm apontado efeitos interessantes sobre o uso de formas discursivas no PB. Citam-se, por exemplo, as pesquisas provenientes de amostras do VARSUL, como a de Görski e Freitag (2006). Silva e Macedo (1996) postularam que os MDs *bom*, *olha* e *ah* diminuiriam com o aumento da escolaridade, porém esses itens não manifestaram diferenças neste sentido. Martelotta e Leitão (1998), por sua vez, verificaram que os MDs *quer dizer*, *entendeu?*, *tá?* e *agora* tendem a ocorrer entre os mais escolarizados. O autor argumenta que o uso desses elementos discursivos entre os que possuem um grau mais elevado de escolaridade está relacionado às marcas de interação presentes nesses elementos. Dessa forma, a expectativa era que quanto maior o nível de escolaridade mais haveria uso de MD. Os resultados de Dal Mago (2001) e Martins (2003) apontaram que quanto maior a escolarização maior o uso de MDs. Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009) observaram que as três faixas de escolaridade empregam de modo equilibrado os MDs.

O que conseguimos resumir até aqui a respeito do comportamento dos MDs *quer dizer*, *olha* e *vê*, *bom* e *bem* na amostra base do VARSUL/Florianópolis? (i) os mais jovens

usam mais *olha* e *vê*, e os mais velhos empregam mais *quer dizer*, *bom* e *bem*; (ii) os homens usam mais *olha* e *vê*, as mulheres empregam mais *bom* e *bem*; homens e mulheres demonstram pouca diferença em relação ao emprego de *quer dizer*; (iii) os mais escolarizados usam mais *quer dizer*, *bom* e *bem*; os três níveis de escolarização empregam de modo equilibrado *olha* e *vê*.

Passamos aos resultados da amostra suplementar 1 do VARSUL/Florianópolis, que conta com 36 entrevistas de florianopolitanos. As pesquisas que investigaram essa amostra localizaram o total de 657 MDs. A maior frequência foi dos RADs *sabe?*, *não tem?* e *entende?* com 521 dados (VALLE, 2001), seguido dos MDs *tá?* e *certo?* com apenas 136 ocorrências (FREITAG, 2001) em Florianópolis. Vejamos a distribuição da frequência dos MDs no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Distribuição das ocorrências de MDs da amostra suplementar 1 do Varsul/ Florianópolis.



Fonte: Elaboração das autoras (2020).

As duas pesquisas controlaram as variáveis sociais idade (com três faixas), sexo e escolaridade, cujos resultados gerais reunimos abaixo.

Quanto à variável idade, Silva e Macedo (1996) observaram diferenças sutis entre as três faixas etárias consideradas em sua análise. Os resultados obtidos por Freitag (2001) e Valle (2001) indicam que o aumento da faixa etária propicia a variação dos MDs. Contudo, Freitag (2001) observou que, quanto mais jovens os falantes, menos possibilidade de variação, ou seja, na faixa etária de 15 a 25 anos, o uso de *tá?* é categórico.

Isso significa que o processo de mudança pode estar em estágio mais avançado porque os falantes mais jovens podem não estar aprendendo a variante *certo?*. Valle (2001), por sua vez, identificou uma escala decrescente de uso dos RADs que vai dos mais jovens aos mais velhos. Uma possibilidade de interpretação, segundo a autora, seria correlacionar essa escalaridade a fatores de maturação, ou seja, os mais jovens podem estar fazendo maior uso dos RADs, por se sentirem ainda inseguros sobre suas opiniões em determinados assuntos. Ressalve-se que gradação etária dos informantes controlada nessa amostra já pode sinalizar uma tendência significativa de mudança em tempo aparente.

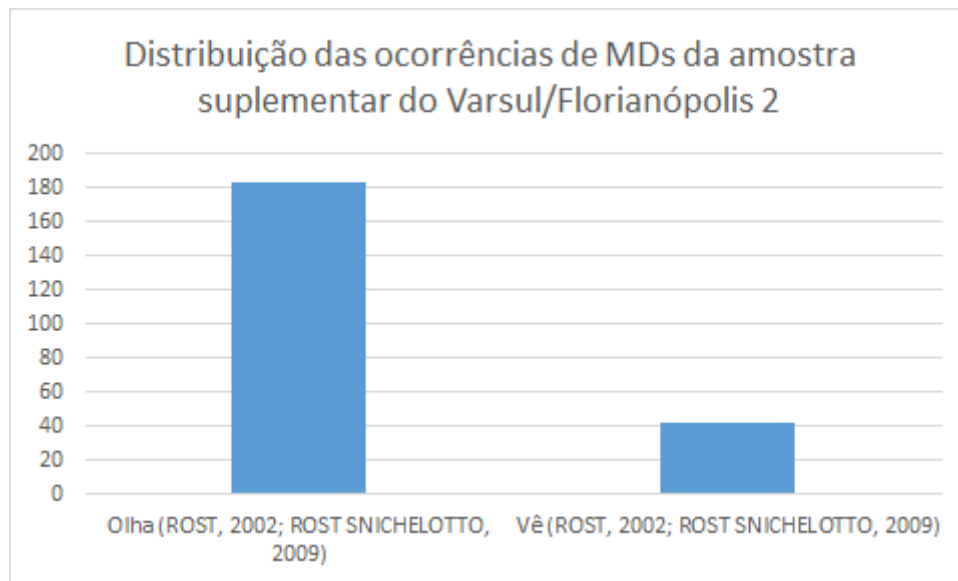
Quanto à variável sexo, Silva e Macedo (1996) constataram que, de modo geral, os RADs são usados de modo equilibrado entre homens e mulheres, não havendo nenhuma interferência dessa variável na distribuição desses itens. De um lado, os resultados de Valle (2001) demonstraram que não há diferenças entre homens e mulheres no uso dos RADs em geral, conforme observado por Silva e Macedo (1996), de outro, Freitag (2001) observou que uso variável de *tá?* e *certo?* foi mais frequente em falantes do sexo masculino.

Quanto à variável escolaridade, Silva e Macedo (1996) observaram que, de modo geral, o uso dos RADs não apresentou diferenças de acordo com o aumento da escolaridade. Essa disparidade entre os RADs foi observada por Martelotta e Leitão (1998), eles verificaram que *entendeu?* é mais utilizado entre os níveis de escolaridade mais alta, sendo que *sabe?*, por outro lado, não segue esta tendência. Os resultados de Freitag (2001) confirmaram que o uso variável de *tá?* e *certo?* está correlacionado com o aumento do tempo de escolarização. Contudo, os resultados de Valle (2001) demonstraram justamente o contrário, o maior uso dos RADs entre os menos escolarizados.

O que conseguimos resumir até aqui a respeito do comportamento dos MDs *certo?*, *tá?*, *sabe?*, *não tem?* e *entende?* na amostra suplementar 1 do VARSUL/Florianópolis? (i) os mais velhos variam mais o uso de *tá?*, *certo?*, *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, e os mais jovens empregam de modo categórico o emprego de *tá?*; (ii) não há diferenças relativas ao sexo no uso dos RADs, ao passo que os homens usam mais *tá?* e *certo?*; (iii) os mais escolarizados usam mais *tá?* e *certo?*, enquanto que os menos escolarizados empregam mais os RADs.

Passamos aos resultados da amostra suplementar 2 do VARSUL/Florianópolis, que conta com 44 entrevistas de florianopolitanos. As pesquisas que investigaram essa amostra suplementar localizaram o total de 225 MDs (ROST, 2002; ROST SNICHELOTTO, 2009). Vejamos a distribuição da frequência dos MDs no gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Distribuição das ocorrências de MDs da amostra suplementar do Varsul/ Florianópolis 2.



Fonte: Elaboração das autoras (2020).

As duas pesquisas controlaram as variáveis sociais idade (com três faixas), sexo e escolaridade (com quatro níveis), cujos resultados gerais reunimos abaixo.

Assim como no levantamento dos dados da amostra base do VARSUL/ Florianópolis, esse resultado confirma o predomínio de *olha* sobre *vê*.

Quanto à variável idade, esperava-se uma distribuição crescente de frequência de uso dos MDs à medida que a faixa etária diminuísse, de modo que os jovens utilizariam mais esses MDs que os adultos, que, por sua vez, fariam mais uso desses itens que os mais velhos. A distribuição de frequência ficaria assim delineada: jovens > faixa intermediária > mais velhos. Embora pareça não haver avaliação social aparente associada a esses MDs, não foi descartada a possibilidade de haver alguma relação com o fator mercado de trabalho. Os resultados revelaram que é na faixa de 25 a 49 anos que se concentra o maior uso do MD *vê* na capital catarinense, enquanto que o MD *olha* é altamente favorecido entre os informantes da faixa etária jovem e fortemente inibido na faixa intermediária. Esses resultados reforçam a hipótese de Traugott e Dasher (2005), ou seja, muitas mudanças são iniciadas pelos adultos jovens, principalmente transmitidas pela força da autoridade educacional, jurídica, política ou religiosa, não pelas crianças, devido à falta de maturidade para compreender complexas inferências envolvidas e funções discursivas da estrutura textual (ROST, 2002; ROST SNICHELOTTO, 2009).

Quanto à variável sexo, curiosamente, com a entrada de jovens e universitários na

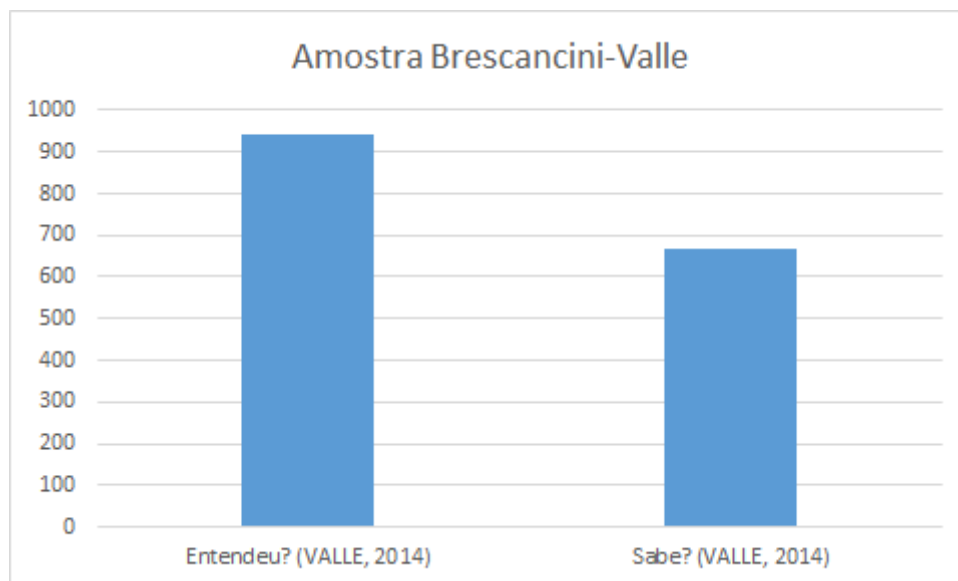
amostra suplementar 2 do VARSUL/Florianópolis, houve perda da significância estatística constatada no levantamento dos dados da amostra base, neutralizando-se a diferença entre homens e mulheres quanto ao uso desses MDs.

Quanto à variável escolaridade, havia a expectativa de que as diferenças nos níveis de escolarização poderiam influenciar os usos de uma ou outra variante. Essa hipótese se baseia em estudos variacionistas que apontam os efeitos interessantes dessa variável sobre o uso de formas discursivas no PB. Citam-se, por exemplo, as pesquisas de Martins (2003) e Görski e Freitag (2006), com amostras do VARSUL. Contudo, a exemplo dos resultados encontrados por Silva e Macedo (1996), a entrada de informantes universitários na amostra não se revelou significativa para os resultados do comportamento variável de *olha* e *vê* (ROST, 2002; ROST SNICHELOTTO, 2009).

O que conseguimos resumir até aqui a respeito dos resultados do comportamento dos MDs *olha* e *vê* na amostra suplementar 2 do VARSUL? (i) os mais jovens favorecem o uso de *olha* e os informantes de 25 a 49 anos preferem *vê*; (ii) homens e mulheres revelam comportamento semelhante no uso de *olha* e *vê*; (iii) a escolaridade não se revelou significativa para o uso de *olha* e *vê*.

Passamos aos resultados da amostra suplementar 3 do VARSUL/Florianópolis, que conta com 30 entrevistas de florianopolitanos da comunidade da Barra da Lagoa. Valle (2014) localizou o total de 1610 RADs cujo volume mostrou-se muito superior ao das pesquisas anteriores sobre itens discursivos. Vejamos a distribuição da frequência dos MDs no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Amostra Brescancini-Valle.



Fonte: Elaboração das autoras (2020).

Valle (2014) controlou as variáveis sociais idade (com três faixas), sexo e escolaridade (com 10 níveis), porém, alerta que a composição de células sociais foi prejudicada pela própria configuração da amostra.

Assim, de modo geral, reservadas as especificidades de cada RAD e a composição da amostra, quanto à variável idade, foi observada uma nítida preferência por *sabe?* entre os mais jovens, enquanto entre os de meia idade predomina o uso de *entendeu?*, principalmente da forma *entendesse?*, o que pode estar indicando uma distribuição geracional para os RADs,

Quanto à variável sexo, os homens usam mais RADs do que mulheres, mas as mulheres empregam mais *sabe?* do que os homens que usam mais *entende?*.

Quanto às variáveis idade e escolaridade, Valle (2014) supõe que os resultados estejam apresentando um comportamento espelhado, pois, na amostra investigada, mais velhos sempre têm menos escolarização, enquanto jovens sempre possuem mais escolarização. A diversificação de escolarização ocorre apenas entre os informantes da faixa intermediária.

O que conseguimos resumir até aqui a respeito dos resultados do comportamento dos RADs na amostra suplementar 3 do VARSUL? Os resultados gerais do controle das células sociais, segundo Valle (2014, p. 320), demonstram que os informantes mais jovens usam mais RADs e o uso diminui em um gradiente até os mais velhos; os homens usam mais RADs do que mulheres; e quanto mais alta a escolarização, mais alto é o uso dos RADs.

Considerações finais

Após 20 anos, amadurecemos pessoal e profissionalmente. Esta compilação de dissertações e teses teve o intuito de fazer um apanhado das pesquisas que têm sido efetuadas sobre elementos discursivos a partir de dados do VARSUL de Florianópolis, segundo os projetos de pesquisa da professora Edair Görski. Com esse apanhado, buscamos descrever esses elementos linguísticos e os fatores sociais que possam influenciar no seu uso. Cabe o destaque que esse conjunto de trabalhos orientados pela Edair resultaram em dezenas de materiais bibliográficos e impulsionaram outras dezenas de publicações e apresentações dos resultados em eventos nacionais e internacionais.

A primeira questão que colocamos inicialmente foi: O que os estudos sobre MDs têm a dizer, em especial, sobre a fala florianopolitana?

Vimos que as pesquisas até este momento se centraram mais na descrição da mul-

tifuncionalidade dos MDs derivados de verbos do que dos MDs derivados de adjetivos e advérbios, o que pode sinalizar a predisposição de formas verbais a evoluírem para a conformação do processo discursivo de estabelecimento de contato e colaboração mútua entre os interlocutores (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p. 423). Também vimos que o levantamento da frequência de uso dos itens em diferentes contextos de uso permitiu observar tanto situações de variação como contextos de restrição de uso de cada forma investigada.

A segunda questão que colocamos foi: O que o controle de fatores extralinguísticos tem a revelar a respeito do uso dos MDs em Florianópolis?

Os sete trabalhos aqui reunidos analisaram dois bairros da capital catarinense, mas apenas Valle (2014) coletou dados da fala da comunidade da Barra da Lagoa, bairro situado a 20 quilômetros da área central da cidade. Cabe também a ressalva de que centramos este artigo na descrição dos resultados relativos à fala, mas apenas Rost Snichelotto (2009) efetuou uma análise diacrônica dos dados, representada por escritos teatrais de catarinenses dos séculos XIX e XX.

De modo geral, o controle dos aspectos sociais das quatro amostras do VARSUL/Florianópolis revelou que:

a) na amostra base do VARSUL/Florianópolis, (i) os mais jovens usam mais *olha* e *vê*, e os mais velhos empregam mais *quer dizer*, *bom* e *bem*; (ii) os homens usam mais *olha*, *vê*, *bom* e *bem*; homens e mulheres demonstram pouca diferença em relação ao emprego de *quer dizer*; e (iii) os mais escolarizados usam mais *quer dizer*, *bom* e *bem*; ambos níveis de escolarização empregam de modo equilibrado *olha* e *vê*;

b) na amostra suplementar 1 do VARSUL/Florianópolis, (i) os mais velhos variam mais o uso de *tá?*, *certo?*, *sabe?*, *não tem?* e *entende?*; os mais jovens tendem a usar mais *sabe?*, *não tem?* e *entende?* e a empregar de modo categórico *tá?*; (ii) não há diferenças relativas ao sexo no uso dos RADs, ao passo que os homens usam mais *tá?* e *certo?*; e (iii) os mais escolarizados usam mais *tá?* e *certo?*, enquanto que os menos escolarizados empregam mais os RADs;

c) na amostra suplementar 2 do VARSUL/Florianópolis, (i) os jovens favorecem o uso de *olha* e os informantes de 25 a 49 anos preferem *vê*; (ii) homens e mulheres revelam comportamento semelhante no uso de *olha* e *vê*; (iii) a escolaridade não se revelou significativa para o uso de *olha* e *vê*;

d) na amostra suplementar 3 do VARSUL/Florianópolis, (i) os mais jovens usam mais RADs e o uso diminui em um gradiente até os mais velhos; (ii) homens usam mais

RADs do que mulheres; (iii) quanto mais alta a escolarização, mais alto é o uso dos RADs.

Vimos também a importância do cuidado com a generalização de amostras de Florianópolis em razão das diferenças na composição de células sociais que têm configurações distintas e das áreas geográficas coletadas (dois bairros da capital).

Por fim, o volume de MDs levantados nas quatro amostras diversificadas do VARSUL permitiu a descrição do seu uso na cidade de Florianópolis, mas proporciona também uma dimensão mais geral do comportamento dos MDs no português do Brasil.

Referências

- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BASÍLIO, M. Flutuação categorial de base adjetiva no português falado. ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. rev. Campinas, SP: Unicamp, 2002. p. 75-90. (Série Pesquisas, v. II: Níveis de análise linguística)
- BISOL, L. VARSUL: amostra, coleta e transcrição. ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 151-153.
- BRESCANCINI, C. R. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável*. 2002. 364 f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. CASTILHO, A. T. de. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989. p. 249-279.
- CONSTANTE, S. *O parece que está se gramaticalizando, parece*. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, 2001. [Relatório de Iniciação Científica].
- COSTA, I. B. O banco de dados linguísticos VARSUL e seus usuários. ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 165-170.
- COULTHARD, M. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.
- DAL MAGO, D. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2001.
- DUARTE, S. L. *Funções discursivas de JÁ e AGORA na fala de Chapecó*. 1997. Iniciação Científica – Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Edair Maria Görski.

- DUARTE, S. L. *Um estudo dos advérbios como marcadores discursivos na fala de Florianópolis*. 1996. Iniciação Científica – Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Edair Maria Görski.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, jun. 2012.
- FRASER, B. What are discourse markers?. *Journal of Pragmatics*, v. 31, 1999, p. 931-952.
- FREITAG, R. M. K. O papel de frequência de uso na gramaticalização de *acho* (que) e *parece* (que) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis, *Veredas*, v. 7, n.1-2, p. 113-132, jul./dez. 2003.
- FREITAG, R. M. K. O uso de *Tá?* e *Certo?* na fala de Santa Catarina. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 25-41, jan. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/4786>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- FREITAG, R. M. K. *Os marcadores discursivos 'tá?' e 'certo?' na fala de Florianópolis*. Relatório final de pesquisa do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFSC biênio 1998-1999. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- GASPARINI, M. *ASSIM se fala, ASSIM se escreve*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- GÓES, S. *Funções discursivas de AÍ na fala de Florianópolis*. 1998. Iniciação Científica – Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Edair Maria Görski.
- GÖRSKI, E. M. A questão do continuum na interface variação/gramaticalização. 7º *Encontro do Celsul*. Pelotti: Pelotas, 2006.
- GÖRSKI, E. M. Espectro funcional de *bem* e *bom* no português falado: instâncias de gramaticalização. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 131-158, 17 dez. 2020.
- GÖRSKI, E. M. et al. *Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes*. Estudos Linguísticos. Vol. XXXI. São Paulo, 2002.
- GÖRSKI, E. M. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 106-122.
- GÖRSKI, E. M.; FREITAG, R. M. K. Marcação e comportamento sociolinguístico de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis. VANDRESEN, P. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006, p. 28-50.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. CASTILHO, A. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-322.

MARTELOTTA, M. E.; LEITÃO, M. Igualdades e diferenças nos marcadores discursivos sabe? e entendeu? *Artigos produzidos pelo Grupo Discurso & Gramática sobre gramaticalização no português do Brasil*. UFRJ, Rio de Janeiro, 1998. Mimeo.

MARTELOTTA, M. e LEITÃO, M. Discursivização do verbo saber. MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Org.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTINS, L. T. *Bom e bem e suas multifunções na fala da região sul do Brasil*. 2003. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2003.

MASCHLER, Y.; SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning, and context. TANNEN, D.; HAMILTON, H. E.; SCHIFFRIN, D. *The handbook of discourse analysis*. Hoboken, EUA: Wiley-Blackwell, 2015.

MONGUILHOTT, I. O. S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. 2009. 228 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLL0430-T.pdf&g>. Acesso em: 12 ago. 2020.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.

NARO, A. J. Variação e funcionalidade. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, 1998.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Niterói, n. 9, 2º semestre, 2000.

OLIVEIRA, D. M. *Tudo: multifuncionalidade e definitude*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PINTZUK, S. *Varbrul programs*. 1988. [mimeo]

PONS BORDERÍA, S. Oye y mira o los límites de la conexión. ZORRAQUINO, M. A.M. et al. *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, 1998. p. 213–228.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. v.1. p. 427-496. (Construção do texto falado).

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. 4. p. 21-94.

RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII.

ROST SNICHELOTTO, C. A. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. 2009. 408 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROST SNICHELOTTO, C. A.; GORSKI, E. M. (Inter)subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização. *Alfa, rev. lingüíst.* (São José Rio Preto), São Paulo, v. 55, n. 2, p. 423-455, dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942011000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 abr. 2021.

ROST, C. A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANKOFF, D. Variable rules. AMMON, U.; DITMAR, N.; MATTEIR, K.. (Eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>. Acesso em: 11 fev. 2014.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning and context. SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (Eds.). *The handbook of discourse analysis*. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 54-74.

SILVA, G. M.; MACEDO, A. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-50.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. *Funções discursivas do ENTÃO na fala de Florianópolis*. 1997. 0 f. Iniciação Científica – Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Edair Maria Görski.

TAVARES, M. A. *Um estudo dos advérbios como marcadores discursivos na fala de Florianópolis*. 1996. 0 f. Iniciação Científica – Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Edair Maria Görski.

TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. 1999. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 1999.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. MARTINS, Marco A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista. Texto apresentado e discutido no XXVII Encontro Nacional da Anpoll – ENANPOLL, Rio de Janeiro-RJ, 10 a 13 de julho de 2012.

TRAUGOTT, E. C. The development of “digressive” discourse-topic shift markers in English. *Journal of Pragmatics*, v. 156, p. 121-135, 2020.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. The development of modal verbs. TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge U.P., 2005, p. 105-151.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 3. ed. v. 1. São Paulo: Humanitas, 1997. p. 81-101.

VALLE, C. R. M. *Funções discursivas do advérbio ASSIM na fala de Chapecó*. 1998. 0 f. Iniciação Científica – Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Edair Maria Görski.

VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. 415 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2014.

VALLE, C. R. M. *Os marcadores discursivos SABE? e ENTENDE? na fala dos florianopolitanos*. 1999. 0 f. Iniciação Científica – Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Edair Maria Görski.

VALLE, C. R. M. *Sabe?~Não tem?~Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*. 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0284.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-121.

VANDRESEN, P. O banco de dados VARSUL: do sonho à realidade. ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da URGs, 2005, p. 145-149.

VANDRESEN, P.; COELHO, I. L. Formação e políticas de disponibilização do Banco VARSUL. GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. (Org.) *Língua Portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*. Rio de Janeiro: AILP/UFRJ, 2008. p. 75-86.



Data de submissão: 25/02/2020

Data de aceite: 28/05/2020

GRAMATICALIZAÇÃO, VARIAÇÃO, MULTIFUNCIONALIDADE E TUDO: CIRCUNSCRIÇÃO DA VARIÁVEL DISCURSIVO-PRAGMÁTICA E TAL

GRAMMATICALIZATION, VARIATION, MULTIFUNCTIONALITY AND
EVERYTHING: CIRCUMSCRIPTION OF THE DISCURSIVE-PRAGMATIC
VARIABLE AND SUCH

Maria Alice Tavares | [Lattes](#) | aliceflp@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Clarissa Viana Duarte | [Lattes](#) | anacviana.duarte@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: À luz de uma interface variação-gramaticalização, os objetivos deste estudo são: (i) descrever e exemplificar duas das estratégias que podem ser adotadas para a delimitação de uma variável linguística – a perspectiva da variação estrita e a perspectiva de percurso de gramaticalização; (ii) aplicar a perspectiva de percurso de gramaticalização à delimitação de uma variável discursivo-pragmática, a extensão geral. Essa variável pode ser considerada um macrodomínio funcional que agrega formas cujas funções são provenientes de um processo de gramaticalização que se desenvolveu entre dois microdomínios. Os extensores gerais tomados como variantes são E TAL e E TUDO. Os dados foram extraídos do Banco de Dados FALA-Natal. Mostramos que variáveis discursivo-pragmáticas podem ser circunscritas em consonância com a perspectiva de percurso de gramaticalização, mais especificamente aquela que leva em conta a distinção entre macro e microdomínios funcionais. A aplicação dessa estratégia para dar conta da multifuncionalidade de formas discursivo-pragmáticas permite um tratamento uniforme à variação em todos os níveis da língua.

Palavras-chave: Variável. Variação. Gramaticalização. Multifuncionalidade. Extensão geral.

Abstract: Based in a variation-grammaticalization interface perspective, the goals of this study are: (i) to describe and exemplify two of the strategies that can be employed to delimit a linguistic variable – the strict variation perspective and the trajectory of grammaticalization perspective; (ii) to apply the trajectory of grammaticalization perspective to

the delimitation of a discursive-pragmatic variable, the general extension. This variable can be understood as a functional macro-domain that brings together forms whose functions arose from a grammaticalization process which has evolved between two micro-domains. The general extensors taken as variants are E TAL (AND THAT) and E TUDO (AND EVERYTHING). The data were extracted from FALA-Natal Database. We show that discursive-pragmatic variables can be circumscribed according to the trajectory of grammaticalization perspective, particularly the one which takes into account the distinction between functional macro and micro-domains. This strategy can be applied to discursive-pragmatic forms to deal with their multifunctionality, ensuring a uniform treatment to variation at all language levels.

Keywords: Variable. Variation. Grammaticalization. Multifunctionality. General extension.

Introdução

Assumindo uma interface variação-gramaticalização como guia teórico-metodológico, abordamos a questão da circunscrição das variáveis linguísticas, etapa fundamental da pesquisa variacionista. Nosso foco recai sobre variáveis que agregam formas variantes multifuncionais. Destacamos particularmente formas que passaram por percursos de gramaticalização constituídos pelos mesmos estágios de expansão funcional.

Temos como objetivos: (i) descrever e exemplificar duas das estratégias que podem ser adotadas para a delimitação de uma variável linguística – a perspectiva de variação estrita e a perspectiva de percurso de gramaticalização – com foco em como cada uma dessas estratégias lida com variantes que são multifuncionais; (ii) mostrar que a estratégia de percurso de gramaticalização pode ser aplicada à delimitação de uma variável linguística do nível pragmático-discursivo da língua, a extensão geral.

Selecionamos como variantes os extensores gerais E TAL e E TUDO, cujo uso é ilustrado pelas ocorrências a seguir, extraídas do Banco de Dados FALA-Natal, fonte dos dados de que nos valem.¹

- (1) Aí hoje em dia já não é mais o mesmo homem, né? De responsabilidade porque ele separou da mulher, caiu em depressão *e tal*, e até hoje tá um pouco deprimido, um pouco não, bastante deprimido e aí não tá mais trabalhando

¹ O Banco de Dados FALA-Natal (BDFN) foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN. CAAE: 11652312.2.0000.5537.

com nada, tá tomando até medicação controlada, tá sem condições de trabalhar, mas é um bom profissional. (BDFN)

- (2) Aí quando entrei, fui entrando, entrando, aí me chamaram, quando me chamaram que eu procurei os pés não encontrei nada, e era sufocada, agoniada, eu só me lembro quando me tiraram de dentro d'água, mas foi um sufoco. Mas depois disso... aí eu não sabia nadar, depois disso foi que eu não quis mesmo. Tomo muito banho de piscina, vou pro mar *e tudo*, mas a água até um certo limite, não passa do limite. (BDFN)

Justificamos a importância deste trabalho por sua proposta inovadora para a análise da extensão geral como variável discursivo-pragmática no português brasileiro.² Esperamos estimular estudos futuros sobre o fenômeno em apreço tanto na ótica da sociolinguística variacionista quanto na ótica da gramaticalização, ou pela junção de preceitos de ambas, em interface variação-gramaticalização. A ampliação de pesquisas sobre a extensão geral levará à composição de um retrato mais completo sobre seu comportamento variável sincrônico e diacrônico, as trajetórias de mudança de suas formas de codificação e tal. Além disso, estudos comparativos se tornarão possíveis, tanto entre regiões brasileiras quanto entre diferentes línguas.

Na próxima seção, recebem lugar formas que adquiriram funções discursivo-pragmáticas através da gramaticalização e, assim, podem ser analisadas em uma interface variação-gramaticalização. As seções seguintes são reservadas para a apresentação de duas estratégias a que se pode recorrer para o recorte da variável linguística, a perspectiva da variação estrita e a perspectiva de percurso de gramaticalização. Na sequência, propomos que uma variável de nível discursivo-pragmático, a extensão geral, pode ser circunscrita, em uma perspectiva de percurso de gramaticalização, com base na distinção entre macro e microdomínios funcionais. Por fim, constam as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. Formas discursivo-pragmáticas: gramaticalização e variação

As formas do nível discursivo-pragmático da língua desempenham funções gramaticais de natureza textual, interacional e atitudinal (cf. ANDERSEN, 2016; PICHLER, 2016; WATERS, 2016). Elas “articulam enunciados, regulam as relações entre parceiros

² Duarte (2019) realizou o primeiro estudo de que temos notícia sobre a variação na indicação da extensão geral no português brasileiro.

na conversação, refletem e facilitam o processo de formulação ou expressam atitudes do falante” (MIHATSCH, 2009, p. 67).

Os rótulos atribuídos a tais formas são variados: o mais comum é o de marcadores discursivos, mas encontramos também marcadores conversacionais, marcadores pragmáticos, expressões pragmáticas, partículas discursivas, conectivos discursivos, conectivos pragmáticos, operadores discursivos, preenchedores, interjeições, entre outros (cf. BRINTON, 1996; KUTEVA et al., 2019). Alguns termos têm alcance mais amplo no que diz respeito às funções abarcadas, como o de marcadores discursivos, outros têm alcance mais restrito, como o de conectores discursivos, que se limitam aos itens empregados na articulação de enunciados.

Formas discursivo-pragmáticas podem ser consideradas gramaticais se adotarmos uma perspectiva ampliada de gramática. A proposta de extensão do conceito de gramática para abrigar funções textuais, interacionais e atitudinais defendida por pesquisadores como Brinton (2006), Degand e Evers-Vermeul (2015), Diewald (2006), Pichler (2013, 2016) e Simon-Vandenberg e Willems (2011) fundamentou-se em descobertas feitas por estudos que, analisando “a distribuição sintática, propriedades linguísticas e a multifuncionalidade dos traços discursivo-pragmáticos, demonstraram que eles indubitavelmente constituem elementos integrais e indispensáveis do sistema linguístico nuclear” (PICHLER, 2013, p. 7). São formas que, embora possam não ser obrigatórias no que se refere à estrutura de constituintes, são “obrigatórias em termos de sua contribuição pragmática e interacional ao discurso” (PICHLER, 2013, p. 8).

Uma característica comum às formas sob enfoque é a sua utilização na codificação de mais de uma função discursivo-pragmática, não raro simultaneamente, situação em que as funções podem ser de natureza diversa, isto é, uma função textual pode estar sobreposta a uma interacional, por exemplo. Essa multifuncionalidade resulta da gramaticalização, um processo de mudança cognitivo-comunicativo através do qual, ao longo do tempo, “itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. xv). A gramaticalização caracteriza-se por um conjunto de mudanças correlacionadas, incluindo alterações pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e, às vezes, fonológicas.

Heine e Kuteva (2007) destacam os seguintes parâmetros que representam os tipos de alterações sofridos pelas formas em gramaticalização: (i) extensão, pela qual a forma é ampliada a novos contextos, adquirindo, assim, novos significados gramaticais (reinter-

pretação induzida pelo contexto); (ii) dessemantização, pela qual a forma sofre perda de traços do significado original que sejam incompatíveis com os novos significados; (iii) decategorização, pela qual a forma tem alteradas propriedades morfossintáticas típicas de seu uso lexical ou de seu uso em uma função gramatical prévia; (iv) erosão (redução fonética), pela qual a forma tem diminuída a sua substância fonética. Formas que adquirem funções discursivo-pragmáticas podem sofrer esses quatro tipos de alteração, o que é mais um argumento para que sejam consideradas gramaticais.³

Devido à gramaticalização, é possível que diferentes formas venham a desempenhar uma mesma função discursivo-pragmática em um determinado período de tempo, podendo ser tomadas como variantes de realização dessa função em uma pesquisa conduzida sob a égide da sociolinguística variacionista.

A sociolinguística variacionista volta-se ao fenômeno da variação linguística, analisando as escolhas feitas consciente ou inconscientemente pelos usuários da língua, sob influência de fatores diversos, entre duas ou mais formas – denominadas variantes – que codificam um mesmo significado ou função. Um conjunto de formas variantes integra uma variável linguística, conceito que corresponde ao significado ou à função codificados por essas formas. A definição das variáveis linguísticas e a identificação de suas formas variantes são os primeiros passos da pesquisa variacionista.

Assim como a variação nos níveis fonológico, morfológico, sintático, lexical, a variação discursivo-pragmática manifesta heterogeneidade ordenada, correlaciona-se a fatores sociais, estilísticos, demográficos e linguísticos e está sujeita aos princípios de mudança postulados por Labov (1990, 2001). Variantes discursivo-pragmáticas podem exibir “um pico de uso na fala adolescente em casos de mudança em progresso em tempo aparente, em linha com o modelo laboviano de incrementação logística” (PICHLER, 2013, p. 11; cf. também Tagliamonte; D’Arcy, 2009),⁴ e desvelam identidades sociais e regionais.⁵

Na próxima seção, focalizamos uma das estratégias de que podemos lançar mão

³ Não temos conhecimento de trabalhos que analisem os extensores gerais do português brasileiro no que tange à extensão, à dessemantização, à decategorização e à erosão. Quanto aos extensores gerais do inglês, Cheshire (2007), Tagliamonte e Denis (2010), Pichler e Levey (2011), entre outros, levaram em conta tais processos.

⁴ A análise em tempo aparente é um dos instrumentos utilizados na sociolinguística variacionista para a verificação da ocorrência da mudança linguística. Trata-se da distribuição das formas variantes segundo os grupos etários em que se enquadram os indivíduos que forneceram os dados. Se uma mudança estiver em progresso, possivelmente serão encontradas diferenças na distribuição das variantes entre falantes mais jovens e mais velhos, com aqueles fazendo maior uso das formas mais recentes.

⁵ A extensão da variação para além da fonologia desperta polêmica desde a década de 1970, partindo das discussões em Sankoff (1973), Labov (1978) e Lavandera (1978). No que diz respeito à variação discursiva, a primeira discussão sobre a possibilidade de sua abordagem em ótica variacionista foi feita por Dines (1980), que tratou dos extensores gerais.

para o recorte de variáveis linguísticas cujas formas de codificação são oriundas da gramaticalização.

2. Interface variação-gramaticalização: perspectiva da variação estrita

A variação resultante de processos de gramaticalização pode ser examinada sob o prisma de uma interface variação-gramaticalização, que incorpora a “pesquisa sociolinguística sincrônica em uma abordagem variacionista à pesquisa da gramaticalização” (TAGLIAMONTE, 2000, p. 329). Essa interface, com vislumbres iniciais na década de 1970 (cf. SANKOFF, 1977, 1979) e implementação na década de 1990 liderada especialmente por Shanna Poplack e Sali Tagliamonte (POPLACK; TAGLIAMONTE, 1996, 2000, entre outros),

envolve contribuições mútuas: o tratamento da variação linguística pode ser aprimorado com subsídios vindos de estudos sobre a gramaticalização, assim como a análise do processo de gramaticalização pode ser enriquecida com informações provenientes de análises variacionistas. (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 35)

A variável linguística alvo da investigação pode ser circunscrita em consonância com a perspectiva mais adotada em estudos variacionistas, a de variação estrita (cf. TAGLIAMONTE; SMITH, 2006), em que a variável corresponde a uma única função gramatical, e as variantes são as formas que expressam essa função. Se as variantes forem multifuncionais, suas outras funções são excluídas da análise. Entre os condicionadores da variação, são controlados fatores aptos a mensurar, em uma fatia temporal sincrônica, o grau de avanço da gramaticalização de cada uma das variantes na indicação da função/variável linguística averiguada. Formas mais avançadas são as que mostram menor preservação de propriedades dos usos-fonte do processo de mudança.

A título de ilustração, aludimos a um dos trabalhos pioneiros realizados na interface variação-gramaticalização. Poplack e Tagliamonte (2000) definiram como variável a referência temporal futura – um recorte em perspectiva estrita, portanto – e como variantes os verbos auxiliares marcadores de futuro do inglês *going to* e *will*. Entre os fatores condicionadores, as autoras selecionaram “elementos historicamente implicados na mudança” de *going to* de verbo lexical indicando movimento físico a verbo auxiliar indicando tempo futuro (POPLACK; TAGLIAMONTE, 2000, p. 315). São eles: o ponto de referência em relação ao momento da fala, o tipo de oração, a animacidade do sujeito, a pessoa gramatical, o conteúdo lexical do verbo principal e a proximidade no futuro.

Os dados foram extraídos de cinco corpora de língua inglesa. Três desses corpora congregam entrevistas feitas com falantes de três enclaves (Guysborough e North Preston, na Nova Escócia, e Samaná, na República Dominicana), que foram formados ao longo da diáspora que aconteceu entre o final do século XVIII e o início do século XIX, em que grupos de negros deixaram os Estados Unidos rumo a diferentes localidades. Pesquisas anteriormente levadas a cabo pelas autoras apontaram que as variedades faladas em tais enclaves conservavam traços de estágios mais antigos do desenvolvimento do inglês afro-americano, possivelmente devido ao isolamento linguístico dos enclaves em relação a variedades faladas em localidades vizinhas.

Os outros dois corpora são compostos por entrevistas com falantes de: (i) uma vila rural cuja população é formada principalmente por indivíduos brancos de origem britânica, Guysborouh Village (adjacente ao enclave Guysborouh), que, embora esteja distante geograficamente de áreas urbanas, não está isolada de áreas vizinhas; (ii) a capital nacional do Canadá, Ottawa, um grande centro urbano. Segundo Poplack e Tagliamonte (2000), os falantes da capital são os que têm maior contato com os desenvolvimentos históricos do inglês considerado culto, os falantes dos enclaves tiveram contato mínimo e os falantes da vila rural tiveram contato intermediário. A hipótese era de que quanto menos contato houvesse com a língua culta, maior a conservação de traços característicos dos primórdios da gramaticalização de *going to*.

Para mostrar como Poplack e Tagliamonte (2000) efetuaram a análise, elegemos o fator conteúdo lexical do verbo principal. A fonte lexical do uso de *going to* como verbo auxiliar indicador de futuro é seu uso como verbo de movimento em direção a um objetivo. Na etapa inicial da mudança, *going to* não aparecia em perífrases com verbos principais de movimento, como *come* (vir) e *walk* (caminhar), pois preservava ainda traços de movimento do verbo fonte, o que gerava um certo grau de redundância em relação ao verbo principal, além de criar situações que, para alguns falantes, pareciam contraditórias, como no caso de *He is going to come* (Ele vai vir). Posteriormente, o emprego auxiliar de futuro de *going to* foi estendido para verbos principais de movimento, o que significou um avanço em seu processo de mudança.

Os resultados obtidos revelaram que nem os três enclaves, nem a vila rural haviam atingido esse nível mais avançado de gramaticalização. Essas localidades “mostraram uma forte restrição estatística de *going to* (e a concomitante preferência por *will*) com verbos de movimento” (POPLACK; TAGLIAMONTE, 2000, p. 336). Em contraste, em Ottawa, o uso de *going to* com verbos de movimento era tão comum quanto com verbos

de qualquer outro significado, o que indica que a variedade culta avançou ao longo do percurso de gramaticalização de *going to*.

Na próxima seção, abordamos outra estratégia para a circunscrição de variáveis cujas formas de codificação provêm da gramaticalização.

3. Interface variação-gramaticalização: perspectiva de percurso de gramaticalização

Adotando-se como alicerce de investigação a interface variação-gramaticalização, também é possível a circunscrição da variável de acordo com a perspectiva de percurso de gramaticalização:

Essa estratégia de circunscrição da variável exige que sejam consideradas, na análise variacionista, toda a gama de funções adquiridas pelas formas variantes em seus percursos de gramaticalização (representadas pelos estágios $A > B > C...$), ou, ao menos, duas funções que se avizinhem nesses percursos (estágios $A > B$, por exemplo). (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 52)

Em contraposição a “estudos que fazem de tudo para deixá-la de fora” (CHESHIRE, 2016, p. 265), quando se assume a perspectiva de percurso de gramaticalização, é fundamental levar em conta a multifuncionalidade das formas variantes na delimitação da variável para que seja possível explicar a variação.

Essa perspectiva de abordagem foi proposta por Torres Cacoullos (2008) e Schwenter e Torres Cacoullos (2010). Um dos fenômenos analisados pelos autores foi a variação sincrônica no espanhol mexicano entre *estar* e *andar* na construção *estar/andar* + VERB-ndo como verbos auxiliares que indicam os seguintes significados aspectuais: progressivo presente (evento que está em andamento no momento da fala), contínuo presente (evento que dura por um período de tempo, mas que não necessariamente está em progresso no momento da fala) e habitual presente (evento que se repete regularmente). Todos esses significados estão vinculados ao domínio funcional imperfectivo e, historicamente, são etapas sucessivas de um processo de gramaticalização interlinguístico no decorrer do qual são atribuídas funções aspectuais a verbos lexicais com significado locativo (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994) – no caso de *estar* + VERB-ndo, “estar situado em”, e, no caso de *andar* + VERB-ndo, “ir ao redor”.

A circunscrição da variável abarcou os três significados imperfectivos partilhados por *estar* e *andar*. Os dados foram correlacionados a grupos de fatores linguísticos e sociais. Destacamos os resultados referentes a dois deles: classe semântica do verbo princi-

pal e ambientação da atividade. *Andar* foi favorecido por verbos de movimento direcional e não direcional e verbos de atividade física. *Estar* foi favorecido pelas demais classes semânticas verbais (elocução, atividade geral, atividade corporal, e, agrupadas, mental, percepção e locativo-estativo). *Andar* foi favorecido em atividades externas e *estar* em atividades internas. As diferenças foram atribuídas às diferentes origens lexicais dos verbos auxiliares em tela.

Torres Cacoullos (2008) e Schwenter e Torres Cacoullos (2010) não apresentaram a distribuição quantitativa das variantes *estar* e *andar* relativamente às três funções aspectuais. Essa distribuição pode ser significativa para o diagnóstico do estágio sincrônico de cada forma em seu percurso de gramaticalização. Em uma perspectiva de percurso de gramaticalização, as funções partilhadas pelas formas variantes que representem etapas vizinhas no desenrolar da mudança podem ser controladas como fatores em um tratamento estatístico multivariado, o que permite identificar: (i) especializações funcionais correntes de cada variante, que podem ser motivadas pela persistência de traços do significado-fonte, e, se a mudança ainda estiver em andamento, (ii) possíveis especializações futuras, que representam avanços no processo de gramaticalização de cada forma (cf. TAVARES, 2003, 2014).

Se as funções são controladas como fatores condicionadores, qual é a variável linguística? Para casos de gramaticalização em que as funções adquiridas pelas formas integram domínios funcionais amplos, Görski e Tavares (2017) sugerem que o recorte da variável se dê sobre o macrodomínio. Para a definição de domínios funcionais, as autoras recorrem a Talmy Givón.

Conforme Givón (1995, 2002, 2011, entre outros), a gramática é um mecanismo complexo que tem como função a produção de comunicação coerente. Ela codifica dois dos níveis da língua,⁶ a semântica proposicional e a pragmática discursiva, através de domínios funcionais. A semântica proposicional refere-se às “informações sobre eventos/estados relativamente a quem fez o que a quem, quando, onde e como” (GIVÓN, 2011, p. 7). A pragmática discursiva refere-se ao “ao contexto comunicativo no qual as informações sobre eventos/estados são negociadas no discurso coerente”, envolvendo o “sequenciamento de informações no discurso articulado, ou a interação comunicativa entre o falante e o ouvinte” (GIVÓN, 2011, p. 7).

Em ambos os níveis, cada domínio funcional pode conter vários microdomínios. O domínio funcional amplo – macrodomínio – representa uma função mais geral que engloba funções mais específicas – microdomínios – caracterizadas por manifestarem, além

⁶ Segundo Givón, a língua possui ainda um outro nível, o do léxico conceptual.

de seus traços semântico-pragmáticos específicos, traços da função mais geral. Alguns microdomínios podem ser eles mesmos macrodomínios se recobrirem funções ainda mais específicas.

Um caso é o do macrodomínio funcional TAM (tempo, aspecto e modalidade), que agrega os microdomínios tempo, aspecto e modalidade. Cada um desses microdomínios agrega outros, em uma relação de superordenação. Por exemplo, os aspectos perfectivo (evento apresentado com foco na conclusão e na delimitação) e imperfectivo (evento apresentado com foco na duração e na repetição) são microdomínios em relação ao aspecto, que é, portanto, o macrodomínio que os contém.⁷ O aspecto imperfectivo recobre os aspectos progressivo, durativo e contínuo (eventos em andamento) e os aspectos habitual e repetitivo (eventos que se repetem), que podem ser considerados microdomínios do aspecto progressivo, compreendido assim como um macrodomínio. É possível delimitar microdomínios ainda mais específicos, como, para o aspecto progressivo, o progressivo presente e o progressivo passado.⁸

Se aplicássemos ao fenômeno variável analisado por Torres Cacoullos (2008) e Schwenter e Torres Cacoullos (2010) a estratégia de circunscrição do objeto de estudo baseada no domínio funcional, a variável seria o macrodomínio aspecto progressivo. Os microdomínios progressivo presente, contínuo presente e habitual presente, que representam etapas sucessivas no percurso de gramaticalização de *estar* e *andar* na construção *estar/andar* + VERB-ndo, comporiam um dos grupos de fatores “condizentes com os estágios dos percursos de mudança postulados para essas formas” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 53).

A estratégia de recorte da variável baseada no domínio funcional também pode ser utilizada em casos de variação discursivo-pragmática, postulando-se uma relação escalar entre domínios/funções mais amplos e domínios/funções mais específicos. Microdomínios vizinhos no percurso de gramaticalização seriam então controlados como fatores condicionadores na escolha das formas variantes discursivo-pragmáticas.

Na próxima seção, mobilizamos tal estratégia de circunscrição da variável para a delimitação de um fenômeno de variação discursivo-pragmática no português brasileiro, a extensão geral.

⁷ Distinguimos os (sub)tipos aspectuais em conformidade com Givón (2001a/b).

⁸ Entre os macrodomínios gramaticais explorados por Givón (1995, 2002, 2011, entre outros), além de TAM, estão negação, coerência referencial, quantificação, voz, posse, comparação, contraste, atos de fala, nominalização, subordinação, concordância.

4. Extensão geral: a questão dos (macro)(micro)domínios

Os extensores gerais

constituem uma classe de expressões que tipicamente ocorre na posição final da oração e tem a forma básica de uma conjunção mais um sintagma nominal. Denomino essas expressões de “extensores gerais” porque são não específicos e “extensores” porque estendem enunciados que, caso contrário, seriam completos. (OVERSTREET, 1999, p. 3)

Abordamos os extensores gerais E TAL e E TUDO, descrevendo duas funções por eles desempenhadas: marcação de categoria e requisição de solidariedade. Os dados foram extraídos do Banco de Dados FALA-Natal. Esse banco de dados é composto de entrevistas sociolinguísticas feitas com 48 informantes natalenses de quatro faixas etárias (12 indivíduos de 8 a 12 anos, 12 indivíduos de 15 a 21 anos, 12 indivíduos de 25 a 45 anos e 12 indivíduos de mais de 50 anos).

A primeira função identificada em pesquisas que analisaram os extensores gerais foi a de marcação de categoria, definida em Dines (1980)⁹ e adotada em pesquisas posteriores que trataram do mesmo fenômeno (cf. OVERSTREET, 1999; AIJMER, 2002, 2013; MARTÍNEZ, 2011; PICHLER; LEVEY, 2011; DENIS, 2015; FERNÁNDEZ, 2015; SECOVA, 2017, entre outros).

Nessa função, o extensor geral indica que os sintagmas nominais que o precedem, organizados em forma de lista, são exemplos ilustrativos de uma categoria mais ampla, ou seja, o extensor geral “marca um conjunto de itens como pertencendo à mesma categoria” (MARTINEZ, 2011, p. 2466). Com base nos exemplos dados, o ouvinte pode inferir a categoria que os abrange e, desse modo, pode lembrar de outros de seus membros que não foram citados, mas que poderiam ter sido.

Ao utilizar um extensor geral na função de marcação de categoria, o falante confia que seu interlocutor conseguirá evocar elementos não mencionados por ter experiência com esse tipo de elemento. Para que o processo de inferência possa ser bem-sucedido, é necessário que haja, entre os envolvidos na interação, um fundo de conhecimento em comum a respeito da categoria em causa: “um falante indica a um ouvinte que ele acredita que o ouvinte tem conhecimento partilhado suficiente com o falante para reconstruir um possível conjunto” (DENIS, 2015, p. 87).

⁹ Dines (1980), pioneira na análise dos extensores gerais, nomeou as formas de tags de marcação de categoria e a função desempenhada por elas de marcação de categoria. No inglês, entre os extensores gerais mais frequentes atualmente são *and that*, *and all*, *and things*, *and everything*, *and anything* e *and stuff* (cf. Denis, 2015; Tagliamonte, 2016, entre outros).

A seguir, apresentamos ocorrências em que os extensores gerais desempenham a função de marcação de categoria:

- (3) “Ou você paga ou então vamos criar um caso” “não, não, a gente vai ver aí como seria a questão de você não ter que receber esse dinheiro”. Meu irmão, como é um cara bem compreensivo nesse ponto, ele disse “se você bater...”. Que na construção civil se eu não me engano eles têm essa coisa de bater com uma vassoura, tipo um cabinho, um negócio assim. Cada cômodo de três por três dá nove metros quadrados, ou que seja maior, cada vão, cada quarto, sala *e tal*, se tiver mais do que cinco peças de cerâmica fofa, oca, você não pode receber o dinheiro por aquele serviço. (BDFN)
- (4) Não, não. Eu trabalhei mais meu pai que era mestre de obra, J. P., trabalhei com ele uns cinco anos e quando eu tava com dezoito anos ele faleceu, eu já tinha aquela base mais ou menos de como iniciar um serviço e concluir e fazer tudo, né? Desde a parte hidráulica, parte elétrica *e tudo*. Aí eu vou, entrego pra pessoa e fica pronto pra venda. (BDFN)

Em (3), com base nos exemplos mencionados pelo informante – *cada vão, cada quarto, sala* –, o entrevistador pode concluir que a categoria em jogo é *compartimentos de uma residência*, e torna-se então capaz de preencher a lista com outras possibilidades. Em (4), *parte elétrica* e *parte hidráulica* são apresentadas como membros de uma categoria que é apenas implicada (as etapas de construção de uma residência), ficando por conta do entrevistador inferir outras etapas, como parte do alicerce, parte da alvenaria, parte da cobertura, parte do acabamento.

Mesmo que tenha sido mencionado apenas um item, os extensores gerais indicam que há mais elementos na categoria que está em pauta. A ocorrência em (5) ilustra essa possibilidade: o uso do extensor geral sugere que mais produtos roubados poderiam ter sido listados, e que *bicicleta roubada* é apenas um exemplo representativo de uma categoria mais ampla.

- (5) Aí no outro dia o oficial de justiça, que já... dona C. já tinha botado na justiça pra mãe desse menino sair de dentro de casa com ele, porque ela não aguentava mais, ele roubava e ia pra dentro de casa e às vezes trazia bicicleta roubada *e tudo* e ela dizia... não deixava ele entrar com as coisa roubada, e ele ameaçava

ela, ela foi e deu parte. Aí com isso que aconteceu dona C. foi e ligou para o oficial de justiça e falou o que tinha acontecido. (BDFN)

Em todos os casos, o falante parece presumir que o ouvinte é capaz de interpretar o extensor geral como um indicador de que há algo mais na categoria à qual pertencem os elementos listados. Quando atuam na marcação de categoria, os extensores gerais podem ser substituídos por “etc.” (*et cetera* = e outras coisas), extensor geral mais comumente empregado na escrita, o que não é possível quando os extensores gerais atuam na requisição de solidariedade.

A requisição de solidariedade é tematizada em Overstreet (1999, 2005, 2014), Terraschke e Holmes (2007), Martínez (2011), Aijmer (2013), Wagner et al. (2015), Fernández (2015), Secova (2017), entre outros. Ao utilizar um extensor geral nessa função, o falante confia que o ouvinte tenha conhecimento sobre o tópico que está sendo abordado e, assim, requer sua solidariedade: não é preciso fornecer informações detalhadas sobre o tópico porque o ouvinte o domina.

Trata-se de uma estratégia que, segundo Martínez (2011), permite estabelecer conexão e harmonia entre os interlocutores: o falante “está interessado em partilhar a experiência com o ouvinte” (MARTÍNEZ, p. 2467). Para Terraschke e Holmes (2007, p. 2000), a

suposição de conhecimento comum reduz a distância social e contribui para a construção de solidariedade interpessoal. Consequentemente, os extensores gerais se comportam como mecanismos de polidez positiva pois eles requerem solidariedade.

Seguem duas ocorrências:

- (6) Eh... gosto muito quando alguém tá falando alguma coisa de espiritismo *e tal*, mas eu nunca fui a um centro espírita não, mas eu acho que tem tudo a ver assim com o que a gente vive e tal. (BDFN)

Em (6), ao aludir ao espiritismo, o informante parece crer que o entrevistador tenha conhecimento sobre essa doutrina religiosa e, então, não precisa fornecer mais informações sobre ela. Há uma suposição de familiaridade e conexão social entre ele e seu parceiro na conversação, o que leva o informante a requerer sua solidariedade:

“maior inexplicitude implica maior aproximação social e solidariedade, sinalizando que os falantes são socialmente próximos o suficiente para deixar algumas coisas não ditas” (WAGNER et al., 2015, p. 725). No entanto, se não houver conhecimento compartilhado, a solidariedade não será possível e o interlocutor pode pedir mais informações sobre o tópico tratado.

- (7) Sim. E aí ela ligou dizendo que tava grávida, que... aí pronto, foi uma felicidade pra todo mundo aqui, né? Porque é o primeiro neto, primeiro bisneto, primeiro sobrinho. K., que era toda assim diferente, ficou feliz da vida porque vai ser tia, né? Aí pronto, pra gente foi muito bom. E ele ficou... ele ficou com uma sensação assim... ele ficou feliz, mas ao mesmo tempo, com medo, que ele disse, “mainha, eu tô feliz, mas tô com medo”. Digo: “mas todo mundo tem essa sensação quando... quando a mulher engravida a primeira vez assim *e tudo*, dá aquele medo da responsabilidade, né? Que a partir de agora não vai ser responsabilidade só sobre você, vai ser sobre você e... e o bebê, né? E a sua vida de casado. Mas graças a Deus vai dar certo”. Aí ele... ele foi, o pai dela é doido por ele, a mãe também, a família dela toda gostou muito de P. (tudo o que uma primeira gravidez envolve)

Em (7), a informante fala a respeito da reação de seu filho P. à descoberta da primeira gravidez de sua esposa. O extensor geral *e tudo* pode ter sido empregado na confiança de que o entrevistador tenha algum tipo de experiência anterior com a sensação de medo que pode ser despertada pela chegada do primeiro filho. Havendo essa experiência, o entrevistador pode ser solidário com o informante na construção de um terreno comum quanto ao que está sendo dito sem que nada mais precise ser informado. Utilizado dessa forma, o extensor geral afeta “a cooperação, a partilha ou intimidade entre falante e ouvinte, incluindo confirmar suposições compartilhadas” (BRINTON, 1996, p. 38).

Pesquisas como as relatadas por Cheshire (2007), Tagliamonte e Denis (2010), Pichler e Levey (2011) obtiveram indícios de que os extensores gerais do inglês passaram a ser usados na função de requisição de solidariedade a partir da função de marcação de categoria. Esse processo de gramaticalização envolveu extensão funcional, dessemantização, decategorização e erosão – os parâmetros de mudança propostos por Heine e Kuteva (2007).

Dado o caráter universal típico dos percursos de gramaticalização (cf. KUTEVA et al., 2019), é provável que trajetórias de mudança similares conduziram os extensores gerais E TAL e E TUDO da função de marcação de categoria à função de requisição de solidariedade. Estudos vindouros poderão testar essa hipótese.

Defendemos que a extensão geral pode ser tratada como um fenômeno superordenado, em consonância com a proposta de Givón (1995, 2002, 2011, entre outros). Nessa ótica, a extensão geral representa o macrodomínio/macrofusão amplo, que agrega microdomínios/microfunções mais específicas, a marcação de categoria e a requisição de solidariedade.

Qual é a característica que a marcação de categoria e a requisição de solidariedade têm em comum que permite que elas sejam recobertas pelo macrodomínio da extensão geral? Em ambas, temos a extensão de algo dito para algo não dito, porém inferível a partir do que foi dito. Essa extensão, no entanto, acontece de maneira distinta.

No que se refere à marcação de categoria, é necessário que falante e ouvinte partilhem conhecimento sobre uma dada categoria da qual são membros os itens mencionados pelo falante, restando ao ouvinte imaginar outros possíveis itens a ela vinculados. Assim, o extensor geral atua como um indicador de que, na categoria em questão, se associam mais itens de mesmo tipo, ou seja, uma possível lista mais abrangente de itens não é detalhada, mas estendida através do extensor geral para que o ouvinte a complete.

A requisição de solidariedade exige também conhecimento partilhado, mas não sobre uma categoria de itens delimitáveis, e sim sobre o que está envolvido em uma certa situação. O ouvinte mobiliza o que sabe sobre essa situação e pode, conseqüentemente, ser solidário ao falante, estendendo aquilo que apenas foi mencionado para o conhecimento mais amplo que detém sobre o tópico abordado. Torna-se, assim, cúmplice de seu interlocutor na construção do discurso.

Para realizar a análise da variação entre os extensores gerais E TAL e E TUDO em perspectiva de percurso de gramaticalização, podemos delimitar a variável levando em conta a distinção entre macro e microdomínios. A extensão geral, enquanto macrodomínio/macrofusão, seria tomada como a variável alvo da pesquisa. Por sua vez, a marcação de categoria e a requisição de solidariedade, enquanto microdomínios/microfunções, seriam controladas como fatores que podem influenciar a distribuição das variantes.

Essa estratégia de circunscrição da variável permite verificar se um dos extensores gerais está em um estágio mais avançado do processo de mudança. Nesse sentido, uma hipótese plausível é a de que, quanto mais gramaticalizado estiver um extensor geral, maior

será sua especialização na codificação da requisição de solidariedade, que representa uma etapa posterior do desenvolvimento da mudança.

Caso idade seja controlada em uma perspectiva de tempo aparente, a correlação entre os microdomínios e diferentes grupos etários pode revelar uma mudança em progresso em um determinado recorte sincrônico. Nesse caso, o esperado seria uma maior utilização do extensor mais gramaticalizado como indicador de requisição de solidariedade na fala de indivíduos cada vez mais jovens.

Considerações finais

No processo de circunscrição de variáveis linguísticas gramaticais, primeiro passo da pesquisa, é possível recorrer a uma perspectiva de variação estrita, em que apenas um domínio/função é definido como objeto de estudo. Quando as variantes são formas multifuncionais cujas funções são etapas vizinhas em uma trajetória de gramaticalização, a circunscrição também pode ser realizada em outra perspectiva, a de percurso de gramaticalização.

Recomendamos, para o tratamento de variantes desse tipo, a adoção de uma perspectiva de variação-gramaticalização que se pautar na distinção entre macro e microdomínios funcionais. Essa estratégia permite levar em conta a multifuncionalidade das formas na análise: o macrodomínio é delimitado como variável linguística e os microdomínios são avaliados como possíveis fatores condicionadores da variação.

Tal método de circunscrição da variável pode ser aplicado a formas variantes provenientes de gramaticalização independentemente do nível linguístico em que elas atuem, incluindo formas discursivo-pragmáticas, o que permite uma abordagem integrada à variação no âmbito gramatical.

Referências

- AIJMER, Karin. *English discourse particles: evidence from a corpus*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- AIJMER, Karin. General extenders. In: AIJMER, Karin. *Understanding pragmatic markers: a variational pragmatic approach*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013. p. 127-147.
- ANDERSEN, Gisle. Using the corpus-driven method to chart discourse-pragmatic change. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 21-40.
- BRINTON, Laurel. *Pragmatic markers in English: grammaticalization and discourse functions*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1996.

BRINTON, Laurel. Pathways in the development of pragmatic markers in English. In: VAN KEMENADE, Ans; LOS, Battelou (Ed.). *The handbook of the history of English*. London: Blackwell, 2006. p. 307-334.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CHESHIRE, Jenny. Discourse variation, grammaticalization and stuff like that. *Journal of Sociolinguistics*, New Jersey, 11, n. 2, p. 155-193, apr. 2007.

CHESHIRE, Jenny. Epilogue: the future of discourse-pragmatic variation and change research. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 252-266.

DEGAND, Liesbeth; EVERS-VERMEUL, Jacqueline. Grammaticalization or pragmaticalization of discourse marker? More than a terminological issue. *Journal of Historical Pragmatics*, Amsterdam, v. 16, n. 1, p. 59-85, apr. 2015.

DENIS, Derek. *The development of pragmatic markers in Canadian English*. Department of Linguistics, University of Toronto. Dissertation. 2015.

DIEWALD, Gabriele. Discourse particles and modal particles as grammatical elements. In: FISCHER, Kerstin (Ed.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 403-425.

DINES, Elizabeth R. Variation in discourse – ‘and stuff like that’. *Language in Society*, Cambridge, v. 9, n. 1, p. 13-31, apr. 1980.

DUARTE, Ana Clarissa Viana. *Variação discursiva e gramaticalização: extensores gerais na fala natalense*. 2019. 90 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

FERNÁNDEZ, Julieta. General extenders use in spoken Peninsular Spanish: metapragmatic awareness and pedagogical implications. *Journal of Spanish Language Teaching*, Abingdon, v. 2, n. 1, p. 1-17, apr. 2015.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001a/ b.

GIVÓN, Talmy. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

GIVÓN, Talmy. *Ute reference grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira Rezende (Org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 35-63.

- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2nd. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, Austin, v. 44, p. 1-17, apr. 1978.
- LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 2, n. 2, p. 205-254, july. 1990.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, Cambridge, v. 7, n. 2, p. 171-82, aug. 1978.
- KUTEVA, Tania et al. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- MARTÍNEZ, Ignacio M. Palacios. "I might, I might go I mean it depends on money things and stuff. A preliminary analysis of general extenders in British teenagers' discourse. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 43, n. 9, p. 2452-2470, jul. 2011.
- MIHATSCH, Wiltrud. The approximators French *comme*, Italian *come*, Portuguese *como* e Spanish *como* from a grammaticalization perspective. In: ROSSARI, Corinne; RICCI, Claudia; SPIRIDON, Adriana (Ed.). *Grammaticalization and pragmatics: facts, approaches, theoretical issues*. United Kindon: Emerald, 2009. p. 65-91.
- OVERSTREET, Maryann. *Whales, candlelight and stuff like that*. New York: Oxford University Press, 1999.
- OVERSTREET, Maryann. And stuff und so: Investigating pragmatic expressions in English and German. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 37, n. 11, p. 1845-1864, nov. 2005.
- OVERSTREET, Maryann. The role of pragmatic function in the grammaticalization of English general extenders. *Pragmatics*, Amsterdam, v. 24, n. 1, p. 105-129, mar. 2014.
- PICHLER, Heike. *The structure of discourse-pragmatic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.
- PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- PICHLER, Heike; LEVEY, Stephen. In search of grammaticalization in synchronic dialect data: general extenders in northeast England. *English Language and Linguistics*, Cambridge, v. 15, n. 3, p. 441-471, nov. 2011.
- POPLACK, Shana; TAGLIAMONTE, Sali A. Nothing in context: variation, grammaticization and past time marking in Nigerian Pidgin English. In: BAKER, Philip; SYEA, Anand (Eds.). *Changing meanings, changing functions*. Papers relating to

grammaticization in contact languages. London: University of Westminster Press, 1996. p. 71-94.

POPLACK, Shana; TAGLIAMONTE, Sali A. The grammaticization of *going to* in (African American) English. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 11, n. 3, p. 315-342, oct. 2000.

SANKOFF, Gillian. Above and beyond phonology in variable rules. In: BAILEY, Charles-James N.; SHUY, Roger W. (Eds.). *New ways of analyzing variation in English*. Washington: Georgetown University Press, 1973. p. 42-62.

SANKOFF, Gillian. Variability and explanation in language and culture: cliticization in New Guinea Tok Pisin. In: SAVILLE-TROIKE, Muriel (Ed.). *Linguistics and anthropology*. Washington: Georgetown University Press, 1977. p. 59-73.

SANKOFF, Gillian. The genesis of a language. In: HILL, Kenneth C. (Ed.). *The genesis of language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, 1979. p. 23-47.

SCHWENTER, Scott A.; TORRES CACOULOS, Rena. Defaults and indeterminacy in temporal grammaticalization: the 'perfect' road to perfective. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 20, n. 1, p. 1-39, mar. 2008.

SECOVA, Maria. Discourse-pragmatic variation in Paris French and London English: Insights from general extenders. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 114, p. 1-15, jun. 2017.

SIMON-VANDENBERGEN, Anne-Marie; WILLEMS, Dominique. Crosslinguistic data as evidence in the grammaticalization debate: the case of discourse markers. *Linguistics*, Berlin, v. 49, n. 2, p. 333-364, mar. 2011.

TAGLIAMONTE, Sali A. Antecedents of innovation: exploring general extenders in conservative dialects. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 115-138.

TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Jennifer. Layering, competition and a twist of fate: deontic modality in dialects of English. *Diachronica*, Amsterdam, v. 23, n. 2, p. 341-380, dec. 2006.

TAGLIAMONTE, Sali A.; D'ARCY, Alexandra. Peaks beyond phonology: adolescents, incrementation, and language change. *Language*, Washington, v. 85, n. 1, p. 58-107, dec. 2009.

TAGLIAMONTE, Sali A.; DENIS, Derek. The stuff of change: General extenders in Toronto, Canada. *Journal of English Linguistics*, Los Angeles, v. 38, n. 4, p. 335-368, may. 2010.

TAVARES, Maria Alice. *Agramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista*. Natal: EDUFRN, 2014.

TERRASCHKE, Agnes; HOLMES, Janet. ‘Und tralala’: vagueness and general extenders in German and New Zealand English. In: CUTTING, Joan (Ed.). *Vague language explored*. New York: Palgrave MacMillan, 2007. p. 198-220.

TORRES CACOULOS, Rena. Variation and grammaticalization. In: DÍAZ-CAMPOS, Manuel (Ed.). *The handbook of Hispanic sociolinguistics*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2011. p. 148-167.

WAGNER, Suzanne Evans et al. Quantifying the referential function of general extenders in North American English. *Language in Society*, Cambridge, v. 44, n. 5, p. 705-731, nov. 2015.

WATERS, Cathleen. Practical strategies for elucidating discourse-pragmatic variation. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 41-55.



Data de submissão: 25/02/2020

Data de aceite: 28/05/2020

**EXPANSÃO NO SISTEMA DE CONCESSIVIDADE:
A GRAMATICALIZAÇÃO DE APESAR DE (QUE)
NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS**

EXPANSION OF THE CONCESSIVE SYSTEM: THE GRAMMATICALIZATION
OF APESAR DE (QUE) IN THE HISTORY OF PORTUGUESE

Sanderléia Roberta Longhin | [Lattes](#) | sanderleia.longhin@unesp.br
Universidade Estadual Paulista | CNPq

Resumo: Este artigo trata do processo de gramaticalização do qual resultou a perífrase concessiva *apesar de (que)* na história em português. Com base no caráter fundante de mecanismos cognitivos e pragmáticos, no impacto dos contextos de uso e em um protótipo de juntor concessivo, busco responder às questões: que traços do nome *pesar*, aliados a contextos particulares, ajudam a explicar a predisposição à mudança? como as relações concessivas expressas por *apesar de (que)* refletem fatos de seu percurso de constituição? que relações podem ser apreendidas entre a implementação gradual da mudança de significado e a composição estrutural como juntor complexo? A pesquisa é conduzida à luz de uma metodologia diacrônica pautada nos padrões polissêmicos de *pesar*, com suas respectivas propriedades distribucionais. Os resultados fornecem um mapa cronológico detalhado de possíveis estágios de mudança, nos quais sobressaem o peso da fonte *pesar*, enquanto *shell noun*, para as generalizações sintática e semântica e para a ação dos processos inferenciais que habilitaram as relações concessivas dos tipos causa negada e restritiva.

Palavras-chave: Gramaticalização. Junção. Diacronia. Concessão.

Abstract: This paper discusses the grammaticalization process that generated the concessive periphrasis *apesar de (que)* in the history of Portuguese. Based on the founding nature of cognitive and pragmatic mechanisms, on the impact of contexts of use, and on a prototype of a concessive marker, our goal is to answer the following questions: which features of the noun *pesar*, combined with specific contexts, do help us explain the predisposition to this change? In which way do the concessive relations conveyed by *apesar de (que)* reflect facts of its constitution journey? Which relations may be apprehended with the gradual implementation of semantic change, and the structural composition as a complex junctive word? The research is carried out regarding the diachronic methodo-

logy ruled by polysemic patterns of *pesar*, with its respective distributive properties. The results provide a detailed chronological map of possible stages of change, in which the weight of the source word *pesar*, as a *shell noun*, is highlighted for syntactic and semantic generalizations and also for the action of the inferential processes that allowed concessive relations of cause denied and restrictive.

Keywords: Grammaticalization. Junction. Diachrony. Concession.

Introdução

O sistema de concessão do português não mostra herança do quadro conjuncional latino e os mecanismos de junção concessiva hoje disponíveis, tipicamente frasais como, por exemplo, *ainda que*, *mesmo que*, *se bem que*, *a pesar de (que)*, *sem que*, etc., resultaram da reinterpretação de material do próprio repertório da língua, em desenvolvimentos históricos até certo ponto previsíveis a partir da relativa transparência das fontes e da afinidade entre concessividade e outros domínios semânticos. Em perspectiva translinguística, no conjunto das fontes mais produtivas para a criação de jutores¹ concessivos estão palavras e construções que expressam sentimentos humanos (KÖNIG, 1985; HARRIS, 1988), de que o nome *pesar*, do português, é uma instância. Neste trabalho, investigo, em viés diacrônico, o processo de gramaticalização que levou o nome *pesar* a ser reinterpretado, em contextos específicos, como *juntor* complexo, *apesar de* e *apesar de que*, que expressa relações concessivas, como em (1) a (3)², dados extraídos do *corpus* desta pesquisa.

- (1) **Apesar da** idade, ainda usava chupeta. (20AVE)
- (2) (...) fomos subindo, a 7 mil, na velocidade de um avião próprio para tais alturas. **Apesar de** levarmos todos máscara de oxigênio o coração baqueou e cheguei até a ter hemorragia nasal (20CFF)
- (3) Os aromáticos são empregados a vontade, **apesar de que** não contribuem de modo algum para a conservação d' este alimento. (20CDC)

Esses dados mostram que as construções com *pesar* podem se realizar em esquemas sintáticos diferentes: em (1), *apesar de* seleciona um nome; nos demais, seleciona ora-

¹ Utilizo *juntor* como termo genérico para referir a vários mecanismos de conexão que incluem conjunção, preposição, perífrase conjuncional, perífrase preposicional e expressão adverbial conjunta.

² As siglas, no final dos exemplos, indicam a procedência do dado: o número indica o século e as letras, as iniciais do texto. A relação completa dos textos com as respectivas siglas é apresentada no Quadro 1, Seção 2.

ções, não finita e finita, respectivamente. A ordem das orações é variável e se correlaciona com manobras concessivas distintas. Compare (1) e (2), concessivas antepostas, cujo significado se baseia em uma pressuposição de causalidade; e (3), posposta, cujo significado se baseia em um procedimento de restrição.

Filiando-me a um quadro teórico pautado no caráter fundante dos mecanismos cognitivos e pragmáticos e no impacto dos contextos de uso (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010³), o objetivo maior deste artigo é alcançar uma explicação sobre as condições em que se processaram as alterações categorial e semântica, buscando responder às questões: que traços do nome *pesar*, aliados aos contextos de uso, ajudam a explicar a predisposição à mudança? como as nuanças concessivas específicas das construções com *pesar* refletem fatos de seu percurso de constituição? que relações podem ser apreendidas entre a implementação gradual da mudança de significado e a composição estrutural como juntor complexo? Os padrões polissêmicos com suas respectivas propriedades distribucionais constituem o eixo metodológico norteador que, juntamente com um protótipo de juntor concessivo, permitirão investigar, em perspectiva longitudinal, o processo gradual de consolidação dos traços de forma e de significado que estão em jogo para a constituição da nova construção⁴.

Organizo o artigo em três seções, excetuando-se esta Introdução e as Considerações Finais. Na primeira seção, apresento os subsídios teóricos e reúno propriedades que possibilitam delinear um protótipo de juntor concessivo. Na segunda, descrevo os critérios utilizados para seleção da amostra e recorte do *corpus* e exponho as decisões tomadas para a operacionalização metodológica, tendo em vista as questões de pesquisa. Na terceira seção, compartimentada em duas subseções, apresento a análise dos dados e a interpretação dos resultados.

1. Quadro teórico

Este trabalho é desenvolvido sob os pressupostos teórico-metodológicos da gramaticalização, nos moldes de Traugott e Dasher (2002), Heine e Kuteva (2007) e Bybee (2010), que fornecem subsídios para descrição de processos de mudança – graduais e

³ Trabalhos similares, nessa perspectiva teórica, foram realizados acerca de *in spite of*, do inglês (BYBEE, 2010), e de *a pesar de*, do espanhol (TORRES CACOULOS; SCHWENTER, 2005; TORRES CACOULOS, 2006). A trajetória de mudança de *apesar de (que)*, do português, tal como descrita neste trabalho, mostra regularidades com aquelas do inglês e do espanhol, reforçando tendências filogenéticas no âmbito da junção concessiva.

⁴ Utilizo *construção* para me referir ao próprio juntor, que é fruto da reanálise de uma sequência de palavras, como também para me referir ao esquema de junção de que o juntor participa e do qual resulta a expressão de concessão. Nesses termos, a construção é a unidade de análise.

relativamente regulares – que resultam em construções mais gramaticais, mais abstratas e mais subjetivas. Os processos de gramaticalização constituem evidências de que os sistemas linguísticos são produtos emergentes cujas motivações repousam nas condições de uso e no processamento cognitivo.

Em gramaticalização, o conceito de *chunking*, refinado em Bybee (2010), é especialmente importante para explicar a formação de unidades frasais, como as perífrases com *pesar*. Entende-se por *chunk* uma sequência de palavras que, usada em dado contexto, desenvolve relações e passa a ser processada e enunciada como um bloco coeso. A exposição dessas sequências à repetição favorece a perda de transparência dos seus componentes, nos níveis morfossintático e semântico, e confere aos *chunks* graus crescentes de convencionalização. Associadas à noção de *chunk* estão, portanto, as medidas de *composicionalidade* e *analísabilidade*. A composicionalidade é semântica, refere-se ao grau de previsibilidade do significado da construção a partir do significado de suas partes, a analisabilidade é morfossintática, refere-se ao grau de reconhecimento das partes componentes, morfemas e palavras, e à contribuição de cada uma para a construção. Com o avanço da mudança, o que se espera observar é a perda gradual de traços de analisabilidade e de composicionalidade, tão fundamental para a formação da nova construção (BYBEE, 2010).

A mudança de significado que acompanha a gramaticalização tem duas faces e ambas estarão em pauta. Há, por um lado, uma tendência ao enfraquecimento ou *generalização* do significado fonte, mecanismo que possibilita a expansão e a adequação da construção a novos contextos. Por outro, há ganhos oriundos de *enriquecimentos inferenciais*, que dependem de uma convergência entre informações contextuais e estruturas conceituais partilhadas. As estruturas conceituais, cruciais para o mecanismo inferencial, são parte de representações mentais continuamente ampliadas pelas tantas experiências dos usuários com a língua. Algumas inferências ganham força, em determinados contextos, a ponto de tornarem-se parte do significado da construção.

Há evidências em inúmeras línguas de que a mudança de significado tem uma direção previsível rumo ao aumento de subjetividade. Em diacronia, a *subjetivização* consiste em um processo semasiológico, de natureza gradiente, pelo qual, no curso do tempo, o usuário desenvolve significados capazes de expressar suas perspectivas ou atitudes a respeito do conteúdo das proposições, das posições argumentativas e do próprio evento comunicativo (TRAUGOTT; DASHER, 2002).

As relações concessivas são altamente subjetivas, compreendem “one of the most interesting achievements of human intellect” (RUDOLPH, 1996, p. 385). São utilizadas para enfatizar que os eventos colocados em combinação contradizem as expectativas, considerando as experiências e o conhecimento de mundo. Realizam-se em construções binárias do tipo *embora p, q*, em que *p* e *q* são estados de coisas afirmados no contexto de uma suposição relativa à incompatibilidade geral de tais situações. O padrão de implicação é *normalmente se p, então não-q* (KÖNIG, 1985; RUDOLPH, 1996; KORTMANN, 1997; entre outros), no qual intervém os conceitos de causalidade e de negação.

1.1 Um protótipo de juntor concessivo

O trânsito de nome a juntor complexo é um caminho previsível para ampliação de paradigmas conjuncionais nas línguas (PAUL, 1886; KORTMANN, 1997; HAGÈGE, 2001). Esse trânsito implica obviamente perdas e ganhos de propriedades formais e semânticas. Para a análise dos ganhos, busco um protótipo de juntor concessivo, para que do reconhecimento das propriedades típicas seja possível extrair uma espécie de roteiro metodológico a ser percorrido na análise das construções em mudança, nos vários estados de língua.

Algumas dessas propriedades são equacionadas em Kortmann (1997). O autor elenca propriedades gerais típicas de conectores que realizam subordinação adverbial e/ou de construções de que eles participam: são formas não passíveis de flexão; operam sobre uma estrutura em sujeito e predicado não necessariamente finita; não exercem função sintática dentro da oração que encabeçam e assumem posição fixa na margem da oração. Para conectores perifrásticos, incluindo os de base nominal, foco deste trabalho, Kortmann afirma que o pertencimento à categoria depende da satisfação de pelo menos uma das três condições: os elementos da perífrase devem exibir uma fusão mínima; devem ter perdido algumas das propriedades do sintagma original; e a expressão deve ter um significado adverbial que não seja obtido do significado das partes. A aplicação dessas condições ao estudo da perífrase *apesar de*, como se verá, depende do refinamento dos parâmetros de aferição. As duas primeiras condições, de fundo morfossintático, estão ligadas às medidas de analisabilidade, enquanto a terceira, de fundo semântico, às medidas de composicionalidade.

Os jutores concessivos, como é peculiar à junção contrastiva, têm dois componentes: o *conceitual*, codificado semanticamente, que ativa conhecimentos e representa-

ções de mundo; e o *procedural*, que estabelece restrições sobre a interpretação, com forte apelo contextual, levando a conclusões que não poderiam ser obtidas em sua ausência (MOESCHLER, 2002). Nesses termos, a concessão é “un acte de nature argumentative et interactive” (LETOUBLON, 1983, p. 86). Seus processos históricos de constituição envolvem uma fronteira entre a codificação semântica e inferenciação pragmática, que vai se mostrando dinâmica no tempo, ora com prevalência da inferenciação, ora da codificação (PRANDI, 2004; MAURI; AUWERA, 2012). Essa dinâmica é apreensível diacronicamente, em construções subcodificadas que experimentam codificação crescente, com redução gradual da inferência, promovendo alteração de padrões.

Assumo que, na articulação de orações, a expressão dos significados depende: i) do significado das partes, ii) do significado do juntor e iii) da interpretação que resulta da aplicação de i) e ii) no contexto (estrutural, discursivo e conhecimento de mundo). No caso das relações concessivas, a expectativa é a de que as partes articuladas devem impor restrições para interpretação e que o juntor forneça as instruções sobre como interpretar a relação entre essas partes. Nessas instruções está uma suposição de incompatibilidade, induzida contextualmente (MOESCHLER; SPENGLER, 1982; LANG, 2000; MOESCHLER, 2002, entre outros), que é fruto da avaliação do falante ou escrevente, portanto, é um índice de subjetividade. Dessa maneira, processos de inferenciação pragmática sempre subjazem, em alguma medida, a construção do significado concessivo.

2. Seleção da amostra, recorte do *corpus* e metodologia

Em consonância com os objetivos propostos, a diacronia é a via metodológica que pode trazer luz sobre as conexões entre fonte e alvo e sobre os estágios graduais de desenvolvimento. O *corpus* diacrônico foi compilado a partir de um conjunto de textos de gêneros diversos, das variedades europeia e brasileira do português, extraídos de seis plataformas⁵. Para a constituição do *corpus*, estabeleci diretrizes relativas ao recorte temporal (séc. XIII ao XXI), à diversidade tipológica de sequências textuais (narrativas, argumentativas e prescritivas) e à quantidade de material similar para cada estado de língua, de modo a obter um material comparável quantitativa e qualitativamente. O Quadro 1, a seguir, relaciona os textos selecionados, nas duas metades de cada século, com suas respectivas siglas de referência utilizadas neste trabalho.

⁵ Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese; Corpus Informatizado do Português Medieval; Corpus de textos antigos; Projeto História do Português Brasileiro, Projeto História do Português Paulista e Acervo digital da Biblioteca Brasileira.

Quadro 1. Relação da amostra de textos para extração do *corpus*

Período	Textos e siglas de referência
Séc. XIII	1.METADE: Notícias de Torto (13NT); Cantigas de amigo (13CA); Testamento de D. Afonso II (13TDA); Cantigas de amor (13CAM). 2.METADE: Cantigas de Santa Maria (13CSM), Foro Real de Afonso X (13FRA), Dos Costumes de Santarém (13DCS); Documentos Notariais (13DN), Tempo dos Preitos (13TP), Chancelaria D Afonso III (13CDA).
Séc. XIV	1.METADE: A arte de Trovar (14AT), Foros de Garvão (14FV), Dos Costumes de Santarém (14DCS), Vidas de Santos (14VS), Narrativas de Linhagem (14NL), Cantigas de amor (14CA), Textos Notariais (14TN), Chancelaria D. Afonso (14CDA), Livro do Mártires (14LMT), Trasladação de S. Nicolau (14TSN). 2.METADE: Crônica Geral de Espanha (14CGE), Livro da Montaria (14LM), Corte Imperial (14CI), Primeira Partida – Alphonse X (14PP), Flos Sanctorum (14FS).
Séc. XV	1.METADE: Orto do Esposo (15OE), Livro dos Ofícios (15LO), Demanda do Santo Graal (15DSG), Livro da Enseñança de bem cavalgar (15LEC), Leal Conselheiro (15LC), Crônica D. Pedro I (15CDP), Penitencial (15P), Livro do Regimento Évora (15LRE). 2.METADE: Tratado de Confissão (15TC), Carta de Caminha (15CC), Sacramental (15S), Livro das três virtudes (15LTV), Crônica Del-Rei D. Dinis (15CDD), Crônica D. Afonso (15CDA), Castelo Perigoso (15CP), Dia do Juízo (15DZ), História de Vespasiano (15HNV).
Séc. XVI	1.METADE: Regra de São Bento (16OSB); Crônica del-Rei D. Afonso Henriques (16CAH); Cartas D. João III (16CDJ); Teatro Antonio Chiado (16TC); Livro das constituições e costumes (16LCC); Gramática de João de Barros (16GJB); Regras da ordem de Santiago (16OS); Da Pintura antiga (16DPA). 2.METADE: Teatro Sá de Miranda (16TSM); Peregrinação (16P); Colóquios dos simples e drogas (16CSD); Leis e provisões (16LP); Décadas (16D); História de Santa Cruz (16HSC); Arte de grammatica da lingua (16AG); Teatro de Gil Vicente (16TGV).
Séc. XVII	1.METADE: Trattado das festas e vida dos santos (17TFV); A vida de Frei Bartolomeu (17VFB); Discursos vários políticos (17DP); Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal (17JVC); Da Monarchia Lusitana (17ML); Gazeta (17G); Chronica da Companhia de Jesus (17CCJ); Corte na aldeia e noites de inverno (17CA). 2.METADE: Cartas de Padre Vieira (17CPV); Relaçam diária do sitio (17RDS); Cartas José Brochado (17CJB); Arte de furtar (17AF); O Fidalgo aprendiz (17OFA); Diálogos de varia história (17DVH); Nova Lusitânia (17NL); Maria Rosa Mística (17MRM).

Séc. XVIII	1.METADE: Katecismo indico (18CI); Por rumos na agulha (18PRA); Cultura e opulência (18CO); Auto novo e curioso (18AN); História das imagens milagrosas (18HIM); Suplemento vocabulário português (18SVP); Carta de aldeamento de índios (18CAI); História da América Portuguesa (18HAP). 2.METADE: Reflexões sobre a vaidade (18RSV); O fazendeiro do Brazil (18OFB); Caminhando mato dentro (18CMD); Dizertação Capitania de São Paulo (18DCS); Breves instruções aos correspondentes (18BIC); Cartas Pina Manique (18CPM); A vingança da cigana (18VG); Helmitologia portuguesa (18HP).
Séc. XIX	1.METADE: Memória histórica e metallurgica (19MHM); Sangue limpo (19SL); Anúncios de jornais brasileiros (19AJB); Cartas brasileiras (19CB); Cartas de leitores (19CL); O cavalleiro teutônico (19CT); A estátua amazônica (19EA); Tratado descritivo do Brazil (19TDB). 2.METADE: Instituto dos meninos cegos (19IMC); História e descrição da febre amarela (19DFA); Systema de matéria médica vegetal (19SMM); Physiologia das paixões (19FPA); Luxo e vaidade (19LV); Breves considerações sobre a história (19BC); Do princípio e origem dos índios (19POI); Correspondência Washington Luiz (19CWL).
Séc. XX/ XXI	1.METADE: Brasil Marcial (20BM); Correspondência Washington Luiz (20CWL); O cozinheiro dos cozinheiros (20CDC); Almanach de Pernambuco (20AP); O rei da vela (20ORV); Compêndio narrativo peregrino (20CNP); O café na história (20OCH); História dos feitos no Brasil (20HFB). 2.METADE: Correspondência Fidelino Figueiredo (20CFF); Açúcar fator de equilíbrio (20AFE); Revista da Faculdade de Direito (20RFD); Reforma Fiscal (20RF); A vida como ela é (20AVE); Roteiro de Zuzu Angel (21ZA); Língua falada em São Paulo (21LPF); Inquéritos do Iboruna (21IB).

Fonte: Elaborado pela autora

Nas amostras dos séculos XIII ao XV, a busca pelas ocorrências se deu manualmente, por meio de ferramentas disponíveis para documentos nas extensões DOC e PDF⁶. Para as amostras dos demais séculos, utilizei a ferramenta computacional *Sketch Engine*, que permitiu compilar, controlar o número de palavras e selecionar as ocorrências em seus contextos de uso. Embora a *Sketch* tenha agilizado muito a etapa de preparação dos dados, mostrou alguma limitação no reconhecimento de dados de períodos pretéritos, sendo necessária uma checagem manual em cada texto.

Do ponto de vista metodológico, a polissemia é o parâmetro norteador das descrições e análises, conduzidas nos vieses qualitativo e quantitativo. No qualitativo, assumindo que as *polissemias* se relacionam a propriedades distribucionais distintas, busco uma descrição mais fina dos dados em termos das nuances de significado, base para o reconhecimento dos padrões funcionais, aliada a uma descrição dos correlatos morfossintáticos de cada padrão, dentro de seus respectivos contextos de uso. À maneira de Mauri e Ramat (2012), adoto o parâmetro semântico como o mais geral e postulo três valores,

que são aferidos longitudinalmente: compatibilidade somente com o significado fonte; dupla compatibilidade com os significados fonte e alvo; e compatibilidade somente com o significado alvo. Outros detalhes da operacionalização dos parâmetros são apresentados na seção de análise.

No viés quantitativo, apuro a frequência *absoluta*, obtida a partir da contagem geral dos dados de *pesar* e a frequência *relativa*, a partir da divisão entre a frequência absoluta de cada padrão funcional de *pesar* e o número total de observações do fenômeno. A frequência relativa, em especial, tem a vantagem de neutralizar possíveis discrepâncias relativas ao gênero dos textos que compõem a amostra e, da perspectiva da mudança, pode indicar grau de autonomia da nova construção, como resultado do enfraquecimento de traços de analisabilidade e composicionalidade (BYBEE, 2010).

3. O percurso de *pesar* rumo à expressão de concessão

O mapeamento dos dados de *pesar* no *corpus* diacrônico resultou em 812 ocorrências⁷, que se distribuem por cinco diferentes padrões funcionais. Dois deles são lexicais, em que *pesar* atua como nome e como verbo pleno, conforme (4) e (5), respectivamente. Os padrões gramaticais são frasais e participam de relações de concessividade: incluem as perífrases preposicional e conjuncional *apesar de* e *apesar (de) que*, e a expressão *apesar de tudo*, conforme (6) a (8). A Tabela 1 exhibe as frequências absoluta e relativa dos padrões de *pesar*, em perspectiva longitudinal⁸.

(4) (...) só tinha o **pesar** de ser esta vinda em anno tão estéril (20OCH)

(5) (...) me peza de vos ter offendido (20CNP)

(6) Apesar de todo o esforço até agora ainda não foi possível arranjar o dinheiro (20CFF)

(7) Os cozinheiros costumam fazer geléas animaes (...) Apesar de que essa geléa é mais agradável á vista, não é tão salutar como a que resulta do caldo de carne de vacca. (20CDC)

(8) o Conselheiro tinha, quando muito, 500 homens mal armados (...) posso ga-

⁷ Foram excluídos desse cômputo os dados de *em que pese*, como em: *É claro que, em que pese essa dificuldade, um imposto sobre fluxo de caixa minimiza as distorções* (20RF) e os dados do verbo *pesar*, na acepção “determinar o peso”: *e os que mall **pesarem** ou medirem se o carnezeiro **pessar** per falso pesso seja preso* (15LRE).

⁸ É possível observar a relevância da frequência relativa frente às diferenças da amostra textual. Por exemplo, os textos do século XV favoreceram muito mais ocorrências de *pesar* do que aqueles do século XVI, respectivamente, 159 e 52 dados. No entanto, os percentuais referentes aos padrões de *pesar* nesses períodos estão bastante próximos.

rantir que aquelle mentecapto tem mais de cinco mil homens (...) Apesar de tudo, é urgente a liquidação de Canudos (20BM)

Tabela 1. Frequências absoluta e relativa dos padrões funcionais de *pesar* em perspectiva longitudinal

	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Padrões																
<i>pesar</i> _{Nome}	24	73%	64	69%	97	61%	28	54%	23	41%	19	40%	27	18%	25	11%
<i>pesar</i> _{Verbo}	9	27%	29	41%	62	39%	23	44%	10	18%	9	20%	11	7%	12	6%
<i>apesar de</i>	-	-	-	-	-	-	1	2%	23	41%	19	40%	105	69%	173	79%
<i>apesar (de) que</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1%	7	3%
<i>apesar de tudo</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	5%	3	1%
TOTAL	33	100%	93	100%	159	100%	52	100%	56	100%	47	100%	152	100%	220	100%

Fonte: Elaborado pela autora

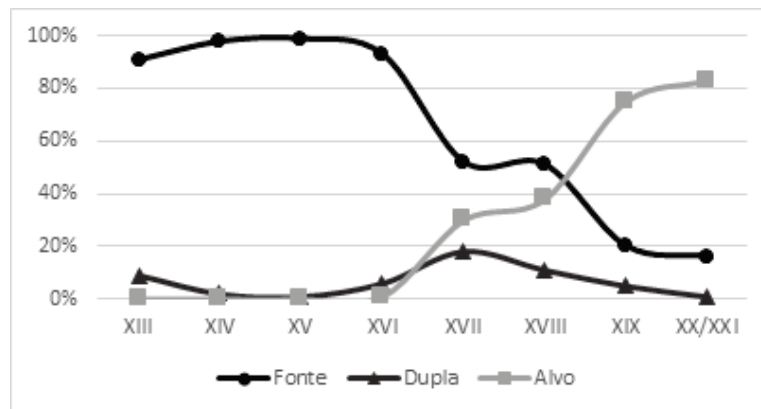
A distribuição dos dados nos diferentes estados de língua permite verificar que, nos estágios mais antigos, século XIII a XV, foram apurados somente padrões lexicais, em contraste com os dados do português contemporâneo, em que temos alta frequência de padrão gramatical. Nos dados do século XVI, foi documentado o primeiro emprego da perífrase preposicional *a pesar de*, construção que se firmou, nos períodos subsequentes, como o padrão gramatical mais usado (79% dos dados do séc. XX/XXI). Usos da perífrase *a pesar (de) que*, bem como da expressão *a pesar de tudo*, têm frequência menor e são de constituição mais recente, na amostra investigada. A coexistência entre padrões de uso de *pesar* antigos e inovadores, em um mesmo estado de língua, indicia *gradiência sincrônica*. Nas seções que seguem, o reconhecimento de estágios de mudança associados a contextos específicos fornecerá indícios de *gradualidade diacrônica*.

3.1 Os três contextos semânticos

Os dados de *pesar* foram classificados conforme o parâmetro semântico, em compatíveis com o significado fonte, compatíveis com ambos os significados fonte e alvo e compatíveis somente com o significado alvo e, em seguida, foram descritos em termos morfossintáticos. O Gráfico 1 mostra a evolução longitudinal dos padrões semânticos e sugere mudança em curso. Destaco que as linhas que representam *fonte* e *alvo* seguem direções contrárias, descendente para fonte e ascendente para alvo; e que a transição entre

os séculos XVIII e XIX é o período em que, segundo o material de análise, há inversão nas frequências, com prevalência crescente do significado alvo (75%), tendência que se mantém até os dados atuais. Casos de dupla interpretação têm pico entre os séculos XVI e XVII, coincidindo justamente com a curva ascendente dos contextos incompatíveis com o significado fonte. No que segue, discuto e exemplifico esses padrões de modo circunstanciado.

Gráfico 1. Padrões semânticos das construções com *pesar* em perspectiva longitudinal



Fonte: Elaborado pela autora

i) *Compatibilidade com o significado fonte.* Nas ocorrências em que *pesar* é compatível com o significado fonte, ele é palavra lexical, verbo ou nome. Do ponto de vista etimológico, o verbo *pesar*, derivado do lat. *pensāre* ('suspender', 'por em balança'), assumiu no português arcaico o significado de 'tomar peso pendurando um corpo', 'ter um dado peso', mas também o significado mais abstrato de 'causar dor, tristeza, mágoa ou dó a alguém', caso em que frequentemente era impessoal, acompanhado de pronome dativo. Da substantivação do infinitivo resultou o nome *pesar*, com acepção de 'mágoa, dó, desgosto, tristeza' (MAGNE, 1944; MACHADO FILHO, 2013). Seguem exemplares dos padrões verbal e nominal de *pesar* encontrados na amostra:

- (9) por vós, senhor, muyto mi pesar (13CAM)
- (10) E a seu filho Enheguez Guerra pesava muito de sa prisom (14NL)
- (11) Como el-rei fez seu doo por seus cavaleiros, e como lhe pesava de sa ida (15DSG)
- (12) e **pesou** desto muito a elRei e aa Rainha sua madre e a outros muitos (15CDP)

- (13) Des que m' espertei, ouvi gran pesar (13CA)
- (14) Eu ey pesar e coita por meu criado, que ora mort' achei (13CSM)
- (15) Mais pero metestes-me mui gram pesar no meu coração (14NL)
- (16) nenhuũ nõ uus poderya contar nen dizer o gran dóo nen o gran pesar que ouuerõ (14TSN)
- (17) com mui gram pesar de que nom vinha aa corte (15DSG)
- (18) Outrossi has de sofrer muyto frio e muyta fame e muytos **pesares** (14FS)

Como verbo, *pesar* expressava *causar sofrimento a alguém* ou, mais frequentemente, *causar sofrimento a alguém de/por algo ou alguém*, conforme (9)-(12). O infinitivo substantivado, espelhando traços da fonte verbal, expressava *sofrimento*, *dor*, *angústia*⁹, e podia aparecer antecedido por determinantes e modificadores e/ou sucedido por adjuntos ou por complementos, sintagmáticos ou oracionais, conforme (13)-(17). Como nome de gênero único, só admitia flexão em número, como em (18). Envolvia-se, com maior frequência, com determinados tipos de verbo (*haver, fazer, ficar, sofrer, dizer, meter, tomar, viver, morrer, mostrar, matar*) e podia ser regido por diferentes preposições (*a, con, de, por, en, sen*).

Entendo o nome *pesar* como uma instância de *shell noun* (SCHMID, 2000), visto que combina os traços *abstração* e *inespecificidade*: equivale a uma entidade de terceira ordem e, em vários contextos, apresenta uma lacuna cuja saturação é necessária para uma comunicação bem sucedida. A classe dos *shell nouns* é diversa, distribuindo-se, segundo Schmid (2000), por seis tipos (factual, linguístico, mental, modal, evento, circunstancial) hierarquizados em subtipos. *Pesar* filia-se à classe dos nomes *mentais*, do subtipo *estado psicológico*, que reúne nomes que caracterizam atitudes e emoções como resultado do conhecimento dos fatos, de modo que implicam causalidade e factualidade. Os nomes de *estado psicológico* desdobram-se, por sua vez, nas subfamílias *surpresa* e *medo*, que abrigam estados emocionais relacionados, respectivamente, a fatos do passado e do futuro. Schmid caracteriza a subfamília *surpresa* a partir do cruzamento entre a polaridade positiva/negativa e a fonte da causalidade, conforme Esquema 1, no qual *pesar* figura como

⁹ A partir dos textos do século XVII, aparecem ocorrências do nome *pêsame* com sentido de *condolência*, provável fruto da reinterpretação entre a forma lexical e o clítico *me*: *e autoridade, a dar o pezame da morte do pay* (17CPV); *para todos lhe darem o pezame de o não poderem ver ás escuras* (17AF); *queira acceitar meus sinceros pêsames* (19CWL).

membro de polaridade negativa, mostrando afinidade com o passado e com fontes causais diversas. Essa caracterização de *pesar* sugere, no viés da mudança, conexões entre fonte e alvo, já que os conceitos de *negação* e de *causalidade*, latentes ao nome *pesar*, integram o padrão de implicação das concessivas (Seção 1.1).

Esquema 1. Diferenciação semântica de nomes da subfamília *Surpresa*

Estado emocional Causa	Emoção positiva	Emoção negativa
Qualquer tipo de fato	deleite, gratidão, felicidade, alegria, prazer, alívio, satisfação, emoção	raiva, aborrecimento, amargura, pesar, nojo, frustração, fúria, tristeza, rancor, indignação, dor, irritação, ressentimento, raiva
Um fato para o qual o experienciador se sente responsável	orgulho, satisfação	preocupação, culpa, arrependimento

Fonte: Adaptado de Schmid (2000, p. 228).

Embora *pesar* tenha uma expressão semântica estável (*mental*>*estado psicológico*>*surpresa*), com traços inerentes de causalidade e de polaridade negativa, em certos contextos, ainda necessita de complementação, à maneira do verbo que lhe deu origem. Assim, a interpretação de *pesar* depende fundamentalmente de informações contextuais, como é típico dos *shell nouns*, e é justamente nos contextos que encontra condições para expansão de seu significado, como argumento a seguir.

ii) *Dupla compatibilidade com os significados fonte e alvo.* Tomo como instâncias de dupla interpretação as ocorrências em que, juntamente à semântica lexical de *pesar*, há possibilidade interpretativa em termos de alguma nuance de contraste, embora nem sempre na mesma intensidade. No *corpus*, há dois cenários diferentes. No primeiro, de que (19)-(25) são exemplares, o contexto de *pesar* apresenta indicação explícita do indivíduo que experiencia o sentimento de tristeza (i.e., genitivo possessivo), seja por meio de pronome (*meu, seu*), conforme (19), (20) e (24), seja por meio de sintagma preposicional (*do emperador, d'el rei, de Mafoma, de minha mãe*), conforme (21), (22), (23) e (25). O constituinte genitivo satura *pesar*, enquanto *shell noun*, e a construção sentencial implica causalidade: as ocorrências expressam fatos que têm por consequência o pesar de alguém. Assim, por exemplo, em (19), a partida de alguém é a causa ou motivo do pesar; em (21), a permanência do rei D. Fernando na França causa pesar ao imperador e ao rei

da França; em (23), é a derrota dos mouros pelos portugueses que causa pesar a Mafoma (= *Maomé*); e, em (24), tomar madeira das costas é a causa do pesar. Em todos os casos, o significado fonte está em primeiro plano, e convive com uma inferência pragmática de desagrado, que decorre do fato, plausível nas sociedades humanas, de que tudo que se realiza com pesar se faz *contra a vontade* daquele que experimenta o pesar.

- (19) Que mui gran torto mi fez, amiga/ meu amigo, quando se foi daqui/
a meu **pesar**, pois que lho defendi (13CA)
- (20) ca servo a outren, non por mh o gracir,
e que am'ela muyt'a sseu **pesar** (13CAM)
- (21) E este Rui Diaz levou el rei dom Fernando de Castela, pera França, e esteve
seis meses em França a pesar do emperador e d'el rei de França e de sete reis
e do papa (14NL)
- (22) Meestre de Santiago que tiinha a voz do conde dom Anrique, que esteve sem-
pre em Lerena a pesar d'el rei, doze legoas de Sevilha, com mil e dozentos de
cavalo, que nunca quis partir do reino. (14NL)
- (23) Mas a pezar sentidifflimo de Mafoma, (...) em taõ renhidas batalhas, havendo
em algnmas quafi cem Mouros contra cada hum fó Portuguez, ficaraõ sempre
os Mouros inteiramente eftroçados, os feus Reys vergonhofamente vencidos,
e fó Portugal gloriofamente triunfante (15CDA)
- (24) me daram muyta madeyra
nas coftas a meu **pefar**. (16TGV)
- (25) Apa: Perdoayme vos fenhor.
Efcu: Ora fizeste peor
aa **pefar** de minha mãy. (16TGV)

Além disso, nos dados de (19)-(25), o contexto sintático mostra regularidades e é sugestivo de mudança em direção à perífrase: *pesar* é sempre regido pela preposição *a* e, na ausência de pronome possessivo (*meu, seu*), um sintagma preposicional encabeçado por *de*, selecionando um referente humano, cumpre o papel de genitivo. Desse modo, esses dados fornecem indícios tanto da possível constituição de um novo significado, a partir da inferência de *contra vontade* de um sujeito, quanto da constituição gradiente de uma preposição complexa, a partir da ocorrência adjacente de dois sintagmas preposicio-

nais, *a + pesar + de + nome*.

No outro cenário de dupla interpretação, conforme (26)-(29), as construções também mostram contiguidade de dois sintagmas preposicionais e o constituinte selecionado por *de* continua sendo humano. A diferença é que a leitura de *contra vontade* parece evoluir para uma *objeção*, dado que um fato ou evento apresenta-se como uma dificuldade ou como um possível impedimento. São construções comuns em dados dos séculos XVII e XVIII. Em (26), por exemplo, são legítimas as duas leituras: a de que a passagem ao rio se realiza contra vontade ou para desgosto do inimigo, interpretação acessada ainda a partir das partes componentes; e a de que o próprio inimigo representa uma dificuldade à passagem pelo rio, interpretação menos composicional. Em (28), os fatos se referem à entrada dos cristãos e à tomada da mesquita. Nesse contexto, a expressão *apesar dos mouros* pode ser interpretada no sentido de que o evento provocou o descontentamento dos mouros ou que o evento se deu pela superação da dificuldade imposta pelos mouros. De fato, em todas as ocorrências, estão em questão ‘dois grupos ou forças contrárias’. Nesse segundo conjunto de casos de dupla interpretação, diferentemente do primeiro (cf. (19)-(25)), o significado fonte começa a se generalizar, tanto que a interpretação em termos de *sofrimento* é menos óbvia frente àquela de *objeção*.

- (26) Aceitou em roda do Arrayal feis peças de artelharia, feis roqueiras, três falcoens de bróze, que tirou com algũas muniçoens de hũa não Portugueza, que a pezar do inimigo entrou em hum rio da Bahya, por meyo de fua armada. (17JVC)
- (27) hũa noite, que entrou de guarda fugio para o Castello de Airona com a sua companhia formada, officiais, armas, tambores, & bandeiras, a pesar da caualleria Castelhana que hia no seu alcance. (17G)
- (28) fobem os mininos pela ferra acima, vam entoãdo a sãta doutrina, enchem os valles as vozes deſta innocent foldadeſca; entram, a pezar dos Mouros, na meſquita, arvóra o Padre no mais alto della huma fermofa cruz, em final de victoria. (17CCJ)
- (29) a mageſtade do Rey dos Romanos Dõ Fernando (...) deo principio ao noſſo Collegio, em Viena de Auftria, na alta Alemanha, a pezar dos hereges que contra nós ladravam, & como inimigos da verdade guerreavam. (17CCJ)

À luz das propriedades prototípicas de juntores, elencadas por Kortmann (1997), conforme Seção 1.1, casos de dupla interpretação como (26) a (29) aproximam-se do estatuto perifrástico, pois apresentam padrão sintático regular em *a pesar de* SN_{Hum} , posição à esquerda da unidade em que ocupam e *pesar* não se flexiona em número. A esse contexto estrutural estão vinculadas inferências pragmáticas, como descrevi acima, acrescentadas ao significado codificado da fonte nominal, que ainda está presente. Com o uso repetido, ao longo do tempo, suponho que a sequência contígua *a + pesar + de* ganhou em coesão formal e semântica (*chunk*) e passou a fazer parte das representações mentais, enriquecendo o repertório cognitivo dos usuários da língua. Como parte das representações, os conteúdos são reativados a cada nova situação comunicativa e, aos poucos, o que antes era apenas inferido, sustentado por correlatos contextuais, se torna parte do significado da construção. Na medida em que os significados se estabilizam no uso da língua, os usuários tendem a estendê-lo a novos ambientes sintáticos, como abordo em detalhe na Seção 3.2.

iii) *Compatibilidade somente com o significado alvo*. Nesse padrão estão as ocorrências de perífrases preposicional e conjuncional e da expressão *apesar de tudo* que estabelecem relações concessivas e bloqueiam o significado fonte. Há pelo menos dois tipos concessivos, que se prestam a uma avaliação em termos de maior ou menor subjetividade. Embora a *quebra de expectativa* seja o traço definidor comum às ocorrências, as bases da quebra de expectativa não são as mesmas. Assim, é possível distinguir casos em que a quebra de expectativa decorre de uma situação inesperada fruto da suspensão de uma relação causal, no plano do conteúdo sócio-físico, como em (30)-(32); e outros casos em que ela decorre de uma manobra argumentativa, no plano enunciativo, envolvendo objeções em diferentes níveis, como em (33)-(38). Ambos os tipos são reconhecidos na literatura (RUDOLPH, 1996; PANDER MAAT, 1999; LATOS, 2009) e aqui são denominados, respectivamente, concessão por *causa negada* e por *restrição*.

- (30) fe recolheo cõ feu companheiro no hõspital de todos os Sanctos na cidade de Lisboa; aonde, a pezar da molestia da quartaã, cõtинуou em seus fãctos exercicios, prègando, confeffando, ajudando aos enfermos (17CCJ)
- (31) A Infantaria, que levava, eraõ quasi oytocentos homens, fora a marinhagem. Sahiraõ, & a pezar de duas bravas tormentas, com que o inferno pretendia impedir a empreza, chegàraõ a Manfångano. (18HIM)

- (32) A pezar de todas as diligencias ainda até hoje nos não foi possível encontrar o manuscripto de Antônio Salema sobre a Conquista do Cabo Frio. (19TDB)
- (33) Neste methodo ha a mesma perda de tempo, e quasi o mesmo gráo de fermentação, que no primeiro, a pezar de poder a água, em que estão as cerejas de molho no primeiro, e ultimo caso, dissolver alguma parte da gomma. (18OFB)
- (34) Esperamos que o leitor nos desculpe a digressão que fizemos sobre esta palavra, acerca da qual desejávamos que se assentasse em uma orthographia. Apezar da preferencia que já a sciencia deu a aypi, nós em linguagem preferiríamos, com os clássicos Gandavo e Soares, aipim. (19TDB)
- (35) (...) homem feito que, apezar de inapto para a carreira das lettras, possuia outras qualidades que poderiam ser úteis á poderosa Companhia de Jesus (19POI)
- (36) Gallinhola do campo e de agua. Estas duas espécies de gallinholas preparam-se e servem-se como os patos, mas apesar de que com ellas se pode fazer uma grande variedade de entradas, a galinhola do campo serve-se a maior parte das vezes no espeto. (20CDC)
- (37) (...) apesar de sua apparencia não mostrar acho-a bem doente (20CWL)
- (38) (...) a comunicação feita pelo Exm. Presidente da Bahia, datada de 1. de janeiro, de terem sido atacadas [pela febre amarela] para cima de vinte mil pessoas, e terem succumbido mais de cento e sessenta estrangeiros, pela maior parte marinheiros (...), apezar de **tudo**, descuidamo-nos, talvez porque vinham sempre noticias consoladoras de sua benignidade e da esperança de sua próxima extinção, ou porque nunca nos persuadimos que ella nos viesse assaltar (19DFA)

Os dados de (30) a (32) têm por base relações de causa ou motivo, no mundo real. Em (30), a moléstia é motivo suficiente para suspensão das atividades, no entanto, ela não tem efeito, pois o religioso dá continuidade aos officios. Em (31), as bravas tormentas constituem razão para o fracasso da empresa, mas foram superadas. Em (32), as diligências deveriam levar aos manuscritos, mas não tiveram sucesso. A suspensão das relações causais, nesses contextos, permite a inferência de que o que acontece é inesperado para

a situação, portanto, quebra expectativas. Nesses dados, já não é possível recuperar a significado fonte, o que se deve, em parte, ao constituinte introduzido por *de*, que não tem mais o traço humano e se generalizou a diferentes tipos de entidades (cf. 3.2).

A outra fonte de quebra de expectativa nas concessivas com *apesar* está em formas de restrição argumentativa, em que o conteúdo da oração núcleo é retificado, restrito ou atenuado pelo conteúdo da concessiva, como (33)-(38). Nesse tipo concessivo, há sinalização de uma diferença entre forças argumentativas para legitimação de conclusões. A depender da ordenação das orações, ora as construções expressam uma antecipação de possíveis de objeções, como (34), (36) e (37), ora expressam ressalvas, como (33) e (35). Em (38), *apesar de tudo* retoma anaforicamente o conteúdo prévio, encapsulando-o, por meio de uma manobra argumentativa que conduz o leitor a acreditar que todas as objeções foram previamente ponderadas e refutadas para o acréscimo do argumento mais decisivo.

A frequência desses tipos de concessão, em perspectiva longitudinal, como mostra a Tabela 2, acrescenta um fato importante acerca da mudança. Nos dados, até o século XVIII, predomina a expressão de causalidade negada, ao passo que, nos séculos XIX e XX/XXI, a tendência se inverte, com grande prevalência das restritivas (70%, no XX/XXI). Ambas as construções são fortemente subjetivas, já que lidam com suposições, como é típico da concessão, mas diferenciam-se no grau de subjetividade: o tipo causal atua no nível das relações sócio-físicas, entre o que *acontece* ou o que *se faz* no mundo, e o restritivo, no nível das relações mentais, entre o que *se pensa* e *enuncia*.

Tabela 2. Tipo de significado concessivo nas construções compatíveis com *alvo*

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Causalidade negada	1	100%	13	76%	10	55%	40	35%	54	30%
Restrição	0	0	4	24%	8	45%	74	65%	129	70%
TOTAL	1	100%	17	100%	18	100%	114	100%	183	100%

Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 3 ilustra a frequência dos tipos concessivos segundo as possibilidades de ordenação do segmento concessivo – anteposição, posposição e intercalação – e sugere a existência de correlação. As construções de *causa negada* estão fortemente relacionadas à anteposição (86%), já as restritivas se realizam com frequência considerável nas três posições, o que se explica em função da estratégia argumentativa em jogo, de antecipação ou de ressalva, como destaquei previamente.

Tabela 3. Correlação entre tipo de concessiva e ordenação nas construções compatíveis com *alvo*

	Anteposição		Posposição		Intercalação	
	N	%	N	%	N	%
Causalidade negada	101	86%	16	13%	1	< 1%
Restrição	79	37%	92	43%	44	20%

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados de *apesar de* e *apesar (de) que* compatíveis apenas com significado concessivo se conformam ao protótipo de juntor, fundado em Kortmann (1997), com a consolidação de várias propriedades. Por exemplo, a perda de composicionalidade é evidente a partir da ascensão do significado de quebra de expectativa, seja como produto de causa negada ou de restrição, e a descategorização do nome *que*, embora já viesse se processando nos casos de dupla interpretação, agora é mais evidente, na ausência de função sintática e de mecanismos flexionais, na inabilidade de receber determinantes e modificadores e na fixação da posição à esquerda. Quanto à propriedade da fusão, para dimensioná-la, lancei mão de três medidas, duas mais consistentes, que se referem à presença de material ‘quebrando’ a perífrase e à possível coordenação (BYBEE, 2010); e a terceira, de potencial mais restrito, relacionada à dimensão gráfica.

Para a presença de material interveniente, o resultado é altamente favorável ao estatuto de juntor complexo, visto que, em centenas de ocorrências, há apenas uma única com material, em (39). Quanto à coordenação, examinei a possibilidade de elipse de parte do sintagma, na expectativa de que o maior grau de fusão implique pouca ou nenhuma elipse, e investiguei a possibilidade de o juntor complexo se coordenar com outro juntor de valor similar. Os resultados apontam para o fato de que os segmentos encabeçados por *apesar de* são coordenados com *e* ou por justaposição em 25 ocorrências. Nelas, há variação, conforme (40)-(41), com tendência maior à elipse, o que evidencia análises múltiplas e gradientes da perífrase, com fusão mais e menos frouxa. Identifiquei um dado em que *apesar de* é coordenado com outro juntor concessivo, como (42):

- (39) **Apezar, porém,** dos esforços empregados pelo botânico Conceição Velloso com o fim de promover a cultura do cafeeiro, permaneceu este por muito tempo nos jardins do Rio de Janeiro. (19BC)
- (40) (...) a pezar de produzirem as plantações feitas nos altos montes hum Café tão grande (...); e de fazerem os plantadores das mais partes da ilha (18OFB)
- (41) (...) apesar do desejo que se pintava em todos os semblantes, apesar da impa-

ciência de officiaes (20BM)

- (42) A peça embora datada e **apesar de** suas ostensivas intenções polêmicas, está repleta de trouvaillles (20ORV)

Por fim, ainda que a dimensão gráfica seja um índice de fusão bem menos confiável, por ser determinada em grande parte por convenções da escrita, no caso das construções com *pesar*, parece haver alguma relevância. A Tabela 4 apresenta os resultados da classificação dos dados de perífrases quanto à colocação ou não do espaço em branco entre *a* e *pesar*. Nos dados dos séculos XVII e XVIII, embora a grafia mostre flutuação, a manutenção do espaço em branco é mais frequente (31%, no XVIII); já nos dados do século XIX, esse resultado se inverte, com frequência maior de ausência do espaço (97%) e, nos séculos XX/XXI, a escrita está padronizada, sem segmentação. Esses fatos permitem interpretar que a fusão gráfica entre *a* e *pesar* é crescente no tempo e parece refletir, nas convenções da escrita, a consolidação das mudanças nos planos morfossintático e semântico.

Tabela 4. Fusão de *a + pesar* no plano gráfico, em perspectiva longitudinal

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Com espaço em branco	1	100%	17	74%	13	69%	3	3%	0	0
Sem espaço em branco	0	0	6	26%	6	31%	104	97%	180	10%
TOTAL	1	100%	23	100%	19	100%	107	100%	180	100%

Fonte: Elaborado pela autora

3.2 Generalização sintático-semântica e a constituição de *apesar de (que)*

Nesta subseção, em complementação à anterior, acrescento mais detalhes sobre os processos de generalização sintática e semântica. A Tabela 5 apresenta dados referentes à generalização sintática do constituinte selecionado pela perífrase *apesar de*. A princípio, nos dados dos séculos XVI e XVII, *apesar de* só selecionava nomes, muitos deles modificados por oração relativa, conforme (43)-(44). No material do século XVIII, embora a ocorrência de nomes seja a mais frequente (63%), verifiquei casos em que a perífrase seleciona uma oração não finita, como em (45), uma estrutura com infinitivo flexionado que, ao articular explicitamente um sujeito e um predicado, aproxima a construção do domínio conjuncional. Ainda nesse período, identifiquei o primeiro dado com pronome demonstrativo neutro (*isto*), item de grande potencial anafórico encapsulador, conforme (46). Nos dados dos séculos XIX e XX/XXI, destaco a frequência crescente de orações não finitas, sobretudo no século XX/XXI (47%), e as primeiras ocorrências de orações finitas, como em (47) e (48), que se realizam preferencialmente com indicativo.

Tabela 5. Generalização sintática do constituinte selecionado por *apesar de*

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>a pesar de +</i>										
SN	1	100%	23	100%	12	63%	61	57%	78	43%
Or não Finita	-	-	-	-	6	32%	32	30%	85	47%
Or Finita	-	-	-	-	-	-	2	2%	7	4%
Pro Anafórico	-	-	-	-	1	5%	12	11%	10	6%
TOTAL	1	100%	23	100%	19	100%	107	100%	180	100%

Fonte: Elaborado pela autora

- (43) Mas o noffo Governador Fr. Manoel da Refurreição, eflá taõ teimofo em mandar partir a frota a pezar dos tempos, e dos mareantes (17CPV)
- (44) Neste mefmo anno, a petiçam do Cardeal de Lotharingia, entrou a Companhia em Paris, a pezar das grandes tempestades que os hereges levantaram. (17CCJ)
- (45) (...) elles se fazem dignos do Patroçínio de V.Sa. ahinda apezar de V. Sa. não ser correspondido como mereçe (18CPM)
- (46) Se o nó mais distante tiver hum bom ramo secundário dever se ha tratar do modo, que se explanou no Num. XXXIX. Se o não tiver, deve-se a pezar disto deixar (18OFB)
- (47) As obras antigas tem alguma beleza, tem mesmo belas formas, apezar que os taes narizes gregos nunca me cahiram em graça. (19EA)
- (48) a USP que é a melhor universidade da América Latina e talvez seja uma das melhores do mundo... **apesar que** me disseram a pouco tempo que em uma pesquisa nós não estamos dentro das cem melhores (21LPF)

A generalização sintática experimentada pelo constituinte selecionado por *de* – de sintagma nominal a oração não finita e oração finita – se processa, até certo ponto, em paralelo à generalização dos significados, com enfraquecimento crescente da semântica lexical de *pesar* que impacta também a semântica do nome selecionado por *de*. Vimos na Seção 3.1 que, no período arcaico, quando o nome *pesar* selecionava nomes, em geral, eram nomes referenciais humanos e os contextos, tipicamente composicionais, como (49). Contudo, na medida em que o significado de *pesar* é enfraquecido em favor dos

significados de *contra vontade*, *objeção* e *quebra de expectativa*, as possibilidades de seleção nominal também se expandem, conforme (50)-(52). Essa expansão parece se dar em três direções: a nomes que têm relação metonímica com humanos (*indiferença*, *doente*, *repugnância*, *inveja*, *sofrimento*, *ingratidão*); a nomes que designam entidades não humanas circunscritas em dimensões espaço-temporais (*oceano*, *tempestade*, *chuvas*, *sinais*, *veneno*, *molho*, *peixe*, *tiros*), e a nomes abstratos que designam situações ou eventos (*desperdício*, *contrariedade*, *bloqueio*). A generalização semântica de *pesar* é tal que a perífrase pode selecionar o nome *pesares*, como (53):

- (49) Entam houve tam gram pesar de Lançarot (15DSG)
- (50) (...) Apesar de tanta ingratidão o fundador do Instituto dos cegos continuou com a mesma dedicação. (19IMC)
- (51) (...) grassavam com força em Mamanguape e outros lugarejos da província, apesar das chuvas (19DFA)
- (52) Todavia é preciso confessar que, apesar de todas as contrariedades, a Instituição formou alguns alunos distintos. (19IMC)
- (53) Lucinha, apesar dos pesares eu gosto muito de você (20CFF)

A Tabela 6, a seguir, apresenta as frequências que resultaram da classificação dos sintagmas nominais selecionados por *apesar de* conforme essas quatro categorias:

Tabela 6. Generalização semântica do sintagma nominal selecionado por *apesar de*

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Entidade humana	-	-	6	26%	1	8%	0	-	6	8%
Metonímia com humano	1	100%	10	44%	2	17%	28	46%	27	35%
Entidade não humana	-	-	2	9%	5	42%	15	24%	20	25%
Entidade abstrata	-	-	5	22%	4	33%	18	30%	25	32%
TOTAL	1	100%	23	100%	12	100%	61	100%	78	100%

Fonte: Elaborado pela autora

As frequências sugerem que, até o século XVII, *apesar de* seleciona mais frequentemente entidades relacionadas direta ou associativamente a referentes humanos, herança

Quadro 3: Mapa cronológico dos estágios de mudança de *pesar* rumo ao *juntor* complexo

Fonte: Elaborado pela autora

O estudo das construções com *pesar*, em via diacrônica, trouxe algum esclarecimento sobre a cronologia dos primeiros usos gramaticais, sobre os contextos motivadores e sobre aspectos de gradualidade e de ritmo da mudança. Trouxe também possíveis respostas às questões postuladas previamente. Sobre a primeira questão, é possível afirmar que o funcionamento de *pesar* como *shell noun*, abstrato e inespecífico, é um fato crucial sobre a tendência à mudança, já que tal funcionamento requer saturação segundo condições contextuais. Para *pesar*, a preposição *de* é que se especializa nessa saturação, selecionando a princípio nomes e, posteriormente, orações não finitas e finitas, e mobilizando uma estrutura favorável à reinterpretação como juntor complexo. Além disso, a semântica inerente ao nome *pesar*, fundada em polaridade negativa e causalidade (subfamília *surpresa*), juntamente com os enriquecimentos inferenciais, ajudam a entender a direção da mu-

dança de significado rumo às relações concessivas, com crescente subjetivização, o que responde à segunda questão. Sobre a terceira questão, os dados sugerem que a generalização semântica e a expansão dos contextos sintáticos caminham juntas. Na medida em que o significado de *tristeza* se enfraquece em favor das novas leituras de contra vontade e objeção, o nome perde seus traços morfossintáticos e a sequência se torna uma única unidade, uma preposição complexa, que se generaliza na seleção de entidades nominais diversas e também de orações.

Agradecimentos

Agradeço o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo 2019/18144-5, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 305901/2017-6.

Referências

- BARRA-JOVER, M. *Propiedades léxicas y evolución sintáctica*. El desarrollo de los mecanismos de subordinación en español. A Coruña: Toxoutos, 2002.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- HAGÈGE, C. Les processus de grammaticalisation. In: HASPELMATH, M. et. al. (Ed.). *Language typology and language universals*. Berlin, New York: Walter Gruyter, 2001, p.1609-1623.
- HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 71-99.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.
- KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English: diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, 66, p.1-19, 1985.
- KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.): *Cause, condition, concession, contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p. 235-256.
- LATOS, A. Concession on Different Levels of Linguistic Connection: Typology of Negated Causal Links. *Newcastle Working Papers in Linguistics*, vol. 15, p. 82-103, 2009.
- LETOUBLON, F. Pourtant, cependant, quoique, bien que: dérivation des expressions de la concession, de la restriction et de l'opposition. *Cahiers de linguistique française*, 5, p. 85-110, 1983.

MACHADO FILHO, A. V. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MAGNE, A. *A Demanda do Santo Graal*: Glossário. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MAURI, C.; RAMAT, A. G. The development of adversative connectives: stages and factors at play. *Linguistics*, v. 50, n. 2, p. 191-239, 2012.

MAURI, C.; AUWERA, J. Connectives. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (Ed.) *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 377-401.

MOESCHLER, L.; SPENGLER, N. La concession ou la refutation interdite: approches argumentative et conversationnelle. *Cahiers de linguistique française*, 4, p. 7-36, 1982.

MOESCHLER, J. Connecteurs, encodage conceptuel et encodage procedural. *Cahiers de Linguistique française*, Genève, n. 24, p. 265-292, 2002.

PANDER MAAT, H. Two kinds of concessives and their inferential complexities. In: KNOTT, A. et al. (Ed.) *Levels of representation in discourse*. Edinburgh: Human Communication Centre, 1999, p. 45-54.

PAUL, H. *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1886.

PRANDI, M. *The Building Blocks of Meaning: ideas for a philosophical grammar*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

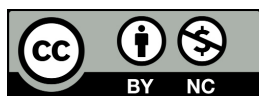
RUDOLPH, E. *Contrast: adversative and concessive relations and their expressions in English, German, Spanish, Portuguese on sentence and text level*. Berlin: Walter de Gruyter, 1996.

SCHMID, H. *English Abstract Nouns as Conceptual Shells: From Corpus to Cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

TORRES CACOULOS, R.; SCHWENTER, S. Towards an operational notion of subjectification. In: COVER, R.T.; KIM, Y. (Ed.) *Proceedings of the 31st Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 2005, p. 347-358.

TORRES CACOULOS, R. Relative Frequency in the Grammaticization of Collocations: nominal to concessive *a pesar de*. In: FACE, T.; KLEE, C. (Ed.) *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Proceeding Project, 2006, p.37-49.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.



Data de submissão: 14/06/2020

Data de aceite: 21/10/2020

AINDA EM FAVOR DE UMA INTERFACE ENTRE SOCIOLINGUÍSTICA E GRAMATICALIZAÇÃO

STILL ON DEFENSE OF AN INTERFACE
BETWEEN SOCIOLINGUISTICS AND GRAMMATICALIZATION

À Edair Görski, com toda minha admiração e respeito.

Sebastião Carlos Leite Gonçalves | [Lattes](#) | sebastiao.goncalves@unesp.br
Universidade Estadual Paulista | CNPq

Resumo: Neste artigo, insistimos na defesa de uma proposta de conciliação teórica-metodológica entre duas teorias linguísticas preocupadas com a mudança linguística – a Gramaticalização e a Sociolinguística –, destacando o pioneirismo da Linguística brasileira na elaboração dessa proposta, que passou a ser conhecida como “Sociofuncionalismo”. Para tratar dos pontos de convergência e divergência entre Teoria da Gramaticalização e Teoria da Variação e Mudança Linguística, partimos dos trabalhos de Naro e Braga (2000) e de Görski e Tavares (2013, 200-?), por terem sido os primeiros a responderem questões relevantes que levariam ao trabalho de interface entre os dois modelos teóricos. Ilustramos essa proposta de conciliação com casos de perífrases verbais de aspecto cursivo que, resultantes de gramaticalização, podem ser abordadas sob perspectiva sociofuncionalista. Primeiramente testamos dois critérios de gramaticalização – frequência de uso e parâmetros de auxiliaridade – e depois mostramos os contextos de variação entre as perífrases, provando, assim, a pertinência da proposta.

Palavras-chave: Sociofuncionalismo. Gramaticalização. Variação. Perífrase verbal. Aspecto.

Abstract: In this paper, we insist on the defense of a theoretical-methodological conciliation proposal between two linguistic theories concerned with linguistic change – Grammaticalization and Sociolinguistics – highlighting the pioneering of Brazilian Linguistics in the elaboration of this proposal, which turned to be known as “Sociofunctionalism”. To address the points of convergence and divergence between Grammaticalization Theory and Variation and Linguistic Change Theory, we start from

the Naro and Braga (2000) and Görski e Tavares' (2013) papers, since they were the first authors to answer relevant questions that would lead to the interface between these two theoretical models. We illustrate this proposal of conciliation with cases of grammaticalized cursive verbal periphrases that can be approached from a sociofunctionalist perspective. First, we test two grammaticalization criteria – frequency of use and parameters of auxiliarity – and then we show the contexts of variation between the periphrases. Therefore, we provide evidence for the relevance of this proposal.

Keywords: Sociofunctionalism. Grammaticalization. Variation. Verbal periphrasis. Aspect.

1 Introdução

Com as questões tematizadas neste artigo, presto minha homenagem a Edair Görski, uma das mais perseverantes defensoras do *Sociofuncionalismo*, uma terceira via teórica que procura conciliar pressupostos da Teoria da Gramaticalização, funcionalmente orientada (TG, daqui em diante)¹, e a Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVML, daqui em diante). Retomo esse tema aqui, porque ele é que me aproximou da homenageada no ano de 1999, quando, ainda aluno de doutorado, discutíamos com pesquisadores do PEUL (Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua) questões de gramaticalização, tentando, naquele momento, estender seus limites para a consideração também de processos de articulação de orações (SCRIPTA, 2001). No início de 2003, tive a honra de tê-la entre os arguidores de minha tese de doutorado (GONÇALVES, 2003), defendida na Unicamp, em Campinas, sob orientação de Maria Luiza Braga. Daí em diante, construímos uma relação profissional pautada por uma admiração mútua que, além de estreitar nossos laços de amizade, nos permitiu interagir em diversas atividades acadêmico-científicas, incluindo bancas de defesa e eventos da área (PAIVA; GÖRSKI; GONÇALVES, 2015; GÖRSKI; GONÇALVES, LUCHESI, 2011). Neste texto-homenagem, insisto, portanto, num ponto: a necessidade de continuidade de trabalhos nessa interface teórica ainda válida e tão bem difundida pela homenageada.

A partir dos anos 1970, ao lado da TVML (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), em franca ascensão, outras correntes da Linguística, especialmente o Funcionalismo, passaram cada vez mais a dar enfoque na busca de correlações entre es-

¹ Em defesa do estatuto teórico da Gramaticalização (cf. Newmeyer, 2001), assumo aqui seu forte caráter de modelo explanatório das dimensões sincrônicas e diacrônicas da língua. Nessa mesma direção, Bybee (2016) argumenta que a Gramaticalização é capaz de fazer fortes previsões diacrônicas, com consequências profundas para a análise e descrição sincrônicas, e “Isso a torna uma teoria” (p. 180).

estrutura e uso da língua, o que forçosamente conduziu os estudiosos dessas outras correntes a também terem de considerar a variação como inerente ao sistema. A conjugação desses enfoques para melhor compreensão da relação entre sistema, uso e variação ordenada fez ressurgir entre funcionalistas o interesse pela TG – até então esquecida nos estudos da mudança linguística –, sob a concepção de que a língua é um sistema adaptativo complexo que exhibe ao mesmo tempo estrutura, variação e gradiência e que nunca é produto acabado, mas sempre emergente do uso (HOPPER, 1987; BYBEE, 2016). Esse quadro teórico-metodológico ressurgido, também interessado na mudança linguística, vai encontrar pontos de convergência com a Sociolinguística Laboviana, mas também dela divergir em alguns aspectos.

No Brasil, a conciliação entre teorias sociolinguísticas e funcionalistas ecoa anos mais tarde, quando sociolinguistas labovianos, especialmente os ligados ao Grupo do PEUL (Programa sobre Estudos de Usos da Língua), começam, a partir dos anos 1980, a envidar esforços no tratamento de fenômenos variáveis, recorrendo a aspectos funcionais explicativos da variação e da mudança, momento em que a TG entra em cena com mais força, e o rótulo “Sociofuncionalismo” surge para evidenciar trabalhos que operam na interface entre as duas teorias (NEVES, 1999).

De modo mais fortalecido, a interface TG e TVML passa a se difundir entre linguistas brasileiros com o trabalho Naro e Braga (2000), no qual eles mostram pontos de acordo e de desacordo entre esses dois quadros. Na esteira de Naro e Braga (2000), seguiram os trabalhos de Tavares (2003) e, posteriormente, de Görski e Tavares (200?, 2013)², que, ao assumirem declaradamente o termo “Sociofuncionalismo”, vão às bases epistemológicas da TVML e da TG, para apontar, em detalhes, as similaridades entre seus postulados teórico-metodológicos, mas também os pontos de “difícil convergência ou mesmo divergentes” (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 87). Essas questões de fundo podem ser recuperadas na tese de doutorado de Tavares (2003), que mostra, de modo consistente, como os elementos linguísticos *e*, *aí*, *daí* e *então*, de diferentes origens gramaticais, resultam em variantes de uma mesma variável, ao implementarem, por gramaticalização diacronicamente atestada, a mesma função discursiva de conectivos coordenadores de sequenciação retroativa-propulsora de informações.

Em termos de uma explicitação teórico-metodológica clara, essa empreitada as-

² GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. *Teoria da variação/mudança e funcionalismo linguístico: (in) compatibilidades?* [200-?]. 30 p. Trabalho não publicado. A primeira versão desse trabalho circulou entre nós ao final dos anos 2000 e foi publicada, com alterações, como capítulo de livro (TAVARES; GÖRSKI, 2015); por isso, citamos aqui a versão original. Conciliando TG e TVML, são exemplos de outros trabalhos liderados por Görski, anteriores a 2013: Görski et al. (2002), Görski et al. (2003a), Görski et al. (2003b), Tavares e Görski (2006) e Görski (2008).

sumida por linguistas brasileiros somente anos mais tarde passa a ser discutida a partir do quadro da TG. Fazemos, nesse passo, alusão aos trabalhos de Nevalainen e Palander-Collin (2011) e o de Poplack (2011)³, ambos publicados no *The Oxford Handbook of grammaticalization* (NARROG; HEINE, 2011), que reúne inúmeros trabalhos, cujos objetivos se voltam a mostrar como a TG pode ser tratada na interface não só com a TVML, mas também com diferentes outros quadros teóricos (Gramática Gerativa, Gramática de Construções, Tipologia Linguística, Aquisição de Linguagem, Língua de sinais etc.). Enquanto Nevalainen e Palander-Collin (2011) discutem a difusão da gramaticalização em diferentes dimensões da comunidade linguística (variação dialetal e variação demográfica), Poplack (2011) mostra como o método da TVML pode ser aplicado a processos de mudança identificados com a gramaticalização na sua versão mais ortodoxa, ou seja, na investigação de mudanças internas ao sistema. Ambos os trabalhos partilham da crença de que o uso da língua, sua variabilidade inerente e a gradualidade da mudança são pontos cruciais para a TVML e para a TG.

Voltando à proposta deste artigo, seu título pode sugerir certa extemporaneidade do tema, dados os desenvolvimentos recentes de teorias sociolinguísticas e funcionalistas.⁴ Insistir no tema, no entanto, remete-nos a uma agenda de pesquisa que, fortemente praticada no início dos anos 2000, procurou responder à crítica de que a TG, como teoria de mudança, nada mais seria do que um “conjunto distinto de leis da língua que operam independentemente da mente e do comportamento de seus usuários” (NEWMAYER, 2001, p. 191-192). Retomando, então, essa agenda de pesquisa, advogamos pela não dissociação de fatores sociais da explicação da mudança linguística. As versões recentes de abordagens funcionalistas da mudança identificadas com os *Modelos Baseados no Uso* (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, por exemplo) parecem minorar fatores sociais, sobretudo na explicação da formação/gramaticalização de construções procedurais, mesmo admitindo, como princípio, que uso, variação sincrônica e mudança diacrônica não se dissociam.⁵ Nessa nova abordagem, é consensual que, quanto mais interação, mais os usuários tendem à padronização da variação, e o uso, como lócus da mudança, torna o falante fonte de micromudanças diacrônicas em seu próprio sistema e no de outros

³ Observamos aqui que, já nos fins dos anos 1990, Poplack recorria à gramaticalização como explicação de fenômenos variáveis. Cite-se aqui, como exemplo, Poplack e Tagliamonte (1996).

⁴ Não abordaremos aqui os desenvolvimentos recentes desses dois quadros teóricos. Ao leitor interessado, remetemos, no primeiro caso, aos trabalhos de Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2013) e Trousdale (2014), e no segundo caso, ao trabalho de Eckert (2012).

⁵ Referência deve ser feita, nessas ponderações, à Sociolinguística Cognitiva que, como extensão mais recente da Linguística Cognitiva, procura conjugar aspectos sociais da variação linguística e aspectos cognitivos por meio de métodos empíricos consistentes (SOARES DA SILVA, 2009).

(BARLOW; KEMMER, 2001). Some-se a isso o fato de que a TG não está superada pela abordagem construcional da mudança, conforme se lê em Heine, Narrog e Long (2016), reconhecimento que alicerça nossa defesa do Sociofuncionalismo como proposta ainda atual. É sob tal justificativa que se assenta o objetivo mais específico do presente artigo: insistir na defesa do “casamento” acertado e consumado entre TG e TVML, em suas respectivas versões retratadas nos trabalhos seminais aqui citados, mostrando sua adequação, por meio de um estudo de caso de variação entre perífrases verbais gramaticalizadas no domínio funcional de aspecto.

Feita esta introdução, o presente artigo segue estruturado em duas outras seções principais. Na seção 2, apresentamos os pontos de convergência e de divergências entre TVML e TG, destacados por Naro e Braga (2000), e as bases epistemológicas que, recuperadas por Görski e Tavares (200-?, 2013), justificam esses pontos. Na seção 3, ilustramos as discussões dos autores, com um estudo de caso de perífrases verbais gramaticalizadas de aspecto imperfectivo cursivo, expondo a metodologia da investigação (3.1.), os resultados na esfera da TG (3.2.) e sua interpretação sob a égide da regra variável (3.3.). Ao final, seguem nossas considerações finais e as referências.

2 Um diálogo eficiente entre TVML e TG

A definição clássica de gramaticalização parte do reconhecimento da existência de propriedades prototípicas que distinguem léxico e gramática, não considerados como componentes estanques, mas difusos. Enquanto formas gramaticais incluem categorias funcionais cujos membros são mais ou menos fixos na gramática das línguas, formas lexicais constituem classes abertas que podem ser livremente modificadas por processos morfossintáticos. Como resultado de processos de gramaticalização, formas e construções lexicais passam a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, podem desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). O que se infere dessa definição é que, se, por um lado, a uma mesma forma linguística podem se associar diferentes graus de gramaticalização, por outro, formas gramaticais emergentes passam a concorrer com outras existentes, cuja obsolescência, se ocorre, apresenta causas independentes.

Na base dessa definição clássica, a gramaticalização deve primeiramente ser entendida como um processo histórico e gradual, o que não significa que não possa também ser abordada de um ponto de vista que considere a fluidez dos padrões sincrônicos da língua. Seja da perspectiva diacrônica, seja da sincrônica, o essencial a se reconhecer na

gramaticalização é que formas submetidas a esse processo podem percorrer toda uma trajetória que as leva a assumir funções puramente gramaticais, típicas de processo de morfologização, ou podem instanciar apenas os primeiros passos desse processo de mudança, revelando casos incipientes de gramaticalização.

Esses aspectos essenciais da TG encontram amparo na concepção de “gramática emergente” (HOPPER, 1987), que enfatiza a existência de um fluxo intermitente e difuso entre as fronteiras que separam léxico e gramática. Sob essa concepção, Hopper (1991) propõe cinco princípios capazes de captar a natureza incipiente de processos de gramaticalização (*Estratificação, Divergência, Persistência, Especialização e Descategorização*), os quais, tomados conjuntamente, dão conta do reconhecimento de formas que ainda não se gramaticalizaram completamente como clítico ou afixo, mas que se encontram em um estágio em que a alteração categorial já é detectável. Desses princípios de Hopper (1987), interessa-nos destacar apenas dois, *estratificação* e *divergência*, os quais mais claramente permitem colocar em diálogo TG e TVML.

Segundo Hopper (1991), em processos de gramaticalização, *estratificação* e *divergência* devem ser assim compreendidas:

(i) *Estratificação*: num domínio funcional, novas camadas estão sempre emergindo, fazendo com que camadas novas e antigas coexistam num mesmo recorte temporal, como exemplificado em (1).

(1) Estratificação no domínio funcional de futuridade

Latim			>	Português		
Variante sintética	cant- <i>abit</i>			Variante sintética	Canta- <i>rá</i>	
	cantar-3PS.FutInd				Cantar-3PS.FutInd	
	‘Cantará’				‘Cantará’	
Variante analítica gramaticalizada	cant-are	<i>hab-et</i>	Variante analítica gramaticalizada	<i>Vai</i>	cant-ar	
	cantar-Inf	haver-3PS.PresInd		ir-3PS.Pres.Ind	cantar.Inf	
	‘há de cantar’			‘vai cantar’		

Fonte: Naro e Braga (2000, p. 129, com adaptação)

(ii) *Divergência*: quando uma forma se gramaticaliza, sua forma-fonte pode permanecer no sistema de modo autônomo e sofrer mudanças como um item lexical comum, como mostrado em (2).

(2) Divergência em usos de *aí*

a. uso dêitico (menos gramaticalizado)

no que diz respeito a você, gostaria muito de te encontrar: aqui, aí, onde for, e conversar um pouco sobre o trabalho. (Correspondência pessoal - 25/05/2000)

b. uso fórico

F: ... melhor ano escolar meu, no Pedro II, foi a minha segunda quinta série. Que aí eu fiz sabe? numa- numa higiene mental. (LEO-01)

c. uso juntivo (mais gramaticalizado)

F: Aí bota meio copo de óleo. Aí você bate no liquidificador e depois você tira e bota numa vasilha. (NA-01)

Fonte: Naro e Braga (2000, p. 128)

Enquanto, pela estratificação, apreendemos diferentes formas que, no mesmo domínio funcional, codificam função semelhante, pela divergência, apuramos diferentes funções de uma mesma forma. Ao cotejar o tratamento dado à variação linguística pela TG e pelo método da TVML, Naro e Braga (2000) destacam a pertinência desses dois princípios e, inicialmente, propõem o esquema em (3), explicativo da divergência.

(3) Representação esquemática da divergência

$$a \rightarrow a/n \ (\rightarrow n)$$

Fonte: Naro e Braga (2000, p. 128).

No esquema em (3), “a” representa a forma-fonte do processo de gramaticalização, “n”, a forma nova resultante desse processo, e “n” entre parênteses, a segunda etapa de uma possível mudança diacrônica. Destacam os autores que, enquanto estudiosos da gramaticalização focalizariam as propriedades de “a” que podem fazer surgir “n” (p. ex., seus traços semânticos e traços particulares do contexto linguístico), variacionistas se centrariam, primeiramente, no estágio “a/n” e, secundariamente, nos estágios representados por “a” e “n”, dadas as circunstâncias sociais favorecedoras ou não dos processos de mudança indicados pelas setas.

A questão inicial levantada por Naro e Braga (2000) é se poderia ser dispensado um tratamento de regra variável às formas distribuídas no *continuum* de gramaticalização representado em (3) (forma fonte “a”, forma nova “n” e possíveis formas intermediárias “a/n”). A resposta inicial a esse questionamento, não tão óbvia em princípio, seria “não”,

porque as etapas do *continuum* corresponderiam a classes de palavras diferentes que não são mutuamente intercambiáveis.

Para tratar da estratificação, na busca do tratamento variável, os autores propõem o esquema representado em (4).

(4) **Representação esquemática da estratificação**

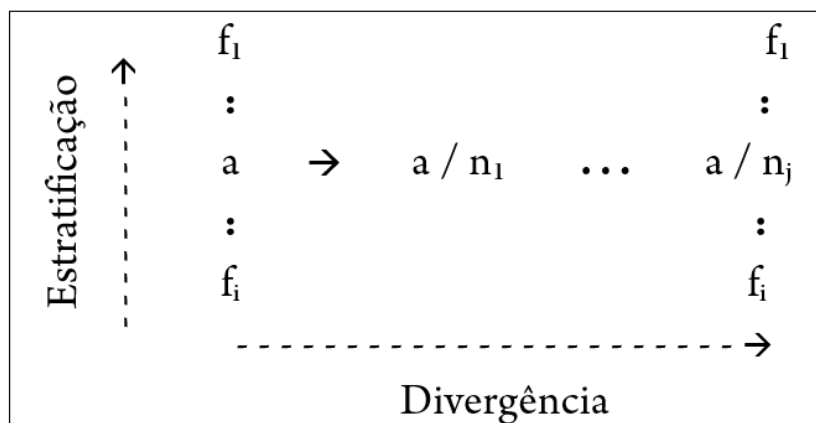
$$a/f \rightarrow a/n/f$$

Fonte: Naro e Braga (2000, p. 129).

No esquema em (4), “f” indica uma forma existente na etapa “a”, não diretamente envolvida no processo de gramaticalização que gera “n” a partir de “a”, o que significa que em uma etapa intermediária, existem duas fontes principais de formas coexistentes: “n”, que, em vias de gramaticalização, coexiste com “a”, estrutura que gerou o próprio “n” (divergência), e “f”, que não participa diretamente da gramaticalização, mas que, como resultado do processo, passa a conviver com “n” (estratificação).

Tentando responder à questão de se formas estratificadas num mesmo domínio funcional podem ser consideradas variantes de uma mesma variável dependente, Naro e Braga (2000) apresentam o esquema geral do quadro da gramaticalização/variação de modo mais detalhado, como segue representado em (5).

(5) **Representação esquemática da gramaticalização/variação**



Fonte: Naro e Braga (2000, p. 130; com adaptação)

No esquema em (5), os autores introduzem dois refinamentos: (i) na dimensão horizontal, os diferentes “n” ($n_1...n_j$) representam estágios coexistentes do *continuum* da gramaticalização, captados pelo princípio da divergência; na vertical, os diversos “f” ($f_1...f_i$) representam estruturas anteriores coexistentes no mesmo domínio funcional, captadas pelo princípio da estratificação.

Em torno desse esquema em (5), que tenta conciliar variação e gramaticalização, a diferença fundamental para a TVML e a TG gira em torno da exigência de mesmo significado referencial entre formas alternantes, o que significa que tal exigência se cumpriria apenas sob a ótica do princípio da estratificação. Enquanto um estudo variacionista deve responder à premissa de equivalência no nível semântico entre as variantes, essa exigência é dispensada pelos estudos da gramaticalização, justamente porque a gramaticalização trata da criação de novas formas de expressão atuantes num mesmo domínio funcional. No entanto, Naro e Braga (2000), a exemplo de Lavandera (1978), recomendam que se adote o afrouxamento dessa exigência variacionista para que nuances de sentido possam ser controladas por variáveis independentes. Somente assim uma aproximação entre os dois modelos teóricos se torna possível.

Voltando à divergência, como reconhecem os autores, o próprio rótulo já mostraria inapropriada sua aplicação a uma abordagem variacionista, uma vez que tal princípio trata de significados divergentes para uma mesma forma. No entanto, como advertem, a resposta negativa a esse ponto requer antes que se considere que “no início do processo de gramaticalização nem tudo está tão claro” (p. 131) e que é preciso compreender que a divergência começa exatamente por uma reanálise estrutural da construção original que, até se gramaticalizar numa nova função, pode conviver com construções diferentes que cumprem a mesma função. São exemplos os casos de construção de movimento com propósito, mostrados em (6a), que, como fonte da gramaticalização de futuro (6b), podem admitir um estágio inicial em que estruturas diferentes (de movimento com propósito e de futuro) podem ter um mesmo sentido.

(6) Reanálise estrutural na criação de construção de futuro

- a. Sujeito [be + V. movimento]_{SV} [V. complemento]_{SV} → movimento com propósito
Tony [is going] _{SV} [to give a lecture] _{SV}
- b. Sujeito [be going to + V. complemento]_{SV} → futuro
Tony [is going to give a lecture] _{SV}

Fonte: Naro e Braga (2000, p. 131, com adaptação)

Por último, o ponto divergente essencial entre TVML e TG diz respeito ao tratamento da mudança. A maioria dos variacionistas aceita que toda mudança linguística pressupõe um estágio anterior de variação, mas nem toda variação conduz à mudança, no curto ou médio prazos, o que significa admitir que o sistema comporta variação estável. Os estudiosos da gramaticalização, por sua vez, explicam a coexistência de formas capazes de codificar uma mesma função como uma etapa de um longo processo, que pode tanto se interromper quanto levar ao desaparecimento da estrutura original. Assim, as duas abordagens têm pontos de partida e áreas de interesse distintos, como parece claro na proposta de Naro e Braga (2000).

Resumidamente, os autores sustentam que a variação decorrente da estratificação pode ser investigada à luz da metodologia quantitativa da TVML. Em se tratando, todavia, da variação que depende da aplicação do princípio de divergência, a situação é mais delicada. É provável, porém, que, nos estágios iniciais do processo de mudança, as duas formas divergentes possam ter o mesmo sentido, condição para a aplicação da reanálise das fronteiras de constituintes, como mostrado em (6).

Görski e Tavares (200-?, 2013) vão ao exame minucioso dos “pressupostos das abordagens teórico-metodológicas da Sociolinguística e do Funcionalismo” e apresentam o Sociofuncionalismo como uma terceira abordagem resultante da compatibilização de entre as duas teorias (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 79). Como mostram, o valor atribuído à função e à estrutura revela as diferenças mais fundamentais entre as duas teorias, como apresentamos resumidamente no quadro 1.

Quadro 1 - Pontos de divergência ente TVML e TG.

TVML	TG
Focaliza o sistema e a estrutura, visando à postulação de regras abstratas subjacentes ao uso. Portanto, a natureza funcional da língua (fatores de natureza funcional) é secundária.	Focaliza a funcionalidade das estruturas no uso linguístico, não havendo necessidade de se estipularem regras abstratas subjacentes ao uso.
As regras variáveis representam um modo de descrever formalmente a inter-relação sistemática entre os condicionamentos internos e externos à língua.	Padrões linguísticos fluidos permitem a (re)constituição da gramática, que é funcionalmente motivada. Situações comunicativas moldam a gramática e as relações, em diferentes graus, entre funções e formas que se alteram ao longo do tempo.
A pesquisa empírica é fortemente controlada, de modo a se postularem variáveis de natureza discreta que expliquem a variação e a mudança.	As categorias da língua são de natureza gradiente, e a noção de <i>continuum</i> é essencial na explicação da variação e mudança. O comportamento linguístico se explica entre categorias linguísticas (que se sobrepõem) e não na categoria em si.

Fonte: Elaboração própria, a partir de Görski e Tavares (200-?).

Assumindo-se esses postulados em torno dos quais os dois quadros teóricos poderiam ser de difícil conciliação, uma aproximação entre eles começa a ser possível com a verificação, em mais detalhes, do modo como cada um concebe a variação e a mudança. Como destacam as autoras, o confronto dos pontos mostrados no quadro 2 a seguir, em torno dos quais poderia existir certa discordância entre TVML e TG, não chegam a impedir a busca de um imbricamento entre elas. Recorrendo a autores que são referências em cada uma das abordagens (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994; GIVÓN, 1979; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BYBEE; HOPPER, 2001), destacamos, de Görski e Tavares (2013), os postulados mostrados em (7), que, de modo cabal, permitem a conciliação entre os dois quadros teóricos.

(7) Pontos de convergência entre TG e TVML

- a.** A prioridade atribuída à língua em uso (em situações reais de comunicação), cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança.
- b.** A dinamicidade da língua (a língua está continuamente se movendo e mudando).
- c.** O *Princípio do Uniformitarismo* (LABOV, 1994), sob o qual sincronia e diacronia são perspectivas complementares para obtenção de prognósticos de mudança confiáveis.
- d.** A importância da frequência de uso, que, estatisticamente apurada, fornece evidências para a variação e mudança.
- e.** O entendimento da mudança linguística como um processo contínuo e gradual ao longo de espectros linguístico e social, com alterações contínuas em termos de frequência.
- f.** Os fenômenos de gramaticalização como fonte de explicação da variação e mudança morfossintática.

Fonte: Görski; Tavares (2013, p. 81-87, com adaptações).

Quadro 2 - A variação e mudança na TVML e na TG.

TVML	TG
Mudança é a disseminação da inovação na comunidade de fala (e não a inovação e suas causas em si)	Mudança é tanto o surgimento das inovações quanto sua propagação social.
Variação implica o reconhecimento de diferentes formas para um mesmo significado.	A variação é captada no reconhecimento tanto na estratificação de um domínio funcional quanto na divergência de funções para uma mesma forma.
Mudança decorre da variação (formas concorrentes para um mesmo significado).	Variação decorre da mudança (um item muda de significado e passa a concorrer com outras formas). A variação é pano de fundo.
A mudança é o ponto de chegada: uma forma pode se especializar e suplantar sua alternante.	A mudança é o ponto de partida: ao se gramaticalizar, uma forma passa conviver com outras num mesmo domínio funcional.
Ponto de imbricação	
Ao se gramaticalizar uma forma assume nova função, entrando em variação com formas antigas na codificação daquela função (perspectiva da sociolinguística).	
Capta uma etapa da gramaticalização quando a variação se instaura.	Capta diferentes etapas da variação ao longo do tempo.
Formas variantes vs. Camadas funcionais	
Nem toda variação leva à mudança (variação estável), mas toda mudança decorre da variação (uma forma se especializa).	Dentro de um domínio funcional, uma forma gramaticalizada não necessariamente suplanta a forma com a qual passa a competir (variação estável). Uma pode sofrer especialização (mudança) e iniciar novo ciclo de gramaticalização.
A variação se resolve com o tempo, quando uma regra variável se torna categórica.	A estratificação se resolve com o tempo, quando a forma gramaticalizada pode vir a se especializar em detrimento de outras do mesmo domínio funcional.

Fonte: Elaboração própria, a partir de Görski e Tavares (200-?).

3 Perífrases aspectuais [V_1 _ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER + V_2 _NDO] na abordagem sociofuncionalista

O fato de, na língua portuguesa, não haver morfemas gramaticais específicos para distinções aspectuais, como existem para a marcação de tempo e modo, pode explicar a existência de diferentes tipologias aspectuais e certo desacordo entre elas, conforme pode ser verificado no confronto das propostas de Castilho (1968, 2002), Travaglia (1981), Costa (2002) e Ilari e Basso (2008), para mencionar as principais. No entanto, um ponto consensual entre as diferentes propostas é o reconhecimento de perífrases verbais como recurso, por excelência, para codificação de valores aspectuais.

Um ponto a se destacar no funcionamento de grupos verbais com estatuto perifrástico diz respeito à natureza gramatical de V_1 na construção, o qual, ao se gramaticalizar, desenvolve função típica de verbo auxiliar. No entanto, critérios para sancionar a auxiliaridade de verbos em construções perifrásticas são vastos e pouco consensuais, chegando

a ser possível apurar, na literatura, 25 parâmetros diferentes (cf. HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008).

Em que pese o dissenso na *Aspectologia*, adotamos, neste trabalho, a tipologia defendida por Castilho (1968, 2002), também pelo pioneirismo de sua proposta para o português. De acordo com o autor, “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo” (CASTILHO, 1968, p. 14). Ou ainda: “é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as fases que ele pode compreender” (CASTILHO, 2002, p. 83). É do autor, a tipologia dada no quadro 3, da qual interessa a nossos propósitos destacar apenas a noção de aspecto imperfectivo cursivo.

Quadro 3 - Tipologia Aspectual

Faces Aspectuais	Valores	Noções Aspectuais	
Qualitativa	1. Duração (fasais)	Imperfectivo	Inceptivo
			Cursivo
			Terminativo
	2. Completamento (não-fasais)	Perfectivo	Pontual
Quantitativa	3. Repetição	Iterativo	Resultativo
			Imperfectivo
		Semelfactivo	Perfectivo
			.-

Fonte: Castilho (1968, 2010, com adaptações)

O *aspecto imperfectivo cursivo* refere-se à duração de processos acerca dos quais não se reconhecem princípio nem fim, sendo eles apresentados em seu pleno desenvolvimento. Esse tipo aspectual tem como variantes o *cursivo propriamente dito* e o *cursivo progressivo* (que marca a gradualidade do processo), além da combinação possível com a noção de repetição (*iteratividade*) ou não (*semelfactividade*) do processo, a depender do tipo semântico de verbos envolvidos na construção perifrástica.

Por ora, é suficiente exemplificar essas nuances do imperfectivo cursivo, com os casos de perífrases formadas pelos V_1 auxiliares *andar*, *continuar*, *ficar* e *viver*, seguidos de verbo principal no gerúndio (V_{2_NDO}). Essas perífrases são constituídas a partir de um processo de gramaticalização de V_1 na construção perifrástica, principalmente pela sua dessemantização como verbo pleno. Como resultado desse processo, as diferentes cons-

truções perifrásticas de aspecto cursivo coexistem na língua dentro de um mesmo domínio funcional, representando típico caso de estratificação. O reconhecimento dos valores aspectuais exemplificados de (8) a (11), no quadro 4, independe, em princípio, da flexão modo-temporal de V_1 (COSTA, 2002).

Quadro 4 - Ocorrências prototípicas de perífrases aspectuais

$[V_1\text{-ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER} + V_2\text{-NDO}]$

Funções	Ocorrências prototípicas
(8) Imperfeito cursivo semelfactivo	<p>a. $[FICAR + V_2_NDO]$ a gente chega LÃ a gente fica dançan::(d)o e ela some... (AC-010; NR:L. 96)</p> <p>b. $[CONTINUAR + V_2_NDO]$ do dia que eu casei até hoje eu continuo na minha casa e cuidan(d)o do meus filhos (AC-110; NE: L. 81)</p> <p>c. $[ANDAR + V_2_NDO]$ tinha um que era mais bem de situação ia de cavalo aí:: (insultô(u)) lá né?... (vixe)... andô(u) falan::(d)o insultan(d)o né? essa coisa... (AC-063; NR:L. 569)</p>
(9) Imperfeito cursivo iterativo	<p>a. $[FICAR + V_2_NDO]$ e eu fi/ e eu fico falan(d)o pra ela né?... que::... aquele carrinho::... éh:: sempre foi o que eu:: mais quis né? no Natal (AC-011; NE: L. 49)</p> <p>b. $[CONTINUAR + V_2_NDO]$ aí lá a gente assim continuo(u) mantendo contato a gente se falava todo dia... (AC-046; NE: L.74-75)</p> <p>c. $[ANDAR + V_2_NDO]$ já há alguns dias que ela anda me falan(d)o que ela/ que eles num tava legal:: tal (AC-022; NR: L.234)</p> <p>d. $[VIVER + V_2_NDO]$ meu vizinho vive me chaman(d)o pra ajudá(r) ele (AC-010; RO: L. 339)</p>
(10) Imperfeito cursivo progressivo	<p>a. $[FICAR + V_NDO]$ nós tínhamos um painel que tinha uns quarenta <i>plug</i>... então simultaneamente fazia uns quarenta interurbanos... só que tem cidade que tinha um aparelho... e uma linha... ((barulho de moto)) então um/ se tivesse alguém falando... naquele cabo lá... ela ficava acumulando as pessoas... (AC-114; NE: L. 147)</p> <p>b. $[CONTINUAR + V_2_NDO]$ e vai continuá(r) aumentan(d)o as vagas... tá nítido isso... a universidade em si acabô(u) de acampá(r)... o campus da FAMERP... (AC-080; RO: L.279)</p>
(11) Perfectivo pontual	<p>a. $[FICAR + V_2_NDO]$ eu fiquei sabên(d)o que ali no Vitor de manhã ali o ensino é::... é BOM ali né? (AC-015; RO: L. 931)</p>

Fonte: Elaboração própria, com base em Fernandes (2010).

Dois pontos devem ainda ser destacados da observação das ocorrências prototípicas mostradas no quadro 2: (i) além da noção de aspecto, V_1 auxiliar comporta também noções de tempo e modo, formando a chamada *cadeia verbo-para-TAM* (HEINE, 1993), auxiliando V_2 , na forma de gerúndio, a carregar tais informações; (ii) aspecto perfectivo pontual manifestado por $[V_1\text{-FICAR} + V_2\text{-NDO}]$ não compõe com os demais tipos aspectuais um mesmo subdomínio funcional de cursividade.

3.1 Aspectos metodológicos

Sob o Princípio da estratificação defendemos, então, que as perífrases constituídas por $[V_1\text{-ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER} + V_2\text{-NDO}]$ podem ser consideradas variantes de mesma variável dependente, à medida que, em sentido lato, se lida com construções diferentes para “mesmo” significado aspectual imperfectivo cursivo. Nuances aspectuais, como semelfactividade, iteratividade e progressividade, são captadas pelo controle variáveis semânticas independentes.

Os dados para esse estudo provêm da Amostra Censo do Banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), um banco de médio porte que registra a fala do interior paulista. Embora as 152 entrevistas sociolinguísticas que compõem o banco de dados sejam socialmente estratificadas (*sexo, nível de escolaridade, faixa etária e nível socioeconômico*), não apresentaremos resultados para variáveis sociais, na correlação com a variável dependente *tipo de perífrase*, dados os propósitos programáticos deste artigo.

Para testar o grau de gramaticalização das perífrases, adotamos dois critérios: (i) apuração de frequências *token* (ocorrência da perífrase independentemente de seu valor aspectual) e *type* (atualização em cada perífrase de nuances aspectuais distintas); (ii) análise qualitativa de 10 critérios de auxiliaridade (cf. quadro 5), escolhidos dentre os mais recorrentes e menos controversos na literatura e aplicados a cada tipo de perífrase.

Quadro 5 - Critérios de auxiliaridade aplicados às perífrases

$[V_1\text{-ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER} + V_2\text{-NDO}]$

Critérios	Explicitação
1. Inseparabilidade de V_1 e V_2	V_1 e V_2 não admitem material interveniente na perífrase.
2. Detematização de V_1	V_1 auxiliar não atribui papel temático a sujeitos e/ou complementos.
3. Escopo de negação	A negação incide sobre toda perífrase, e não sobre suas partes.
4. Sujeito único	V_1 e V_2 têm sujeito único, com traços e papel temático determinados por V_2 .
5. Irreversibilidade entre V_1 e V_2	Ordem fixa [V_1 auxiliar + V_2 auxiliado (em uma forma nominal)].
6. Escopo de tempo	Circunstante temporal incide sobre toda perífrase, e não sobre suas partes.
7. V_1 e V_2 têm núcleo oracional único	V_1 e V_2 não podem ser desmembrados em núcleos oracionais distintos.
8. Apassivação	V_1 é auxiliar se a equivalente passiva o inclui na mudança estrutural.
9. Recursividade	V_1 e V_2 admitem combinação de mesma raiz verbal.
10. Oposição a forma simples	Perífrases com auxiliares se opõem a forma verbal simples.

Fonte: elaboração própria, com base em Heine (1993) e Ilari e Basso (2008).

Se um critério se atualiza em alguma ocorrência da perífrase analisada, consideramos então que ele se aplica àquele tipo de perífrase, independentemente da frequência com que se aplica. Quanto mais critérios atualizados para um dado tipo, maior seu grau de gramaticalização.

Para confirmar a hipótese de que as perífrases integram o mesmo domínio funcional e, portanto, mantêm significado equivalente, procedemos ao levantamento de todos os tipos de V_2 do corpus que ocorrem com os diferentes tipos de V_1 na formação de perífrases que concorrem na codificação de mesmo valor aspectual. Em outras palavras, se um mesmo tipo de V_2 ocorre com mais de um tipo de V_1 expressando mesma função aspectual, inequivocamente a escolha do falante poderia recair sobre qualquer tipo de V_1 , configurando caso de variação.

3.2 Resultados

Partindo, agora, para os resultados, segue, na tabela 1, a apuração da frequência *token/type*, para os quatro tipos perifrásticos.⁶

Tabela 1 - Frequência de uso das perífrases aspectuais [V_1 -ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER]

Funções (<i>types</i>) \ V_1	<i>ficar</i> (4)	<i>continuar</i> (3)	<i>andar</i> (2)	<i>viver</i> (1)	Total
Imperfectivo cursivo semelfactivo	199/593= 33,4%	47/74= 64,8%	2/12= 16%	-	249/691= 36%
Imperfectivo cursivo iterativo	289/593= 48,7%	25/75= 33,7%	10/12= 84%	12/12= 100%	335/691= 48,5%
Imperfectivo cursivo progressivo	2/593= 0,5%	2/74= 1,5%	-	-	4/691= 0,5%
Perfectivo pontual	103/593= 17,4%	-	-	-	103/691= 15%
TOTAL (<i>tokens</i>)	593/691= 86%	74/691= 11%	12/691= 1,5%	12/691= 1,5%	691

Fonte: Elaboração própria, a partir de Fernandes (2010).

Destacam-se da tabela 1 os seguintes resultados principais: (i) perífrase com V_1 -*FICAR* é a mais frequente (86%), com quatro *types* aspectuais distintos, e a única a codificar também aspecto perfectivo pontual; (ii) as demais perífrases manifestam apenas aspecto imperfectivo cursivo, com nuances aspectuais que as diferenciam, sendo a iteratividade o traço que une todas elas e o responsável por quase metade das ocorrências (48,5%); (iii)

a frequência *token* reflete diretamente o número de *types* atualizados por cada perífrase, o que é um indicativo de que quanto maior a frequência *token* maior o número de *types*.

Considerando agora os 10 parâmetros de auxiliaridade que, aplicados a casos prototípicos de cada tipo de perífrase, sancionam o estatuto mais ou menos gramaticalizado de cada uma delas, o resultado é o mostrado no quadro 6, aqui reinterpretado a partir do trabalho de Fernandes (2010).

Quadro 6 - Grau de auxiliaridade de perífrases [*V₁-ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER*]

Crítérios <i>[V₁ + V₂_NDO]</i>	V₁-ANDAR	V₁-CONTINUAR	V₁-FICAR	V₁-VIVER
1. Inseparabilidade de V ₁ e V ₂	0	0	0	0
2. Detematização de V ₁	0	0	0	1
3. Escopo de negação	0	0	0	1
4. Sujeito único	1	1	1	1
5. Irreversibilidade entre V ₁ e V ₂	1	1	1	1
6. Escopo de tempo	0	0	0	1
7. V ₁ e V ₂ têm núcleo oracional único	0	0	0	1
8. Apassivação	1	1	1	1
9. Recursividade	0	0	0	0
10. Oposição a forma simples	1	1	1	1
Grau de gramaticalidade	4	4	4	8

N.B.: se um critério se aplica à perífrase atribui-se 1; se não se aplica, atribui-se 0.

Fonte: Fernandes (2010; com adaptação).

O resultado do quadro 6 mostra que perífrase com *V₁-VIVER* seria a mais gramaticalizada, ao passo que os outros três tipos apresentam o mesmo grau de gramaticalização.

Confrontando os resultados de frequência, expostos na tabela 1, e os de grau de auxiliaridade, expostos do quadro 6, os *clines* de gramaticalidade resultantes seriam os dados no quadro 7, a seguir.

Quadro 7 - Clines de gramaticalidade [V₁-ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER + V₂_NDO]

Critério de frequência <i>type</i>			
$[V_{1-VIVER} + V_{2_NDO}]$	>	$[V_{1-ANDAR} + V_{2_NDO}]$	>
----- 1 type -----	>	----- 2 types -----	>
	</		

Fonte: Elaboração própria.

Em trabalho comparando perífrases de Aspecto, Tempo e Modalidade, formadas por V₁-IR + *infinitivo* e por V₁-ANDAR/CONTINUAR/FICAR/VIVER + V₂-NDO, Gonçalves e Freitag (2011) observam que a divergência entre os dois critérios (frequências *token* e *type* e auxiliaridade) se deve aos parâmetros de auxiliaridade adotados, uma vez que a baixa frequência *token* para V₁-VIVER (apenas 12) restringe a verificação de sua multifuncionalidade (apenas o *type* iterativo) ao mesmo tempo em que reduz a possibilidade de atualização de um número maior de critérios de auxiliaridade. Situação contrária se verifica para os casos de V₁-CONTINUAR/FICAR: a maior variedade de funções (3 e 4 *types*, respectivamente) é reflexo da alta frequência *token* (74 e 593, respectivamente). Ainda segundo os autores, corroborando a importância da frequência de uso como forte indício de gramaticalização (BYBEE, 2003), esse resultado permite a formulação mais geral de que o maior ou menor grau de gramaticalização de uma forma é sempre proporcional a sua maior ou menor frequência *token/type*. Assim, o *cline* mais seguro para afirmar a gramaticalização das perífrases aspectuais de imperfectivo é o baseado na apuração da frequência, o que colocaria, de um lado, as perífrases com V₁-ANDAR/VIVER como menos gramaticalizadas e, de outro, as perífrases com V₁-CONTINUAR/FICAR como mais gramaticalizadas, como mostra o *continuum* em (12), representativo de uma hipótese de mudança a ser diacronicamente atestada.

(12) **Continuum de gramaticalização das perífrases aspectuais**

[V1-VIVER + V2_NDO] > [V1-ANDAR + V2_NDO] > V1-CONTINUAR + V2_NDO > [V1-FICAR + V2_NDO]

[- gramaticalizada]

[+ gramaticalizada]

3.3 Identificando contextos de variação

Para confirmar a viabilidade de um tratamento variável para os quatro tipos perífrásticos em exame, resta responder em que contextos eles podem ser considerados variantes de uma mesma variável ou camadas diferentes do mesmo domínio funcional. O resultado é o mostrado no quadro 8, dado a seguir, a partir do qual se observa que todas as perífrases constituem, de fato, casos de estratificação dentro do subdomínio aspectual de imperfeito cursivo, não representando problema algum para um estudioso da variação e da gramaticalização considerá-las como formas variantes.

Quadro 8 - Perífrases alternantes em função de tipos de V_{2_NDO}.

Codificação aspectual	V _{2_NDO}	Formas Alternantes			
		V1-FICAR	V1-CONTINUAR	V1-ANDAR	V1-VIVER
Imperfeito cursivo iterativo	<i>Adquirir</i>	√		√	
	<i>Bater</i>	√	√		
	<i>Brigar</i>	√	√		√
	<i>Brincar</i>	√	√		√
	<i>Chamar</i>	√			√
	<i>Colocar</i>	√	√		
	<i>Contar</i>	√		√	
	<i>Dar</i>	√	√		
	<i>Escrever</i>	√	√		
	<i>Falar</i>	√	√	√	√
	<i>Fumar</i>	√	√		
	<i>Insistir</i>	√	√		
	<i>Ir</i>	√	√		
	<i>Mexer</i>	√	√	√	
	<i>Passar</i>	√	√		
	<i>Preocupar</i>	√			√
	<i>Procurar</i>	√		√	
	<i>Sair</i>	√			√
	<i>Fazer</i>	√	√	√	
Imperfeito cursivo semelfactivo	<i>Andar</i>	√	√		
	<i>Cuidar</i>	√	√		
	<i>Estudar</i>	√	√		
	<i>Jogar</i>	√	√		

	<i>Morar</i>	✓	✓		
	<i>Namorar</i>	✓	✓		
	<i>Pescar</i>	✓	✓		
	<i>Trabalhar</i>	✓	✓		
	<i>Valer</i>	✓	✓		
	<i>Zoar</i>	✓	✓		
Imperfectivo cursivo progressivo	<i>Aumentar</i>	✓	✓		

Fonte: Fernandes (2010, com adaptações).

Observamos ainda, no quadro 8, que a maior variabilidade de tipos de V_{2_NDO} na combinação com V_{1_FICAR} confirma o estatuto mais gramaticalizados dessa perífrase, dado o maior número de contextos a que se aplica, por apresentar menor restrição semântica na combinação com V_{2_NDO} .

Para um estudo variacionista, se é o caso de o analista ter de estreitar o rigor de manutenção de mesmo significado referencial, as nuances de iteratividade, semelfactividade e progressividade podem requerer que se isolem contextos estritos de variação. Nesse caso, então, vários contextos variáveis se verificariam:

(i) todas as quatro perífrases variam na codificação de **aspecto imperfectivo cursivo iterativo**, como revela o caso de V_{2_FALAR} , que se combina com qualquer tipo de V_1 nessa acepção aspectual, como comprovam as ocorrências em (13).

(13) Contexto estrito de variação na codificação de aspecto imperfectivo cursivo iterativo

- a. eu ficava sempre **falan(d)o** – “um dia eu vô(u) passá(r) de lá vô(u) conhecê(r) ela” – (AC-067; NE: L.8)
- b. a gente continuô(u) se **falan(d)o** mas a gente num se via... (AC-021; NE: L.44)
- c. já há alguns dias que ela anda me **falan(d)o** que ela/ que eles num tava legal:: tal (AC-022; NR: L.234)
- d. minha mãe e meu pai... vivia **falan(d)o** pra mim estudá(r)... (AC-047; RO: L.300)

(ii) V_{1_ANDAR} , $V_{1_CONTINUAR}$ e V_{1_FICAR} variam entre si na codificação de **aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo**, como mostram as ocorrências em (14), com o mesmo tipo de V_{2_FAZER} , tipo específico que se encontra na fronteira com a nuance de iteratividade.

- (14) **Contexto estrito de variação na codificação de aspecto imperfectivo cursivo semelfactivo**
- a. ai eu acho uma coisa chata porque ela manda na tarefa e depois... eles **fica fazem(d)o** pergun::ta (AC-004; RO: L.266)
 - b. ao invés de eu faZê(r) a contabilidade pos meus clientes... eu fazia... **continuei fazem-do** isso... [Doc.: hum] e comecei a implantá(r) esses sistemas (AC-099; NE: L.107)
 - c. e quando chegô(u) no ano de dois mil... ele **andô(u) fazendo** umas coisa muito errada (AC-132; NE: L.43)

(iii) $V_{I-CONTINUAR}$ e $V_{I-FICAR}$ variam entre si na codificação de **aspecto imperfectivo cursivo progressivo**, como mostram as ocorrências em (15), com $V_{2-AUMENTAR}$, tipo específico na atualização da nuance progressiva.

- (15) **Contexto estrito de variação na codificação de aspecto imperfectivo cursivo progressivo**
- a. várias coisas éh o buraco na Camada de Ozônio tá se não me engano gele(i)ras no... pólo NORte e **fica aumentando...** a água no mar:: (AC-076; RP: L. 413)
 - b. **vai continuá(r) aumentan(d)o** as vagas... tá nítido isso... o governo já... além de tudo... o governo... acabô(u) de... a universidade em si acabô(u) de acampá(r)... o campus da FAMERP... (AC-080; RO: L. 279)

Conclusão

Neste trabalho, procuramos argumentar em favor da continuidade de trabalhos de interface entre TG e TVML, recorrendo a postulados teórico-metodológicos que as unem dentro de um quadro mais geral da pesquisa linguística voltado para o tratamento da mudança. Essa conciliação se revela eficaz na compatibilidade entre o conceito de *regra variável* e o *Princípio da estratificação*.

Atestamos empiricamente a adequação da proposta, investigando a gramaticalização de perífrases verbais de aspecto imperfectivo cursivo constituídas por diferentes tipos de V_I auxiliar seguidos de forma nominal de gerúndio. Mostramos que, uma vez gramaticalizada, essas perífrases passam a integrar o mesmo subdomínio funcional de aspecto imperfectivo cursivo, ainda que tenhamos verificado que elas apresentam diferentes graus de gramaticalização, dada a natureza semântica dos tipos de V_I que as constituem e a frequência de uso com que ocorrem no corpus.

Os resultados quantitativos permitiram demonstrar que as perífrases expressam em sua maioria aspecto imperfectivo cursivo (85%), comprovando parcialmente a hipótese inicial, porque, além desse tipo aspectual, identificamos também o aspecto perfectivo

pontual (15%), que não participa do mesmo subdomínio funcional aspectual e, por isso, não pode ser incluído na implementação da regra variável. A análise da gramaticalização das perífrases levou em conta três aspectos: a frequência geral da perífrase (frequência *token*), sua multifuncionalidade (frequência *type* individual) e a atualização dos critérios de auxiliaridade para cada tipo. Na elaboração do *cline* de gramaticalização das formas perifrásticas, o critério de frequência *token/type* mostrou-se recurso metodológico mais eficaz do que o de aplicação dos parâmetros de auxiliaridade, o que, ao final, permitiu-nos chegar à formulação geral de que quanto maior a frequência de uma dada forma, maior a probabilidade de, numa escala de gramaticalização, ela representar a forma mais gramaticalizada, e quanto menor a frequência, maior a probabilidade de ela representar a forma menos gramaticalizada.

Com a investigação da alternância entre os diferentes tipos de perífrases, demonstramos que todas elas podem, indistintamente, ser consideradas como formas variantes, e a elas ser dispensado um tratamento quantitativo, num estudo de gramaticalização, aos moldes da TVML, se afrouxada a premissa de manutenção de mesmo significado referencial. Todavia, na exigência de manutenção de mesmo valor de verdade, para atender interesse de variacionistas, nuances aspectuais distintas (*interatividade*, *semelfactividade* e *progressividade*) passam a estreitar os contextos variáveis, selecionando apenas aquelas perífrases que cumprem exatamente a mesma função.

Mostrados os passos teórico-metodológicos que tornam compatíveis interesses de variacionistas e de estudiosos da gramaticalização dentro de um quadro sociofuncionalista, torna-se fácil compreender como o trabalho de investigação se implementaria daí em diante, na consideração de fatores/variáveis estruturais e/ou sociais que explicitem como a mudança se processa e como ela pode ser mais bem compreendida dentro de um ou de outro quadro teórico, seja em perspectiva sincrônica seja em perspectiva diacrônica.

Arrematando essa conclusão, reforçamos a orientação de Görski e Tavares (200-?) na empreitada de um estudo sociofuncionalista: cabe ao pesquisador adotar uma postura ou mais funcionalista, afrouxando o conceito de regra variável, na consideração de funções similares que diferentes formas cumprem num mesmo domínio funcional, ou mais variacionista, estreitando o foco de análise na consideração de formas divergentes que codificam um mesmo significado referencial. Assim, cada postura, ao evidenciar métodos e medidas distintos, porém compatíveis, mantém o compromisso com o modelo teórico que guia a investigação.

Referências

- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha; Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016. [Título original: Language, usage and cognition].
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Ciências e Letras, 1968.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela (Org.). *Gramática do Português Falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v. VIII, p. 83-121.
- COSTA, Sonia Barbosa. *O aspecto em português*. 3.Ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 41, n.1, p. 87-100, 2012.
- FERNANDES, Flávia Orci. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. 2010. 91f. Iniciação Científica (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual Paulista/Fapesp, São José do Rio Preto, 2010.
- GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy (Ed.). *Syntax and semantics: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p. 81-112.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; FREITAG, Raquel Meister Ko. Da forma para função ou da função para forma? *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 13, n. 1., p. 89-107, 2011.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*, 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 15 jul. 2007.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Orientador: Maria Luiza Braga. 2003. 250f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- GÖRSKI, Edair Maria. A questão do continuum na interface variação/gramaticalização. In: MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto et al. (Org.). *Estudos da linguagem*. Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Pelotas: EDUCAT, 2008. v. VIII, p. 145-172.
- GÖRSKI, Edair Maria; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LUCHESI, Dante. Os estudos de variação: balanço crítico e panorama atual. 2015. Mesa-redonda apresentada no 59º. Seminário do GEL, Bauru, 2011.

GÖRSKI, Edair Maria *e al.* Mudança em fenômenos discursivos via variação e gramaticalização: o papel dos fatores sociais. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 32, n.1, [s.p.], 2003a. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32>. Acesso em: 1 jul. 2020.

GÖRSKI, Edair Maria et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003b. p. 106-122.

GÖRSKI, Edair Maria *et al.* Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 31, n. 1., [s.p.], 2002. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/31>. Acesso em 1 jul. 2020.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. *Teoria da variação/mudança e funcionalismo linguístico: (in)compatibilidades?* [200-?]. 30 p. Trabalho não publicado.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, Natal, v. 15, n.1/2, p. 75-101, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411>. Acesso em 1 jul. 2020.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd; NARROG, Heiko; LONG, Haiping. Constructional change vs. Grammaticalization. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 40, n. 1, p. 137-175, 2016.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, Berkeley, v. 13, p. 139-57, 1987.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O verbo. In: ILARI, Rodolfo et al. (Org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. v. II, p. 163-365.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in society*, Cambridge, v. 7, n.2, p. 171-182, 1978.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade. In: LOBATO, L. et al. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

LONGO, Beatriz N. de Oliveira; CAMPOS, Odette Gertrudes L. A de Souza. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela (Org.). *Gramática do Português Falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v. VIII, p. 445-497.

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza A interface sociolinguística/gramaticalização. Niterói, *Gragoatá*, v.9, n. 1, p. 125-134, 2000.

NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *The Oxford Handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

NEVALAINEN, Terttu; PALANDER-COLLIN, Minna. Grammaticalization and Sociolinguistics. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *The Oxford Handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 118-129.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. esp., p. 70-104, 1999.

NEWMeyer, Frederick. Deconstructing grammaticalization. *Language Science*, Amsterdam, v. 23, n. 2-3, p. 187-229, 2001.

PAIVA, Maria Conceição; GÖRSKI, Edair Maria; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Variação e mudança sob perspectiva do Sociofuncionalismo Linguístico*. 2015. Mesa-redonda apresentada no VI Seminário de Sociolinguística, Vitória, ES, 2015.

POPLACK, Shana. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *The Oxford Handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.

POPLACK, Shana; TAGLIAMONTE, Sali. Nothing in context: variation, grammaticization and past time marking in Nigerian Pidgin English. In: BAKER, Philip; SYEA, Anand (Ed.). *Changing meanings, changing functions*. Papers relating to grammaticalization in contact languages, v.2. London: University of Westminster Press, 1996. p. 71-94.

SCRIPTA. Belo Horizonte: PUC Minas, 1997-. ISSN 1516-4039. 2001.

SOARES DA SILVA, Augusto. A Sociolinguística Cognitiva: razões e objecto de uma nova área de investigação linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades - Estudos Linguísticos*, Braga, PT, v. 13, fasc. 1, p. 191-212, 2009.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Orientador: Edair Maria Görski, 2003. 302f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Sociofuncionalismo: da teoria à prática pedagógica. In: SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Maria Elizabeth (Org.). *Linguística e práticas pedagógicas*. Santa Maria: Palloti, 2006. p. 127-148.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e Sociofuncionalismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. On the relationship between grammaticalization and constructionalization. *Folia Linguistica*, Berlim, v. 48, n.2, p. 557-578, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, Winfred; MALKIEL, Yakov (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.



Data de submissão: 06/08/2020

Data de aceite: 02/10/2020

VALORES MODAIS DO MORFEMA -RA NA LÍRICA PROFANA GALEGO-PORTUGUESA

MODAL MEANINGS OF THE MORPHEME -RA
IN THE SECULAR GALICIAN-PORTUGUESE LIRIC

Márluce Coan | [Lattes](mailto:coanmalu@ufc.br) | coanmalu@ufc.br
Universidade Federal do Ceará

Resumo: Neste artigo, utilizando dados da lírica profana galego-portuguesa, analisamos os usos modais do morfema -ra no eixo passado, considerando-se seus significados de passado conjuntivo, passado condicional, passado volitivo e passado anterior ao momento de fala, bem como investigamos os efeitos do tipo de cantiga, do item lexical e da polaridade na configuração desses usos modais. Nossos dados provêm das cantigas profanas disponíveis no *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* e no projeto *Edição, Atualização e Preservação do Património Literário Medieval Português*. Os resultados apontam maior frequência modal de -ra em cantigas de amor, especialmente nas funções condicional, volitiva e conjuntiva, por vincularem-se a segredos amorosos, diferentemente das de escárnio e maldizer, que exibem um estilo mais direto. Em relação à análise lexical, nossos resultados indicam que, na função volitiva, ganham destaque os verbos modais; nas demais funções, predominam verbos de estado, cognitivos e sensitivos, em oposição aos verbos de ação e processo, mais utilizados quando o -ra codifica funções temporais. Ademais, há mais usos de -ra modal em contextos de polaridade positiva, implicando equilíbrio entre as tarefas de cognição e codificação: a expressão da irrealidade ou distanciamento da realidade via -ra é função menos frequente que a temporal, portanto, mais marcada, função codificada em contextos mais frequentes (os afirmativos), portanto, menos marcados. Decorre dessa análise a observação de que, nos usos modais do -ra, podemos aludir à irrealidade, independentemente de ser o enunciado afirmativo ou negativo.

Palavras-chave: Morfema -ra. Passado conjuntivo. Passado condicional. Passado volitivo. Passado próximo.

Abstract: In this paper we analyze data from the Galician-Portuguese secular lyric regarding the uses of morpheme -ra in past time axis, considering their modal functions, such as conjunctive past, conditional past, volitive past and closer past to the speech time, and in-

investigate the effects of the type of lyric song, lexical token and the polarity to configure the modal contexts. Thus, our data come from the *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* and the project *Edição, Atualização e Preservação do Património Literário Medieval Português*. The results show a higher modal frequency of -ra in love songs, especially in the conditional, volitive and conjunctive functions by binding to love secrets as opposed to scorn and bad comments, which exhibit a more direct style. In relation to lexical analysis, our results indicate that modal verbs stand out in the volitive function, whereas in other functions predominate state, cognitive and sensitive verbs, as opposed to the action and process verbs, which are more used in the temporal functions. Furthermore, there are more uses of the modal -ra in contexts of positive polarity that means a balance between cognition and coding tasks: the expression of unreality or distance from reality by -ra is less frequent, therefore more marked than -ra with temporal function, but is codified in more frequent contexts (affirmatives), therefore less marked. From this analysis results the observation that in the modal uses of -ra, we can allude to unreality, regardless of the affirmative or negative statement.

Keywords: Morpheme -ra. Conjunctive past. Conditional past. Volitive past. Closer past.

1 Introdução

As cantigas trovadorescas galego-portuguesas, produzidas entre o final do século XII e meados do século XIV, desenvolvem-se nos reinos de Leão e Galiza, de Portugal e de Castela. Conforme Carolina Michaëlis de Vasconcelos, desde o extremo da Galiza até o extremo do Algarve, apesar de haver algumas variantes provinciais, há um tipo linguístico comum, além de “modos de viver, sentir, pensar, poetar” semelhantes - “uniformidade e semelhança que falam eloquentemente a favor da afinidade primitiva de lusitanos e galaicos” (VASCONCELOS, 1904, p. 780). Nesse contexto, com a criação do gênero “cantiga de amigo”, o movimento trovadoresco, iniciado na França, assume características próprias.

Embora as cantigas tenham feição artística, resultem, em alguns casos, de estilizações, foram feitas com critério uniformizador (LORENZO, 1975), já que os trovadores utilizavam uma língua comum. Para Monteagudo (2012), o termo galego-português justifica-se tanto do ponto de vista histórico quanto literário, já que foram os cancioneiros *galego-portugueses* que registraram as mais antigas manifestações literárias do idioma, resultado da evolução natural do latim vulgar. Essa língua denominada galego-português

ou galaico-português, conforme Teyssier (1997), já ocorria desde o século IX, no entanto, os textos escritos só aparecem no século XIII, período em que a reconquista militar e política está em vias de terminar: a língua literária que emerge então é o galego-português do Norte, forma que toma o latim no ângulo noroeste da Península Ibérica, região correspondente à parte do território que hoje é Espanhol (norte do rio Minho) e à parte que hoje é território português (sul do Minho e norte do Douro).

Castro (2002) chama-nos a atenção, também, para o fato de que, para o primeiro linguista português, Francisco Adolpho Coelho, não havia dúvida de que, na Idade Média, os dialetos galegos e portugueses divergiam muito pouco: “portuguez e gallego sahiram d’uma mesma base commum, a lingua gallecio-portugueza dos seculos XII a XIV” (COELHO, 1887, p.132 apud CASTRO, 2002, p. 7). Considerando-se que, entre os séculos XIV e XVI, acentuaram-se divergências entre galego e português, em grande parte, por razões históricas e políticas (MAIA, 1986), o estudo da lírica trovadoresca, justamente pelo critério uniformizador, poderá revelar resultados expressivos. Conforme a autora, todos os elementos, mesmo fragmentários, são preciosos para conhecermos mais sobre os dialetos da idade média. Também Monteagudo (1999) adverte que há necessidade de um estudo mais profundo da lírica galego-portuguesa, para constatar o caráter homogeneizante que é evidente no aspecto ortográfico.

Especificamente sobre o morfema -ra, tema de nossa pesquisa, Martins e Paiva (2013) observam que conclusões mais definitivas, acerca de sua trajetória e perda de produtividade em Português, exigem uma análise que considere os diferentes usos dessa desinência em estágios anteriores, principalmente, no português medieval. Optamos por analisar esses usos do -ra nas cantigas profanas, porque, diferentemente de outros gêneros, trata-se de produções que estariam, segundo Lagares (2006), entre a escrita e a oralidade, entre o erudito e o popular.

Tendo em vista que quase todas as línguas românicas (com exceção do romeno e do galego) evidenciam desenvolvimento de um mais-que-perfeito analítico (*haver* ou *ter* mais partícipio) em lugar do mais-que-perfeito sintético que era único em latim, poucos linguistas, conforme Söhrman (2015), tem se dado conta de que o -ra pode expressar modalidades diferentes, que o autor resume em dois conceitos: (i) mudança do mundo referencial (quando a referência não tem enlace com um momento do mundo real, mas com um mundo possível, ou seja, não fala sobre o passado, mas de algo cognitivamente distante) e (ii) aumento da força ilocucionária (há uma força que modifica a mensagem, mas não um deslocamento ao mundo real). Ainda segundo o autor, os valores modais do

mais-que-perfeito são bastante notáveis, embora pouco comentados.

Neste artigo, com o intuito de tratar do morfema *-ra*, analisamos seus valores modais na lírica trovadoresca galego-portuguesa, ou seja, em dados dos primórdios da Língua Portuguesa, tendo em vista que, por volta de 1350, conforme Teyssier (1997), esta língua galego-portuguesa do Norte, já separada por fronteira política, começa a sofrer evolução gradativa e transformar-se no português. Seguimos a premissa de que há um processo de gramaticalização em que uma forma de valor temporal passa a codificar, também, valores modais. Com esse propósito, pautamo-nos, primordialmente, em estudos funcionalistas referentes à gramaticalização, cujos pressupostos apresentamos na seção que segue.

2 Base teórica

Pautamos nossa análise em estudos de gramaticalização como extensão metafórica, na acepção de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994). Os autores não restringem gramaticalização ao desenvolvimento de morfemas gramaticais a partir de lexicais; consideram outros mecanismos como: extensão metafórica; inferência; generalização; harmonia e absorção (retenção de um traço). Ademais, Heine *et al.* (1991) referem-se à gramaticalização como mudanças de significados baseados na situação externa para significados baseados na situação interna, em função textual ou nas crenças do falante. Em tais casos, a mudança não leva, necessariamente, à substituição, mas à estratificação (HOPPER, 1991), devido à emergência e à coexistência de camadas. Essa perspectiva de gramaticalização está assentada nas consequências do processo, o que reflete, segundo Lichtenberk (1991), a gramática como produto de um desenvolvimento histórico.

Klein-Andreu (1991) observa que o significado original de *-ra* tem sido reanalisado de referência a um tempo anterior, a algum ponto no passado, à referência de um passado sem indicação de anterioridade e de assertivo a não-assertivo. Em análise de dados do século XIV, especificamente do espanhol, a autora localizou 16 casos de *-ra irrealis*, ao passo que havia 135 de *-ra realis*. A utilização de *-ra* em eventos hipotéticos o conduziu à indicação de não-assertividade: primeiramente, observou-se o *-ra* em apódoses (oração consecutiva de uma condicional), depois em prótases (oração condicional), refletindo um processo de maior para menor assertividade.

Além desses usos em orações condicionais e/ou consecutivas de uma condicional, há também um uso de *-ra* que não tem a ver com anterioridade temporal, mas com uma estratégia modal para distanciar o falante do conteúdo proposicional. Fleischman (1989) mostra que tal uso não reflete o significado básico de tempo passado, mas reflete

uma distância mais ampla da realidade presente. Nessa perspectiva, o uso modal do -ra pode ser analisado como uma metáfora do tempo, uma expressão atitudinal do falante/escritor relativamente ao conteúdo proposicional (FLEISCHMAN, 1982; BYBEE e FLEISCHMAN, 1995), já que, conforme Travaglia (1991), formas verbais têm uma função dêitica de localização do evento e uma função modal de indicação de realidade (função ideacional, conforme Halliday, 1985). O uso do -ra serviria, portanto, para indicar menos assertividade, distanciando o enunciador do conteúdo proposicional. Esse uso é classificado como metafórico porque uma forma que codifica distanciamento temporal é utilizada para indicar distanciamento em outros eixos cognitivos ou conceptuais (SWEETSER, 1990).

Em alusão à proposta de Givón (1984; 1993; 2001), tais usos atestados na literatura representariam asserção *irrealis* (verdade possível), coincidindo com as noções de futuridade (possível, incerto), em contraposição à factualidade do passado. Conforme o autor, isso teria a ver com representação cognitiva dos eventos memorizados *versus* imaginados, o que estaria associado à tipologia verbal, por descrever mundos imaginários *versus* estados ou eventos, refletindo, portanto, modalidade *irrealis* ou *realis*.

Como Pérez (2017), reconhecemos a irrealidade como conteúdo gramaticalizado, associado a valores pragmáticos variados, por exemplo, cortesia, atenuação, negação implícita, improbabilidade, bem como concebemos que a irrealidade é um conteúdo modal de expressão da realidade subjetiva. Para Coan (2020), quando o -ra expressa irrealidade salienta a modalidade e não o tempo, sendo, portanto, uma metáfora da expressão do tempo. Trata-se de uma estratégia de distanciamento em outros domínios via escolha de uma forma mais distante temporalmente, o que nos leva a pressupor que, na escolha do -ra modal, também interfira a iconicidade nos termos de Givón (1990; 1991; 1995 e 2001): a codificação via forma que marca distanciamento temporal pode refletir um procedimento cognitivo para marcar distanciamento da situação expressa pela forma verbal.

Nas cantigas, de acordo com Xove (1977), a forma em -ra conserva seu valor temporal, salvo em alguns casos de modalidade irreal (*poderan* = *poderiam*) e outros de imperfeito do subjuntivo (*-ra* = *-se*). O uso “de cortesia ou de modéstia” (*poderan* = *podiam/poderiam*), para Rojo (1974), coincide com o imperfeito ou futuro hipotético: a aparição da forma em -ra nesse tipo de frase ocorre porque se trata de orações de sentido condicional cuja prótase se há elidido; não podem, portanto, ser substituídas por -se, comutando apenas com formas do indicativo. Na acepção de Gili Gaya (1973), esse uso reflete uma zona indeterminada entre subjuntivo e indicativo. Em relação ao uso subjuntivo de -ra,

em análise do Cancioneiro da Ajuda, Martinez e Moscoso Mato (2007) localizaram formas do tipo ‘cantara’ com valor de pretérito do subjuntivo (pretérito imperfeito), além do valor prototípico de antepretérito (pretérito mais-que-perfeito).

São os valores modais de -ra que nos interessam nesta pesquisa, por isso atentamos para esses usos conjuntivos e condicionais, bem como para outros dois valores atestados em estudos diacrônicos: passado volitivo e passado próximo. Coan, Lima e Sampaio (2019) e Coan (2021) atestam uso de -ra em enunciados desiderativos, nos quais há projeção de um desejo ou possibilidade. Xove Ferreiro (1977), Fiorin (1996) e Coan (2003) verificam, outrossim, que o mais-que-perfeito em -ra, às vezes, é utilizado para indicar uma ação passada anterior ao momento de fala e não anterior a outro passado. Esse uso (conforme Szertics, 1967 apud Xove, 1977) pode ser observado também no romanceiro velho castelhano.

Para operacionalizar nossa proposta e articular os dados aos pressupostos acima expostos, opções metodológicas foram necessárias, tanto em termos de confiabilidade dos dados quanto em termos de seleção dos parâmetros analíticos. Esses procedimentos integram a próxima seção, na qual (i) listamos o corpus, (ii) mostramos dados descartados, tendo em vista o foco deste artigo, e (iii) apresentamos os parâmetros analíticos. Dessa guisa, passa a ser evidente que não nos debruçamos sobre toda a lírica galego-portuguesa (profana e mariana), mas somente sobre a lírica profana; também que nos interessamos pelas funções modais, cientes de que o -ra tem domínio mais amplo; ademais, três parâmetros analíticos foram escolhidos, tendo em vista as opções teóricas delineadas acima.

3 Procedimentos metodológicos

Analisamos cantigas profanas provenientes de três recolhidas: o Cancioneiro da Ajuda, o Cancioneiro da Biblioteca Nacional e o Cancioneiro da Biblioteca Vaticana. Em geral, são cantigas de amor (cantigas em voz masculina), de amigo (cantigas em voz feminina) e de escárnio e maldizer (cantigas satíricas, encobertas - de escárnio ou ostensivas - de mal dizer), embora haja outras: espúrias, de *sirventês* moral e de gênero incerto, nas quais também localizamos dados da forma em -ra com função modal. As cantigas são do final do século XII a meados do século XIV, período em que a língua falada se desenvolve como língua literária por excelência. São 1.683 cantigas, desconsideradas aqui *As Cantigas de Santa Maria*. Embora tenham em comum com as cantigas profanas a língua galego-portuguesa, são fundamentalmente cantigas religiosas, cuja temática recai sempre a atos de louvor. Conforme Massini-Cagliari e Favaro (2010), tais cantigas, mandadas

compilar por Afonso X, relatam, em geral, milagres marianos, embora haja algumas referentes a festividades (também marianas). Igualmente, Bacarat (2010) destaca que os dois gêneros predominantes nas Cantigas de Santa Maria são: cantigas de milagre (relato de acontecimentos nos quais a Virgem intervém a favor de algum personagem devoto) e cantigas de louvor (poemas líricos, nos quais D. Afonso X se revela fiel à Santa Maria).

Nossos dados provêm do TMILG (Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega - <http://ilg.usc.gal/tmilg/>) e da Base <https://cantigas.fcsh.unl.pt>, resultante do projeto *Edição, Atualização e Preservação do Património Literário Medieval Português*. O TMILG, sediado no Instituto da Língua Galega - Universidade de Santiago de Compostela, disponibiliza, aproximadamente, 16.000 unidades textuais da era medieval, distribuídas por gênero textual: a) prosa documental (aquisição e gestão patrimonial; mundo mercantil e transações comerciais; documentos administrativos; documentos familiares; escritos em geral como depoimentos, advertências, sentenças etc; documentos reais e documentos eclesiásticos); b) prosa não documental (literária, histórica, religiosa, técnica e jurídica) e c) poesia (lírica trovadoresca - profana e religiosa - e lírica da decadência). Essas 16.000 unidades compreendem o período que vai do século VIII ao XVII. O projeto LITTERA, sediado no Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, é uma base que inclui a totalidade das cantigas medievais dos cancioneiros galego-portugueses, bem como as respectivas imagens dos manuscritos, que podem ser consultados para conferência de dados. Ademais, para as edições, a base considerou leituras anteriores de numerosos especialistas, como as de Carolina Michaëlis, Henry Lang, Oskar Nobiling, José Joaquim Nunes ou Rodrigues Lapa.

Embora os dados sejam os mesmos, nossa recolhida, inicialmente no TMILG, necessitou de confirmação interpretativa, assim, analisamos a interpretação dada pelo projeto LITTERA, bem como confirmamos outras nos manuscritos disponibilizados pelo projeto. Esse percurso, embora exaustivo, livra-nos de interpretações equivocadas tendo em vista o distanciamento temporal que, por vezes, trai nosso julgamento. Em alusão à proposta de triangulação de dados, a observação dos mesmos dados nos dois corpora dá mais confiabilidade aos resultados.

De posse dos dados em -ra, selecionamos aqueles que diziam respeito a funções modais no eixo pretérito. Dessa guisa, excluímos desta análise em particular os usos de -ra dispostos no eixo do futuro, já que há muitos exemplos cuja distinção é contextual, tendo em vista que a forma é a mesma (sem acento, para distinguir, por exemplo -ra de -rá),

como ocorre com o exemplo (1) abaixo. Também os casos em que havia a forma -ra no corpus, mas em comparação ao manuscrito era -ro, conforme exemplo (2). Outrossim, em termos funcionais, excluímos os usos de -ra como antepretérito/passado do passado (conforme exemplo 3), cuja função é temporal e não está em foco neste artigo, no qual priorizamos as funções modais do eixo passado.

- (1) E poila vir, se poder ssy guardar | de lh' aviir com' end' a min aven, | ben terrey eu que **escapara** en; | mays d' üa ren ei ora gram pavor: | des que a vir, este conselhador | de non poder min nen ssy conselhar. (*Martin Soares*)¹
- (2) Os namorados que trobam d' amor | todos deviam gram doo fazer | e nom tomar em si nem üu prazer, | por que **perderan** [perderon] tam boo senhor | como el rei dom Denis de Portugal, | de que nom pode dizer nem üu mal | homem, pero seja posfazador. | (*Johan, jogar - jogral medieval*)
- (3) Deitou un frad' a pacer sas bestas, que **comprara**; | e, por que as non achou ali u as **deitara**, | irado-los-á el-Rei. (*Fernan Soares de Quinhones*)

Após essa seleção, mapeamos as diferentes funções modais por tipo de cantiga (amor, amigo, escárnio e maldizer, além das de espúria, *sirventês* moral e gênero incerto). Na sequência, observamos marcas modais associativas de acordo com o item lexical e com polaridade (orações afirmativas *versus* negativas), as quais poderiam levar ou contribuir à interpretação modal do morfema -ra. Em todas essas análises, computamos frequência de uso, considerando, a exemplo de Labov (1972), Lass (1980), Bybee (2007) e Fox (2007), a importância da frequência para a mudança e para a modulação gramatical.

4 Análise: acepções modais do morfema -RA

Do corpus sob análise, verificamos que há 289 dados de -ra, distribuídos em: a) acepções temporais, 97 dados (conforme ilustramos acima em 3), os quais não são objeto de estudo nesta pesquisa, e b) 192 dados com acepções modais: de passado condicional (121 dados), volitivo (32 dados), conjuntivo (24 dados) e próximo (15 dados), ilustradas, respectivamente de 4 a 7 abaixo. Para cada exemplo, diagramamos, conforme proposta de Reichenbach (1947), o dado sob análise e seu ponto de referência em perspectiva temporal, para mostrar que a forma em -ra (considerada aqui o momento do evento

¹ Os dados bem como os nomes dos autores são aqui grafados como aparecem no TMILG – Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega, que foi nossa primeira base de coleta dos dados.

- ME) ora se situa temporalmente antes do ponto de referência que, por sua vez, situa-se antes do tempo de fala como no clássico exemplo de passado do passado: ME>MR>MF, porém isso nem sempre ocorre, havendo outras configurações temporais, as quais contribuem à interpretação modal de -ra. Em (5) e (6), os valores modais volitivo e conjuntivo retratam a mesma configuração temporal do -ra quando interpretado como passado do passado, imperando, portanto, à interpretação modal, outros parâmetros discursivos (por exemplo, verbo desiderativo em 5 e estrutura conjuntiva com -se em 6). Nos outros dois casos, o evento em -ra ou é posterior ao MR, como em 4, com aceção de eventualidade no passado, ou é anterior ao MF (conforme exemplo 7), com aceção de distanciamento conceptual, como veremos no decorrer da análise.

- (4) Se conos cardeaes, con que faz seus conselhos, | posesse que guardasse nós de maos trebelhos, | **fezera** gran mercee, ca non furtar con elhos | e [os] panos dos cristãos meter sô sa capa. (Afonso X, o Sabio)

-----MR-----ME-----MF-----
posesse/guardasse *fezera*

- (5) Que doo que agora ey | dos meus olhos polo chorar | que faram, poy' los eu levar, | senhor, hu vos non veerey, | ca nunca os ey a partir | de chorar, hu vos eu non vyr. | **Quisera**-m' eu que vyssen al | e non vissen vós estes meus | olhos e non quis assy Deus, | mays sey que mi verrá en mal, | ca nunca os ey a partir | de chorar, hu vos eu non vyr. | (Roi Fernandiz)

-----ME-----MR-----MF-----
quisera *vyssen*

- (6) Ca, sse non **vyran** estes olhos meus, | nen **viran** vós, hu vos eu fuy veer, | e, sse eu ren non soubess' entender | do mui gram ben que Deus a vós quis dar, | non averia este mal, par Deus, | por vós d' Amor, que mh-á ced' a matar, | a que me vós metestes en poder. (Martin Perez Alvin)

-----ME-----MR-----MF-----
vyran/viran *averia*

- (7) E, mia dona, quen pergunta non erra; | e vós, por Deus, mandade perguntar |
 polos naturaes deste logar | se **foderan** nunca en paz nen en guerra, | ergo se
 foi por alg' ou por amor. | (Afonso Eanes do Coton)

-----ME-----	-----MR/MF-----
<i>foderan</i>	<i>mandade</i>

Classificamos como condicionais os dados com aceção de futuro do pretérito, como o do exemplo (4), porque indica uma eventualidade ou hipótese que seria satisfeita se o fosse aquilo que a condiciona, assim: guardando > faz; se guardasse > faria; não guardando > não faz. Em (5), ilustramos o uso volitivo: trata-se de um desejo, de uma pretensão, mas não condicionada, como no caso anterior. Embora o objeto do desejo não seja satisfeito, o desejo permanece; configura-se como um uso subjetivo, em geral ligado às aspirações do indivíduo. O pressuposto da prótase pode ser negativo, mas o da apódose é positivo. O uso conjuntivo (em 6) está ao revés do uso condicional: trata-se de premissa para que algo ocorra, assim a irrealidade da prótase implica a irrealidade da apódose, dado no qual se depreende leitura contrafactual: “*se não viran*” = viram; “*non averia*” = há. O dado (7) refere-se ao uso metafórico do distanciamento: opta-se por uma forma em -ra, caracterizada como forma de codificação do antepretérito (passado do passado), portanto mais distante no tempo, para codificar uma situação próxima temporalmente, embora distante conceptualmente.

Essas funções foram categorizadas de acordo com três parâmetros, tipo de cantiga, item lexical e polaridade. Vejamos primeiramente a distribuição das funções por tipo de cantiga na tabela (1). Consideramos os três maiores tipos: escárnio/maldizer, amor e amigo e amalgamamos, sob o rótulo “outras”, três casos que ocorrem em três outras cantigas: espúria, de tensão e de gênero incerto. As cantigas de amor (em voz masculina) são as que mais mostram dados modais em -ra nas funções condicional, volitiva e conjuntiva. Também para a expressão de passado anterior ao momento de fala, -ra ocorre com frequência nas cantigas de amor, porém há proximidade com os usos atestados nas cantigas de amigo. Os usos condicionais de -ra nas cantigas de amor podem estar vinculados ao tópico ‘segredo amoroso’, conforme observa Martínez (2007), salvaguardando a intimidade dos amantes, contrariamente ao que ocorre nas cantigas de escárnio e maldizer, as quais exibem um estilo mais sincero.

Tabela 1 - Distribuição das funções modais de -ra
por tipo de cantiga na lírica profana galego-portuguesa

Função→ Tipo de cantiga ↓	Passado próximo	Passado conjuntivo	Passado condicional	Passado volitivo
Escárnio/maldizer	3	5	28	9
Amor	5	14	75	15
Amigo	6	4	17	8
Outras	1	1	1	0
<i>Totais</i>	15	24	121	32

Fonte: elaborada pela autora.

Considerando-se, com base em Xavier (2009), que a maior parcela de mudança é atribuída ao léxico e sua vitalidade constitui o aspecto mais marcante da variação sincrônica, averiguamos quais eram os itens lexicais mais frequentes nos quais o morfema -ra possuía aceção modal. Esperava-se que os itens lexicais mais utilizados fossem aqueles referentes ao âmbito modal e cognitivo, pelo fato de, em Português, ser a forma -ra, atualmente, mais utilizada em contextos modais que temporais, conforme atestam Coan (2003) e Brocardo (2010), que sugerem um processo metafórico de expressão de situações em espaço real para situações do campo psicológico (do desejo, da pretensão), processo que tem guiado mudanças semânticas (SWEETSER, 1990). Também Coan (2021), em análise de prosa histórica, literária e religiosa da era medieval, verificou que verbos cujo lexema indica dinamicidade estariam mais para as funções temporais, ao passo que lexemas modais e estativos estariam acoplados a funções modais. Conforme Lagares (2006), a comparação das cantigas com outros dados da mesma época afasta a observação de que a língua das cantigas é uma variedade artificial, embora tenha, obviamente, características retóricas peculiares.

Nossos resultados, expostos na tabela (2), indicam que, na função volitiva, de fato, ganham destaque os verbos modais, função em que o -ra tem evidência no português oral atual. Parece que a atual disposição de usos do mais-que-perfeito (em -ra) reflete frequência de uso em outras épocas, comprovando a premissa laboviana de que um sistema em evolução reflete uma série de reajustes anteriores (LABOV, 2010). Também observamos que há considerável incidência desses usos modais com verbos de estado. Em relação ao reflexo desses usos em estágios mais atuais, podemos citar a pesquisa de Coan (2020), que observa, em contexto conjuntivo, variedade menor de lexemas verbais, destacando-se os verbos de estado (*fora*) tanto em orações condicionais como em comparativo-condicionais, respectivamente, com conectivos 'se' e 'como se', reforçando a carga *irrealis*.

Tabela 2 - Distribuição das funções modais de -ra
por lexema verbal na lírica profana galego-portuguesa

Função→ Item lexical base↓	Passado próximo	Passado conjuntivo	Passado condicional	Passado volitivo
achar (atopar)	-	1	-	-
andar	-	-	1	-
arder	-	-	2	-
cuidar	-	-	5	-
comprir (satisfazer)	-	-	1	-
dar	-	1	1	-
dever	-	-	4	-
dizer	-	-	1	-
fazer	-	-	10	-
ficar	-	1	-	-
filhar (tomar)	-	1	-	-
foder	1	-	-	-
guardar	-	-	2	-
haver	-	1	15	2
leixar (deixar)	-	-	1	-
matar	-	-	2	-
morrer	1	4	4	-
mostrar	-	-	1	-
nascer	-	-	1	-
negar	-	-	1	-
partir	1	-	4	-
pedir	1	-	-	-
pensar	-	-	1	-
pesar	-	-	1	-
poder	2	1	14	2
por	2	-	1	-
prouguer (agradar)	-	-	1	-
querer	1	2	4	25
semelhar	-	-	1	-
ser	4	1	24	-
trobar (trovar)	-	1		-
valer	-	-	10	3
ver	2	7	2	-
vingar	-	-	1	-
viver	-	3	5	-
Totais	15	24	121	32

Fonte: elaborada pela autora.

Depois dessas duas primeiras etapas, com vistas a mostrar em que âmbito temático os valores modais de -ra mais se encaixavam, bem como com que lexema verbal eram codificados, passamos à terceira etapa em que correlacionamos os valores modais à polaridade, tendo em vista que a literatura sobre o tema observa frase negativa como contexto preferencial de uso do mais-que-perfeito nas funções modais (BECKER, 2008; BROCARDO, 2012 e COAN, 2021).

Com base em Givón (1995; 2001), consideramos frase negativa como um contexto marcado em relação à frase positiva, já que contextos negativos são menos frequentes do que os afirmativos. Paralelamente, sendo as funções modais do -ra menos frequentes do que as temporais na era medieval, espera-se que haja mais uso modal em estruturas negativas, por atuação do princípio da marcação. Essa expectativa, no entanto, desfaz-se porque, com exceção do passado conjuntivo, em que há proximidade de usos (conforme tabela 3), nas demais funções, o -ra modal ocorre preferencialmente em contextos afirmativos, comprovando a premissa de Dubois e Votre (2012) acerca do princípio da expressividade retórica, pois, em muitas situações, uma forma marcada ocorre em contexto não marcado e vice-versa, equilibrando-se, portanto, as tarefas de cognição e codificação. A atuação desses princípios foi observada também por Coan (2020) em análise de dados de revistas históricas: tendência à atuação do princípio da marcação no uso de -ra em orações condicionais, já que foram localizados mais dados de condicionais negativas; no entanto, em se tratando das comparativo-condicionais (*como se*), a autora verificou equilíbrio cognitivo-contextual, pois o uso do -ra ocorreu somente em orações de polaridade positiva.

Tabela 3 - Distribuição das funções modais de -ra por polaridade na lírica profana galego-portuguesa

Função→ Polaridade ↓	Passado próximo	Passado conjuntivo	Passado condicional	Passado volitivo
Afirmativa	10	13	91	31
Negativa	5	11	30	1
TOTAL	15	24	121	32

Fonte: elaborada pela autora.

Embora a polaridade revele contextos preferenciais de uso do -ra de acordo com o princípio da marcação ou com o princípio da expressividade, essa revelação diz respeito à codificação e não necessariamente à interpretação de irrealidade, já que, independente-

mente de ser o enunciado afirmativo ou negativo, podemos aludir à irreabilidade: a negação explícita, portanto, não anula a negação implícita procedente da irreabilidade (PÉREZ, 2017). Há que se considerar, ainda, que, conforme a autora, a negação externa serve ao realce expressivo; trata-se de usar a negação explícita para intensificar a implícita, ou seja, o enunciado pode expressar níveis de improbabilidade, embora a negação implícita já seja conteúdo prototípico da irreabilidade.

A negação implícita não supõe mera inversão de polaridade, mas adiciona um significado de improbabilidade. Para Pérez (2017), a probabilidade pode afetar um enunciado de polaridade afirmativa ou negativa, mas não se trata de negação da probabilidade, somente se indica que algo não sucede ou é duvidoso. Observem-se os enunciados: *Ele tem 5 anos. Ele não tem 5 anos ainda. Se tivera 6 anos, saberia ler.* Pérez considera as duas primeiras como asserções puras (afirmativa e negativa), mas a terceira é uma asserção modalizada, pois a irreabilidade é interpretada como improbabilidade, não necessariamente como inversão de polaridade (não tem 6 anos ainda; não sabe ler). Adverte a autora que, em geral, as formas expressam elevada improbabilidade ou somente improbabilidade, não se confundindo, portanto, com inversão de polaridade.

Para esclarecer o exposto, vejamos, inicialmente, como a negação implícita atua em dados de -ra conjuntivo. Em (8), *trobára* insere-se em uma oração afirmativa, mas reflete negação implícita, já que não encontrou em algum tempo (*entom* = naquele tempo), portanto não se vingou do que ouviu. Em (9), *vyra* é antecedido de negação (*non*), sendo a negação explícita um indicativo de que ocorreu o oposto, mas o enunciador atua no campo das probabilidades.

- (8) E sempre m' eu mal acharei | porque lh' eu entom nom trobei; | ca se lh' entom **trobára** ali | vingára-me do que lh' oi. (*Don Denis*)
- (9) [É] esta coyta, que mh a morte ten | tan chegada, que non lh' ey de guarir, | ca non sei eu logar hu lhe fogir | e por esto podedes creer ben | que mi **valera** muy mais non veer | eu vós nen al, quando vos fuy veer, | Ca, sse non **vyra**, podera viver | e meor coita ca soffro soffrer. (*Martin Perez Alvin*)

Nos dados de -ra condicional, estamos no âmbito das suposições, mantendo-se, como nos casos de -ra conjuntivo, a negação implícita, já que a condição não foi satisfeita. A inversão de polaridade igualmente se aplica a esses casos. O que se ressalta é a probabilidade de algo ocorrer, se uma condição for satisfeita. Assim, em (10), a inver-

são de polaridade leva-nos a concluir que alguém partiu, no entanto, uma vez satisfeita a condição do perdão, não partiria. Decorre disso que um enunciado afirmativo com -ra modal condicional implica negação implícita: *se lh'eu perdoass'ali / [...] s'el partira d'aqui* = não lhe perdoei, não partiu. O mesmo vale para um enunciado negativo, já que há uma negação implícita da negação explícita: *se lh'eu perdoass'ali / nunca s'el partira d'aqui* = não lhe perdoei, partiu, ou seja, nega-se implicitamente uma situação negada explicitamente.

- (10) sempre m' en mal acharei, | por que lh' enton non perdoei, | ca, se lh' eu perdoass' ali, | nunca s' el **partira** d' aqui; | que lhi perdoasse, non quix, | e fiz mal, por que o non fiz. (Estevan Travanca)

Pérez (2017) observa que, quando a referência é futura, a irrealidade costuma expressar improbabilidade em vez de negação implícita, já que não se pode parafrasear invertendo a polaridade do enunciado (quisera > não quisera). Isso se aplica à função volitiva, como em (11), pois *quisera* indica improbabilidade de ocorrência de algo, ou seja, parece que o enunciador objetiva evidenciar um provável desejo: “*quisera da vaca despende*”.

- (11) ...e Don Fagundo todo se messou, | por que matou sa vaca o Cajon. | **Quisera**-x' el da vaca despende | tanto per que non leixass' a pacer; | ca, se el cuidasse sa vaca perder, | ante xa **der'a**, assi non; | e Don Fagundo quer ora morrer, | por que matou sa vaca o cajon. (Afonso Eanes do Coton)

Quanto ao passado próximo, ilustrado em (12), a perspectiva é distinta, pois o objetivo não é caracterizar irrealidade, mas uma realidade distante. Trata-se de um tipo de metáfora, se aludimos à teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; SWEETSER, 1990), que corresponde ao mapeamento de conceitos distintos. Para Moura (2007), “as metáforas não são produtos *ad hoc*” (p. 448); “há regularidades composicionais que agrupam categorias segundo certa lógica” (p. 449). O -ra do exemplo é forma representativa do mais-que-perfeito e não do perfeito, que à época era codificado com ‘-ro’. Conforme Maia (1986), em geral, o que ocorria era variação entre -ã/-an/-am para o mais-que-perfeito, diferenciando-se das formas de P6 do pretérito perfeito, que terminavam, normalmente, em -õ/-on/-om (este último menos frequente), embora haja alguns casos de -u/-um. Essa forma em -ra, em (12), acopla-se ao momento de fala como ponto de

referência, servindo para codificar distanciamento modal, assim o distanciamento temporal é conceptualmente interpretado como distanciamento em outro eixo conceptual, o modal (SWEETSER, 1990).

- (12) Quantos oge no mundo son, | nen **foran**, nen jamais seran, | nunca quiseron,
nen querran, | nen queren tan gran ben molher | com' eu vus quer'; e non me
val | contra vos nen esto, nen al. (Nuno [Monio] Fernandez de Mirapeixe)

Observando pesquisas diacrônicas, verificamos que esse uso que atestamos nas cantigas perdurou na língua para codificar distanciamento da situação, uso que, conforme Coan (2003), decresce com o passar do tempo, ou seja, há mais dados dessa função nos primeiros séculos analisados pela autora (XVI a XVIII) e poucos nos séculos XIX e XX. Xove (1977) já havia observado tal uso, também, na língua literária do final do século XVIII. Citamos ainda Coan, Lima e Sampaio (2019), que verificaram decréscimo desse uso em análise de dados escritos de 1887 a 2012. Mais atualmente, essa possibilidade de uso é registrada por Cunha e Cintra (2008) com o matiz de atenuação de uma afirmação ou pedido, registro também feito por Fiorin (1996), que mostra que o mais-que-perfeito pode ser utilizado pelo perfeito, para conferir distanciamento da situação.

Considerações finais

Para que o domínio funcional modal do morfema -ra fosse mais bem dimensionado, analisamos sua distribuição por tipo de cantiga, evidenciando uso modal mais frequente nas cantigas de amor. Também mapeamos os itens lexicais de base, comprovando frequência de uso no domínio dos verbos modais e de estado, respectivamente para as funções volitiva e conjuntiva. A função volitiva é a que ainda comporta usos de -ra na oralidade (especificamente com verbos como “quisera” e “pudera”), evidenciados já na lírica profana. Ainda consideramos polaridade, porém, inversamente ao observado na literatura referente a outros corpora, os usos modais nas cantigas têm polaridade positiva, o que não indica facticidade, mas irreabilidade. A polaridade negativa serve ao realce expressivo; trata-se de usar a negação explícita para intensificar a implícita, ou seja, o enunciado pode expressar níveis de improbabilidade, embora a negação implícita já seja conteúdo prototípico da irreabilidade.

Esses resultados estão alinhados aos observados por Coan (2021), em análise de dados de prosa literária, histórica e religiosa também do galego-português, pesquisa na

qual foi verificado uso de -ra também nas funções modais conjuntiva, condicional e volitiva, considerando-se a existência de camadas funcionais. Notou, também, a autora que é na prosa literária que mais ocorrem as funções modais, gênero no qual há mais situações vinculadas ao desejo, às projeções e às possibilidades. Ademais, observou predominância de verbos modais na função volitiva e de verbos de estado nas funções conjuntiva e condicional. Assim, tanto na prosa quanto nas cantigas, há tendências similares.

Retomando Maia (1986) e Monteagudo (1999), que mostraram a necessidade de estudos mais aprofundados sobre a lírica galego-portuguesa, para além dos ortográficos, nossa análise proporcionou uma ótica diferenciada, mais atrelada à função do que à forma. Para além do uso temporal como antepretérito (passado do passado), tão evidenciado na literatura sobre o tema, destacamos, nesta pesquisa, outras quatro funções do -ra no domínio modal: conjuntiva, condicional, volitiva e de passado relativo ao momento da enunciação.

Referências

- BARACAT, M. C. B. M. *O participio passado com verbos auxiliares nas Cantigas de Santa Maria (galego-português do século XIII)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.
- BECKER, M. From temporal to modal: divergent fates of the Latin synthetic pluperfect in Spanish and Portuguese. In: DETGES U.; WALTEREIT R. *The Paradox of Grammatical Change: perspectives from romance*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 147-180.
- BROCARDO, M. T. Portuguese pluperfect: elements for a diachronic approach. *Linguistic Studies*. Lisboa, v. 5, p.117-130, 2010.
- BROCARDO, M. T. “O ‘passado do passado’ - alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português”. *Verba Hispanica*, XX/1, p. 33-48, 2012.
- BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the languages of the world*. Chicago-USA: The University of Chicago Press, 1994.
- CASTRO, I. *Galegos e Mouros: A língua galega vista pelos filólogos portugueses*. Conferência proferida no Congresso dos 25 anos do Instituto da Língua Galega, Santiago de Compostela. Publicado: Lisboa, Colibri/Cátedra de Estudos Galegos da Universidade de Lisboa, 2002.

COAN, M. *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

COAN, M.; LIMA, E. V.; SAMPAIO, M. F. Um retrato do pretérito mais-que-perfeito de 1887 a 2012. *D.E.L.T.A.*, 35-2, p.1-26, 2019.

COAN, M. Obsolescência ou persistência: o mais-que-perfeito conjuntivo. *Linguística ALFAL*, v. 36, n. 1, jun., p. 9-32, 2020.

COAN, M. Funções do pretérito mais-que-perfeito simples em textos literários, históricos e religiosos do galego-português. *Studia Romanica et Anglica Zagrabiensia*, 2021 (no prelo).

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In: VOTRE, S. J. *A construção da gramática*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

FIORIN, J. L. *As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1982.

FLEISCHMAN, S. Temporal Distance: A basic linguistic metaphor. IN: VERHAAR, J. W. M. *Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1989. p. 1-50.

FOX, B. A. Principles shaping grammatical practices: an exploration. *Discourse Studies*, v. 9, p. 299-318, 2007.

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. Biblograf, Barcelona, 1973.

GIVÓN, T. *A functional-typological introduction*. v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1984.

GIVÓN, T. *Syntax - A functional - typological introduction*. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1990.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon, 1991.

GIVÓN, T. *English Grammar: a functional-based introduction*. v. I-II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1993.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. v. I-II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

- HEINE, B.; HÜNNEMEYER, F. From Cognition to Grammar: Evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1991.
- HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1991.
- KLEIN-ANDREU, F. Losing ground: A discourse-pragmatic solution to the history of -ra in Spanish. In: FLEISCHMAN, S.; WAUGH, L. *Discourse Pragmatics*. London: Routledge, p.164-178, 1991.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- LASS, R. *On explaining language change*. New York: Cambridge, 1980.
- LAGARES, X. C. Uma aproximação à “língua” das cantigas galego-portuguesas. *Revista Galega de Filoloxía*, v. 7, p. 95-116, 2006.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- LICHTENBERK, F. On the Gradualness of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1991.
- LORENZO, R. Gallego y Portugués. Algunas semejanzas y diferencias. In: NAVARRO, J. M. et al. *Filología y Didáctica Hispánica*. Hamburg, Romanistik in Geschichte und Gegenwart, Band 1, Helmut Buske Verlag, 1975.
- MAIA, C. A. *História do galego-português*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1986.
- MARTÍNEZ, D. G.. A onomástica persoal na lírica medieval galego-portuguesa. In: AGRELO, A. I. B. *Na nosa lyngoage galega: a emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega e Instituto da Lingua Galega, 2007.
- MARTÍNEZ, M. L.; MOSCOSO MATO, E. Morfoloxía do *Cancioneiro da Ajuda*. In: AGRELO, A. I. B. *Na nosa lyngoage galega: a emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega e Instituto da Lingua Galega, 2007.
- MARTINS, K. C.; PAIVA, M. C. V-ra no português: uma análise diacrônica. *Estudos Linguísticos*, v. 42, n. 1, p. 540-552, 2013.
- MASSINI-CAGLIARI, G.; FAVARO, G. S. Um estudo das formas verbais do pretérito perfeito do indicativo em português arcaico. *Revista Eutomia - Ano III*, v. 2, dez., 2010.
- MONTEAGUDO, X. H. *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.

MONTEAGUDO, X. H. A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa. In: LOBO, T. et al. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, p. 51-64, 2012.

MOURA, H. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 417-452, 2007.

PÉREZ, E. B. La expresión de la irrealidad en español. *Moenia*, v. 23, p. 95-146, 2017.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan Company, 1947.

ROJO, G. La temporalidade verbal en español. *Verba*. Anuario Gallego de Filología. Universidade de Santiago de Compostela, p. 68-149, 1974.

SWEETSER, E. E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SÖHRMAN, I. El pluscuamperfecto en las lenguas Románicas. In: GUNNEL, E.; LARS, F. *Festival Romanistica. Contribuciones lingüísticas - Contributions linguistiques - Contributi linguistici - Contribuições linguísticas*. Stockholm: Stockholm University Press, 2015.

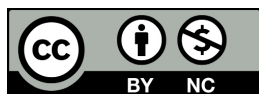
TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. 1991. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1991.

VASCONCELOS, C. M. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990 (reimpressão da edição de Halle, 1904).

XAVIER, M. F. Variação e mudança lexical no Português Medieval - o caso dos verbos. *Domínios da Linguagem*, v. 2, p. 225-242, 2009.

XOVE, X. *A temporalidade verbal nas "cantigas d'escarnho e de mal dizer"*. Monografia – Faculdade de Filologia. Universidade de Santiago, 1977.



Data de submissão: 16/07/2020

Data de aceite: 26/09/2020

VARIAÇÃO NO USO DO PRESENTE DO MODO SUBJUNTIVO: INTEGRANDO NÍVEIS DE ANÁLISE

VARIATION IN THE USE OF PRESENT OF SUBJUNCTIVE:
INTEGRATING LEVELS OF ANALYSIS

Tatiana Schwochow Pimpão | [Lattes](#) | tatianapimpao@furg.br¹

Universidade Federal do Rio Grande

Resumo: A variação no uso do modo subjuntivo tem sido amplamente abordada, especialmente a partir da virada do século XXI, contribuindo com um importante mapeamento do fenômeno em dados de fala do português brasileiro. As pesquisas, muitas das quais ancoradas nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, preocupam-se em controlar variáveis independentes na tentativa de identificar o contexto de retenção do subjuntivo e, por conseguinte, o contexto de entrada do modo indicativo. Independentemente das particularidades da amostra selecionada e dos procedimentos metodológicos adotados, os diferentes estudos realizados ressaltam a importância das variáveis *tipo de oração* e *modalidade*. No entanto, tais pesquisas não demonstram como o *tipo de oração*, situado no nível da sintaxe, está integrado ao nível discursivo-pragmático, âmbito da modalidade. Assim, este trabalho propõe incluir subtipos oracionais e proceder a um cruzamento de variáveis na tentativa de responder à seguinte questão: *Como a variável de natureza sintática tipo de oração se articula com a variável de natureza discursivo-pragmática modalidade?* Para responder a essa pergunta, recorre-se ao estudo de Pimpão (2012), que investigou o uso variável do presente do modo subjuntivo em dados de fala de informantes de Florianópolis e Lages (Projeto VARSUL). Resultados gerais apontam para a associação entre orações finais e submodo deôntico e entre orações causais, concessivas, condicionais, parentéticas e com o item *talvez* e o submodo epistêmico. Por sua vez, a oração substantiva objetiva direta exibe percentuais elevados sob o escopo do submodo deôntico, e a oração substantiva subjetiva, uso categórico de subjuntivo sob o escopo do submodo epistêmico.

Palavras-chave: Subjuntivo. Integração. Níveis de análise.

¹ Professora no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande. Foi orientanda da professora Edair Maria Görski durante o mestrado (1997-1999) e o doutorado (2008-2012). De agosto de 2019 a junho de 2020, realizou estágio pós-doutoral sob supervisão da professora Edair. Deixa aqui registrado os mais sinceros agradecimentos pelo exemplo de atuação profissional.

Abstract: The variation in the use of the subjunctive mood has been widely addressed especially since the turn of the 21st century, contributing to a relevant mapping of the phenomenon in Brazilian Portuguese speech data. The research, frequently based on the assumptions of the Theory of Variation and Change, is concerned with independent variable controlling in an attempt to identify the context of retention of the subjunctive and, therefore, the context of entry in the indicative mood. Regardless the particularities of the selected sample and the methodological procedures adopted, different studies carried out emphasize the importance of the variables *type of clause* and *modality*. However, such research does not demonstrate how the type of clause, situated at the syntax level, is integrated with the discursive-pragmatic level, within the modality. Thus, this work proposes to include subtypes of clause and cross-tabulations variables in an attempt to answer the following question: *How does the type of clause articulate with the discursive-pragmatic nature of modality?* To answer this question, we use the work by Pimpão (2012), which investigated the variable use of the present of subjunctive in speech data from informants from Florianópolis and Lages (VARISUL Project). General results point to the association between purpose clauses and deontic submode and between causal, concessive, conditional, parenthetical clauses and clauses with the item *talvez* and the epistemic submode. In turn, the direct object noun clause displays high percentages under the scope of the deontic submode, and the subject clause and categorical use of subjunctive under the scope of the epistemic submode.

Keywords: Subjunctive. Integration. Levels of analysis.

Introdução

Estudos sobre o uso variável do modo subjuntivo têm recebido atenção de pesquisadores espalhados pelo Brasil. De forma geral, tais pesquisas tomam como referência um banco de dados já constituído, motivo pelo qual muitas estão centradas na análise de dados de informantes naturais de capitais. Como normalmente os bancos de dados abarcam cidades representativas do ponto de vista linguístico, os trabalhos podem, ainda, se dedicar a um falar de uma cidade específica, fora do eixo da capital, ou ainda propor análises comparativas. Menos frequentes são os estudos desenvolvidos a partir de amostras de escrita e de amostras constituídas pelo próprio pesquisador.

Esses diversos estudos já permitem um importante mapeamento do uso variável do modo subjuntivo do português do Brasil devido, em especial, à abrangência

no território brasileiro e ao período de realização das pesquisas, que se intensificaram a partir da virada do século XXI (BOTELHO PEREIRA, 1974; WHERRITT, 1977; COSTA, 1990; ROCHA, 1997; PIMPÃO, 1999; ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; GUIRALDELLI, 2004; SANTOS, 2005; MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007; FAGUNDES, 2007; OLIVEIRA, 2007; VIEIRA, 2007; ALVES, 2009; ALMEIDA, 2010; BARBOSA, 2011; PIMPÃO, 2012).

No entanto, a interpretação dos resultados das pesquisas deve ser cautelosa, tendo em vista o objeto de análise e os procedimentos metodológicos adotados. O objeto de análise, ainda que contemple o modo subjuntivo, pode estar centrado em tempos verbais diferentes: presente, pretérito e futuro ou mesmo entre dois ou os três tempos verbais. Com relação à metodologia, os critérios são, em certa medida, particulares: (i) diferença nas variáveis independentes controladas, (ii) fatores que integram uma mesma variável, (iii) perfil social dos informantes, (iv) tamanho da amostra, (v) dados desconsiderados.

Essas especificidades não devem, porém, colocar em dúvida a contribuição das pesquisas. A cautela deve estar na análise comparativa entre os resultados, que precisa considerar as particularidades de cada trabalho. “Qualquer comparação de resultados deve observar rigorosamente o processo metodológico que envolve os estudos” (cf. PIMPÃO; GORSKI, 2020, p. 80). “Ainda assim, o mapeamento inicial permite um panorama muito interessante sobre o uso variável do modo subjuntivo e coloca em destaque algumas variáveis independentes, como *modalidade* e *tipo de oração*.” (PIMPÃO, 2015, p. 139).

Dentre os 18 trabalhos citados, 14 controlam a variável *modalidade*² e 10 controlam o *tipo de oração*³. Dos demais 8 trabalhos que não controlam *tipo de oração*, 5 não o fazem por já delimitarem as orações substantivas como objeto de estudo (BOTELHO PEREIRA, 1974; ROCHA, 1997; GUIRALDELLI, 2004; CARVALHO, 2007; OLIVEIRA, 2007). É possível, no entanto, controlar subtipos de oração substantiva, conforme decisão metodológica de Vieira (2007), a despeito do próprio tipo de oração constituir objeto de análise (GONÇALVES, 2003; ALMEIDA, 2010). No entanto, o tipo de oração considerado para fins de discussão neste texto abrange outros contextos, para além das substantivas, como adjetivas e adverbiais, bem como orações parentéticas e orações com o item *talvez*⁴.

Essa breve apresentação do estado da arte das pesquisas desenvolvidas a partir de

² Trabalhos que controlam *modalidade*: Costa (1990), Pimpão (1999), Alves Neta (2000), Gonçalves (2003), Guiraldelli (2004), Santos (2005), Meira (2006), Carvalho (2007), Fagundes (2007), Vieira (2007), Alves (2009), Almeida (2010), Barbosa (2011) e Pimpão (2012).

³ Trabalhos que controla *tipo de oração*: Wherritt (1977), Costa (1990), Pimpão (1999), Alves Neta (2000), Santos (2005), Meira (2006), Fagundes (2007), Alves (2009), Barbosa (2011) e Pimpão (2012).

⁴ Tais contextos de análise serão ilustrados adiante.

dados do português brasileiro pode ser assim sistematizada: (i) é crescente o interesse pelo estudo do uso variável do modo subjuntivo, em especial a partir da virada do século XXI; (ii) já há um significativo mapeamento do uso variável do modo subjuntivo, principalmente em amostras de dados de fala; (iii) as variáveis linguísticas *modalidade* e *tipo de oração* são controladas em muitos estudos, a despeito da constituição das amostras e de critérios metodológicos adotados; e (iv) análises comparativas são importantes desde que sejam relativizadas com base na consideração das especificidades de cada trabalho.

São inegáveis, portanto, as contribuições desses estudos para um panorama da variação no modo subjuntivo em dados de fala de informantes de diferentes localidades e como embasamento empírico para pensarmos sobre a intensidade da expansão do modo indicativo (CAMARA JR., 1986; PERINI, 2010) em contextos previstos, segundo gramáticas normativas, para o uso do subjuntivo (BECHARA, 2006; CEGALLA, 2007; CUNHA, 1992; CUNHA; CINTRA, 2007; MENDES DE ALMEIDA, 2005). No entanto, pelo menos uma questão parece permanecer em aberto: *Como a variável de natureza sintática tipo de oração se articula com a variável de natureza discursivo-pragmática modalidade?*

No intuito de responder a essa questão norteadora, tomamos como referência resultados da pesquisa de Pimpão (2012) acerca do uso variável do presente do modo subjuntivo em dados de fala de informantes naturais de Florianópolis e Lages⁵. Pretendemos alcançar os seguintes objetivos: (i) distribuir os tipos e subtipos de oração entre as modalidades epistêmica e deontica e, a partir de então, (ii) explicitar a integração entre os níveis sintático e discursivo-pragmático com vistas a (iii) identificar contextos de maior e menor retenção do presente do modo subjuntivo.

Diante desse cenário, a organização deste texto parte, na primeira seção, de uma síntese das variáveis *modalidade* e *tipo de oração*, ilustradas por análise de exemplos da fala catarinense (PIMPÃO, 2012). Na segunda seção, são descritos os procedimentos metodológicos adotados. E, na terceira e última seção, explora-se a integração entre os níveis sintático e discursivo-pragmático a partir de um cruzamento entre ambas as variáveis, buscando atender os objetivos propostos. Seguem-se as considerações finais.

1 Variáveis linguísticas

Nesta seção, são recuperadas duas variáveis linguísticas controladas na pesquisa desenvolvida por Pimpão (2012), *tipo de oração* e *modalidade*. Para fins de alguma corre-

⁵ Pimpão (2012) ainda investiga o uso variável do presente no modo subjuntivo em dados de escrita de jornais publicados nas cidades de Florianópolis e Lages.

lação entre resultados, resultados quantitativos e interpretativos de outros estudos são considerados.

1.1 Tipo de oração

Para uma relativa comparação entre os resultados obtidos a partir do controle da variável linguística *tipo de oração*, foram consideradas cinco pesquisas: Costa (1990), Pimpão (1999), Alves Neta (2000), Santos (2005) e Pimpão (2012). Ainda que nem todas as pesquisas concentrem a investigação exclusivamente no uso variável do presente do subjuntivo e nem todas procedam a rodadas estatísticas e à análise dos mesmos ambientes sintáticos, todas apresentam resultados para a atuação da variável *tipo de oração* sobre esse tempo verbal. Todas também são conduzidas com base no aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança; e, em quatro, a variável *tipo de oração* obteve relevância estatística (ALVES NETA, 2000; SANTOS, 2005; PIMPÃO, 1999; 2012).

Como resultado da análise, observa-se que, em Costa (1990) e Alves Neta (2000), os percentuais para o uso do presente do subjuntivo são mais elevados nas orações substantivas, seguidos pelas orações adjetivas. Ainda em Costa (1990), as orações adverbiais atingem percentuais também elevados. Em Pimpão (1999), os percentuais que se destacam são encontrados nas orações substantivas e nas orações com o *talvez*, resultado parcialmente alcançado em Pimpão (2012).

Neste último estudo, o uso variável do presente do subjuntivo é controlado em duas amostras: em Florianópolis, as orações substantivas atingem um percentual mais elevado; em Lages, são as orações parentéticas e as orações com o item *talvez*. As orações substantivas atingem resultados mais altos também na pesquisa de Santos (2005). Com base nessas considerações gerais, e mesmo reconhecendo a particularidade da constituição dos bancos de dados e da metodologia, o ambiente sintático preferível ao uso do presente do modo subjuntivo está na oração substantiva.

Na pesquisa de Pimpão (2012), como nas demais, os contextos sintáticos correspondentes ao tipo de oração estão ancorados na previsão de gramáticas normativas quanto ao emprego do modo subjuntivo (BECHARA, 2006; CEGALLA, 2007; CUNHA, 1992; CUNHA; CINTRA, 2007; MENDES DE ALMEIDA, 2005). Esses gramáticos assinalam, de forma geral, que o subjuntivo deve ser empregado nas seguintes orações subordinadas:

Orações substantivas sob o escopo de verbos, nomes ou expressões equivalentes que denotam desejo (01), manipulação (02), avaliação (03), probabilidade/crença (04), verdade (05):

- (01) Ah, só **ESPERO QUE** o Brasil não **PERCA** hoje. Por causa do tempo, também, está mudando. (FLP 19, L129)⁶
- (02) Ali, Deus o livre, ali a ordem que o general deu que eu sei, é que ali chegando uma criança ali, seja que hora que for, jeito que for, não é pra voltar. Não é pra voltar, é pra atender, sabe? A ordem do general é essa! Ele não **QUER QUE** nenhuma criança **VOLTE** pra casa. Chegou ali tem que internar e medicar, cuidar, né? (LGS 01, L918)⁷
- (03) Não, aqui, nós visitamos geralmente o hospital Florianópolis, tem a Carmela Dutra, a Maternidade, né? Mas a gente entra facilmente, não tem problema nenhum. Inclusive eles **GOSTAM QUE** a gente **VÁ** fazer missa nos hospitais. (FLP 11, L227)
- (04) Eu acho que sim. Só não acho, como tenho certeza, porque é uma coisa visível, né? Claro que a cidade em termos turísticos, em termos de afinidade financeira, eu **ACREDITO QUE** ela **GANHA** muito, por quê? Porque aqui Festa do Pinhão hoje se tornou uma festa até a nível nacional, né? (LGS 11, L446)
- (05) E é o mundo inteiro, porque, na verdade, o combustível é que faz o movimento para o povo, né? Sem combustível o carro não sai do lugar, vamos dizer, não tem- Outra coisa é a parte do gás pessoal. Já **BASTA QUE** desde a lei já não **ESTÁ** tendo mais, né? Está muito pouco. (LGS 07, L394)

Orações adjetivas que expressam um fim ou uma consequência, um fato improvável (06), uma conjectura/hipótese (07);

- (06) E um horário que em casa a gente não tem nada pra fazer, nem televisão, que televisão não se tira nada **QUE PRESTA**. (FLP 14, L299)

⁶ O código entre parênteses indica, respectivamente, a cidade (FLP para Florianópolis e LGS para Lages), o número da entrevista e a linha de onde o dado foi retirado.

⁷ Os dados estão numerados de forma contínua, mesmo havendo repetição de alguns.

- (07) [...] se precisar Deus me dá, assim como ele me ajudou essa vez, vai me ajudar mais vezes também, né? Ele vai me ajudar que eu vou arrumar um serviço assim mais calmo pra mim, né? um bom assim pra mim, né? **QUE SEJA** menos serviço, né? menos horas de serviço assim, né? (LGS 01, L1303)

Orações adverbiais, em que o subjuntivo, “em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 484). São estas as conjunções listadas pelos gramáticos: causais (*não porque, não que*), como em (08); concessivas (*ainda que, embora, conquanto, posto que, se bem que, mesmo que, por muito que, por pouco que* e semelhantes)⁸, como em (09); condicionais (*contanto que, sem que, a não ser que, suposto que, caso, dado que*), na expressão de uma hipótese⁹, como em (10); consecutivas, quando não exprimem um fato real, como em (11); finais (*para que, a fim de que*), como em (12); e temporais (*antes que, até que, logo que*), quando não codificam um fato real, como em (13).

- (08) A minha de onze anos, eu tenho bem mais confiança de deixar a minha com ela, pra mim fazer as minhas vendas, do que com ela. **NÃO É PORQUE** eu não **CONHEÇO**, porque eu conheço, eu sei que ela é de família boa e tudo, é conhecida. Mas eu já acho a minha bem mais responsável do que ela, sabe? (LGS 02, L1272)

- (09) E, eu ensinei meus filhos tudo o que- tudo o que eu aprendi dos meus pais, eu ensino para os meus filhos, né? **APESAR DE QUE** eles não **LEVAM** muito a sério, né? (LGS 09, L49)

- (10) Da Farra-do-boi? Não tenho nada contra, **DESDE QUE** não **MATE** o boi, não **FIRA** o boi. (FLP 15, L585)

- (11) Agora eu peguei essa menina pra cuidar dela, mas desde o dia que eu peguei ela, faz cinco dias que ela está aqui, eu ainda não pude dizer assim: “Hoje eu vou sair fazer uma venda e deixar ela sozinha com a menina”, não está dando.

⁸ Bechara (2006, p. 282) destaca que não há “completo rigor a respeito” acerca do uso do subjuntivo sob o escopo de conjunções concessivas. Alinhado a esse pensamento, Mendes de Almeida (2005, p. 566) afirma o seguinte: “Era muito frequente entre os clássicos o indicativo, e ainda hoje é ele empregado quando se quer insistir no fato real: Ainda que a noite *era* de junho, não fazia apetecível a temperatura.”

⁹ No caso de orações condicionais, Bechara (2006, p. 282) ressalva que “se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo”.

Ela não é responsável **QUE DÊ** pra- eu fico assim muito preocupada, sabe? quando eu saio. (LGS 02, L1263)

(12) Como por exemplo a abertura do prolongamento da Avenida Hercílio Luz, pra ligar a Avenida Hercílio Luz ao aterro da Baía Sul, Avenida Gustavo Richard, que por, sei lá, ou falta de sensibilidade do Ministério da Marinha, até hoje o Ministério da Marinha não liberou aquela área **PRA QUE** a Prefeitura **POSSA** abrir. (FLP 21, L5839)

(13) De todos os sonhos, eu quero conhecer um lugar.

Entrevistador: Um lugar?

ANTES QUE eu **MORRA**, Bahia. (FLP 19, L943)

Orações com o item talvez não assinalam um uso exclusivo e obrigatório do modo subjuntivo, podendo o modo indicativo ser empregado. Nas palavras de Bechara (2006, p. 281), “parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o que se duvida se pode bem realizar”.

(14) Olhar ainda vai, pra dar uma espiada, ainda vai. Pois é, **TALVEZ** eu não **GOSTO**, porque eu não aprendi a dançar, né? (FLP 10, L413)

(15) Eu gosto de estar no meio das pessoas, de eu sentir que eu estou sendo útil pra alguma coisa, entende? **TALVEZ** eu não **FAÇA** bem certo, mas eu tento, pelo menos, fazer. Não sei se meus alunos, talvez um dia eles vão pensar: “Não, quando eu estava lá em tal série.” **TALVEZ** um dia **ENTRE** na cabeça dele. Mas se não entrar, paciência. Eu pelo menos tentei, né? e eu acho que isso que importa. (LGS 18, L1346-1351)

Orações parentéticas equivalem às orações intercaladas, assim nomeadas por Mendes de Almeida (2005, p. 567): são orações que apresentam o emprego do subjuntivo “começadas por *que*, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade: Que me LEMBRE, ele não disse isso (pelo que me lembro)”. Nas palavras de Bechara (2006, p. 283), “também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto: Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave.”

- (16) Ah, mas, assim, o que mais me marcou, **QUE** eu me **LEMBRO**, foi isso, que foi muito engraçado. Da árvore, né? da árvore que a gente se jogava de uma pra outra e de King Kong que era muito engraçado. (FLP 01, L132)
- (17) Aqui o nosso, aqui em Lages, pelo menos eu não vejo coisa assim, sabe? Que eu acho que é bem bom, o nosso aqui. O nosso aqui não tem problemas seríssimos assim, **QUE** eu **SAIBA** não, né? Que eu saiba não sei. (LGS 01, L993)

Todos esses trechos das entrevistas conduzidas com informantes de Florianópolis e de Lages ilustram, conforme mencionado, os contextos de emprego do modo subjuntivo de acordo com a perspectiva das gramáticas normativas (BECHARA, 2006; CEGALLA, 2007; CUNHA, 1992; CUNHA; CINTRA, 2007; MENDES DE ALMEIDA, 2005). São contextos de natureza sintático-semântica: valores nocionais estão associados a restrições sintáticas.

Certamente, nem sempre os usos reais, diretamente ancorados em uma situação comunicativa, correspondem à prescrição normativa. A gramática que se configura na negociação entre interlocutores orienta a própria interação ao mesmo tempo em que por ela é moldada. Por conseguinte, esse movimento pode fazer aflorar outras regras, outra relação entre subjuntivo e contexto sintático, conforme pode ser atestado pelos resultados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 1 – Atuação da variável *tipo de oração* sobre o uso do presente do modo subjuntivo

Contextos linguísticos	Florianópolis			Lages		
	Freq./Total	%	P.R.	Freq./Total	%	P.R.
Parentéticas	04/07	57	0,992	07/08	87	0,989
Adverbiais	33/62	53	0,582	30/47	63	0,603
<i>Talvez</i>	18/33	54	0,598	11/13	84	0,625
Substantivas	50/80	62	0,411	58/78	74	0,527
Adjetivas	31/68	45	0,363	36/82	43	0,298
Total	136/250	54	-----	142/228	62	-----

Fonte: Pimpão (2012, p. 237).

Uma leitura geral dos resultados exibidos na Tabela 1 permite duas observações: (i) os percentuais são mais elevados na amostra de Lages e (ii) as orações adjetivas mostram-

-se sensíveis ao uso do presente do indicativo, inibindo com mais força o presente do subjuntivo. Como hipótese explicativa, aventa-se a ausência de uma restrição sintática mais evidente nesse tipo de oração, diferentemente do que ocorre nas orações substantivas, com a presença de verbos e nomes da oração matriz; nas orações adverbiais, com a presença de conectores introdutores da oração subordinada; e com o próprio item *talvez*. No caso das parentéticas, a restrição sintática está no que, da mesma forma que nas adjetivas, porém, nas parentéticas, há um componente pragmático muito atuante: o cancelamento de uma inferência atribuída ao interlocutor (PIMPÃO, 2015).

De acordo com a Tabela 1, resultados percentuais colocam em destaque as orações substantivas (62%) e as orações parentéticas (87%) como contextos de retenção do presente do modo subjuntivo em Florianópolis e em Lages, respectivamente. Importa ressaltar, no entanto, o baixo número de dados de orações parentéticas. Esse tipo de oração parece ser bastante específico e não se mostra recorrente na amostra analisada. Os resultados encontrados na pesquisa de Pimpão (2012), especialmente quanto às orações substantivas, se alinham a resultados obtidos em outras pesquisas, que apontam para a sensibilidade do subjuntivo a esse tipo de oração (COSTA, 1990; ALVES NETA, 2000; FAGUNDES, 2007).

1.2 Modalidade

Conforme inicialmente destacado, a variável *modalidade* é controlada em diferentes pesquisas, ainda que os fatores que a compõem não sejam uniformes. A título de ilustração, citamos os estudos realizados por Fagundes (2007) e Pimpão (2012), que partem de uma olhar binário acerca da modalidade, considerando o eixo do conhecimento (epistêmico) e o eixo da conduta, do desejo (deontico). Guiraldelli (2004), por sua vez, desprende o valor volitivo do eixo deontico, seguindo uma orientação tripartida da modalidade: epistêmico, deontico e volitivo. No estudo desenvolvido por Alves Neta (2000), a modalidade reúne quatro valores: volição, desejo, causa/necessidade e existência possível.

Ainda assim, como convergência de resultados alcançados em diferentes pesquisas, podemos destacar a associação entre verbos deonticos e/ou volitivos e o uso do subjuntivo, independentemente do(s) tempo(s) verbal(is) que constitui(em) objeto de estudo, das variáveis controladas e do número de ocorrências das amostras (cf. ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; GUIRALDELLI, 2004; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007; CARVALHO, 2007; VIEIRA, 2007; PIMPÃO, 1999, 2012). A maioria desses trabalhos, no entanto, controla a modalidade nas orações substantivas.

Para amparar a concepção de modalidade, Pimpão (2012) recorre especialmente à literatura givoniana. Para Givón (2005, p. 149), “a atitude do falante não é apenas – nem principalmente – sobre a proposição propriamente dita, mas sim sobre a atitude do ouvinte em relação à proposição assim como em relação ao falante”¹⁰. A consideração do componente pragmático coloca em realce a modalidade na negociação comunicativa, na interação falante-ouvinte. Givón (1995, p. 112) concebe dois tipos de atitudes/julgamentos, o epistêmico e o deontico, envolvendo as seguintes noções: “atitudes epistêmicas: verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência e atitudes avaliativas: desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação”¹¹.

Vejamos alguns exemplos. Os dados de (18) a (20) situam-se no eixo epistêmico, responsável por codificar valores como probabilidade/crença e certeza, respectivamente.

(18) Pois olha, eu não sei. É, isso eu acho que vai **ATÉ QUE ENTRE** algum outro **QUE VÊ** que esse plano não está correto. É um que pode às vezes dar uma diferença, né? (LGS 07, L458-459)

(19) A minha vida mando eu, agora eu faço o que eu quero. Nem meus filhos eu não deixo me mandar, **APESAR QUE** o mais velho **QUER** mandar em mim, mas eu não deixo. (FPL 03, L438)

Com relação ao eixo deontico, destacamos os seguintes valores: desejo, manipulação e avaliação, conforme ilustram, respectivamente, os dados a seguir¹².

(20) Ah, só **ESPERO QUE** o Brasil não **PERCA** hoje. Por causa do tempo, também, está mudando. (FLP 19, L129)¹³

(21) Ali, Deus o livre, ali a ordem que o general deu que eu sei, é que ali chegando uma criança ali, seja que hora que for, jeito que for, não é pra voltar. Não é pra voltar, é pra atender, sabe? A ordem do general é essa! Ele não **QUER QUE** nenhuma criança **VOLTE** pra casa. Chegou ali tem que internar e medicar, cuidar, né? (LGS 01, L918)

¹⁰ (GIVÓN, 2005, p. 149): “The speaker attitude is, in turn, never just – not even primarily – about the proposition itself, but rather about the *hearer’s attitude* toward the proposition as well as toward the speaker.”

¹¹ (GIVÓN, 1995, p. 112): “Epistemic attitudes: truth, belief, probability, certainty, evidence. Valiative attitudes: desirability, preference, intent, ability, obligation, manipulation.”

¹² Os dados (20), (21) e (22) são, respectivamente, os dados (01), (02) e (03), recuperados do início do texto e renumerados.

¹³ O código entre parênteses indica, respectivamente, a cidade (FLP para Florianópolis e LGS para Lages), o número da entrevista e a linha de onde o dado foi retirado.

- (22) Não, aqui, nós visitamos geralmente o hospital Florianópolis, tem a Carmela Dutra, a Maternidade, né? Mas a gente entra facilmente, não tem problema nenhum. Inclusive eles **GOSTAM QUE** a gente **VÁ** fazer missa nos hospitais. (FLP 11, L227)

Nos resultados encontrados na pesquisa de Pimpão (2012), o presente do modo subjuntivo é mais provável de ocorrer em contexto de modalidade deontica. A autora adota a terminologia **submodo deontico** e **submodo epistêmico**, devido à subordinação de ambos os submodos à modalidade *irrealis*. Como Givón (1984, 1995, 2001, 2005) situa a modalidade na transação comunicativa, a relação entre os interlocutores é fundamental: tanto pelas condições do falante apresentar evidências sobre o que fala, quanto pelas condições do ouvinte refutar, questionar, aceitar a posição defendida pelo falante.

Encaixada no contexto comunicativo, a modalidade *irrealis* emerge quando a proposição é fracamente asserida, por ser possível, incerta, desejada. Como o falante não está preparado nem mesmo tem condições de sustentar sua asserção com evidências ou bases fortes, a contestação pelo ouvinte é natural e esperada e, de certa forma, prontamente recebida. Por essa razão, segundo Givón (1995, p. 123), “se o *irrealis* tem um denominador comum – incerteza epistêmica – então a marca gramatical compartilhada entre os dois submodos do *irrealis* torna-se não acidental”¹⁴.

A incerteza se faz presente tanto no eixo epistêmico, pelos valores de probabilidade e crença, quanto no eixo deontico, com os valores de volição, manipulação e obrigação, que naturalmente projetam uma situação para um vir-a-ser, portanto, instaurando um ambiente de incerteza. Nesse sentido, os resultados encontrados na pesquisa de Pimpão (2012) estão alinhados à previsão givoniana, conforme pode ser observado a partir da interpretação dos resultados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 2 – Atuação da variável *submodo* sobre o uso do presente do modo subjuntivo

Submodo	Florianópolis			Lages		
	Freq./Total	%	P.R.	Freq./Total	%	P.R.
Deontico	46/67	68	0,878	60/73	82	0,783
Epistêmico	90/183	49	0,327	82/155	52	0,354
Total	136/250	54	-----	142/228	62	-----

Fonte: Pimpão (2012, p. 237).

O percentual para o uso do presente do modo subjuntivo em contexto deontico

é mais elevado em Lages, se comparado ao resultado encontrado na fala de informantes de Florianópolis. O submodo epistêmico se apresenta como um ambiente que inibe o presente do subjuntivo, constituindo, portanto, contexto de entrada do presente do indicativo. Por outro lado, mesmo em contexto de alta certeza epistêmica, o presente do subjuntivo se faz atuante, conforme ilustra o dado (24).

- (23) Olha, os idosos que residem aqui, eu tenho impressão assim que eles têm assim uma classe social pouquinho elevada, porque eles estão aqui, eles estão com uma mordomia muito grande, eles estão pagando essa mordomia, então eles têm um pouquinho de independência, não é? E eles estão aqui por opção deles, **EMBORA ESTEJAM** assim separados da família, mas foi uma opção deles. E tu sabes que o idoso, ele se discrimina, né? (FLP 22, L147)

O conector adverbial *embora* configura, nos termos de Bybee (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994), o modo subordinante. O modo subjuntivo é empregado em determinados tipos de oração subordinada sem que valores de incerteza estejam associados. O subjuntivo está, portanto, condicionado a determinados conectores. De acordo com Pimpão (2012, p. 307), “com relação ao valor ‘certeza’, surpreende que, na rodada com as ocorrências de Florianópolis, como mencionado, o presente do subjuntivo seja de uso categórico, inclusive nos contextos de ‘certeza’”. Em Lages, segue a autora, excetuando dois casos, “as demais ocorrências com o valor de ‘certeza’ são de uso categórico do presente do subjuntivo”.

Diante do exposto sobre as duas variáveis, o contexto preferencial do presente do subjuntivo é este: em Florianópolis, submodo deontico e orações substantivas; em Lages, submodo deontico e orações parentéticas. No entanto, uma questão persiste, a questão norteadora deste trabalho: *Como a variável de natureza sintática tipo de oração se articula com a variável de natureza discursivo-pragmática modalidade?* O presente do subjuntivo se distribuiu igualmente em todos os tipos de oração substantiva? Em todos os tipos de oração adverbial?

2 Procedimentos metodológicos

Na tentativa de responder à questão norteadora deste trabalho, foram recuperados os dados investigados por Pimpão (2012). A autora analisou 24 entrevistas conduzidas com informantes naturais de Florianópolis e 24 com informantes naturais de Lages. As

entrevistas compõem o banco de dados do Projeto VARSUL¹⁵. Os dados selecionados para análise consistem naqueles previstos por gramáticas normativas como sendo de emprego do subjuntivo (BECHARA, 2006; CEGALLA, 2007; CUNHA, 1992; CUNHA; CINTRA, 2007; MENDES DE ALMEIDA, 2005).

Foram recuperadas codificações, e os dados foram submetidos a uma nova rodada estatística, de modo que fosse possível cruzar os submodos deôntico e epistêmico com os tipos e os subtipos de oração. Nesse sentido, dentre as orações substantivas, foram controlados os seguintes subtipos: objetiva direta, objetiva indireta, subjetiva, completiva nominal, apositiva. As orações adverbiais incluem causal, concessiva, condicional, consecutiva, final, modal, e temporal. A apresentação e a análise dos resultados estão na seção seguinte.

3 Integrando níveis de análise

A integração dos níveis sintático e discursivo-pragmático, traduzidos neste trabalho por meio das variáveis *tipo de oração* e *modalidade*, põe em destaque tipos/subtipos oracionais que ocorrem sob o escopo de um ou outro submodo. De forma geral, as pesquisas controlam o tipo de oração como variável independente. A título de ilustração, diferentes estudos têm apontado as orações substantivas como um contexto de retenção do subjuntivo (COSTA, 1990; ALVES NETA, 2000; FAGUNDES, 2007). No entanto, não se pode afirmar que os subtipos desse tipo de oração apresentariam o mesmo resultado para subjuntivo. Essa observação também se aplica ao contexto das orações adverbiais: o subjuntivo não atinge o mesmo percentual em todos os subtipos oracionais. O controle dos subtipos oracionais é menos frequente e, quando ocorre, legitima-se por propiciar uma investigação mais detalhada do próprio tipo de oração (VIEIRA, 2007).

Nesse sentido, uma análise mais atenta aos subtipos oracionais pode contribuir com uma maior compreensão do uso variável do presente do subjuntivo, especialmente se o nível sintático estiver integrado ao discursivo-pragmático, tratado neste trabalho a partir dos submodos deôntico e epistêmico. Assim posto, isolar os subtipos das orações substantivas e das orações adverbiais pressupõe refinar a análise e o poder explicativo do fenômeno. Por outro lado, o número de ocorrências diminui, tendo em vista que as subdivisões aumentam. Nesse cenário, emerge a relevância de interpretações qualitativas.

Inicialmente, apresentamos o cruzamento de duas variáveis: subtipos oracionais e

¹⁵ Informações sobre o Projeto VARSUL podem ser acessadas no site: www.varsul.org.br.

o submodo deôntico.

Tabela 3 – Subtipos de oração sob o escopo do submodo deôntico e o uso do presente do modo subjuntivo

Tipos e subtipos de oração	Submodo deôntico			
	Florianópolis		Lages	
	Freq./Total	%	Freq./Total	%
Final	05/05	100	05/05	100
Completiva nominal	03/03	100	03/03	100
Objetiva indireta	01/01	100	04/04	100
Temporal	01/01	100	0/02	0
Modal	01/01	100	01/01	100
Objetiva direta	27/36	75	25/27	93
Adjetiva	07/15	47	13/20	65
Subjetiva	01/05	20	08/10	80
Apositiva	0/0	0¹⁶	01/01	100

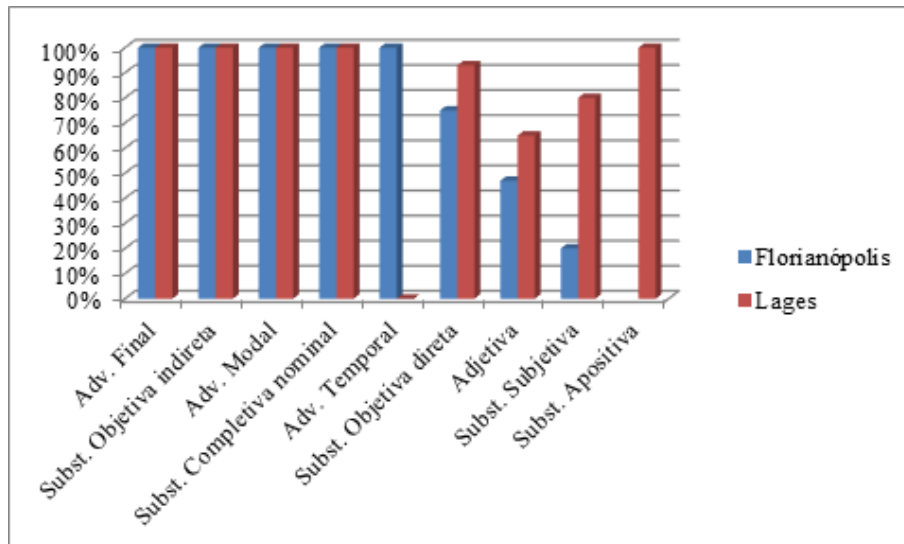
Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nos resultados exibidos na Tabela 3, o presente do subjuntivo apresenta uso categórico nos seguintes contextos oracionais e em ambas as cidades: adverbial final, substantiva completiva nominal, substantiva objetiva indireta e adverbial modal (destacados em negrito). O uso categórico do presente do subjuntivo em contexto de adverbial temporal somente ocorre nos dados de Florianópolis, e, em contexto de substantiva apositiva, nos dados de Lages (cf. destaques em negrito). Os demais subtipos já apresentam uso variável: substantiva objetiva direta, adjetiva e substantiva subjetiva.

O gráfico a seguir exhibe os percentuais em ordem decrescente, tendo como referência os resultados alcançados para os dados de fala dos informantes naturais de Florianópolis.

¹⁶ Os resultados apresentados nas Tabelas 3 e 4 seguem a ordem decrescente, tendo a cidade de Florianópolis como parâmetro.

Gráfico 1 – Resultados percentuais referentes aos subtipos de oração sob o escopo do submodo deôntico e o uso do presente do modo subjuntivo



Fonte: Elaborado pela autora.

A distribuição dos resultados percentuais no gráfico permite uma visualização ao mesmo tempo mais concreta e panorâmica do funcionamento do uso variável do presente do subjuntivo. Para uma análise qualitativa, desconsiderarei dois subtipos devido ao número de ocorrências: adverbial modal e adverbial apositiva. Os usos categóricos de presente do subjuntivo ocorrem nas orações adverbiais final e temporal e nas orações substantivas objetiva indireta e completiva nominal. Constituem contextos de variação as orações substantivas objetiva direta e subjetiva e as orações adjetivas. Trataremos desses tipos oracionais a seguir.

As orações adverbiais finais, conforme ilustrado em (24), constituem ambientes do submodo deôntico devido à força manipulativa do agente da oração matriz em relação à situação expressa na oração subordinada, constituindo um ambiente muito favorável à retenção do subjuntivo. É um tipo de oração cuja “restrição semântica na oração matriz não depende da *ação*, mas sim da *escolha* e do *controle*”¹⁷ (GIVÓN, 1990, p. 837). Quando posposta à matriz, a oração subordinada claramente codifica a intenção do agente da oração matriz em promover a realização da ação (GIVÓN, 1990; 2001). Isso porque a posição da oração subordinada em relação à oração matriz contribui para uma maior ou menor força expressiva. O exemplo (24) ilustra esse cenário, na medida em que assinala a força do Ministério da Marinha no controle da abertura de uma determinada área pela Prefeitura.

- (24) Como por exemplo a abertura do prolongamento da Avenida Hercílio Luz, pra ligar a Avenida Hercílio Luz ao aterro da Baía Sul, Avenida Gustavo Richard, que por, sei lá, ou falta de sensibilidade do Ministério da Marinha, até hoje o Ministério da Marinha não liberou aquela área **PRA QUE** a Prefeitura **POSSA** abrir. (FLP 21, L5839)

No que diz respeito às orações temporais, Palmer (1986) prevê um uso frequente do subjuntivo em orações temporais que codificam situações hipotéticas futuras ao passo que o indicativo é esperado na codificação de situações referidas no passado. Nos dados em análise, situações futuras são esperadas, tendo em vista o emprego do modo subjuntivo, como ilustra o dado (25). O dado (26), por sua vez, já assinala uma situação não projetada para o futuro; antes, uma situação espalhada no tempo, contemplando passado, presente e futuro.

- (25) De todos os sonhos, eu quero conhecer um lugar.

Entrevistador: Um lugar?

ANTES QUE eu **MORRA**, Bahia. (FLP 19, L943)

- (26) Agora, hoje em dia não, mas eles cortam gila e depois cozinha assim, os pedaços grandes, daí tiram tudo da casca, daí espreme bem ela, aquela água que tem, né? coloca na panela, coloca açúcar, vai mexendo **ATÉ QUE FICA** no ponto, né? no ponto do doce. (LGS 08, L152)

Nos casos das orações substantivas objetiva direta, objetiva indireta e completiva nominal, importa considerar o verbo ou o nome presente na oração matriz. São os verbos e os nomes que colocam sob seu escopo a situação codificada na oração subordinada. Givón (2001) considera três grupos: verbos de modalidade (querer, desejar, esperar), como nos exemplos (01) e (02); verbos de manipulação (fazer com que) e verbos de percepção, cognição ou enunciação¹⁸. A oração subjetiva, por sua vez, apresenta um comportamento bastante peculiar, muito próximo ao que Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) definem como *modo subordinante*. Nas palavras de Givón (2005, p. 166),

em espanhol e outras línguas, a forma do subjuntivo pode invadir um

¹⁸ O terceiro grupo de verbos será abordado na análise dos dados referentes ao submodo epistêmico.

domínio modal adjacente, o *afeto intensificado*. O contexto gramatical para esse aspecto é, à primeira vista, de alguma forma contraditório, estando sob o escopo de predicados *factivos*. Assim posto, são predicados cujos complementos verbais são *pressupostos*¹⁹.

- (27) É, então vai diminuindo, uns vão vendendo, né? a maioria vende. Ih! conheço muita gente aí que- Filhos [de]- fazendeiros fortes que hoje alguns até não têm nem uma casa pra morar aí, aqui em Lages. É BOM QUE GRAVEM isso, porque é uma verdade. (LGS 23, L824)

O dado (27) ilustra uma situação prevista por Bybbee, Perkins e Pagliuca (1994) Givón (2005). O presente do subjuntivo está sob o escopo de um predicado factivo e encaixado em uma situação apresentada como real, tendo em vista que a gravação mencionada pelo informante está em curso no momento de sua fala.

Vejamos os resultados para os subtipos oracionais associados ao submodo epistêmico.

Tabela 4 – Subtipos de oração sob o escopo do submodo epistêmico e o uso do presente do modo subjuntivo

Tipos e subtipos de oração	Submodo epistêmico			
	Florianópolis		Lages	
	Freq./Total	%	Freq./Total	%
Subjetiva	08/08	100	10/10	100
Condicional	09/10	90	01/01	100
Temporal	02/03	67	01/01	100
Concessiva	11/29	62	14/27	52
Parentéticas	04/07	57	07/08	88
<i>Talvez</i>	18/33	55	11/13	85
Completiva nominal	01/02	50	04/04	100
Adjetiva	24/53	45	23/62	37
Objetiva direta	09/25	36	03/19	16
Causal	04/13	31	07/09	78
Consecutiva	0/0	0	01/01	100

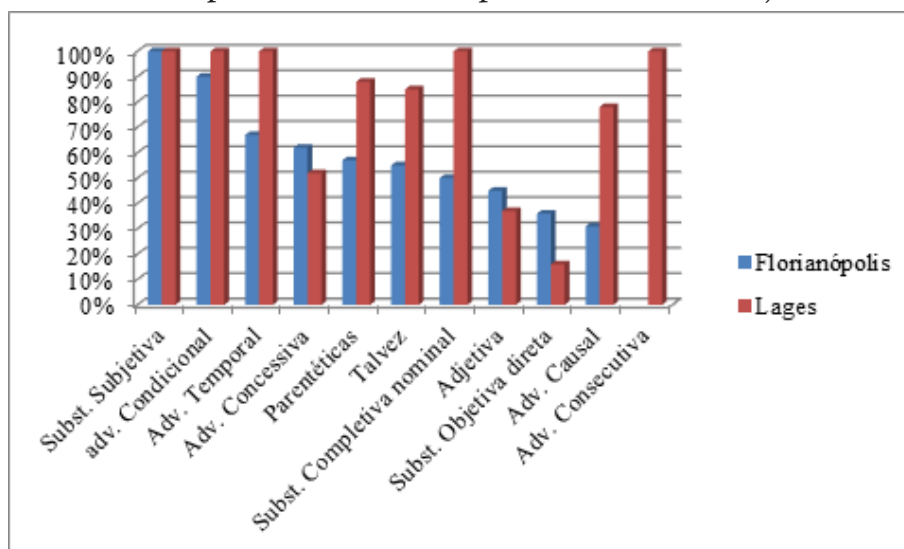
Fonte: Elaborado pela autora.

Na comparação com os resultados da tabela anterior, a Tabela 4 exhibe apenas dois casos de uso categórico: substantiva subjetiva para ambas as cidades e adverbial consecutiva para os dados de Lages (destaques em negrito). Nos demais casos, ainda que haja uso

categorico de presente do subjuntivo para ocorrências de Lages, Florianópolis já apresenta uso variável para o presente do subjuntivo. Essa leitura inicial dos resultados destaca o submodo deôntico como um importante contexto de retenção do presente do subjuntivo (cf. Tabela 3), seguindo a previsão de Givón (1995) e seguindo resultados de diferentes estudos (cf. ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; GUIRALDELLI, 2004; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007; CARVALHO, 2007; VIEIRA, 2007; PIMPÃO, 1999, 2012). Os subtipos oracionais situados no submodo epistêmico tendem a apresentar um espectro percentual mais fluido para o uso do presente do subjuntivo (cf. Tabela 4).

O gráfico, a seguir, exibe os percentuais em ordem decrescente, tendo como referência os resultados alcançados para os dados de fala dos informantes naturais de Florianópolis.

Gráfico 2 – Resultados percentuais referentes aos subtipos de oração sob o escopo do submodo epistêmico e o uso do presente do modo subjuntivo



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os subtipos oracionais, destacaremos, para fins de análise, as orações adverbiais²⁰ condicional, concessiva e causal, por serem específicas do submodo epistêmico, e a oração substantiva subjetiva objetiva direta, por envolver um grupo específico de verbos na oração matriz: verbos de percepção, cognição e enunciação.

Para Givón (1990, p. 829), as orações condicionais irrealis

se enquadram no escopo da modalidade *não-fato*. Muito parecido com

²⁰ Excluiremos da análise a oração adverbial consecutiva devido a apresentar um único dado em toda a amostra.

outras cláusulas irrealis, elas “não têm valor de verdade”. Em vez disso, sua verdade depende da verdade da oração matriz – que normalmente também não tem valor de verdade. Normalmente, as cláusulas condicionais irrealis têm uma *futuridade* implícita, com a própria oração matriz marcada por um operador de futuro, operador modal ou algum outro operador irrealis²¹.

O dado (28) ilustra um contexto de oração adverbial com uma projeção futura da situação codificada na oração subordinada.

- (28) Da Farra-do-boi? Não tenho nada contra, **DESDE QUE** não **MATE** o boi, não **FIRA** o boi. (FLP 15, L585)

Na perspectiva de Givón (1990, p. 835), orações adverbiais concessivas “envolvem um *contraste* pressuposto ou *contraexpectativa*, com a cláusula ADV fornecendo os *motivos* para a contraexpectativa, e a oração matriz fornecendo o evento ou estado inesperado ou menos provável²². Pimpão (2012) destina uma seção de sua pesquisa para reunir tipos oracionais que compartilham de uma propriedade bastante específica: a de atenuar/corrigir uma inferência atribuída ao ouvinte ou por ele manifestada. O exemplo (29) parece indicar que o informante, ao introduzir a oração concessiva, cancela uma inferência atribuída ao entrevistador. Provavelmente, com receio de que o entrevistador suponha que seus filhos aprendem tudo que lhes é ensinado, o informante faz uma ressalva.

- (29) E, eu ensinei meus filhos tudo o que- tudo o que eu aprendi dos meus pais, eu ensino para os meus filhos, né? **APESAR DE QUE** eles não **LEVAM** muito a sério, né? (LGS 09, L49)

No caso das orações causais, Givón (2001, p. 335) estabelece uma diferença entre causa e razão: a causa envolve “algum fator externo que impele o agente a agir ou causa um estado de tornar-se”²³; a razão, por sua vez, envolve um fator externo ou mesmo um

²¹ (GIVÓN, 1990, p. 829): “Irrealis conditional clauses fall under the scope of the *non-fact* modality. Much like other irrealis clauses, they ‘have no truth value’. Rather, their truth depends on the truth of their associated main clause – which most typically has no truth value either. Typically, irrealis conditional clauses have an implied *futurity*, with the main clause itself marked by either future, or modal or some other irrealis operator.”

²² (GIVÓN, 1990, p. 835): “[...] involve a presupposed **contrast** or **counter-expectancy**, with the ADV-clause supplying the **grounds** for the counter-expectation, and the main clause supplying the unexpected or less-likely event or state.”

²³ (GIVÓN, 2001, p. 335): “Some external factor either impels an agent to act, or causes a state to become.” e “has a reason for acting, speaking or thinking in a particular way.”

falante que “tem uma razão para agir, falar ou pensar de uma maneira particular”. Givón (2001) não apresenta exemplos semelhantes ao (30)

- (30) A minha de onze anos, eu tenho bem mais confiança de deixar a minha com ela, pra mim fazer as minhas vendas, do que com ela. **NÃO É PORQUE** eu não **CONHEÇO**, porque eu conheço, eu sei que ela é de família boa e tudo, é conhecida. Mas eu já acho a minha bem mais responsável do que ela, sabe? (LGS 02, L1272)

A oração causal em (30) assume a mesma propriedade da oração concessiva ilustrada em (29), a de cancelar uma inferência atribuída ao interlocutor. Ainda que Givón (2001) não apresente exemplos semelhantes, a diferenciação que estabelece entre causa e razão parece ser bastante apropriada. Com base no dado em análise, o informante parece ter uma razão para falar/usar a oração adverbial causal, tendo em vista que se vale de um recurso sintático com finalidade pragmática.

Por fim, o submodo epistêmico abarca casos de oração substantiva objetiva direta sob escopo de verbos de cognição, como em (31).

- (31) Eu acho que sim. Só não acho, como tenho certeza, porque é uma coisa visível, né? Claro que a cidade em termos turísticos, em termos de afinidade financeira, eu **ACREDITO QUE** ela **GANHA** muito, por quê? Porque aqui Festa do Pinhão hoje se tornou uma festa até a nível nacional, né? (LGS 11, L446)

Como análise geral, importa destacar que certos tipos oracionais mostram-se específicos de um e outro submodo, e outros subtipos oracionais estão presentes tanto no submodo deontico quanto no submodo epistêmico. Os resultados apresentados nas tabelas 3 e 4 indicam que tipos/subtipos oracionais ocorrem somente sob o escopo de um e outro submodo. Sob o escopo do submodo deontico, estão as orações adverbiais finais e modais, bem como as orações objetivas indiretas e apositivas. Sob o escopo do submodo epistêmico, estão as orações adverbiais condicionais, concessivas, causais, consecutivas, bem como as orações parentéticas e as orações com o item *talvez*. Os demais contextos oscilam entre os submodos deontico e epistêmico.

Ainda, chamamos atenção de dois subtipos em especial: oração objetiva direta e

subjettiva. A oração substantiva objetiva direta sob o escopo do submodo deôntico apresenta percentuais elevados para o uso do presente do subjuntivo: 75% em Florianópolis e 93% em Lages. Sob o escopo do submodo epistêmico, os percentuais diminuem significativamente: 36% para os dados de Florianópolis e 16% para os de Lages. Por sua vez, a oração substantiva subjettiva sob escopo do submodo deôntico apresenta percentuais opostos para o uso do subjuntivo considerando ambas as cidades: 20% e 80%, respectivamente. Diferentemente, o submodo epistêmico constitui contexto de uso categorico de presente do subjuntivo em dados de ambas as cidades.

Isso posto, afirmar que o subjuntivo   provável de ocorrer em contexto de oração substantiva constitui uma informação importante, porém não toda a informação. Da mesma forma, afirmar que o presente do subjuntivo mostra-se menos frequente no ambiente sint tico de oração adverbial não permite inferir um contexto de entrada do presente do indicativo. Vale destacar que o subjuntivo   de uso categorico nas orações finais e exibe percentuais mais baixos sob o escopo de conectores concessivos (62% nos dados de Florianópolis e 52, nos de Lages). Explorar a análise, refinando as variáveis, permite reconhecer um outro cenário: determinados tipos de oração estão associados ao submodo deôntico; outros, ao submodo epistêmico; outros ainda, associados a ambos.

Considerações finais

Retomemos a pergunta norteadora deste trabalho: *Como a variável de natureza sint tica tipo de oração se articula com a variável de natureza discursivo-pragmática modalidade?* A variável *tipo de oração* abriga diferentes subtipos, que podem apresentar um comportamento diferenciado. Isso foi observado nos contextos de oração substantiva e de oração adverbial. A compreensão da distribuição dessas orações torna-se mais efetiva se considerados os subtipos oracionais. Percebemos, assim, que o submodo, variável de natureza discursivo-pragmática, identifica-se com determinados subtipos, como a oração adverbial final, associada ao submodo deôntico, e a oração adverbial concessiva, vinculada ao submodo epistêmico. Por sua vez, as orações substantivas objetiva direta e subjettiva se manifestam sob o escopo de ambos os submodos.

A consideração da variável discursivo-pragmática propiciou uma maior compreensão dos ambientes sint ticos listados nas gramáticas normativas como de emprego do subjuntivo. Ainda, contribuiu com uma análise mais refinada desses ambientes sint ticos a partir da investigação mais detalhada dos subtipos oracionais, o que normalmente, por motivos de tempo e espaço, não é contemplado nas pesquisas com dados do português

do Brasil. Certamente, o refinamento da análise qualitativa implicou uma diminuição no número de dados para cada subtipo, no entanto, acreditamos em uma terceira contribuição deste estudo: sugerir um olhar mais cauteloso para resultados de pesquisas que correlacionam o uso variável do subjuntivo a contextos sintáticos.

Referências

- ALMEIDA, E. S. de. *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. 2010. 294f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ALVES NETA, A. *O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro*. 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- ALVES, R. F. *A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade*. 2009. 197f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- BARBOSA, A. F. *Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)*. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BOTELHO PEREIRA, M. A. *Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no português contemporâneo*. 1974. 265f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago press, 1994.
- CAMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARVALHO, H. M. de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 2007. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- COSTA, I. B. *O verbo na fala de camponeses: um estudo de variação*. 1990. 223f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de

Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

FAGUNDES, E. D. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 2007. 220f. Tese (Doutorado em Letras) – Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GIVÓN, T. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vol. I, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vol. II, 1990.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 2001.

GONÇALVES, J. R. *Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do Português do Brasil*. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.

GUIRALDELLI, L. A. *O modo subjuntivo e a expressão das modalidades epistêmica, deontica e volitiva*. 2004. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

MEIRA, V. *O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. 2006. 317f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MENDES DE ALMEIDA, N. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

OLIVEIRA, M. do C. de. *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil*. 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PALMER, F. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PERINI, M. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PIMPÃO, T. S. Mapeamento do uso variável do modo subjuntivo no português do Brasil. In: *Working Papers em Linguística*, 16(1): 120-141, Florianópolis, jan. / jul., 2015.

PIMPÃO, T. Pressuposição e a variação no presente do modo subjuntivo. *Letrônica*, 8(2), 376-390. 2015.

PIMPÃO, T. *Uso variável do presente do modo subjuntivo: uma análise de amostras de*

fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. 2012. 350f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PIMPÃO, T. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. 1999. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PIMPÃO, T.; GÖRSKI, E. M. Interpretação qualitativa de resultados quantitativos: uma análise do processo metodológico na comparação de diferentes pesquisas. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, n. 1, p. 71-81. 2010.

ROCHA, R. C. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português*. 1997. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculos, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SANTOS, R. M. A. dos. *O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas*. 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

VIEIRA, M. M. M. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá*. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

WHERRITT, I. M. *The subjunctive in Brazilian Portuguese*. 1977. 191f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern and Classical Languages, University of New Mexico, Albuquerque, 1977.

Data de submissão: 21/09/2020

Data de aceite: 21/01/2021



O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DE FUNÇÕES E VALORES MARCADOS PELA LEITURA ITERATIVA OU DURATIVA

THE COMPOUND PAST TENSE IN PORTUGUESE: ANALYSIS OF FUNCTIONS
AND VALUES MARKED BY ITERATIVE OR DURATIVE READING

Diana Reis Bittencourt | [Lattes](#) | diana.bittencourt@ifc.edu.br¹
Colégio Militar do Exército em Curitiba

Resumo: Neste estudo, discutimos a semântica do pretérito perfeito composto (PPC), a partir das leituras de pluralidade que nele se pode obter, distribuídas em iterativa ou durativa, em razão da característica de cada predicado verbal. Apontamos ainda que essas leituras afastam o PPC de uma competição funcional com o pretérito simples na sincronia, refletindo uma situação linguística divergente da diacrônica, em que o pretérito composto alcançava valores que se aproximavam mais da expressão do pretérito simples. Assim, a contribuição da análise não está na investigação e apontamento das diferentes funções das duas formas de pretérito, mas sobretudo em retratar a caracterização semântica do PPC contemporâneo também como resultado da competição funcional entre as diferentes leituras do PPC ao longo de sua história: a leitura resultativa e as leituras de pluralidade que foram se estabelecendo em sua trajetória, conforme descreve Becker (2016). Do mesmo modo, a discussão proposta busca contribuir destacando a complexidade em se traçar uma definição única e rigorosa para esse tempo verbal. Dessa forma, buscamos desenvolver uma análise qualitativa com enfoque semântico, que toma como fundamentação principal a descrição de Ilari (2001) para esse tempo verbal e situa ainda as definições do perfeito a partir de Comrie (1976), Klein (1992) e Kiparsky (2005). Para tanto, os dados do Corpus do Português (CdP) são utilizados como um recurso para identificarmos as várias leituras do PPC. Nessa perspectiva, justifica-se a incompletude de descrições a partir de um valor semântico único para o PPC, posto que esse se configura de modo diferente em cada predicado que transita, de forma similar a uma expressão de quantificação. Por fim, a partir dessa caracterização semântica, propomos possíveis funções discursivas para a forma, em razão da repetição inferida na expressão do evento denotado pelo PPC. Como apontamento final, sublinhamos a forte presença da leitura durativa associado ao PPC a partir do século XIX, que pode ter sido o fator decisivo no afastamento das funções entre as formas simples e compostas de pretérito, o que está de acordo também com os resultados de Becker (2016, 2020) e Barbosa (2008).

Palavras-chave: Pretérito perfeito composto. Funções. Valores semânticos. Leitura iterativa. Leitura durativa.

¹ Lotada originalmente no Instituto Federal Catarinense, atua como docente civil de carreira EBTB no Colégio Militar do Exército em Curitiba.

Abstract: In this study, we discuss the semantics of the compound past (perfect) (PPC), based on the plurality readings obtained in its usage and distributed in *iterative* or *durative*, due to the characteristic of each verbal predicate. We also pointed out that these readings deviate the PPC from a functional competition with the simple past in the synchrony, reflecting a linguistic situation divergent from the diachrony, in which the compound past tense reached values closer to the expression of the simple past tense. Thus, the contribution of the analysis does not concern an investigation pointing out the different functions of the two forms of past tense, but rather, it aims to show the semantic characterization of contemporary PPC also as a result of the functional competition between the different readings of PPC throughout its history: the resultative reading and the readings of plurality which were established in its trajectory, as described by Becker (2016). Also the proposed discussion seeks to contribute pointing out the complexity of formulating a single and rigorous definition of this verb tense. Therefore, we aim to develop a qualitative analysis on a semantic frame, based on Ilari (2001) as the main theoretical description and also points the definitions of the perfect from Comrie (1976), Klein (1992) and Kiparsky (2005). The data from the Corpus do Português (CdP) is used as a resource to identify the various readings of the PPC. In this perspective, the incompleteness of descriptions based in one semantic value for the PPC is justified, since it is configured differently in each predicate, similarly to a quantifier. Finally, from this semantic characterization, we propose possible discursive functions for the form, according to the repetition inferred in the event denoted by the PPC. As a final result, we highlight the frequent presence of the durative reading associated with the PPC from the 19th century, which might have been the decisive factor for the distancing of functions between the simple and compound forms of past tense, which is also similar to the results of Becker (2016, 2020) and Barbosa (2008).

Keywords: Compound past tense. Linguistic competition. Semantics. Iterative reading. Durative reading.

Introdução

O estudo de situações linguísticas em que uma potencial competição entre formas com valores semelhantes poderia ocorrer revela que as trajetórias que levam à variação e mudança linguística encontram distintas motivações ou restrições que afetam inclusive línguas com um mesmo ponto de origem, como as românicas. Assim, embora o uso das

formas simples e compostas de pretérito em português pudesse configurar um possível cenário de variação em momentos anteriores da língua, o pretérito perfeito composto (PPC) alcançou especializações que limitaram o seu valor como *durativo* ou *iterativo* ao longo dos séculos, considerando-se a análise da forma numa perspectiva semântica que toma como ponto de partida Ilari (2001).

Nesta análise, tratamos de uma discussão voltada a valores semânticos e leituras do PPC, com destaque para o apontamento das principais leituras de pluralidade obtidas em seu uso, segundo Becker (2016), ou de pluracionalidade, a partir de Laca (2010) e Carvalho et al. (2010). Somam-se a essa análise qualitativa com enfoque semântico algumas definições em nível teórico que delineiam essas leituras do perfeito a partir das propriedades do predicado, bem como através da estrutura do evento e sua configuração tempo-aspectual, com base principal em Kiparsky (2002), mas também em Comrie (1976) e Klein (1992). Ainda assim, possíveis contextos diacrônicos em que pode ter havido sobreposição de valores com o pretérito perfeito simples (PPS) – que, brevemente, se diferencia pelo valor perfectivo e pela preferência à singularidade do fato, conforme Ilari (2001) – serão discutidos de modo sucinto, como por exemplo, em antigos contextos de uso em que o PPC aparecia antecedido pelo advérbio *já*, em dadas leituras que compõem usos já residuais atualmente, como mencionam Barbosa (2008) e Becker (2016).

Nessa perspectiva, o propósito principal é apontar que, apesar da possibilidade de uma direção inicial que promoveria uma competição maior entre as formas simples e compostas, o PPC seguiu um distinto percurso de evolução diacrônica, apresentado em Squartini e Bertinetto (2000). Em resumo, os autores, com base em Harris (1982), apontam que o pretérito composto em português não teria alcançado os mesmos estágios de evolução que outras formas compostas equivalentes nas línguas românicas principais, as quais passaram a expressar o aspecto perfeito (de relevância) e até funções aorísticas, chegando a suplantam as formas simples na expressão do passado, como em francês, romeno e italiano padrão do Norte.² Em comum, o processo de gramaticalização dessas perífrases nas línguas românicas teria se iniciado em situações e contextos em que elas passaram por (re)interpretações resultativas, que depois conduziram a leituras de um perfeito de persistência ou iterativo (leitura e estágio em que o PPC em português estaria situado); até obterem uma função de perfeito de relevância atual, como seria o caso do pretérito composto em espanhol, conforme pode ser devidamente recuperado em Oliveira (2010)

² Na próxima seção, tratamos um pouco mais desse processo, assim como dos estágios de evolução de Harris (1982).

e Laca (2010), no que tange especialmente às línguas ibero-românicas.

Contudo, além do valor iterativo, o PPC foi obtendo cada vez mais uma leitura durativa – que se estabelece em conjunto com os verbos de estado³ –, principalmente a partir dos séculos XVIII e XIX, o que pode ter sido um dos fatores decisivos em seu trajeto final de distanciamento do PPS, no que tange à expressão do aspecto verbal. Nesse ponto, justifica-se a realização de uma análise semântica sobre a atribuição de um valor (iterativo ou durativo) para o PPC, também por ser um modo de investigar por que ele não seguiu o mesmo percurso de formas compostas similares em outras línguas. Além disso, com base em seu valor semântico atual, seria possível comparar o PPC com outras categorias, como a de certos quantificadores que, ao passo que interferem nos predicados em que transitam, também recebem interpretações distintas em razão de cada sentido composicional adquirido, a partir da analogia proposta por Ilari (2001). Em nosso estudo, isso mostra-se particularmente relevante na descrição de possíveis funções da forma verbal, pois pode se refletir em seus usos. Por exemplo, o emprego do PPC pode estar relacionado à maior força e ênfase que o falante busca dar a uma informação, visto que em seu emprego pode estar inferida uma repetição de subeventos, isto é, do evento em suas instâncias, como no exemplo a seguir:

- (01) Sr. João nunca os viu? – **Vi, vi, tenho visto** muitos. Olhe que fazem coisas que, fora a alma, já se sabe. (CdP, PB, séc. XX) ⁴

Esse dado selecionado em (01) é interessante também para ilustrar uma outra função discursiva que se aventa para o PPC, de que combinado com verbos de percepção direta serviria como um recurso de intensificação, pois indiretamente quantifica, pluraliza um evento em que se evidencia a fonte da informação. Isso ocorre pois, quando associada a verbos de percepção direta, como *ver* e *ouvir*, a ideia de pluralidade de subeventos embutida no evento denotado pode associar-se muito bem a uma possível necessidade do falante de garantir a fonte e a veracidade de sua informação, que não se baseia na ocorrência singular de um evento, mas em várias delas. Isso porque os verbos de percepção acabam revelando a fonte (supostamente verídica) da informação, de modo que o falante se comprometeria um pouco mais com a verdade de sua proposição, já que o fato foi

³ Veja-se o quadro 1, na seção 4.

⁴ Para exemplificação dos valores atribuídos ao PPC, utilizamos ocorrências oriundas do *Corpus do Português de Davies e Ferreira* (CdP).

“visto, verificado com os seus próprios olhos”,⁵ como pode ser interpretado a partir dos seguintes enunciados:

- (02) [...] Ah... na beira-mar **acho** que atualmente dá tudo, porque eu **tenho visto** casas à beira-mar com todas as coleções de plantas que você quiser imaginar – eu acho que é muita questão de adubo. (CdP, séc. XX)
- (03) [...] **Acho** que hoje em dia por exemplo muitas crianças têm dor de cabeça enxaqueca fortíssima que não tinham antigamente [...] – agora eu **acho** que a influência é marcante sobre criança apesar de eu não ter crianças, mas as que eu **tenho visto** sofrem influência marcante do vocabulário, maneira de falar e de se comportar. (CdP, séc. XIX)

De fato, são vários os contextos *avaliativos* em que o PPC esteve associado a *ver* e *ouvir* em nossa amostra, sendo que, a partir dos dados encontrados no CdP⁶, essa recorrência esteve presente já em séculos anteriores.

Em poucas palavras, então, consideramos que o PPC se especializou cada vez mais na constituição de contextos semântico-pragmáticos que caracterizam um evento como pluracional, seja através da ocorrência junto a expressões adverbiais, como *muitas vezes*, seja a partir da repetição inferida pragmaticamente (Cf. BECKER, 2016, 2020), ou ainda através da leitura durativa obtida por meio de predicados estativos. Nessa dinâmica, uma hipótese é a de que o PPC captou diversas funções discursivas em sua evolução, haja vista a repetição de eventos inferida em seu uso. Destacamos, portanto, o papel da interação comunicativa para a (re)organização de uma forma em cada subsistema, segundo discute Görski (2020)⁷. Por exemplo, para Squartini e Bertinetto (2000), a emergência das formas compostas de pretérito perfeito teve como finalidade reintroduzir um paradigma perfeito nas línguas românicas, no sentido de expressar uma função semântica de destacar o resultado atual de um evento passado.

⁵ De acordo com Squartini (2018, p. 9, tradução da autora), é a combinação de uma compreensão indireta do falante e de sua percepção direta que justifica o “sentido genuinamente ‘evidencial’ dos verbos de percepção, no qual o falante é também intelectualmente envolvido como fonte, e não como mero apreensor de uma fonte externa.”

⁶ Conforme será apontado na parte final do estudo, através do quadro 1, que expõe a distribuição do PPC segundo alguns verbos mais frequentes de cada classe acional. Becker (2016), Amaral e Howe (2012) e Duarte (2010) retratam um pouco da situação anterior em que o verbo “haver” era o auxiliar mais frequente na composição dessas perífrases, antes do verbo “ter”.

⁷ Basicamente, o fenômeno de gramaticalização pode ser compreendido da seguinte maneira: “um item ou construção frequentemente utilizados em contextos comunicativos particulares adquire função gramatical” (GORSKI, 2020, p. 4345). É possível ver uma descrição completa sobre (multi)funcionalidade em Görski et al. (2002).

Por fim, trazemos algumas questões que permeiam a abordagem desse tema no presente estudo. A existência no sistema verbal do português de duas formas de pretérito⁸ seria um indicador de que, ao menos na diacronia, essas formas foram em algum nível da língua funcionalmente equivalentes? A presente situação sincrônica é uma consequência da evolução diacrônica das duas formas, sobretudo, do PPC, que se desviou de uma trajetória inicial em direção a uma função perfeita⁹ (de relevância atual) e talvez, posteriormente, aorística, como ocorreu com as perífrases análogas em outras línguas? Por fim, estaria o português em um estágio final de um provável cenário anterior de pouca competição, iniciado em fases anteriores da língua, quando o PPC também alcançava as leituras resultativa e universal?¹⁰ Os exemplos subsequentes, (04) e (05), ilustram o PPC nesses contextos em que se aproximava mais do PPS.

Em nosso estudo, entretanto, o intuito não é contemplar todas essas questões. Primeiramente, porque as formas simples e compostas de pretérito perfeito não estão sendo consideradas *variantes*. A análise, como se propõe, busca discorrer sobre a semântica do PPC, delineando seus valores no português contemporâneo, os quais convergem e divergem de outras leituras diacrônicas que nele se pode obter. Assim, aponta-se de que modo o PPC foi se distanciando de um trajeto inicial, como nos usos anteriores, em que aparecia inclusive com o advérbio *já*, – também encontrado em enunciados de Becker (2016), Carvalho et al. (2010) e Barbosa (2008, 2014). Esses casos, distantes na língua moderna¹¹, configuram uma potencial situação linguística de sobreposição entre os usos do PPS e PPC. Vejam-se os exemplos:

(04) Já tenho **comprometido** a salvação de minha alma. (CdP, séc. XVIII)

(05) Já tenho **viajado** muito sozinho para estar perfeitamente escabreado dessa desgraça. (CdP, séc. XVIII)

⁸ Essas duas formas de pretérito se distinguem do pretérito mais-que-perfeito, que denota um evento anterior a um ponto de referência anterior ao momento de fala.

⁹ Definição utilizada por Squartini e Bertinetto (2000) para distinguir a expressão aspectual de um tempo verbal sem fazer referência à nomenclatura utilizada especificamente para denominar dados tempos verbais ditos perfeitos.

¹⁰ Veja-se Becker (2020) para uma descrição minuciosa de como o crescimento de leituras pluracionais coincide com o quase desaparecimento de leituras tradicionais de perfeito.

¹¹ Mais precisamente tratando-se do Português do Brasil, pois aparecem ainda com certa recorrência em dados do Português Europeu até o século XIX, segundo encontramos em nossa amostra oriunda do CdP, e até no século XX, também no PE, segundo Barbosa (2008).

Em segundo lugar, de acordo com a *Teoria de Variação e Mudança* introduzida por Weinreich, Labov e Herzog (1968), seria preciso considerar variadas motivações e fatores de diferente natureza que intervêm no sistema linguístico. Ainda assim, ao longo das próximas seções, esses questionamentos acompanham a discussão proposta, que se volta essencialmente à caracterização do PPC no português moderno¹², com maior foco em dados do século XX, utilizados para a exemplificação de leituras semânticas, assim como se debate a (multi)funcionalidade, no nível discursivo-pragmático, encontrada pelo pretérito composto nessa atual dinâmica linguística.¹³

Finalmente, passamos a apresentar a organização do estudo. Primeiramente, será realizada uma exposição sobre as leituras do PPC em competição na diacronia, em que se recuperam os estágios de gramaticalização de Harris (1982), também discutidos por Squartini e Bertinetto (2000), para situar a proposta de Becker (2016, 2020), em descrever várias leituras identificadas na história do PPC, as quais teriam levado às principais leituras que caracterizam a semântica do PPC hoje. Em um segundo momento, a discussão se assenta mais propriamente na descrição do PPC em seus valores durativo ou iterativo, em que se toma como ponto de partida Ilari (2001) para essa caracterização. Segue-se, então, para a fundamentação teórica sobre o aspecto verbal e sobre as leituras do perfeito, norteadas por Kiparsky (2002), Klein (1992) e Comrie (1976). Depois, discute-se acerca de alguns contextos diacrônicos em que o PPC parecia se sobrepor ao PPS em algumas funções, como em determinados enunciados em que se identifica uma leitura universal, ou mesmo existencial e até resultativa. Em seguida, expõe-se um pouco dos resultados verificados através dessa análise qualitativa, em que se priorizou investigar outras funções para o PPC a partir da presença dos principais verbos associados ao seu uso, distribuídos segundo categorias relacionadas ao aspecto. Por último, apresenta-se a contribuição final deste estudo.

No que tange à amostra, para exemplificação dos valores atribuídos ao PPC, utilizamos ocorrências oriundas do Corpus do Português de Davies e Ferreira (CdP) em razão da ampla amostragem diacrônica, que inclui registros que datam do século XIIIV até o século XX, possibilitando-nos olhar para alguns verbos que mais aparecem na forma do PPC, diferenciados por classes acinais, o que é relevante à subsequente análise e discus-

¹² Com os termos português moderno ou contemporâneo estamos fazendo referência à fase da língua que compreende os séculos XIX, XX e XXI, segundo Brocardo (2012).

¹³ É possível ver uma descrição completa sobre (multi)funcionalidade em Görski et al. (2002).

são de suas possíveis funções e leituras semânticas.¹⁴

Cabe, por último, ressaltar que, embora este estudo não faça parte dos vários trabalhos sobre as formas verbais em variação no português da Região Sul do Brasil, organizados ou orientados pela Prof^a Dr^a Edair Görski a partir do seu grupo de pesquisa *Tempos Verbais e Verbos Modais*, ele se assemelha, em certa medida, à proposta, que incluía não somente investigações de formas verbais variantes, mas também análises de seus valores e funções dentro do sistema verbal do português.¹⁵

1 A expressão do PPC a partir de leituras em competição na diacronia

O verbo em português compõe um dos sistemas que mais preserva algumas particularidades do seu ponto de origem, no que se refere às formas desenvolvidas a partir do tema do perfeito. Um exemplo relevante desse traço mais conservador seria a presença, ainda recorrente, de uma forma remanescente do subjuntivo perfeito e do *futurum exactum* latino, o futuro do subjuntivo, como discutido em Bittencourt (2014) e em outros estudos¹⁶. Além do mais, destacamos a conservação de um pretérito perfeito simples, em uso frequente, possivelmente como um reflexo direto do perfeito sintético latino, o que pode ser considerado como um dos fatores que restringem a expansão do PPC em outros domínios.¹⁷ Nesse ponto, o português diferencia-se assim das principais línguas românicas, que limitaram os contextos de uso das formas simples, ao passo que expandiram o

¹⁴ Observamos que os casos que são do Português Europeu serão acrescidos de PE, de modo que o restante está subentendido como do Português Brasileiro (PB). Em virtude de não ser realizada nenhuma avaliação quanto às duas variedades, citamos o estudo de Barbosa (2008), que retrata alguns aspectos da variação entre PE e PB, mas não significativos, em termos de interpretação da semântica do PPC contemporâneo.

¹⁵ Em síntese, o conjunto desses estudos pode apresentar um vasto retrato da situação linguística atual, de competição ou não, de várias formas verbais no PB. Como são muitos trabalhos, citamos neste momento alguns do que tratam especificamente da análise dos tempos verbais que têm como base o tema do perfeito, como Bittencourt (2014), acerca do futuro do subjuntivo; Back (2012), sobre o pretérito imperfeito do subjuntivo, e Coan (1999, 2003), que trata do pretérito mais-que-perfeito. Além da categoria verbal, outras análises tratam de fenômenos da língua em uso, como o dos marcadores discursivos: Valle (2014) e Tavares (2002).

¹⁶ Na sincronia das línguas românicas, essa seria a única forma a refletir as suas antecessoras em orações temporais, afirma Becker (2011). Sobre a recorrência do futuro do subjuntivo em português, os estudos variacionistas de Macedo (1980) e Gryner (1992) detalham a situação sincrônica.

¹⁷ Em um estudo subsequente, não publicado, analisamos as formas simples de pretérito como um reflexo direto do subsistema perfeito latino, em vários aspectos e funções. Citamos ainda a discussão de Bártoli (1946) e dos subsequentes estudos filológicos de Bueno (1958) e Neto (1977) sobre a formação do português. Sobre o perfeito sintético, de modo sucinto, era formado por duas fontes antecessoras principais: uma originária no aorístico (-s; -i) e outra num antigo perfeito, as quais foram ainda amalgamadas a uma inovação que atingiu sobremaneira os verbos da primeira e quarta conjugação, em que o perfeito passou a ser expresso pelo acréscimo de (-v), como em *amo* (pres.), *ama-v-i* (perf.) Como resultado, o perfeito ativo alcançava mais de um valor aspectual (Cf. PINKSTER, 1987; EMBICK, 1998). Já sobre a expressão ampla e variada do aspecto pelo PPS em português, veja-se Travaglia (1994).

emprego das formas compostas de pretérito (equivalentes os PPC) em funções perfeitas (de relevância corrente) e perfectivas, como o italiano. Vejamos um exemplo:

(06) Latim. **Vidi** enim et **cognovi** quid maxime spectares... (T. Cic. *Ligarius* 11)

‘Porque **vi** e **soube** o que você mais considera/preza’

Italiano. **Ho visto** e **conosciuto** ciò che tu più ammiri.

Precisamente no que tange à emergência das formas compostas com função perfeita nas línguas, Harris (1982) busca explicar a evolução dessas perífrases através de um processo de gramaticalização desenvolvido em quatro etapas. Inicialmente, as construções compostas surgem com um valor resultativo (estágio I) – estado existente e atual como resultado de um evento anterior (em que leituras de perfeito começam ser possíveis), até finalmente alcançarem um estado aorístico, perfectivo denominado de estágio IV. Nessa última fase, as formas compostas podem se sobrepor às formas simples, como teria ocorrido em francês e em italiano padrão, por exemplo. No estágio II, em que o PPC do português pode ser situado, as formas compostas deixam de assinalar somente um estado resultativo e se associam à noção de persistência e iteração de um evento. Já a fase III pode ser identificada nos casos em que as formas compostas expressam um evento anterior que possui alguma relevância¹⁸ atual, como é o caso das construções perfeitas em muitas variedades do espanhol.

Em síntese, os estágios diacrônicos de gramaticalização propostos por Harris (1982), que explicam a presente polissemia funcional identificada nas línguas, serão aqui ilustrados, porém, com uma exemplificação diferente – com intuito de adiantar a subseqüente exposição ancorada em Becker (2016) – a partir de registros em português (arcaico e moderno), espanhol, e italiano:

- (i) I: resultativo – “**Perdoado** te **tem** Deos os teus pecados.” (Port. arcaico, CdP, séc. XIV)”;
- (i) Estágio II: perfeito de persistência: “**Tenho trabalhado** muito na arquitetura.” (Port. contemporâneo, CdP, séc. XX);
- (i) III: perfeito de relevância atual: “*Al mismo tiempo se queja de su esposa que no*

¹⁸ Klein (1992) conceitua e problematiza essa noção de *relevância* aplicada, já que estaria situada num âmbito mais pragmático de sentido, como no caso do *Present Perfect* em inglês. Squartini e Bertinetto (2000) retomam esse debate.

ha studiado una carreira universitária.” (Esp., CORPES XXI-Ecuador, RAE);

- (i) Estágio IV: função aorística: “*Leri, ho discusso con i rappresentanti delle compagnie aeree [...]*” (It.)¹⁹

Por outro lado, Squartini e Bertinetto (2000, p. 17) afirmam que cabe ponderar alguns pontos desenvolvidos na proposta de Harris, por exemplo, a maneira como as línguas como italiano e francês passaram pelo estágio II, em função da escassez de dados mais antigos; além disso, consideram problemática a concepção do estágio II como uma fase intermediária, como no caso do PPC em português.

Embora o desenvolvimento sugerido por Harris seja plausível, uma interpretação alternativa é igualmente possível. De acordo com ela, o estágio II, correspondente ao sentido inclusivo do CP, não seria o segundo passo de movimento com direção aorística, porém mais que isso, um desenvolvimento totalmente independente no qual valores acionais, ou melhor, uma interação peculiar entre valores acionais e aspectuais estão (atuando) em um primeiro plano. (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 17, tradução da autora)²⁰

Logo, consideramos que os estágios propostos em Harris funcionam como um sólido ponto de partida para compreender a polissemia do perfeito na sincronia; porém, parece necessário situar a presente discussão além desse enquadramento, particularizando um pouco mais a história de evolução do PPC em português. Para tanto, descrevemos uma análise também diacrônica da forma, com base em Becker (2016), assim como discutimos vários pontos desenvolvidos por Ilari (2001) e Laca et al. (2010) posteriormente, em que os autores colocam em primeiro plano a semântica do aspecto verbal e das classes acionais do verbo na caracterização especial do PPC, a partir da configuração de cada predicado verbal. Adicionalmente, cabe citar o estudo de Amaral e Howe (2012), que também retratam a expressão e gramaticalização do PPC no português arcaico e incluem outros fatores morfossintáticos, além dos semânticos, no processo de mudança

¹⁹ (iii) ‘Ao mesmo tempo reclama da sua esposa que não fez uma carreira universitária’; (iv) *Leri, ho discusso con i rappresentanti delle compagnie aeree hanno dichiarato di non essere ancora pronti per fare una stima delle proprie perdite.*” (It., europarl.europa.eu) ‘Ontem, conversei com representantes de companhias aéreas e eles disseram que ainda não estão prontos para avaliar suas perdas.’

²⁰ Although the development suggested by Harris is plausible, an alternative interpretation is equally possible. According to this, stage II, corresponding to the inclusive meaning of the CP, would not be the second step of the aoristic drift, but rather a totally independent development in which actional values, or rather a peculiar interaction of actional and aspectual values, are foregrounded. (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 17)

linguística através de várias etapas de reanálise, que promoveram interpretações resultativas às construções formados por *tenho* + *particípio*, de modo similar à situação anterior (herdada) com *habeo* + *particípio*.

Becker (2016, 2020) apresenta uma particular trajetória na expressão histórica do PPC em português, através da análise minuciosa de registros históricos (compostos por uma amostra de cartas históricas do PB e ocorrências do Corpus Informatizado do Português Medieval e do Corpus do Português) situados entre os séculos XV e XXI. Em seus estudos, as etapas da mudança linguística do PPC estão ancoradas numa análise semântica da forma, bem como no papel de cada classe de verbos nesse processo de evolução, considerando-se assim, por exemplo, a relação entre os verbos *accomplishments* e *achievements* no processo inicial de estabelecimento da leitura resultativa, além das especificidades dos verbos como de percepção, cognição, comunicação etc. Primeiramente, o autor situa a forma em sua expressão contemporânea como caracterizada pela expressão pluralcional e, então, delinea várias etapas em que o PPC foi obtendo diferentes leituras semânticas, assim como se alternando entre elas. Essas leituras, apesar de inicialmente terem sido projetadas como uma extensão da leitura resultativa, acabaram por direcionar a evolução do PPC a leituras de pluralidade. Para o autor, “a evolução semântica do PPC é um caso da mudança de uma categoria linguística lenta e gradual que se produz entre o século XV e o século XX. Trata-se de um caso exemplar que ilustra as diferentes etapas [...] de um processo de mudança complexo.” (BECKER, 2016, p. 39)

Em síntese, o autor propõe que o PPC passou por várias fases em sua evolução diacrônica, quando diferentes leituras foram possíveis de serem obtidas a partir da leitura resultativa inicial, as quais promoveram o desenvolvimento das duas principais leituras contemporâneas: a iterativa e a durativa, de que trataremos na próxima seção. Em sua proposta, Becker (2016, 2020) afirma que, inicialmente, quando começou sua função gramatical no português, por volta do século XV, o PPC estava associado à leitura resultativa e podia atuar como um típico perfeito resultativo, expressando um estado resultante de um evento anterior. Para tanto, essa leitura é ilustrada numa ocorrência do século XV, em que a expressão *fazer juramento* “descreve um ato no passado cujo estado resultante possui vigência no presente e para além dele” (BECKER, 2020, p. 152):

- (07) “E vós tendes todos mim terra e sodes meus vassalos que me **havedes feito** menageme juramento por este vos rogo, que voz me ajudedes [...]” (Corpus Informatizado do Português Medieval: Demanda).

Nesse estágio ainda, o PPC teria desenvolvido uma extensão da leitura resultativa, dita sumativa, que corresponderia à interpretação inicial de pluralidade vinculada ao PPC, isto é, de uma soma de eventos, instâncias de um mesmo tipo. Segundo Becker (2020, p. 167): “a leitura sumativa decorre seja de um sintagma nominal objeto direto no plural (X tem feito roubos), seja de uma expressão adverbial que contém um determinante indefinido com valor distributivo (p. ex., em cada N).”²¹

(08) *E em cada mosteiro destes **tem posto** no altar, em lugar de fotoque, a figura de Caysan [...]* (Frois: Japam2, séc. XVII)²²

Outrossim, a diferenciação do autor entre leitura sumativa e iterativa é interessante, pois, enquanto a primeira precisa ser inferida pragmaticamente a partir de elementos da sentença no plural (sujeito ou complemento verbal), a segunda se projeta facilmente através da semântica de advérbios de frequência e quantidade. Logo, o valor, o alcance de uma leitura iterativa é maior sob a sentença do que uma leitura que decorre de uma inferência, como a sumativa. Dito de outra modo: “na leitura iterativa o quantificador tem escopo sobre a proposição inteira, enquanto a leitura sumativa provém de um constituinte encaixado [...]” (BECKER, 2020, p. 167), como se pode observar no exemplo a seguir: “*Muito se tem falado sobre a denuncia vazia.*” (leitura iterativa)

Como desdobramento da leitura sumativa, Becker especifica ainda uma leitura denominada ‘incrementativa’, também descrita em Laca (2010, p. 76) como *incremental*, em que se realça uma acumulação progressiva de resultados que projeta um ponto culminante através do uso do PPC, como em:

(09) Olhai o estado a que a gente de Ximabara **tem chegado**, por huma parte tenho ira, e por outra compaixão [...] (Frois: Japam1, séc. XVII)²³.

Além dessas, o autor ainda discorre sobre leituras mais recentes, como a iterativa e a durativa – tratadas mais adiante –, que se expandiram cada vez mais a partir dos séculos XVIII e XIX, o que está em consonância com a análise de Barbosa (2008), e retrata ainda

²¹ Ademais, em situações bem específicas, a leitura *sumativa* pode aparecer com verbos de estado, como em “[...] nos púlpitos têm havido quem falasse.” (Pe. Vieira), conforme o autor (op. cit.).

²² Esse exemplo foi extraído de Becker (2020, p. 153).

²³ Essa ocorrência foi extraída de Becker (2016, p. 31).

uma interessante leitura na qual o PPC atuava como um marcador de relevância atual²⁴, a partir da associação com verbos performativos e de comunicação, como nos exemplos a seguir.

(10) Estimarei que esta execução que **tenho dado** Real ordem (Carta/Pe/1711)

Vossa majestade **tem ordenado** a Vossa Excelência tudo o que quer que se faça nessa Capitania com muita Recomendação (Carta/RJ/1773)

Com base nessa discussão, uma descrição que sintetiza as etapas da evolução do PPC poderia ser assim apresentada:

1. Em algum momento, a partir dos séculos XV ou talvez XIV, o PPC se apresenta na língua com uma leitura resultativa.
2. Já no século XV, o PPC começa a ser usado em uma leitura de pluralidade, a sumativa, obtida através de inferências pragmáticas, a partir da presença de algum sintagma nominal no plural.
3. No século XVI, já é possível identificar várias ocorrências do PPC com quantificadores adverbiais, como *muito*, *várias vezes* etc., mas a leitura resultativa ainda é frequente.
4. A leitura iterativa já é alcançada no século XVII, muito em razão da recorrência do PPC com esses quantificadores, embora a resultativa ainda se apresente, apesar de que com uma frequência menor.
5. A leitura durativa é identificada no século XVIII e já demonstra uma dinâmica de crescimento, ao passo que a resultativa já pode ser considerada marginal.
6. Nos séculos XIX e XX, as leituras iterativa e durativa predominam nos dados, e sobretudo a durativa continua a se expandir. A partir desse momento, o PPC já recebe uma interpretação pluracional, independentemente da presença de expressões adverbiais ou de inferências. De fato, Ilari (2001) também afirma que, no português moderno, o PPC recebe uma leitura iterativa, estando os quantificadores presentes ou não na sentença.

Para complementar, cabe observar que a natureza histórica dos dados pode não representar precisamente a realidade da situação linguística de outras fases da língua. Ainda assim, podemos considerar que esse processo de mudança linguística não se iniciou antes do século XV, quando ainda é possível encontrar ocorrências de *tem* + *particípio* em que a construção não foi (re)interpretada como uma única unidade sintático-semântica e por conseguinte, posteriormente como perífrase verbal²⁵. Veja-se um exemplo:

²⁴ Nesses usos, Becker argumenta que o PPC imprime um valor vinculante ao ato legal ou à vigência da informação veiculada. Desse modo, “mesmo se o ato de realização se situa no passado, o seu resultado ou efeito se verifica como atual, relevante e vinculante” (BECKER, 2020, p. 174).

²⁵ Paralelamente, é possível considerar ainda que essas perífrases com “ter” ainda não substituíram completamente as construções com *haver* + *particípio* nos séculos XV e XVI, as quais em alguma medida foram herdadas do latim tardio (*habeo* + *particípio acusativo*).

- (11) E algumas cousas **tenho scriptas** no livro que faço de saber bem andar a cavalo e fazer as boas manhãs que se costumam fazer em eles. (Leal Conselheiro, séc. 15, CdP)

Desse modo, segundo a perspectiva de Becker (2016, 2020), ao passo que o PPC foi se especializando e adquirindo novos valores que gradativamente foram imprimindo um valor iterativo à forma, conforme discutiremos melhor ao longo do estudo, muitas leituras tradicionais que caracterizam o perfeito, mais frequentemente a resultativa – que, através de Kiparsky (2002), pode se configurar como perfeita²⁶ –, foram sendo perdidas em sua expressão ao longo dos séculos.

2 A semântica do aspecto verbal e a leitura durativa ou iterativa do PPC

Em português, a perífrase formada pelo verbo auxiliar *ter*, no presente do indicativo, seguido de particípio verbal, segundo a gramática descritiva de Perini, basicamente, expressa: “um evento e que começou no passado e continua sem interrupção até o presente” (PERINI, 2016, p. 333), como no exemplo a seguir.

- (12) [...] um time entrosado, cuja base **tem trabalhado** junta há anos. (CdP, séc. XX)

Perini (2016) afirma ainda que “uma consequência da semântica dessa construção é que ela é incompatível com qualquer indicação de que o evento relatado já se completou.” (PERINI, 2016, p. 334) Dito de outro modo, em português os eventos concluídos antes do momento de fala não são expressos pelo PPC contemporâneo, mas preferencialmente pelo PPS.

De fato, na sincronia do verbo, as diferenças aspectuais entre os pretéritos simples e composto parecem restringir uma competição real entre as formas, embora haja estudos que ilustrem alguns contextos muito específicos de sobreposição entre os pretéritos, como em Barbosa (2008, 2014) ou ainda em Carvalho *et al.* (2010), que discutem a semântica do PPC também através dados do Português Europeu. Em suma, tradicionalmente, o PPS é dito como a forma de passado preferida para codificar o aspecto perfectivo em por-

²⁶ Sobre esse ponto, isto é, qual leitura – resultativa ou a dita perfeito de relevância (normalmente presente em estágio posterior de gramaticalização) – representa de fato o *aspecto perfeito*, veja-se a discussão em Lindsted (2000). Neste estudo, assume-se que a resultativa já pode ser considerada uma leitura típica do perfeito.

tuguês, ao passo que a caracterização do PPC aqui utilizada e ancorada na literatura de enfoque mais semântico – como em Becker (2016), Carvalho *et al.* (2010), Laca (2010) e Ilari (2001) – vincula-o à pluralidade ou continuidade de um evento. Assim, aventamos a hipótese de que os poucos contextos que poderiam conduzir uma potencial situação de variação estariam na diacronia, quando o PPC não era associado apenas à iteração, mas a outras leituras também..

Isso posto, ilustramos mais alguns dados em que é possível contemplar o valor iterativo do PPC, em (13), bem como o durativo, em (14), e ainda uma ocorrência com o PPS, (8), em que se observa a singularidade do evento descrito.

(13) Não **tenho lido**, não **tenho estudado**, não *escrevi* (a carta) à Vossa Excelência, mas **tenho servido** a uma senhora [...] (CdP, PE, séc. XIX)²⁷

(14) Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrósio em toda a sua vida só **tem amado** a tia. (CdP, séc. XIX)

Esses enunciados ilustram a expressão do PPC, tanto através da comparação direta com o PPS, em (13), onde se interpreta claramente que “escrevi” seria um evento único e que deveria estar concluído antes do momento de fala, diferentemente da leitura de pluralidade assumida pelos eventos no PPC, ou quando um predicado estativo interfere, e o PPC assume um valor durativo (em 14). Assim, apontamos como as propriedades aspectuais do predicado e o conteúdo lexical do verbo constituem fatores que interferem na expressão do PPC.

Por fim, concernente à expressão temporal, consideramos que o PPC indica que o evento está situado em um intervalo de tempo que se inicia no passado e segue até o momento de fala, podendo ainda ser interpretado como transcorrendo no momento da declaração ou como um evento que poderá persistir após a enunciação, em razão da implicatura de que, uma vez que o evento se repetiu no passado, poderá durar ou persistir até o futuro, conforme uma interpretação possível do enunciado (15).

(15) Sexta-Feira era um papel bem pequeno no início da novela e *ultimamente* **tem crescido**. (CdP, séc. XX)

²⁷ É importante observar que um verbo não *accomplishment* com o traço +dinâmico pode vir também a alcançar uma representação télica, de acordo com o predicado verbal, já que eventos e situações não são caracterizados só pelo verbo, mas também por seus argumentos. Por exemplo, de acordo com Comrie (1976), “*Ele está cantando*” descreve uma situação atélica, ao passo que *Ele está cantando uma canção* denota uma situação télica” (p. 44).

2.1 A aspecto perfeito e as leituras de pluralidade do PPC

A semântica do aspecto verbal busca analisar a contribuição dessa categoria na interpretação das propriedades do evento, seja no âmbito do conteúdo lexical do item verbal ou através da morfologia atribuída às categorias gramaticais que codificam o tempo e o aspecto nas línguas. No caso das formas que assinalam o perfeito, há uma série de fatores que precisam estar alinhados à expressão de um evento passado que seja persistente, relevante no momento presente, ou ao menos que o estado resultante seja posto em destaque no momento da enunciação.

No geral, a semântica do perfeito, bem como a do PPC, em particular, apresenta uma forte sensibilidade ao Aktionsart do verbo. Assim, em cada predicado verbal, as propriedades aspectuais constituem um fator determinante na projeção das leituras de pluralidade ou durativa do PPC. Basicamente, em predicados estativos, o PPC obtém uma leitura durativa, como em (16), enquanto, em predicados não estativos, (17) e (18), sobretudo a partir de verbos télicos, ele pode adquirir uma leitura iterativa. Podemos identificar que a expressão pluracional típica do PPC pode remeter a interpretações frequentativas e habituais, conforme discorrem, sobremaneira, Laca (2010) e Carvalho et al. (2010, p. 68), dentre os estudos já citados.

(16) **Tenho estado** muito isolada de todos. (CdP, séc. XX)

(17) Essa é uma pergunta que se **tem feito** muitas vezes. (CdP, séc. XX)

(18) **Tenho estudado, tenho lido, tenho feito** observações a ver se encontro outro tipo igual (CdP, séc. XX)

Um dos pontos mais cruciais para a caracterização do PPC aparece em Ilari (2001), haja vista que o autor apresenta e discute o embate, bem antigo, entre “Paiva Boléo e Viana” sobre a interpretação semântica atribuída ao PPC, como durativa ou de repetição. Para o autor, há alguns problemas em delimitar um tratamento unificado à semântica do PPC, realçando ou seu valor durativo ou iterativo apenas. Na primeira opção, seria necessário formular que o PPC essencialmente “faz referência a um período, e nele, alguma coisa dura.” (ILARI, 2001, p. 146), o que se verificaria facilmente nos predicados estativos ou de atividade, visto que em todos os momentos do intervalo a afirmação dita precisa ser verdadeira” (ILARI, 2001).

Dito de outro modo, a partir de Taylor (1977), se um *estado* for verdadeiro em um dado intervalo, então ele será verdadeiro em todo subintervalo, que inclui cada momento.

Isso poderia ser verificado no exemplo (16), estativo, mas seria difícil em um predicado télico. Ilari (2001) propõe, então, que “uma manobra para incorporar esses casos consiste em admitir que tanto a repetição quanto a duração são manifestações de algum processo mais genérico e abstrato, a ser melhor caracterizado, que dura no período em questão.” (ILARI, 2001, p. 147).

Já na segunda opção, em que se atrela o PPC à repetição, em resumo, ele seria definido como uma forma verbal que denota uma pluralidade de eventos do mesmo tipo, ocorridos sucessivamente em um intervalo temporal iniciado antes do momento de fala, o que acarretaria problemas no que concerne a sentenças com sentido existencial. Por fim, o autor considera que melhor seria assumir que as características do predicado afetam diretamente a interpretação durativa ou iterativa do PPC do que uma semântica unificada.

Em síntese, a caracterização dessas leituras é importante sob diversos aspectos, dentre os quais destacaremos os dois mais significativos, uma vez que se complementam no estudo da evolução e mudança das formas em cada subsistema da língua. Primeiro, para a investigação de momentos em que duas formas podem expressar valores equivalentes, como por razão de um processo de emergência de uma nova forma ou construção. Logo, em algum momento da língua, formas equivalentes semanticamente passam a coocorrer e competir (ou não).²⁸ Em segundo lugar, essas diferenciações podem revelar, ou ao menos sugerir, alguns fatores que podem estar atuando para restringir – ou bloquear certas leituras, na perspectiva mais estrutural de Kiparsky (1989, 2005) – uma forma de pouca produtividade no sistema linguístico no alcance de uma dada leitura semântica.

2.2 As leituras tradicionais do perfeito, a estrutura da leitura resultativa

Nesta subseção, apresentamos uma fundamentação teórica acerca da categoria perfeito e suas leituras tradicionais com base em Comrie (1976), Klein (1992) e, sobretudo, Kiparsky (2002), que distingue a estrutura do evento em dois tipos básicos: *simples*, a partir de predicados estativos e de atividade, e *complexos*, no caso dos predicados télicos. Dessa forma, a configuração temporal do perfeito é delineada a partir da estrutura de cada predicado verbal. Em momento posterior, correlacionaremos algumas dessas leituras a antigos usos do PPC.

Em resumo, nessa exposição, aproximamos definições e nomenclaturas situadas em Kiparsky (2002), Comrie (1976) e Klein (1992) que, embora se assentem essencial-

²⁸ Dito de outro modo, para “identificar formas coocorrentes para uma mesma função no interior de um dado domínio (foco dos estudos variacionistas)” (GORSKI, 2020, p. 4345).

mente na expressão do (tempo)aspecto perfeito em inglês (*present perfect*), discutem o perfeito como uma categoria universal, além de que são tradicionalmente tomadas como base para a análise dessa categoria em outras línguas, como em Lindstedt (2000) e Laca (2010), dentre outros trabalhos. Algumas das leituras tradicionais do perfeito serão descritas através da correspondência entre a estrutura do evento e de dadas configurações temporais, as quais são: (i) *existencial*, (ii) *universal* e (iii) *resultativa* – visto que não encontramos registros de PPC com outras leituras, como de passado recente (*“hot news”*), por exemplo.

Inicialmente, então, definimos a seguinte nomenclatura como parâmetro: (i) E: refere-se ao tempo do evento, isto é, ao intervalo de tempo durante o qual o evento ocorre ou se desenvolve; (ii) S ou MF: o momento de fala, da enunciação; (iii) R: tempo de referência temporal, que pode ser indicado por advérbios de tempo, por exemplo. Logo, uma configuração como (a) implica que o evento e a referência temporal do advérbio são anteriores ao momento de fala.

Figura A: Representação para o pretérito simples

a. E, R __ S (MF)

2.2.1 As leituras existencial, universal e resultativa

A leitura *existencial*, também denominada *experimental*, é obtida quando um ou mais eventos de um determinado tipo ocorreram durante um intervalo de tempo passado, com base em Comrie (1976). Basicamente, na leitura existencial, identifica-se que o evento denotado por um predicado verbal atélico ou télico iterativo está contido no intervalo temporal anterior ao momento da declaração e permite ainda a pressuposição de que a recorrência desse tipo de evento possa continuar, bem como a implicatura de que ele não está se passando durante a enunciação, de acordo com Kiparsky (2002, p. 4-5).

Já a *leitura universal* é obtida quando o intervalo temporal de um evento (ou instância do evento) télico iterativo ou atélico se estende por todo o período anterior, até terminar e incluir-se no momento de fala, isto é, tendo esses pontos como fronteiras inclusivas, descreve Kiparsky (2002). Normalmente, requerem advérbios indicando uma duração, um intervalor de tempo, mas não um ponto temporal específico, descreve Klein (1992).

Em síntese, “para uma sentença com um perfeito ser verdadeira em uma leitura universal, o estado ou processo deve se estender por toda duração do período terminando sob R”, segundo Kiparsky (2002, p. 5, tradução da autora).

Assim, a diferença entre as duas leituras situa-se nos limites do traço temporal denotado pelo predicado verbal. Basicamente, na leitura existencial, um evento ou subeventos (de um mesmo tipo) ocorrem em um intervalo de tempo E, sem estender-se, necessariamente, por todo esse intervalo, enquanto na leitura universal, o evento é coexistente com E em todo seu intervalo temporal.

Por último, no caso da leitura resultativa, “o estado presente é referido como sendo o resultado de alguma situação passada.” (COMRIE, 1976, p. 56, *tradução da autora*).

Os predicados caracterizados como de natureza *accomplishment* e *achievement* são os maiores representantes de uma típica leitura resultativa, uma vez que o seu conteúdo lexical envolve uma mudança de estado, que nasce de uma transição que está temporariamente localizada entre E e R, segundo Kiparsky (2002). No primeiro caso, é necessária uma atividade que conduza a uma mudança de estado (ex.: construir, quebrar); enquanto no segundo, o evento em si consiste em uma mudança de estado (ex.: morrer, realizar), a partir de Vendler (1967).²⁹

Desse modo, podemos dizer que um verbo télico descreve uma situação que inclui um ponto no qual necessariamente o evento chegará ao fim, isto é, quando então o evento descrito deverá estar concluído, tendo um ponto final. Em “Ele está construindo uma casa”, por exemplo, chegará um momento em que o sujeito completará ação de construir, ou seja, a situação descrita deverá chegar ao fim, diferentemente de “Ela está cantando” (uma situação atélica).

No caso dos “predicados *accomplishment*, a mudança de estado é temporariamente localizada no *onset* do R *tense* e, dessa forma, a atividade que conduz a isso deve imediatamente preceder R” (KIPARSKY, 2002, p. 6, *tradução da autora*). A diferença em relação à presença de verbos classificados como *achievement* é que, nesse último caso, nenhuma atividade tem como implicatura ter sido localizada sob E.

3 A expressão histórica do PPC em outras leituras: uma potencial aproximação com o PPS

Neste momento, abordamos os usos do PPC na diacronia, com o propósito de discutir sobre uma situação linguística diferente em que o PPC parecia estar entrando a partir do século XVI, por se tratar de um domínio típico do PPS também na língua arcaica,

²⁹ Na terminologia de Vendler (1967), além dessas duas classes, há ainda os predicados verbais que descrevem situações que ocorrem em algum momento entre um intervalo de tempo (entre t1 e t2), definidos como de *estado*, assim como os verbos de *atividade*, os quais denotam situações enquadradas em um intervalo t.

de acordo com os trabalhos de Barbosa (2008, 2014) e Becker (2016). Para Barbosa (2008), a “distinção aspectual entre PPS e PPC encontrada (e perceptível) no português atual se consolidou apenas no século XX, pois, no período entre os séculos XVI ao XIX, podemos encontrar o PPC com valor semelhante ao de outras línguas românicas” (2008, p. 245). Contudo, a autora observa que já nesse período é possível encontrar vários dados em que se identifica a atual característica quantificacional do PPC de expressar uma pluralidade de eventos.

De fato, identificamos várias ocorrências em que é possível caracterizar algumas das leituras tradicionais de perfeito, embora numa frequência baixa, o que indicaria um uso marginal da forma. Esses casos podem ilustrar a passagem diacrônica de uma leitura inicial, tipicamente resultativa, na expressão de um evento em sua singularidade ou pluralidade a outras leituras características de uma outra categoria ou forma, como o PPS. Entretanto, a partir do século XIX, esses usos ficaram cada vez mais escassos, sobremaneira em ocorrências do Português do Brasil, afirmam os autores mencionados. Outrossim, Barbosa (2008, p. 246) observa que, a partir do século XVII, a percentagem de dados do PPC com valor exclusivamente perfectivo diminui e corresponde a aproximadamente 5% dos casos no século XIX, de acordo com sua amostra.

Isso posto, inicialmente, apresentamos um interessante exemplo em que o PPC parece atuar para marcar a relevância de um evento passado e perfectivo. No português contemporâneo, o PPS possivelmente seria a forma verbal escolhida para expressar essa função, bem como o favorito nos enunciados subsequentes.

- (19) E **tenho comprado** uma fragata, a melhor destas províncias, nova, veleira, com vinte e oito peças de boa artilharia. (CdP, Cartas-Pe Vieira, séc. XVII)

Como podemos observar a partir dessa ocorrência, na diacronia, o PPC poderia ser utilizado para inscrever um evento em um intervalo de tempo que não inclui o momento de fala, diferentemente da sua expressão aspectual hoje, também em consonância com os resultados de Becker (2016) e Barbosa (2008). No português moderno, a partir dos séculos XIX e XX, uma diferença aspectual nítida entre as duas formas de pretérito no português atual é a de que o PPS situa um evento num intervalo temporal anterior, isto é, que exclui o momento de fala, ao passo que o PPC inscreve subeventos em um intervalo de referência que inclui o momento da declaração.

Vamos expor, então, alguns exemplos dos séculos XIX e XVIII primeiramente, em

que se identificam outras leituras, além da resultativa, na expressão do PPC. Em seguida, apresentamos alguns dados dos séculos XVII, XVI e XV, em que a leitura resultativa se estabelece. O exemplo (vii), em particular, em que há a presença de “ainda”, mostra-se muito interessante, pois, segundo Lindsted (2000), numa perspectiva funcionalista, a sua ocorrência (como em inglês *still*) junto à forma seria uma marca indicativa de sua caracterização ainda como de um perfeito resultativo, em termos de estar pouco gramaticalizado, a ponto de receber uma interpretação de relevância atual. Contudo, neste estudo, não nos atemos a discutir a diferença entre os dois, uma vez que o PPC, conforme situado no estágio II de Harris (1982), não atingiu o estágio III (perfeito de relevância).³⁰ Por último, ilustramos as ocorrências em que uma leitura resultativa pôde ser identificada.

Desde já, contudo, cabe observar que a interpretação dos enunciados e leituras em ocorrências situadas em estágios anteriores da língua pode divergir da leitura realizada por um falante da língua contemporânea. Ademais, a localização geográfica do falante também pode interferir numa dada interpretação.

- (i) [Século XIX] Eu já **tenho dito** para o meu filho e para muita gente e, às vezes, rapazes: “Olhai rapazes, olhai que nós estamos na fim do mundo (CdP, PE).
- (ii) [Século XIX] Já **tenho falado** para pessoas de todos o mundo, que vêm aqui. (CdP, PE).
- (iii) [Século XIX] Quer dizer que depois da minha enfermidade nos Caetanos ele me **tem visitado** três vezes, todas elas repetidamente solicitado por mim. (CdP, PE)
- (iv) [Século XVIII] Já **tenho comprometido** a salvação de minha alma (CdP).
- (v) [Século XVIII] Já **tenho viajado** muito sozinho, para estar perfeitamente escabreado dessa desgraça (CdP, séc. XVIII).).
- (vi) [Século XVIII] Só descendo em corda de laçar, e uma não chega nem duas, porque eu já **tenho jogado** pedra que leva batendo um tempão. (CdP).

Nos próximos enunciados, podemos considerar a presença da leitura resultativa associada ao PPC, uma vez que o estado consequente de um evento é posto em destaque na situação corrente.

- (vii) [Séc. XVII] Aqui me não tem valido muito a autoridade da pessoa que V. S.^a representa, porque fazendo oito semanas hoje que S. A. deu o meu livro ao inquisidor-geral, podendo-se rever em dois dias, *ainda* não **tem saído** daquele consistório. (CdP, séc. XVII)

³⁰ Ainda conforme discute Klein (1992), a leitura de um evento como de relevância atual acaba vinculada mais à esfera pragmática e menos à estrutura do evento, bem como à própria semântica da forma. Todavia, do ponto de vista tipológico, em que se busca investigar as *origens* das formas gramaticais de perfeito nas línguas – como em Bybee e Dahl (1989) e Bybee et al. (1994) –, essa distinção, além de outras acerca da categoria do perfeito, como no caso do perfeito evidencial, mostra-se mais necessária.

- (viii) [Séc. XVII] [...] esperando que em uma causa tão pia, tão justa, e de tanta glória de Deus e do Reino, lhe não faltará com muito especial atenção o patrocínio e amparo de V. Ex.^a, como eu lhe **tenho prometido** e assegurado (CdP, séc. XVI)
- (ix) [Séc. XVI] E já que assim o **tenho ouvido**, será bom dizerde-lo logo ao Padre, para que busque algum remédio (CdP, PE, séc. XVI)
- (x) [Séc. XVI] Ama, já lh'eu **tenho prometido**. (CdP, Gil Vicente)
- (xi) [Séc. XV] Oo senhora muyto he cousa de grande dóór andade toste & ueeredes o uoso glorioso filho, o qual **tem preso** os judeus [...] (CdP, *Contemplação de São Bernardo*)
- (xii) [Século XV] E faço fim do meu razoado encomendado de vós todo o que **dito tenho** e mais. (CdP, Crônica o Conde D. Pedro de Meneses)
- (xiii) [Século XIV] Nõ lho podê demãdar ã juizo ca pois el **ha feito** uoto pera ficar ã religyõ. (CdP, *Terceira Partida Alfonso X*)

Essas ocorrências, principalmente (xi), por ser um verbo de mudança de estado, representa claramente a leitura resultativa através do evento *tem preso*, que é um resultado visível de uma ação anterior, posto em destaque no enunciado. Dessa forma, o evento é interpretado em sua fase, estado final, bem como se conclui que os sujeitos estejam *presos* no momento da enunciação. Além disso, podemos considerar que, nesses dados, o PPC poderia ser substituído pelo PPS, sem que o sentido de cada enunciado fosse alterado, ao menos no nível semântico, já que seria difícil afirmar algo sobre todos os nuances pragmáticos que se agregariam a esses enunciados históricos. Mais que isso, na sincronia, o PPS seria a forma de pretérito eleita possivelmente.

A seguir, mostra-se um contexto em que o PPC coocorre com o PPS através do mesmo verbo *perdoar*, que se destaca não somente por essa razão, mas pela clara leitura resultativa. O estado alcançado, ou seja, “o perdão de Deus”, é um fato (passado) colocado em evidência no presente da situação comunicativa. Ademais, é possível considerar que as diferenças aspectuais entre os dois pretéritos não se mostram claras, o que se configuraria como um contexto de sobreposição entre as duas formas verbais. No entanto, no primeiro exemplo, (a), o uso do PPC parece indicar uma tentativa de maior aproximação do fato anterior com a situação presente, por algum propósito discursivo-pragmático, o que, enfim, vai ao encontro da função resultativa-perfeita que parece caracterizar o surgimento das perífrases perfeitas nas línguas, segundo Squartini (1998). Dito de outra forma, a partir de Squartini e Bertinetto (2000), as formas compostas nas línguas românicas podem ter emergido com a função de reintroduzir um paradigma evidentemente perfeito.

- (20) E o abbade Panunção foy hu ella jazia e disse-lhe: - **Perdoado te tem (a)** Deos os teus pecados [...] E o abade lhe disse: - não te **perdoou (b)** Deus pela tua peen-

dença, mas pelo teu arrependimento. E ella nom viveo mais XV días. E o abbade vyo hyr a sua alma pera o çeeo cõ gram cõpanha d'angos que faziam grande allegria cõ ella. O Senhor Deos que a ella **perdoou** (**c**) os sseus pecados. (CIPM, CdP, séc. XIII ou XIV, *Vida de Santos de um Manuscrito Alcobacense*)

Adicionalmente, trazemos alguns dados mais recentes que podem ilustrar a leitura universal ainda. Observe-se que o PPS poderia ser empregado nesses usos sem haver uma perda relevante de sentido, pois, mesmo que o PPS marque o aspecto perfectivo, o advérbio de quantificação universal (*sempre*) imprime que a situação perdurou no tempo, embora desligada, isto é, não inscrita no momento de fala.

(21) E de fora da leira para além, a terra é limpa, **como tem estado** sempre [...] (CdP, PE, séc. XX)

(22) Eu **tenho sido** sempre um observador de quando vejo um bicho, inspeccioná-lo. (CdP, PE, séc. XX)

Cabe sublinhar, através da interpretação desses dois últimos enunciados, que a presença do PPC permite a implicatura de que o evento poderá se repetir no tempo. Portanto, a presença de certos verbos télicos, como *morrer* e *quebrar*, dificilmente se associa com o PPC, como de fato verificamos em nossa investigação.

Soma-se a essa discussão um último dado do século XX e do PB, em que o emprego do PPC chama a atenção por refletir um pouco alguns dos seus usos na diacronia, inclusive de modo similar às ocorrências mostradas nesta seção, no que concerne ao ponto em que o falante parece situar o evento *tenho feito* como anterior ao momento de fala.

(23) No correio lá perto onde eu trabalho, o rapaz me *explicou* que se colocar até oito horas da manhã – é recolhida e embarcada às oito horas mesmo da manhã, então, eu **já tenho feito** experiência nesse sentido, eu coloco a carta cedinho – e: na no dia – quando é no outro dia de manha a carta já é entregue [...] (CdP, PB, séc. XX)

Para concluir, além desses aspectos observados, consideramos que merece ser investigada em futuras análises mais qualitativas, a composição dos diferentes contextos discursivos em que se localiza PPC no português medieval – em quais gêneros de textos;

enunciados avaliativos ou epistêmicos; trechos narrativos, episódicos ou genéricos. Um estudo que buscasse investigar esses fatores poderia identificar em quais contextos e situações PPC e PPS poderiam se sobrepor, bem como em quais enunciados o PPC surgiu e se estabeleceu com maior frequência na história da língua.

4 A expressão da pluralidade do PPC em seus usos e funções em contextos discursivos: da semântica à pragmática

Nesta subseção final, apresentamos uma quantificação geral dos verbos que ocorrem mais frequentemente com as formas compostas analisadas, a partir de uma distribuição do aspecto em termos de classes de verbos e Aktionsart, considerando-se dessa forma mais o conteúdo lexical verbal do que a interpretação de todo o predicado. O propósito desta análise mais qualitativa é, essencialmente, relacionar a presença de alguns verbos à realização das leituras descritas anteriormente e, em seguida, apontar outras funções do PPC, além da expressão dos valores semânticos já tratados. Isso porque as leituras identificadas nos usos do PPC se associam muito a determinadas classes verbais, seja no que diz respeito ao aspecto lexical ou ainda ao próprio significado do item verbal, como seriam os casos dos verbos de cognição e percepção direta.

Inicialmente, tratamos novamente da semântica do PPC, só que de uma forma mais específica para, então, correlacionarmos os seus valores em outros domínios, a partir da análise de alguns enunciados.

Ilari (2001) propõe uma analogia direta entre o pretérito composto e alguns quantificadores adverbiais, como *muito*, por exemplo. Da mesma forma que essas expressões transitam entre nomes massivos e contáveis, o PPC interage com os predicados télicos, que seriam similares aos nomes discretos ou contáveis, de um lado, e com os estativos ou semelfactivos, que se equiparariam aos não contáveis ou massivos, de outro. Os dois grupos (nomes contáveis ou não) reagem igualmente à soma quando estão na presença de um quantificador, como em “*muita água*”, “*muitos livros*”. Do mesmo modo que *muito*, então, o PPC interfere, caracteriza (sendo também caracterizado) de forma diferente o predicado (télico ou não) em que transita, embora expresse sempre a ideia única de soma, tanto dos valores incontáveis (no caso de predicados estativos) quanto dos contáveis (nos télicos) (ILARI, 2001, p. 20-22).

Dito de outro modo, só seria possível usar o PPC no português atual quando essa ideia de soma ou pluralidade pudesse ser implicada na interpretação. Por exemplo, o PPC não transita (hoje) em sentenças como: “Já tenho quebrado a perna.”, “Ele tem comprado

uma casa para viver o resto da vida.”, pois nesses exemplos ele não consegue operar nenhuma função de soma, em razão da singularidade de evento, assim como da baixa probabilidade de que ocorra repetição de suas instâncias ou subeventos, inclusive no futuro. Por outro lado, da mesma forma que *muito* opera com massivos, o PPC pode ser usado em sentenças como “Tenho ficado em casa,” porque a situação é interpretada em sua pluralidade, ou seja, como se o sujeito tivesse *ficado em casa várias vezes*, o que acarreta uma leitura durativa ao evento, que é interpretado como massivo – a soma de água + água será *água*. No caso dos verbos télicos, algum sintagma precisa estar no plural para que o PPC ocorra: “Tenho escrito livros sobre economia.” Por conseguinte, mesmo que o seu valor seja interpretado como duplo ou variável, através das leituras durativa ou iterativa, na realidade, o PPC pode ser definido em termos de um significado (função) único, como se ele atuasse como um verdadeiro quantificador em cada predicado verbal.

Essa analogia, embora se trate de semântica pura, é interessante, já que permite compreender o PPC em termos de atuação e desdobrar essa expressão em outros domínios, como no âmbito discursivo-pragmático.

Dessa forma, em razão da expressão de soma, quantidade, repetição embutida no uso do PPC, há uma implicação de que o evento denotado perdure (de forma iterativa ou contínua) no tempo. Portanto, consideramos possível afirmar que a ideia de *repetição* (de eventos ou subeventos) vinculada em seu uso pode se constituir numa razão adicional para o falante optar pelo seu emprego. Em outras palavras, aventamos a hipótese de que, além de sua função gramatical de marcar tempo-aspecto, o PPC pode ser empregado e escolhido para assinalar a soma, e a não singularidade de um evento, assim como a sua duração.

Esse efeito de repetição sinalizada pelo PPC, junto ao predicado verbal, pode imprimir uma maior força para a afirmação do falante, visto que sua declaração sustenta-se não em uma ocorrência singular do evento, mas em várias. Logo, uma análise discursivo-pragmática da forma pode revelar funções e papéis para o PPC em estratégias argumentativas, como no realce ou intensificação de um argumento. Nos exemplos a seguir, principalmente dos dois primeiros, é possível considerar que o uso do PPC também serve para o falante reiterar que o fato não ocorreu uma única vez e que esse evento esteja distante do momento de fala.

- (24) Sr. João nunca os viu? – Vi, vi, **tenho visto** muitos. Olhe que fazem coisas que, fora a alma, já se sabe. (CdP, PB, séc. XX)

- (25) Rodrigo Maia elogia Moro: “fez e **tem feito** política”. Presidente da Câmara afirmou que o ministro da Justiça tem demonstrado capacidade política maior do que de outros ministros. (O Estadão, jornal, maio, 2019)
- (26) Para que é que você está com essas coisas? Nós demo-nos sempre bem... Que diabo! **Tenho sido** sempre seu amigo, Américo. (CdP, PE, séc. XX)

Os enunciados (24) e (25) destacam-se pela presença do PPS junto ao PPC, sendo que os dois pretéritos denotam um mesmo item verbal em cada caso. Assim, essas ocorrências são interessantes, pois podem servir para ilustrar a hipótese de que, além de atualizar, imprimir um valor aspectual distinto do PPS, a presença do PPC acaba realçando a pluralidade de ocorrências de um mesmo tipo. Explica-se. Por implicatura, é possível concluir que ambos os eventos “vi” e “fez” ocorreram uma única vez, mesmo essa informação não sendo dada; logo, o uso do PPC – da mesma forma que a presença de “muitos” em (24) – pode funcionar para cancelar essa implicatura, posto que indica que o evento denotado se repetiu no tempo.³¹

Em sua história de evolução, esse fator pragmático pode ter contribuído para o PPC ter se especializado semanticamente nessa direção. Inicialmente, o PPC era uma forma de pretérito recorrentemente utilizada com advérbios, como *muitos*, *vários*, por exemplo, que indicavam essa pluralidade através de quantificação nominal, até o momento em que o PPC sozinho passou a ser utilizado com um recurso para expressar essa mesma função. A partir do século XVIII, sobretudo nos séculos XIX e XX, como pode ser visto no quadro 1 adiante, esse valor pluracional carregado pelo PPC altera-se em predicados não télicos e se reflete num valor durativo, haja vista sua associação crescente a verbos de estado. Assim, somado ao processo de mudança semântica proposto em Becker (2016), o fator de natureza pragmática, refletido através da intenção do falante em realçar uma leitura de pluralidade, pode ter contribuído na forma em que o PPC passou de um valor aspectual inicial não durativo, a partir da leitura resultativa, a um valor iterativo e durativo que o caracteriza atualmente.

Cabe observar, contudo, que essas funções atrelam-se muito ao tipo de modalidade proposicional e enunciado. Em contextos avaliativos e de discurso direto, por exemplo, elas podem se sobressair, como em (24), (25) e (26), ao passo que em situações episódicas, narrativas, como em: “Ele disse que tem dormido mais cedo”, o valor quantificacional

³¹ Por último, na ocorrência (26), o valor durativo do PPC também pode estar relacionado a uma estratégia de ênfase dada a uma situação que se estendeu no tempo.

do PPC não tem como se associar a um ofício argumentativo, como parte de um possível estratégia de intensificação através da pluralidade embutida em seu uso.

Em seguida, apresentamos um quadro que contém alguns dos verbos mais frequentes encontrados na amostra investigada, os quais estão distribuídos de acordo com o aspecto lexical. O propósito principal dessa ilustração é mostrar que o uso do PPC associado aos verbos de estado foi um processo crescente ao longo dos séculos, o que significa que a leitura durativa foi cada vez mais se tornando recorrente, principalmente a partir do século XVIII, sendo que, nos últimos séculos, XIX e XX, foi a mais frequente e pode ser sido o fator final e decisivo para a caracterização do PPC contemporâneo como uma forma de perfeito iterativo ou pluracional, seguindo o enquadramento definido por Harris (1982) e utilizado por Squartini e Bertinetto (2000).

Quadro 1. Ocorrências de verbos de diferentes classes a partir do CdP³²

O PPC e itens verbais mais frequentes num gradiente aspectual -téllico _+téllico ³³					
	Séc. XIV, XV, XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX-XX	Total
1.Tenho sido	-	-	7	84	91
1.Tem sido	-	34	35	1601	1636
2.Tem havido	-	15	21	169	205
3.Tem acontecido	2	5	1	71	79
4. Tenho pensado	-	-	-	44	44
4. Tem pensado	-	-	-	7	7
5.Tenho passado	2	6	5	53	64
5. Tem passado	6	19	3	149	177
6. Tenho andado	1	-	-	49	50
6. Tem andado	2	-	1	58	59
7. Tem mostrado	10	26	12	50	87
8.Tenho tido	-	2	9	87	98
8. Tem tido	-	3	8	191	202
9. Tenho ouvido	8	14	8	79	109
9. Tem ouvido	2	-	1	15	18
10. Tenho visto	12	19	22	176	229
10. Tem visto	8	20	21	68	117
11. Tenho dito	68	85	18	107	288
11. Tem dito	9	18	6	76	109
12. Tenho cuidado	3	5	-	1	9
12. Tem cuidado	29	23	10	27	89

³³ Cabe observar que os dados em que o verbo auxiliar da construção composta era “haver” (ou “ser”), muito comuns até o século XVII, foram descartados da análise, em razão da recorrente dificuldade em se identificar a forma “he” como sendo do verbo “ser” ou “haver”.

13. <i>Tenho trabalhado</i>	-	2	1	19	22
13. <i>Tem trabalhado</i>	-	5	1	17	23
14. <i>Tenho lido</i>	-	4	6	48	58
14. <i>Tem lido</i>	-	-	1	19	20
15. <i>Tenho dado</i>	7	27	11	23	68
15. <i>Tem dado</i>	45	59	27	179	318
16. <i>Tenho escrito</i>	11	30	4	17	62
16. <i>Tem escrito</i>	5	14	2	45	66
17. <i>Tenho feito</i>	11	24	20	115	170
17. <i>Tem feito</i>	70	92	51	364	577

Assim, chama a atenção a forte ocorrência do PPC no que concerne ao item verbal “ser” e de alguns outros verbos de estado. Por conseguinte, podemos considerar que a leitura durativa se mostra muito representativa na semântica do PPC do português contemporâneo (séculos XIX e XX). Além disso, destaca-se a frequência com que “tem sido”, “tenho pensado”, e “tenho andado” (na ampla maioria dos dados com sentido estativo) cresceu ao longo dos séculos.

Por outro lado, verbos como “escrever” e “fazer”, que podem compor predicados télicos, foram recorrentes desde os séculos XV e XVII, em que se identificava principalmente a leitura resultativa. De modo similar, “tenho dito” é a construção mais frequente, junto com “tem feito”, no início do processo de evolução do PPC, possivelmente em razão de sua atuação (comunicativa) como um ato que poderia se configurar como performativo, e assim imprimir um valor vinculante à informação declarada – dessa forma, relevante para a situação corrente.

Outrossim, é possível observar uma considerável frequência dos verbos de percepção direta associados ao PPC, sobretudo “ver”, que aventamos representar uma interessante função discursiva para a construção, de ao mesmo tempo evidenciar a fonte real de informação verídica e a recorrência (repetida) do evento declarado, como podemos observar no último enunciado:

(27) Tornaram-se, eles próprios, merecedores todos de uma CPI. No Executivo, você **tem visto** todos os dias, a bagunça de as informações contraditórias que o ministro e seus trapalhões distribuem a cada dia. (CdP, séc. XX)

Além disso, a partir da descrição mais estrutural acerca da leitura resultativa, com base em Kiparsky (2002), é possível compreender a inter-relação entre esses dois pontos

observados, uma vez um evento com valor durativo não se encaixa numa interpretação resultativa, em que o evento complexo é interpretado (pelo falante) no seu estado (fase) final, o que não pode ocorrer com um evento durativo, visto que ele possui uma só fase³⁴.

Finalmente, ressaltamos, assim como Barbosa (2008) e Becker (2016), que a produtividade do PPC em português é muito baixa se comparada às outras formas de pretérito. Por exemplo, em apontamento com base no *Corpus do Português* (CdP), a forma *vi* apareceu 7325 vezes, enquanto *tenho visto* apenas 229; já a forma *escreveu* ocorreu 1954, e *tem escrito*, só 45 vezes. Mais precisamente, em seu estudo, Barbosa (2008) encontrou a porcentagem de 53% de ocorrência do PPS e de 0,6% do PPC, com base numa amostra de 48 mil ocorrências de pretérito de variados gêneros de prosa narrativa do século XX.

Portanto, considerando a forte representatividade do pretérito simples em português e às leituras diacrônicas perdidas pelo PPC em sua trajetória histórica como fatores determinantes para os restritos contextos de uso e especializações semânticas do PPC contemporâneo.

Considerações Finais

Neste estudo, buscamos analisar a expressão do PPC em sua dimensão de natureza mais semântica, a partir de leituras de pluralidade ou durativas que caracterizam o seu uso. Em um primeiro momento, descrevemos que as várias leituras obtidas pelo PPC ao longo de sua expressão histórica foram decisivas para concretizar uma semântica nos limites da pluracionalidade, seguindo as análises de Becker (2016, 2020). Essas leituras teriam afastado o PPC de uma trajetória em direção a uma função perfeita, no sentido de marcar a relevância atual de um evento anterior, ou ainda perfectiva, em que uma situação linguística de maior competição com o PPS poderia ter sido concretizada, de modo similar ao que teria ocorrido em outras línguas românicas. No entanto, indicamos também que, em alguns dos seus usos anteriores, o PPC alcançou valores que se sobrepuseram à expressão do PPS, embora tenham sido reduzidos a usos marginais até desaparecerem, no século XX, também em consonância com os resultados de Barbosa (2008) e Becker (2016).

Como contribuição da análise, destacamos o apontamento de que o traço quantificacional que caracteriza o PPC contemporâneo indica que a leitura resultativa, assim como outras típicas do perfeito que entraram em competição com as leituras de pluralidade, ficaram restritas a seu uso histórico. Como um fator decisivo para o destino do

³⁴ Um evento durativo é verdadeiro em um intervalo x e, como consequência, terá de ser verdadeiro em cada subintervalo de x . Assim, sua estrutura é distinta de um evento complexo télico y , que demanda uma mudança de estado, que poderá se apresentar de forma distinta em cada subintervalo ou fase de y .

PPC, assinalamos que a crescente recorrência da leitura durativa, principalmente a partir do século XVIII, foi o componente final que restringiu o PPC a um perfeito de persistência e iteração, conforme a definição de Harris (1982). Como consequência, as leituras de pluralidade fixadas, que se associam a seus usos atuais, caracterizam a expressão do PPC como semelhante à de outros quantificadores adverbiais, que marcam a repetição de um evento, seguindo a analogia proposta em Ilari (2001). Com essa função, o PPC transita entre predicados estativos ou télicos, promovendo a interpretação de um evento como durativo ou iterativo, respectivamente. Ademais, a partir desses valores que marcam a sua pluracionalidade, aventamos que outras funções discursivas podem ser desdobradas em seu uso, como a de marcar que um evento, em suas instâncias, se repete ou se prolonga de maneira proposital pelo falante, que pode buscar intensificar um determinado conteúdo proposicional, ou melhor, um fato declarado ou uma opinião defendida.

Por fim, a análise confirmou também que, além das propriedades estruturais, as leituras que envolvem o perfeito esbarram e se concretizam também a partir da inter-relação com sentidos convencionalizados em cada língua diacronicamente. Essa seria uma explicação possível para dois recorrentes fenômenos observados na sincronia: a polissemia (nas leituras) do perfeito em uma mesma língua e a diversidade interlinguística para a expressão dessa categoria.

Sugerimos pesquisas futuras que busquem discutir e caracterizar de modo mais descritivo e com mais detalhes potenciais contextos de competição e variação, em que os dois pretéritos possam ser intercambiáveis na diacronia, tanto numa investigação mais qualitativa quanto quantitativa de dados, e que busquem a análise de fatores no âmbito discursivo-pragmático. Este estudo ateve-se mais à descrição da semântica particular do pretérito perfeito composto e, nesse percurso, apontou, embora não como um objetivo central, possíveis motivações para o seu afastamento, em termos de valores semânticos, em relação à expressão tempo-aspectual do pretérito perfeito simples.

Referências

- ADAMS, James. *Social variation and the Latin Language: aspects of verbal morphology and syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- AMARAL, Patricia; HOWE, Chad. Nominal and verbal plurality in the diachrony of the Portuguese present perfect. In: HOFHERR, Patricia Cabredo; LACA, Brenda (Ed.). *Verbal plurality and distributivity*. Berlin: De Gruyter, 2008.
- BARBOSA, Juliana Bertucci. Estudo diacrônico do pretérito perfeito no português do Brasil. In: COSTA, Daniel Soares da (Ed.). *Pesquisas linguísticas pautadas em corpora*. São

Paulo: Editora UNESP, 2014.

BARBOSA, Juliana Bertucci. *Tenho feito / fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no português*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

BECKER, Martin. *O PPC na história do Português do Brasil*. In. História Semântica do Português do Brasil. ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato (comp.). São Paulo: Contexto, 2020.

BECKER, Martin. O Pretérito Perfeito Composto em diacronia: uma evolução perfeita? *Estudos de linguística Galega*, v. 8, p. 25-43, 2016.

BITTENCOURT, Diana Reis de. *O domínio do futuro do subjuntivo em português: entre temporalidade e modalidade*. 2014. 344 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2014.

BUENO, Francisco. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 1958.

BULLA, Beatriz. Rodrigo Maia Elogia Moro: Faz e Tem Feito Política. *O Estado De S. Paulo*. São Paulo, 13 de maio de 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,rodrigo-maia-elogia-moro-fez-e-tem-feito-politica,70002827310>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

BYBEE, Joan.; PERKINS, Revere.; PAGLIUCA, William. *The evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. London: The University of Chicago Press, 1994.

COAN, Márluce. *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003. 233 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2003.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *O Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Brigham Young University: Provo-UT, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

HARRIS, Martin. The 'past simple' and the 'present perfect' in Romance. In. VINCENT, Nigel; HARRIS, Martin (Ed.). *Studies in the Romance Verb*. London: Croom Helm, 1982.

GÖRSKI, Edair Maria. Emergência de dar pra / de no domínio funcional da auxiliarização. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 4342-4356, abr. 2020.

GÖRSKI, Edair Maria *et al.* Mudança em fenômenos discursivos via variação e gramaticalização: o papel dos fatores sociais. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 32, p. 1-5, 2002.

ILARI, Rodolfo. Notas para uma semântica do passado composto em português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 129-152, 2001.

KLEIN, Wolfgang. The present perfect puzzle. *Language*, Washington, DC, v. 68, n. 3, p. 525-552, 1992.

KIPARSKY, Paul. Event Structure and the perfect. In: BEAVER, David I. et al. (Ed.). *The Constructions of Meaning*. Stanford: CSLI Publications, 2002.

KIPARSKY, Paul. Blocking and periphrasis in inflectional paradigms. In: BOOIJ, Geert; MARLE, Jaap van. *Yearbook of Morphology*. Springer: New York, 2005.

LACA, Brenda. Perfect semantics: how universal are Ibero-American present perfects? In: HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM, 12., 2008, Quebec. *Proceedings* [...] Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2010. p. 1-16.

LACA, Brenda; CARVALHO, Sandra de; CABREDO-HOFHER, Patricia; When Perfect means “Plural”: The present perfect in Northeastern Brazilian Portuguese. In: CABREDO-HOFHERR, Patricia; LACA, Brenda (org.) *Layers of aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2010.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *Estágio de gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. 2010. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2010.

PAIVA BOLÉO, Manuel. O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas, em *Cursos e Conferências, Vol. VI, Suplemento ao vol. XIII do Boletim da Biblioteca da Universidade*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 124-266, 1936.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2016.

PINKSTER, Harm. Estrategy and chronology of future and perfect tense auxiliaries in Latin. In: HARRIS, Martin; RAMAT, Paolo (Ed.). *Historical Development of Auxiliaries*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1987.

SQUARTINI, Mario; BERTINETTO, Pier Marco. The Simple and Compound Past in Romance Languages. In: DAHL, Östen (Ed.). *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin: De Gruyter, 2000.

SQUARTINI, Mario. Extragrammatical Expression of Information Source. In: AIKHENVALD, Alexandra I. *The Oxford Handbook of Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

SQUARTINI, Mario. *Verbal Periphrases in Romance: aspect, actionality, and grammaticalization*. New York: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAVAGLIA, Luis. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 3. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1994 [1981].

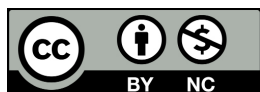
VALLE, Carla Regina Martins. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2014.

VARSUL. *Projeto Variação linguística na Região Sul do Brasil*. Disponível em: <http://varsul.org.br>. Acesso em: 1 maio de 2020.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VIANA, Aniceto R. Gonçalves. *Le portugais: phonétique et phonologie, morphologie, textes...* Leipzig: Teubner, 1901.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].



Data de submissão: 25/02/2020

Data de aceite: 28/05/2020

**LA RELEVANCIA PRESENTE EN TIEMPO DE PANDEMIA:
UN ESTUDIO SOBRE CONSTRUCCIONES VERBALES
EN LA ESCRITURA PERIODÍSTICA**

THE PRESENT RELEVANCE IN PANDEMIC TIMES: A STUDY
ON VERBAL CONSTRUCTIONS IN JOURNALISTIC WRITING

A RELEVÂNCIA PRESENTE EM TEMPO DE PANDEMIA: UM ESTUDO
SOBRE CONSTRUÇÕES VERBAIS NA ESCRITA JORNALÍSTICA

Leandra Cristina de Oliveira | [Lattes](#) | leandra.oliveira@ufsc.br
Universidade Federal de Santa Catarina

María Alejandra Godoy Roa | [Lattes](#) | marialejandragodoyr@outlook.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Alison Felipe Gesser | [Lattes](#) | felipegesser@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumen: La noticia es un ambiente oportuno para el estudio de la expresión de anterioridad, especialmente cuando se trata de considerar el dominio de la relevancia presente (RP). En este estudio, la mirada se direcciona a formas variantes en la función de indicar situaciones que denotan el resultado persistente de una situación pasada, un subdominio cubierto por la RP. El interés se deriva de la apreciación de las diferentes formas con las que periódicos hispanicos registran hechos vinculados a la pandemia de la COVID-19, las cuales llaman la atención incluso de hablantes no especialistas en cuestiones del lenguaje. Con el objetivo de analizar esa variación, que aquí se discute a la luz del Funcionalismo Lingüístico/Lingüística centrada en el uso (GIVÓN, 1995; 2001a; 2001b; 2002; HOPPER, 1991; 1998; BYBEE, 2006; 2016) y, por esta razón, evocada a partir de las nociones de dominio funcional y del principio de la estratificación (HOPPER, 1991; GIVÓN, 2002; GÖRSKI; TAVARES, 2017), analizamos el objeto con base en una compilación de cinco noticias de repercusión mundial, en los pasos metodológicos de Oliveira (2007; 2010), publicadas en tiempo coincidente en periódicos electrónicos de cuatro países hispanicos (Argentina, Colombia, España y Perú). Los resul-

tados observados en esta etapa de la investigación señalan: (i) la complejidad implicada en el recorte del subdominio funcional; (ii) la identificación de diferentes capas en el subdominio recortado, como las formas del presente, pretérito perfecto simple, pretérito perfecto compuesto y de locuciones verbales; y (iii) un uso más frecuente del pretérito perfecto compuesto en las muestras de España y de Perú, en las cuales esa forma verbal parece avanzar en el proceso de gramaticalización, de acuerdo con Oliveira (2010).

Palabras clave: Dominio funcional. Relevancia presente de resultado persistente. Noticias COVID-19. Corpus electrónico.

Abstract: The news is a convenient environment for the study of the expression of anteriority, especially when taking into consideration the domain of present relevance (PR). This study aims to investigate different variant forms functioning as indicators to situations that denote the ongoing result of a past situation, a subdomain that is contained by the PR domain. Our interest stems from the appreciation of different ways in which Hispanic newspapers report facts related to the COVID-19 pandemic, which can even catch the eye of speakers who are not language experts. In order to analyze this variation phenomenon, discussed here in light of the Linguistic Functionalism or Use-centered Linguistics (GIVÓN, 1995; 2001a; 2001b; 2002; HOPPER, 1991; 1998; BYBEE, 2006; 2016) and, for that reason, evoked from the notions of functional domain and layering principle (HOPPER, 1991; GIVÓN, 2002; GÖRSKI; TAVARES, 2017), we scrutinized our object based on a compilation of five internationally significant facts that were published simultaneously in online newspapers from four Hispanic countries (Argentina, Colombia, Spain and Peru) under the methodological steps of Oliveira (2007; 2010). The results observed at this stage of the research suggest: (i) the complexity of isolating the functional subdomain; (ii) the identification of different layers within the isolated subdomain, such as present forms and the past forms *pretérito perfecto simple*, *pretérito perfecto compuesto* in addition to circumlocutory phrases; and (iii) a more frequent use of the *pretérito perfecto compuesto* tense in the samples of Spain and Peru, in which this verbal form seems to advance in the grammaticalization process, according to Oliveira (2010).

Keywords: Functional domain. Present relevance of ongoing results. COVID-19 news. Electronic corpus.

Resumo: A notícia é um ambiente oportuno para o estudo da expressão de anterioridade, especialmente quando em consideração o domínio da relevância presente (RP). Neste estudo, o olhar se direciona a formas variantes na função de indicar situações que denotam o resultado persistente de uma situação passada, um subdomínio recoberto pela RP. O interesse decorre da apreciação das distintas formas com que jornais hispânicos noticiam fatos vinculados à pandemia da COVID-19, as quais chamam a atenção, inclusive, de falantes não especialistas em questões da linguagem. Com o objetivo de analisar essa variação, aqui discutida à luz do Funcionalismo Linguístico/Linguística centrada no uso (GIVÓN, 1995; 2001a; 2001b; 2002; HOPPER, 1991; 1998; BYBEE, 2006; 2016) e, por essa razão, evocada a partir das noções de domínio funcional e do princípio da estratificação (HOPPER, 1991; GIVÓN, 2002; GÖRSKI; TAVARES, 2017), analisamos o objeto com base em uma compilação de cinco notícias de repercussão mundial, nos passos metodológicos de Oliveira (2007; 2010), publicadas em tempo coincidente em jornais eletrônicos de quatro países hispânicos (Argentina, Colômbia, Espanha e Peru). Os resultados observados nesta etapa da pesquisa sinalizam para: (i) a complexidade implicada no recorte do subdomínio funcional; (ii) a identificação de diferentes camadas no subdomínio recortado, como as formas de presente, de pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto e de locuções verbais; e (iii) um uso mais frequente do pretérito perfeito composto nas amostras da Espanha e do Peru, nas quais essa forma verbal parece avançar no processo de gramaticalização, conforme Oliveira (2010).

Palavras-chave: Domínio funcional. Relevância presente de resultado persistente. Notícias COVID-19. Corpus eletrônico.

1. Introducción

El año de 2020 sin duda estará marcado en la historia mundial por la desestabilización social provocada por la pandemia de la COVID-19, decretada el 11 de marzo de ese mismo año por la Organización Mundial de la Salud (OMS). La fecha hace despertar las diferentes sociedades del planeta, enfocadas en la expansión del virus por el mundo, sus consecuencias, el avance de la ciencia y diversos otros sucesos que estampan la continuidad y el resultado de una situación iniciada en un punto pasado – en este caso específico, que antecede en algunos meses el 11 de marzo de 2020. En el drama de este escenario, como investigadores de las categorías Tiempo y Aspecto hemos permanecido atentos a la

codificación de la función de la relevancia presente en las noticias vehiculadas por periódicos hispanicos, que es el tema de este estudio.

Tal y como detallamos en el debate teórico más adelante, la relevancia presente es un dominio funcional que recubre las nociones *experiencial*, *resultativa* y *actualidad de la situación* (OLIVEIRA, 2010), que pueden concretizarse a través del empleo de distintas construcciones lingüísticas¹, como el pretérito perfecto compuesto, las construcciones perifrásticas, los complementos adverbiales, entre otros. Cabe aclarar que en esta discusión nos referimos específicamente al español, lengua en que nos hemos centrado en las últimas investigaciones (OLIVEIRA, 2007; 2010; 2011; OLIVEIRA; GESSER, 2014; 2015; OLIVEIRA; GODOY ROA, 2020; GESSER, 2015; 2018; GODOY ROA, 2017). En el estudio de este dominio funcional, aquí comprendido como un área en la gramática que abarca diferentes estratos (HOPPER, 1991; GÖRSKI et al., 2003; GÖRSKI; TAVARES, 2017; GÖRSKI, 2020), es imprescindible la consideración de dos categorías íntimamente relacionadas – el Tiempo y el Aspecto, que se discuten en el apartado dedicado a los debates teóricos situados en una perspectiva funcionalista (CASTILHO, 2003; 2010; COMRIE, 1981; 1985; GIVÓN, 2001; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000; FOSSILE, 2012; BYBEE, 2016), recuperando además los aportes de carácter filosófico sobre la categoría verbal (BELLO, 1979 [1810]; REICHENBACH, 1960).

El objetivo central de la investigación es identificar las construcciones capaces de codificar el resultado persistente de una situación pasada – una subfunción de la relevancia presente – en noticias publicadas en los periódicos electrónicos de cuatro países hispanohablantes: Argentina, Colombia, España y Perú. Para ello, se considera como criterio metodológico la semana del 9 al 17 de marzo de 2020 y se contemplan cinco noticias que tuvieron un gran impacto en los medios internacionales: *el lunes negro en las bolsas del mundo*, *la suspensión de vuelos desde Italia a España*, *el anuncio de la pandemia por parte de la OMS*, *el anuncio del gobierno chino sobre la superación del pico de contagio* y *el resultado de la prueba de COVID-19 del presidente Trump*. En diálogo con los resultados de Oliveira (2010), quien describe la multifuncionalidad del pretérito perfecto compuesto en una muestra de naturaleza semejante, planteamos el siguiente cuestionamiento: si en algunas de las variedades hispanoamericanas la presencia del pretérito perfecto compuesto – for-

¹ Se asume el concepto de *construcción* a partir de Bybee (2006; 2016), autora que concibe la gramática como un continuo de construcciones que representan la organización cognitiva de experiencias con la lengua. La construcción constituye la forma más adecuada para la representación de la gramática, ya que esta se organiza en construcciones que son secuencias morfológicas y/o sintácticas convencionalizadas, parcialmente esquemáticas, y que responden a una representación semántica determinada. En otras palabras, se trata de formas gramaticales (que van desde un morfema hasta una locución) que existen para expresar una determinada función o significado en la lengua.

ma que según la literatura desempeña, entre diferentes funciones, el valor de la relevancia presente (OLIVEIRA, 2010) – no es expresiva, ¿a qué construcciones recurren los periodistas cuando quieren referirse al resultado persistente de una situación² pasada? Buscaremos contestar a este cuestionamiento a partir de la consideración de los debates teóricos mencionados líneas arriba y a los cuales dedicamos la sección que sigue.

2. El objeto de estudio a la luz del Funcionalismo/Lingüística centrada en el uso

2.1. Situando el campo

El reconocimiento de la naturaleza dinámica y mutable de las lenguas es una orientación elemental en la Lingüística. Basta con que consideremos ya en Saussure la dicotomía sincronía y diacronía, que concilia la posibilidad de una descripción de la regularidad de un estado de la lengua en un dado momento y el reconocimiento del cambio en el pasaje de un estado a otro.

La consideración del cambio lingüístico en la descripción de las lenguas, aunque ajena a las preocupaciones del estructuralismo saussureano, aparece en estudios anteriores y posteriores a ese autor. En lo que concierne a trabajos realizados después de Saussure, destacamos las perspectivas interesadas en la variación y cambio y en la funcionalidad de los fenómenos en el uso, como la Teoría de la variación y cambio (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) y de la Lingüística centrada en el uso, o Funcionalismo Lingüístico de perspectiva norteamericana (GIVÓN, 1995; 2001a; 2001b; 2002) HOPPER, 1991; BYBEE, 2006; 2016).

Fundamentados en este último campo, pero recuperando concepciones del primero cuando sea conveniente, asumimos en este estudio la lengua como actividad siempre en movimiento y en constante adaptación, a partir de la cual (i) nuevas formas están siempre emergiendo en la codificación de funciones ya existentes y (ii) nuevas funciones surgen en formas antiguas (HOPPER, 1991). Desde esa perspectiva, la gramática y el discurso son realidades indisociables – la gramática está al servicio de la comunicación y es moldeada a partir del discurso (GIVÓN, 1995) y el significado vinculado a la forma es siempre inestable.

En el estudio de la expresión de pasado, Oliveira (2010), Oliveira y Gesser (2015) y Gesser (2018) se han fundamentado en la perspectiva funcionalista en el debate sobre la variación de formas verbales como el pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto (de aquí en adelante, PPS y PPC, respectivamente) y la multifuncionalidad de esta última forma en la lengua castellana. Entre los debates funcionalistas centrales

que emergen en y a partir de esas investigaciones, se encuentran: (i) la descripción del proceso de gramaticalización del perfecto compuesto a partir de la aplicación de los cinco principios de Hopper (estratificación, divergencia, especialización, persistencia y descatégorización); (ii) la discusión sobre la variación entre las formas PPS y PPC, que aquí se consideran como estratos que compiten en el macrodominio de la anterioridad; (iii) las etapas de la gramaticalización del PPC en que se encuentran algunas variedades hispanohablantes; y (iv) la constatación de diferencias en el uso del PPC entre los países, sobre todo entre España y regiones de Hispanoamérica, a partir de muestras de lengua escrita y de traducción audiovisual, así como la consideración de la percepción de los usuarios en cuestionarios sobre el empleo y los valores del pretérito perfecto compuesto.

En este recorrido con miradas hacia el mismo objeto, pero con propósitos distintos, participan autores brasileños con sólida trayectoria investigativa sobre fenómenos del portugués de Brasil a la luz del Funcionalismo Lingüístico/Lingüística centrada en el uso y de la Teoría de la gramaticalización, entre los cuales destacamos a Edair Görski, docente e investigadora del Programa de Posgrado en Lingüística de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), con doctorado en Lingüística de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ), cuya tesis ha sido dirigida por Sebastião Josué Votre, uno de los precursores del Funcionalismo en Brasil y gran actuante en proyectos de este campo (GÖRSKI; OLIVEIRA; PIMPÃO, 2020). Destacar a Edair Görski en este estudio es una manera de retribuir los valiosos aportes que nos ha brindado en los cursos impartidos, en su lectura atenta de nuestros trabajos en el proceso de la maestría al doctorado, en los eventos, en las mesas de debate y en las conversaciones informales. El diálogo que se establece con Görski en este estudio se vincula a lo que consideramos una de sus grandes contribuciones al campo de la Lingüística – la descripción de fenómenos lingüísticos desde la perspectiva sociofuncionalista (GÖRSKI, 2008; 2020; GÖRSKI et al., 2003; GÖRSKI; TAVARES, 2013; 2017), la cual vincula la Teoría de la variación y cambio (TVC) y el Funcionalismo norteamericano (o Lingüística centrada en el uso, como nominación más reciente y que en este texto acogemos).

No disponemos de espacio suficiente para pormenorizar la perspectiva sociofuncionalista y los puntos de confluencia y divergencia entre las teorías que el modelo abarca. Teniendo en cuenta los propósitos de la presente investigación, nos restringiremos al debate sobre la demarcación de la variable lingüística, al que conviene vincular las nociones de *dominio funcional* y *estratificación* (*layering*).

Desde la perspectiva de la gramática emergente, se reconocía en párrafos anteriores

la posibilidad del surgimiento de nuevas formas para antiguas funciones y nuevas funciones para viejas formas. En un dominio funcional, es posible constatar diferentes formas que compiten por el mismo trabajo lingüístico – en los términos de Poplack (2011) –, lo que aquí asumimos como formas que desempeñan la misma función comunicativa, en los pasos de Givón (2002) y Görski (2020). En la otra dirección, es común que en su proceso de cambio una misma forma se extienda a otros dominios y pase a desempeñar nuevas funciones.

En lo que concierne al objeto de estudio al que nos dedicamos, tal y como discutimos en este texto, se verifican ambas situaciones: (i) la emergencia de una construcción perifrástica latina que pasaría a funcionar en el dominio de la expresión resultativa; y (ii) el paso de esta construcción a tiempo verbal compuesto, el cual, a través de un proceso gradual de gramaticalización, pasaría a competir con otras formas en los diferentes dominios cubiertos por el macrodominio de la anterioridad.

A esa perspectiva que evoca el dinamismo de las formas lingüísticas se vincula la noción de estratificación (*layering*), uno de los cinco principios establecidos por Hopper (1991) para averiguar un proceso de gramaticalización en curso. Según Hopper (1991, p. 22), la estratificación implica que en un dominio funcional amplio surjan nuevos estratos (*layers*) que pasan a coexistir con los antiguos. Dicho fenómeno sucede dada la realidad de que el surgimiento de nuevas formas funcionales no hace desaparecer las formas anteriores que ocupaban el mismo dominio.

En los estudios llevados a cabo por Edair Görski y colaboradoras, se encuentran debates proficuos sobre la relación entre las nociones de *dominio funcional* y *estratificación* (del Funcionalismo) y las nociones de *variable lingüística* y *variación* (de la Sociolingüística laboviana). Considerando los límites de espacio que se nos imponen, recuperamos la publicación Görski y Tavares (2017) debido a la amplia discusión sobre esa interfaz, que comprende los puntos confluentes sin ignorar las divergencias, pero especialmente por la semejanza entre nuestro objeto y el que usan las autoras para ejemplificar los postulados que presentan.

Görski y Tavares (2017) proponen una discusión minuciosa sobre la *interfaz variación-gramaticalización* – asumida desde una mirada funcionalista – respaldada en el pionerismo de las lingüistas canadienses Shanna Poplack y Sali Tagliamonte respecto a ese debate. El eje central del capítulo es el tema de la compleja tarea de recortar el objeto de investigación a la luz de la interfaz propuesta, tema de especial pertinencia para el presente estudio particularmente por la aproximación entre el objeto ilustrado por las

investigadoras y el objeto que aquí se considera, ambos vinculados a la categoría verbal.

La noción de dominio funcional ocupa lugar de destaque en Görski y Tavares (2017), puesto que en el análisis de la variación-gramaticalización del macrodominio TAM (Tiempo, Aspecto y Modalidad, de acuerdo con Givón (2001a)) uno de los primeros compromisos del investigador es recortar el dominio a ser considerado. Desde la perspectiva de la tipología funcional, se considera que las lenguas pueden codificar el mismo dominio funcional a través de más de un medio estructural y esos diferentes tipos de estructura se agrupan como miembros de meta-tipos (*meta-types*) más generales (GIVÓN, 2002, p. 22). Así, en la tipología gramatical “se enumeran los principales medios estructurales por los cuales diferentes lenguas – y ocasionalmente una misma lengua – codifican el mismo dominio funcional” – Givón (2002, p. 213, traducción nuestra³), también citado por Görski y Tavares (2017, p. 43). Aunque se pueda asumir los dominios funcionales como universalmente tipificados, la noción es relativa y no absoluta:

[...] frecuentemente un dominio grande se subdivide en subdominios que se entrecruzan e interactúan; además, los dominios funcionales más grandes también pueden superponerse parcialmente. En este sentido, el dominio funcional puede verse como superordenado y recubrir áreas funcionales generales (macrodominios) o más restringidas (subdominios o microdominios), dependiendo del ajuste de foco del lente del analista. Así, lo que es un dominio en una determinada perspectiva puede ampliarse y verse como macrodominio, o restringirse y verse como microdominio, en otras perspectivas⁴ (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 46, lo destacado es nuestro).

Referente al punto que destacamos en la cita anterior, coincidimos con las autoras al reconocer la conveniencia de recuperar la metáfora del lente para ilustrar el carácter relativo del dominio funcional: “el ajuste de foco es lo que va a determinar el alcance y los posibles límites del dominio en consideración”⁵ (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 49). El ejemplo del dominio funcional complejo TAM nos será útil en el recorte de nuestro dominio funcional. Según Görski y Tavares (2017), (i) si se amplía el foco del lente, se alcanza un dominio en que se articulan tres categorías (Tiempo, Aspecto y Modalidad) y (ii) si se ajusta el foco sobre cada una de ellas, pasamos a observar tres dominios distintos. Desde ahí,

Se opera con la idea de un fenómeno superordenado, cuyos límites no siempre son claros y cuyo alcance funcional es gradiente: macrofunción > funciones > subfunciones [...], una noción que puede extenderse

a: macrodominio > dominio > microdominio funcional⁶ (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 49).

Frente a lo expuesto, las autoras tratan el dominio funcional recortado, la futuridad, a partir de Gibbon (2014) como “un dominio complejo que abarca otros dominios igualmente complejos, los cuales comparten rasgos de aspecto, modalidad y tiempo”⁷ (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 55-56). Los subdominios bajo el ámbito de este dominio son la referencia futura/tiempo, la habitualidad/aspecto y el acto de habla manipulativo/modalidad.

Como hemos mencionado a partir de Hopper (1991) y Givón (2002), diferentes estructuras pueden codificar un mismo dominio funcional, lo que implica asumir que en el dominio de la futuridad pueden emerger y funcionar diferentes estratos, como el futuro perifrástico, el futuro sintético y el presente, por citar algunos. Una cuestión para plantearse es si esas formas, en el dominio específico, preservan el mismo significado, lo que nos lleva a adentrarnos en el debate sobre la posibilidad de establecerse la equivalencia semántica en los niveles más allá de la fonología – clásica polémica entre Lavandera (1978) y Labov (1978) en el seno de la Sociolingüística, que Oliveira (2009) recobra al tratar de la noción de anterioridad en algunas variedades castellanas.

En el ámbito de los estudios sobre la variación de fenómenos morfosintácticos, sintácticos y semánticos, la noción de “mismo significado” para diferentes formas variantes, que aparece en la consideración de la *variable lingüística*, se actualiza y pasa a interpretarse en el nivel de la comparabilidad funcional (LAVANDERA, 1978) o como formas que expresan la misma función comunicativa, según Milroy y Gordon (2003), citados por Görski y Tavares (2017, p. 37).

En el debate sobre las contribuciones mutuas entre variación y gramaticalización para la descripción de un fenómeno variable, las lingüistas brasileñas, fundamentadas en Tagliamonte (2006), sostienen que “a medida que los análisis variacionistas van alcanzando niveles gramaticales más altos, la correlación forma-significado referencial se va desplazando a forma-función discursiva”⁸ (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p.37). Desde ese punto, pasan a discutir el diálogo productivo entre los dos campos sin desconsiderar los puntos de convergencia y de divergencia, sobre los cuales no nos detenemos en este texto.

En el seno de la Sociolingüística, una variación lingüística señala la existencia de dos o más formas distintas – las formas variantes – que expresan el mismo significado en un dado periodo y en una determinada comunidad de habla. Las variantes actúan en una variable, es decir, en un lugar de la gramática que al analista le interesa investigar.

Tomando el mismo ejemplo de las autoras, la futuridad sería la variable y las variantes que funcionan en este espacio/función podrían ser el futuro sintético, el futuro perifrástico y el presente, por ejemplo. Si tomamos en cuenta nuestro objeto, la anterioridad sería la variable y sus formas variantes podrían ser el perfecto simple, el perfecto compuesto y otras formas dependiendo del contexto (OLIVEIRA, 2009). A partir del análisis estadístico multivariado, a la sociolingüística le cabría describir los factores lingüísticos y extralingüísticos que condicionan la variación (LABOV, 2008 [1972]).

Si por un lado la metodología de la Sociolingüística contribuye, entre otros factores, a la descripción de un fenómeno variable a partir de la consideración de factores internos y externos, por otro “la gramaticalización ayuda a contestar a la pregunta sobre cómo y cuándo surgió cada forma variante que compone una determinada variable lingüística”⁹ (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 38), es decir, puede recubrir el punto de emergencia de una determinada forma y su trayectoria de cambio morfosintáctico y semántico. Además, el estudio fundamentado en la perspectiva de la gramaticalización puede obtener hipótesis de orden diacrónico a las que el analista puede recurrir (y realizar pruebas) para la explicación de patrones sincrónicos (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 39).

Otro debate conveniente que proponen las autoras y que es bastante útil para los propósitos del presente estudio, tal y como se busca demostrar en la sección 2.3, se refiere a la circunscripción de la variable lingüística o del dominio funcional en las perspectivas de la Sociolingüística y del Funcionalismo, respectivamente. A partir de nuestro objeto de estudio y recuperando caminos recorridos anteriormente (OLIVEIRA, 2007; 2009; 2010), ilustraremos las dos perspectivas discutidas por las autoras: la perspectiva de variación estricta y la perspectiva del proceso de gramaticalización. Antes contextualizaremos el objeto de investigación desde el punto de partida de las categorías Tiempo y Aspecto – sección 2.2.

2.2. El continuo de la relevancia presente: entre el Tiempo y el Aspecto

Tal y como mencionado en la introducción del presente texto, en este estudio se adentra en el análisis de datos contemplados en el género noticia con una mirada hacia el subdominio de la relevancia presente de resultado persistente, teniendo en cuenta la concepción del Tiempo y el Aspecto como categorías cognitivo-funcionales que pertenecen al complejo dominio funcional TAM (GIVÓN, 2001, p. 285).

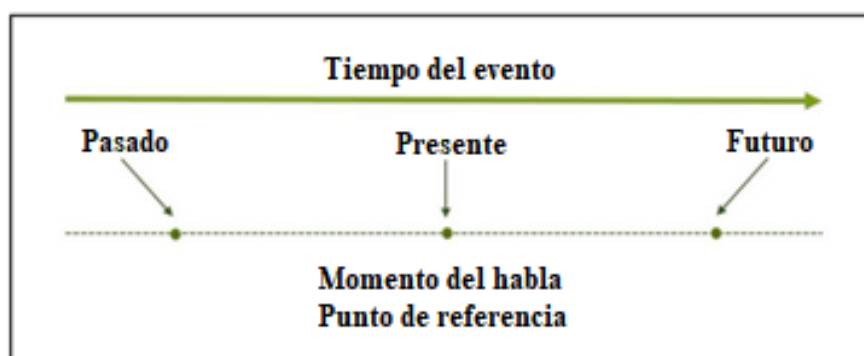
El Tiempo, según Comrie (1985, p. 2), puede representarse como una línea recta, en la que el pasado se representa de forma convencional a la izquierda y el futuro a la de-

⁹ [...] a gramaticalização auxilia a responder a questão de como e quando surgiu cada forma variante componente de dada variável linguística.

recha; en esta línea recta, el presente se localizaría en el centro y como punto cero. En esta misma dirección, autores como Givón (2001, p. 153) afirman que en la comunicación natural los hablantes presuponen que sus interlocutores mantienen un modelo mental de la situación de habla en el que se encuentra el tiempo de habla, caracterizado como la referencia temporal *default*, o sea, una referencia no marcada a partir de la cual se establecen los tiempos absolutos.

Basado en Reichenbach (1960), García Fernández (2000, p. 22) afirma que se trata de una relación establecida entre dos momentos: el punto de la línea temporal en que se sitúa el evento y el momento de la enunciación. Esta relación puede darse de forma simultánea o sucesiva, incluyendo relaciones de anterioridad y colocando en la línea tres combinaciones posibles entre los puntos:

Figura 1 –Temporalidad de las formas absolutas



Fuente: Adaptado de Givón (2001, p. 286).

A partir de la línea temporal vemos que los tiempos verbales que se configuran son pasado, futuro y presente. El primero se caracteriza por ser un evento que precede el tiempo del habla; el segundo es un evento posterior al tiempo del habla; y el tercero es un evento simultáneo al tiempo del habla. Sin embargo, las relaciones temporales que se establecen al observar varias conjugaciones de tiempos verbales dejan en evidencia que existen más de tres elementos en juego, razón por la cual autores como Reichenbach (1960), Bello (1979 [1810]), Comrie (1981; 1985), García Fernández (2000), entre otros, caracterizan los eventos principales y sus relaciones a partir de tres elementos: el momento de la enunciación (*S –point of speech*); el punto del evento denotado por el predicado (*E – point of the event*); y el punto de referencia relevante para la localización del evento (*R – point of reference*).

Estos puntos son, según Reichenbach (1960), necesarios para codificar el significado de cualquier forma verbal flexionada, además de establecer relaciones que se dan a partir de la expresión de la relación entre más puntos de los que están en la línea temporal. El cuadro a continuación presenta de manera resumida las estructuras temporales en la lengua española:

Cuadro 1 – El sistema verbal

Estructura	Denominación ¹⁰	Nombre tradicional	Ejemplo
E – R – S	Antepretérito	Pretérito pluscuamperfecto	Carlos nos contó que Juan <i>había llegado</i> a las tres.
E, R – S	Pretérito	Pretérito perfecto simple / pretérito imperfecto	Mi hermano <i>llegó</i> ayer. Ayer <i>estaba</i> en Madrid.
R – E – S R – S, E R – S – E	Pospretérito	Condicional	La prensa anunció el día quince que el presidente <i>dimitiría</i> ayer.
E – S, R	Antepresente	Pretérito perfecto compuesto	El director <i>ha llamado</i> esta mañana.
S, R, E	Presente	Presente	<i>Estudio</i> Derecho.
S, R – E	Pospresente	-	<i>Vamos a</i> comprarlo pronto.
S – E – R S, E – R E – S – R	Antefuturo	Futuro perfecto	Los actores llegarán a las ocho, pero el público <i>habrá entrado</i> en la sala media hora antes.
S – R, E	Futuro	Futuro	Lo <i>compraremos</i> la semana que viene.
S – R – E	Posfuturo	-	-

Fuente: Adaptado de García Fernández (2000, p. 25-26).

El cuadro ilustra las estructuras temporales representadas por la relación entre E, S y R a partir de símbolos como la coma que expresa simultaneidad y el guion que expresa anterioridad del elemento a la izquierda. Nos atendremos aquí a la explicación de la relación establecida por la fórmula E – S,R, a partir de la cual se interpreta el subdominio que nos interesa: un evento pasado (E) que es anterior a dos puntos coincidentes en el punto cero: el momento del habla (S) y el momento de la referencia (R).

La estructura E – S,R codifica la expresión del denominado antepresente (BELLO,

¹⁰ Nomenclatura establecida por Bello en su *Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana* (1972 [1841]).

1979 [1810]), expresando un pasado que se vincula al momento de la enunciación, ya que el punto de referencia es simultáneo y no anterior al punto de la enunciación. Así, estamos frente a una relación que establece que el punto del evento es un punto anterior a la relación de simultaneidad entre la enunciación y la referencia. En la lengua castellana podemos encontrar diferentes formas disponibles para servir a esta función, como es el caso del tiempo verbal pretérito perfecto compuesto.

Estas relaciones temporales no pueden separarse de las nociones semánticas que se dan a nivel cognitivo cuando codificamos los eventos, ya que, como afirma Bybee (2016),

[...] está claro que, como seres humanos, no experimentamos el tiempo de una manera directamente lineal, tampoco estamos inclinados a hablar de él así. Por el contrario, la mezcla de tiempos y aspectos que evolucionaron a la expresión gramatical en las lenguas del mundo hizo reflejar la experiencia humana de situaciones y sus aspectos temporales, y esta experiencia no es uniforme ni simétrica a través del dominio tiempo¹¹ (BYBEE, 2016, p.295).

En esta perspectiva, autores como Comrie (1981), Castilho (2003; 2010) y Fossile (2012) también afirman que la expresión de la temporalidad en lenguas como el español no puede estudiarse de forma alejada de la noción de Aspecto, puesto que entre esta categoría y la categoría Tiempo existe un continuo que va desde la expresión del tiempo externo hasta la expresión del tiempo interno de un evento.

El aspecto verbal sería la relación entre el tiempo de la situación (tiempo en el que se desarrolla el evento denotado) y el tiempo del foco (periodo durante el cual es válida una determinada afirmación en un momento dado). Esta última relación establece dos valores semánticos principales para referirnos al Aspecto: imperfectivo y perfectivo. El primero hace referencia a eventos no acabados y el segundo a eventos acabados. Estos dos tipos de contenidos semánticos pueden referirse a eventos habituales, continuos, iterativos, inceptivos o progresivos (imperfectivos) o a eventos puntuales o acabados (perfectivos).

Es frecuente considerar el sentido de la temporalidad (presente, pasado y futuro) como información gramatical primaria de las formas verbales. Sin embargo, en la base latina el primer sentido era el aspectual (*infectum*/no acabado y *perfectum*/acabado). En los términos de Ilari (2001, p. 102), citado por Oliveira (2010), el sentido exacto de *vixit*

¹¹ [...] está claro que, como seres humanos, não experienciamos o tempo de um modo diretamente linear, nem estamos inclinados a falar sobre ele dessa maneira. Ao contrário, a mistura de tempos e aspectos que evoluíram para expressão gramatical nas línguas do mundo veio a refletir a experiência humana de situações e seus aspectos temporais, e essa experiência não é uniforme nem simétrica através do domínio de tempo.

(*vivió*) indica que el individuo había completado la acción de vivir – él vivió hasta el final (por lo tanto, murió). En otras palabras, no se presentaba la situación como pasada, sino como cumplida en el momento del habla. Esta oposición entre dos sistemas (cumplido/no cumplido) se pierde ya en el latín vulgar, en el que la semántica de la situación expresa por las formas verbales pasa a orientarse por el sentido temporal (anterioridad, simultaneidad y posterioridad).

Pese a dicho cambio en la interpretación primaria de la categoría verbal, las lenguas latinas como el español preservan en su morfología tanto la información temporal como aspectual, aunque el contexto más amplio puede influir en estas lecturas.

En referencia al aspecto que aquí nos interesa, el que demarca la relevancia presente, en el latín clásico el perfecto *amauisti* encierra dos valores: el de presente perfecto, que señala una situación vinculada o relevante al presente; y el de pretérito, que vincula la situación a un periodo pasado sin relevancia presente. En la evolución del latín clásico al latín vulgar, el valor que parece predominar es el que heredan las lenguas románicas – el valor de pretérito (HARRIS, 1982; OLIVEIRA, 2010). Desde ahí, surge en el latín vulgar la construcción *epistulam scriptam habeo* indicando el aspecto *Permansivo* que desaparecía del *Perfectum* latino. Así, pasa a emplearse la construcción *habere* + objeto modificado + participio flexionado en la expresión de estados presentes resultantes del pasado (CÂMARA JÚNIOR, 1970; HARRIS, 1982; SAID ALI, 1964; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000).

2.3. El lente sobre el objeto

Como se sugiere en algunas partes del presente texto, el análisis de fenómenos lingüísticos en el nivel morfosintáctico nos impone algunos retos, como: (i) recortar el dominio funcional del cual participan los estratos/formas variantes; (ii) reconocer la correspondencia funcional de los estratos considerados; (iii) delimitar una función en el continuo de significaciones de una forma; y (iv) alcanzar el punto inicial y las motivaciones para el proceso de cambio y variación en el sistema lingüístico. Todos estos desafíos están presentes en la investigación que aquí se expone y nos han acompañado en trayectorias anteriores.

A través de la investigación basada en un corpus de noticias electrónicas, fundamentada en postulados dialectológicos, Oliveira (2007) y Oliveira (2013) analizan la variación entre las formas simple y compuesta del pretérito perfecto castellano con el objetivo de verificar la frecuencia de uso de esas formas verbales en periódicos virtuales de siete países hispanicos: Argentina, Bolivia, Chile, Cuba, España, México y Perú. A partir

del control de los factores lingüísticos – tipo verbal, número de los complementos (singular o plural) y contexto temporal (codificado a partir de marcadores explícitos e implícitos) – y de los criterios metodológicos para la construcción del corpus – coincidencia temática y temporal del suceso noticiado y de su publicación –, los estudios dialogan con las nociones de *lengua* y *norma* de la lingüística coseriana (COSERIU, 1952; 1973; 1977; 1982). En los referidos estudios se verifica una presencia expresiva del pretérito perfecto simple en contextos de pasado (pre-hodierno) y de antepresente (hodierno) en todas las variedades, con el aumento significativo del perfecto compuesto en la variedad peninsular. Aunque se evoque a menudo el contexto presente codificado por marcadores como *hoy, esta mañana, este mes, el presente siglo* etc. como ambiente favorable al empleo del PPC¹², en los resultados de Oliveira (2007) esta forma verbal no aparece con frecuencia expresiva sobre todo en las variedades hispanoamericanas: PPS/95,5% y PPC/4,5% (periódico de Argentina); PPS/71,4% y PPC/28,6% (periódico de Bolivia); PPS/85,7% y PPC/14,3% (periódico de Chile); PPS/95,7% y PPC/4,3% (periódico de Cuba); PPS/67,7% y PPC/32,3% (periódico de España); PPS/100% y PPC/0% (periódico de México); y PPS/81% y PPC/19% (periódico de Perú). En consonancia con autores como Lapesa (1981), se testifica en Oliveira (2007, p. 121) que en Latinoamérica el PPC parecía reemplazarse por el PPS. Desde ahí, podríamos considerar que las variedades hispanoamericanas avanzan en el proceso de cambio de las formas de la anterioridad de modo más acelerada que la variedad peninsular. Pero, como se hace camino al andar, la lectura diacrónica y la secuencia de la investigación nos llevaron a nuevas respuestas y a otros interrogantes¹³, en los que de manera más o menos directa estuvieron presentes los desafíos que se mencionan al inicio de esta sección.

Frente al reconocimiento de que el recorte dialectológico no era suficiente para la comprensión del distinto comportamiento entre las variedades y entre las formas verbales consideradas, Oliveira (2010) pasa de la perspectiva más estricta de la variación a la perspectiva del proceso de gramaticalización – en los términos de Görski y Tavares (2017). Con el propósito de comprender mejor el objeto, la investigación se direcciona a lo que parece dar impulso a la variación en la anterioridad: el proceso lento y gradual de gramaticalización a partir del cual emerge el pretérito perfecto compuesto – quizás hoy una de las formas prototípicas en el dominio de la relevancia presente.

¹² En Oliveira (2007) y Alarcos Llorach (1984) pueden encontrarse diversas referencias que tratan de justificar la diferencia de uso entre el PPS y el PPC a partir de la presencia de modificadores temporal – *ayer, la semana pasada*>*canté*; *hoy, esta semana*>*he cantado*.

¹³ Nos referimos a los estudios sobre los límites para la consideración de las formas del PPS y del PPC como formas variantes (OLIVEIRA, 2009) y la actuación de la modalidad epistémica en el uso de esas formas verbales (OLIVEIRA, 2008; GESSER, 2015; 2018), a los cuales el lector interesado podrá acceder.

En la literatura, se describen diferentes cambios sintácticos y semánticos por los que pasa la perífrasis resultativa *epistulam scriptam habeo* hasta convertirse en una forma verbal (HARRIS, 1982; ROMANI, 2006; OLIVEIRA, 2010). Entre los cambios, se consideran: (i) la construcción que antes ocurría solo con verbos télicos pasa a admitir verbos atélicos; (ii) el verbo *habere* poco a poco perdía el significado independiente de posesión y pasaba a funcionar como un verbo auxiliar; (iii) la coincidencia entre el sujeto del verbo flexionado y del participio se volvía obligatoria; y (iv) el participio perdía la función predicativa referente al objeto y, desde ahí, se perdía la marca de concordancia en número y género. Romani (2006, p. 243) aduce que la creación de formas verbales perifrásticas que expresan anterioridad¹⁴ es una innovación de las lenguas romances y cada variedad “evoluciona de manera distinta en lo que a la auxiliaridad [y la funcionalidad] se refiere” (ROMANI, 2006, p. 246).

De haberse convertido en una forma verbal con una función semántica definida, el pretérito perfecto compuesto no permanece mucho tiempo en el monosemanticismo. Los cambios morfosintácticos de la perífrasis a la forma verbal se estabilizan, pero los cambios semánticos siguen su trayecto: la forma se restringe a la expresión de estados presentes resultantes de acciones pasadas, sin describirlas por sí mismas, por más recientes que sean (etapa I/PPC de resultado); la forma ocurre solamente en situaciones bastante específicas, en contextos aspectualmente durativos o repetitivos (etapa II/PPC como operador aspectual); la forma pasa a indicar el valor prototípico del *Present Perfect*, una acción pasada con relevancia en el presente (etapa III/PPC de relevancia presente); y, finalmente, la forma pasa a desempeñar función pretérita y restringe su concurrente – el perfecto simple – a registros formales (etapa IV/PPC perfecto), según Harris (1982, p. 49).

Sobre las etapas en que se encuentran las lenguas románicas – tema que recuperamos ligeramente por exceder los propósitos de la presente investigación –, recurrimos a Squartini y Bertinetto (2000) para quienes el valor puramente resultativo es una etapa superada por todas las variedades. En la etapa II, se encuentran el portugués y algunas variedades del español americano, como la mexicana, en la cual el perfecto designa situaciones durativas o iterativas (un operador aspectual). Fundamentados en estudios sobre el perfecto en Colombia, Puerto Rico, Islas Canarias y Buenos Aires, Squartini y Bertinetto (2000, p. 411-412) sostienen que en estos territorios el uso de esa forma verbal denota situaciones iterativas y durativas, igualmente a lo que sucede en el español mexicano.

¹⁴ Anterioridad en relación a un punto de referencia que puede coincidir con el presente (*he amado*), con el pasado (*había amado*) o con el futuro (*habré amado*).

Referente a la etapa III en la evolución del PPC – una de las más expresivas, puesto que es cuando la forma verbal pasa a recubrir situaciones puramente perfectivas (OLIVEIRA, 2010, p. 237) –, se reconoce que el español peninsular avanza en este proceso de transformación, demarcando la relevancia presente a través de esa forma verbal. En la etapa IV, en la cual el perfecto se extiende a cualquier contexto de pasado y el pretérito indefinido “se convierte en una forma verbal caduca, hasta llegar a desaparecer del todo en algún caso por la competencia de las formas compuestas” (CAMUS BERGARECHE, 2008, p. 96), se encuentran el italiano estándar, el francés, el rumano estándar y otras.

Según discuten diferentes autores (LOPE BLANCH, 1983; SPITZOVÁ; BAYEROVÁ, 1987; SQUARTINI; BERTINETTO, 2000; OLIVEIRA, 2010), el perfecto compuesto de algunas variedades hispanoamericanas expresa habitualmente situaciones durativas e iterativas (etapa II en el proceso de gramaticalización). Como ejemplificación, al describir la multifuncionalidad del PPC en noticias de repercusión internacional de periódicos hispánicos, Oliveira (2010) encuentra en los datos de:

- México: uso predominante del PPC de Continuidad, función en la que se encuentran los valores durativo e iterativo, aunque aparezcan ocurrencias de la tercera etapa;
- Argentina, Cuba, Bolivia y Chile: uso del PPC en dirección a la etapa III, ya que la proporción de datos de relevancia presente se amplía, aunque el de Continuidad (etapa II) sea aún superior;
- Perú: uso en dirección similar, pero con un adelantamiento en la evolución, ya que es posible verificar el aumento de la frecuencia del PPC indicando relevancia presente, además de la presencia de un dato perfectivo, el cual representa la última etapa de evolución de esa forma verbal; y
- España: frecuencia expresiva del PPC de relevancia presente (etapa III), indicando resultado persistente, experiencia y hecho reciente.

Cabe aclarar que en menor o mayor medida todas las variedades consideradas por Oliveira (2010) revelan el uso del PPC de relevancia presente – un dominio que abriga diferentes subdominios de sentidos graduales y de límites imprecisos, que, por su polivalencia, parece contribuir al aumento de la frecuencia y la aceleración en el proceso de cambio. Recuperamos de Squartini y Bertinetti (2000, p. 416) las funciones que recubre la relevancia presente:

- contextos inclusivos, que contemplan el momento de habla – *He vivido aquí toda mi vida*;
- noticias recientes (*hot news*) – *Ha llegado el rey*;
- contextos experienciales – *¿Has estado en Australia?*;
- resultados persistentes de una situación pasada – *No, ha muerto*; y
- contextos con adverbios de tiempo que expresan pasado reciente – *Hoy me he despertado a las cuatro de la madrugada*.

Recobrando la baja frecuencia de la forma verbal gramaticalizada en el dominio de la relevancia presente en el corpus de Oliveira (2010) y reconociendo que en el dominio de la relevancia presente coexisten diferentes estratos (*layers*), indagamos cómo enuncian los periódicos hispanoamericanos situaciones pasadas vinculadas a la pandemia mundial cuyo resultado persiste o incide sobre el presente. Al tomar en cuenta los resultados de Oliveira (2010), se conjetura: (i) que las variedades aquí consideradas se comportarán distintamente, posiblemente con mayor frecuencia del PPC en el periódico peninsular en comparación con los periódicos hispanoamericanos; y (ii) que en estos últimos se identificarán más estratos en el dominio de la relevancia presente.

Direccionamos, así, el foco del lente del dominio funcional sobre la relevancia presente, la que recubre los subdominios de contexto inclusivo, de noticias recientes (en la cual contemplamos las de contextos adverbiales), de experiencia y de resultados persistentes de una situación pasada; aquí estrechamos el foco sobre el subdominio de la relevancia presente de resultado persistente (RPrp). En el análisis de los datos a continuación, buscamos: (i) demostrar la compleja tarea de recortar el objeto, es decir, el (sub)dominio funcional; (ii) presentar las construcciones que funcionan como estratos en el dominio de la relevancia presente; y (iii) señalar algunas tendencias en el corpus considerado.

3. La relevancia presente en tiempo de pandemia: el fenómeno en las noticias

Antes de pasar a la consideración de los datos, juzgamos conveniente mencionar algunos cuidados metodológicos llevados a cabo en esta investigación, los cuales empiezan a partir de una discusión informal entre los autores del presente texto. El dato que copiamos abajo no nos ha pasado inadvertido y, como investigadores del tiempo verbal, profesoras y traductores, hemos emprendido algunas discusiones y hemos retomado lecturas para la elaboración del corpus y el análisis.

Imagen 1 – Publicación en la red social Twitter



Adolfo Sánchez Cuadrado
@SanchezC_Adolfo

"La pandemia de coronavirus mató a más de 30.000 personas en Europa" (AFP, 01-04-2020).

Un claro ejemplo del efecto del pretérito indefinido desde la perspectiva peninsular. Me ha emocionado el titular, parecía que esta pesadilla ya había terminado.

[Traduzir Tweet](#)

7:41 AM · 1 de abr de 2020 · [Twitter Web App](#)

Fuente: Sánchez Cuadrado (2020).

En este tuit, el usuario manifiesta la primera interpretación que le acciona el pretérito indefinido (al que nos referimos como pretérito perfecto simple). Para el hablante del español europeo, la forma *mató* expresa una situación pasada y acabada (perfectiva, en términos aspectuales) que “no” corresponde(ría) al escenario real de una pandemia cuyos efectos persisten en el presente de la enunciación. La reflexión epilingüística del usuario nos hace suponer que, para un hablante de la variedad peninsular, el PPS es una forma verbal marcada¹⁵ en el contexto de relevancia presente de resultado persistente, que le exige del hablante más tiempo de procesamiento de la información.

No obstante, es importante reconocer que, desde la perspectiva funcionalista, se considera la interpretación de forma marcada o no marcada a partir del contexto, cuya explicación debe partir de factores biológicos, cognitivos, socioculturales y comunicativos (GIVÓN, 1995). Para el presente estudio, hemos considerado una muestra bastante específica, que se constituye a partir del género textual *noticia* publicado virtualmente. En los pasos de Oliveira (2007; 2010), se mantiene el criterio de la coincidencia temporal del evento y de la publicación (en nuestro caso, la semana entre el 9 y el 17 marzo de 2020, momento en que se declara la pandemia de la COVID-19), así como de la coincidencia temática (los efectos de la pandemia)¹⁶. Desde nuestra lectura, consideramos que esa delimitación es bastante favorable al empleo de diferentes construcciones que expresan el resultado persistente de una situación pasada, construcciones que por el contexto considerado no exigen del lector mucho esfuerzo cognitivo en la interpretación de la función que las formas vehiculan. Para ejemplificar, observemos los datos a continuación que guardan cierta relación con el enunciado del tuit:

- (1) La OMS *declara* pandemia por el nuevo coronavirus (Co/Declaración

OMS/11 marz.).

- (2) 15 casos, de los que solo ocho se *han detectado* en Wuhan y seis son importados de otros países. Además, *han fallecido* 11 personas (Es/China supera pico/12 marz.).

En (1) se encuentra el titular del periódico *El Tiempo* de Colombia, relacionado al contexto del anuncio realizado por la OMS el 11 de marzo de 2020. En este caso la forma que vehicula el significado que nos interesa es el tiempo presente. Esta elección se justifica por tratarse del registro de un hecho actual en el momento de la enunciación, que además es de interés público y trascendental, razones por las cuales el periodista debe buscar formas verbales que amparen el hecho como un evento reciente (VAN DIJK, 1990).

En (2) dato encontrado en el periódico *El País* de España, aparece la construcción del PPC expresando el significado de la relevancia presente al referirse (i) a la cantidad de casos detectados en Wuhan hasta el momento de la enunciación y (ii) al número de muertes registradas. El pretérito perfecto compuesto cumple una función bastante vinculada al género periodístico de la noticia, buscando mantener actuales los acontecimientos comunicados, principalmente cuando se trata de sucesos que pueden repetirse o que tienen potencial de llegar a tener un gran impacto a corto o mediano plazo.

Como evidencian los datos anteriores, diferentes estratos pueden configurarse en el subdominio de la relevancia presente con resultado persistente – el perfecto simple, el presente y el perfecto compuesto, como los que aquí se ilustran. Se señalaba anteriormente en este texto que el resultado persistente es uno de los subdominios de la relevancia presente, cuya semántica no es tan fácilmente interpretada, puesto que los límites entre las funciones ni siempre están al alcance del analista. Desde la perspectiva funcionalista, el continuo entre una función y otra es característica común en las formas polivalentes, puesto que la gramática, siempre emergente, prevé cambios graduales cuyos límites entre los distintos valores es siempre difícil determinar con precisión (HOPPER, 1998; GÖRSKI, 2017).

Para ejemplificar lo anterior, tomaremos algunos datos presentes en el corpus constituido:

- (3) Wall Street tuvo suspendidas sus operaciones (Ar/Lunes negro/9 marz.).
- (4) El incierto impacto económico del coronavirus continúa afectando a los mercados (Ar/Lunes negro/9 marz.).

- (5) Los mercados se están poniendo en el escenario más negativo (Es/Lunes negro/9 marz.).
- (6) Shanghái, la capital económica china, ha comenzado a reabrir parcialmente algunos de sus lugares turísticos más emblemáticos (Es/China supera pico/12 marz.).
- (7) Horas antes, las Bolsas europeas habían abierto en la mañana de este lunes (siguiendo la tendencia de las asiáticas) con una fuerte caída, la mayor para los mercados del Viejo Continente desde el 24 de junio de 2016, día posterior al referéndum del Brexit. Y terminaron con fuertes pérdidas (Ar/Lunes negro/9 marz.).
- (8) En lo que va de año las grandes bolsas europeas *han perdido* entre el 18 y el 20% (Ar/Lunes negro/9 marz.).

Desde nuestra lectura, a primera vista el conjunto de datos anterior parece guardar relación con el resultado o demarcar relevancia presente. Sin embargo, solamente los dos últimos, codificados en PPS y en PPC, hacen suponer la relevancia presente de resultado persistente. En (3) la perífrasis de aspecto perfectivo señala el resultado de una situación pasada sin guardar relación con el presente. Si retomamos los puntos establecidos por el análisis lógico de Reichenbach (1960), la construcción formada por el auxiliar *tener* (*tuvo*) y el participio flexionado (*suspendidas*) representan un único evento (E) que coincide con una referencia pasada, cuya fórmula sería E,R – S.

En (4) se encuentra una construcción perifrástica aspectual con un valor de duración reforzado por la semántica del verbo *continuar* acompañado de una forma en gerundio (*afectando*). Aunque comprenda el presente de la enunciación, la función es codificar la continuidad de la situación y no su resultado. Si la consideramos como un evento que se extiende del pasado hasta el presente, podríamos pensar en la fórmula EEE,R,S, la que explicita la imperfectividad de la situación.

En el dato en (5) la perífrasis *estar* + gerundio indica un cambio continuativo de estado, cuyos efectos (de una situación que empieza en el pasado) se sienten en el presente. Sin embargo, descartamos la interpretación de la subfunción que nos interesa justamente por la aspectualidad imperfectiva que guarda la perífrasis en discusión.

En una primera lectura vislumbramos en la construcción perifrástica *ha comenzado a reabrir*, dato en (6), el rasgo de relevancia presente de la situación expresada por el pre-

dicado. Sin embargo, no nos parece tratarse de la aspectualidad de resultado persistente, sino de un tiempo interno que marca el inicio de un evento – la aspectualidad inceptiva, por lo tanto.

Ampliamos el contexto en (7) puesto que la interpretación aspectual de una situación exige una lectura más allá de los límites morfológicos. El verbo télico *terminar* indica que, de la caída de las Bolsas europeas en la mañana del lunes en que se publica la noticia, resultan las fuertes pérdidas, es decir, se trata del resultado persistente de una situación pasada, cuya fórmula reichenbachiana podría ser E – R,S. Es importante aclarar que la interpretación funcional del evento se da en el contexto, puesto que la fórmula *default* del PPS sería E, R – S, según nos muestra el cuadro 1.

En (8) se alcanza la interpretación de resultado persistente de una situación pasada a partir de la telicidad del verbo *perder* acompañado de un complemento definido (*el 18 y el 20%*) y de la conjugación en el pretérito perfecto compuesto, forma que a lo largo de su trayectoria de gramaticalización pasa a indicar la subfunción que aquí debatimos. Se trata de un evento pasado cuyos efectos/resultados se sienten en el presente; la fórmula temporal/aspectual es, por lo tanto, la de la subfunción que nos interesa en este estudio: E – R,S.

Por otro lado, ciertos datos, por el conjunto de elementos del contexto (semántica del verbo, tipo de complementos y de modificadores adverbiales, por ejemplo), delimitan con más claridad la función que al analista le interesa analizar (y cuantificar, cuando conveniente). Siguiendo nuestros propósitos, los datos de 9 a 16 ilustran lo que interpretamos como estratos que compiten en la función de RP de resultado persistente:

9. Desde que apareció el nuevo coronavirus en diciembre, se *registraron* en torno a 110.000 casos en 99 países y territorios (Ar/Lunes negro/9 marz.).
10. Los mercados *entran* en pánico por la guerra del petróleo y el coronavirus (Es/Lunes negro/9 marz.).
11. Coronavirus en España: el gobierno *endurece* las medidas de aislamiento y *prohíbe* los vuelos a Italia (Ar/Suspensión de vuelos/10 marz.).
12. “La epidemia *contaminó* la atmósfera de los mercados. Con las bolsas europeas y estadounidenses cayendo y el hundimiento del precio del petróleo, la epidemia es un catalizador” (Pe/Lunes negro/9 marz.).
13. El coronavirus, según expertos, *contaminó* ‘atmósfera de los mercados’ (Co/

Lunes negro/9 marz).

14. El Gobierno también *ha suspendido* los viajes del Imsero para mayores durante un mes para evitar contagios a grupos de riesgo (Es/Suspensión de vuelos/10 marz).
15. Gobierno *prohibió* los vuelos con Italia. Madrid *suspendió* clases por los próximos 15 días (Co/Suspensión de vuelos/10 marz.).
16. La Casa Blanca *dio a conocer* los resultados de la prueba (Pe/Trump negativo/14 marz.).

El dato en (9) aparece en un contexto que juzgamos de fácil interpretación de la función que nos interesa, puesto que los *registros de casos* es el resultado de una situación que se inicia en el pasado pero guarda relación con el presente, explícitamente codificada por el marcador temporal *desde que*.

Según el cuadro 1 el tiempo presente es por definición una forma absoluta, en que los tres puntos (E, R y S) coinciden en la línea temporal. Sin embargo, en el género noticia el empleo del presente de indicativo es una estrategia para que se sustente la actualidad de los sucesos. Desde ahí, parece apropiado remplazar la fórmula *default* S, R, E a una fórmula más fiel a la función que los verbos en presente (*entran, endurece y prohíbe*) representan en los contextos reales recortados en (10) y (11): E – R,S.

Se observa en (12) y (13) que los periódicos de Perú y Colombia coinciden¹⁷ en la elección de la forma que codifica el resultado persistente de una situación pasada – los efectos de la pandemia sobre el mercado económico, más precisamente. El verbo *contaminar* es un tipo de predicado que denota el sentido resultativo; además, la temática central de la pandemia y la naturaleza del género textual intensifican la interpretación del perfecto simple en estos casos como estrato de la RPrp.

¹⁷ Es importante recordar que en los medios de comunicación la sección que trasmite las noticias internacionales funciona a través de dos formas: (i) con corresponsales en las principales ciudades del mundo (seleccionadas estratégicamente); y (ii) replicando las noticias que llegan por agencias internacionales como EFE y AFP. Esto significa que muchas de las noticias encontradas en diversos diarios replican las noticias que a ellos llegan a través de estas agencias periodísticas. Este hecho lo pudimos verificar en los diarios de Argentina y Perú al publicar la noticia sobre la superación del pico de contagio en China. En las noticias podemos encontrar fragmentos que son prácticamente iguales, pero que adaptan algunos elementos del texto, entre ellos las formas verbales, al uso del país, tal y como lo podemos observar en los siguientes datos: “El pico de transmisiones del nuevo coronavirus en China *llegó* a su fin, anunció este jueves la Comisión Nacional de Salud del país asiático durante una rueda de prensa en Beijing” (Ar/China supera pico/12 marz.) y “El pico de transmisiones de COVID-19 en China *ha llegado* a su fin, anunció este jueves un portavoz de la Comisión Nacional de Salud del país asiático durante una rueda de prensa en Beijing” (Pe/China supera pico/12 marz.).

El contexto ilustrado en (14) y (15) es bastante frecuente en el tipo de corpus que hemos considerado. Desde que ha sido declarada la pandemia, diversos periódicos vehiculan noticias sobre las diferentes medidas y decisiones de los gobiernos, las que *per se* indican los resultados presentes de un hecho pasado. *Suspender* y *prohibir*, verbos conjugados en el pretérito perfecto simple en nuestros recortes, son situaciones pasadas que guardan relación con el presente o, mejor dicho, que siguen impactando el momento de la enunciación.

En (16) se destaca lo que tratamos como locuciones verbales, en este caso construida a partir del verbo *dar* + preposición + infinitivo. En una línea temporal imaginaria, *dio a conocer* (*es conocido*, por lo tanto) se refiere a un evento que se localiza a la izquierda del momento del habla, el cual sirve como punto de referencia en la codificación de la relevancia presente.

El conjunto de datos anterior sostiene la variación en el subdominio de la RP de resultado persistente, una función característica del género *noticia* especialmente cuando está en referencia a un hecho de impacto expresivo sobre el presente, como es el caso de la pandemia. En el recorte que aquí se ha considerado, es decir, en la muestra de las cinco noticias publicadas por periódicos de Argentina, Colombia, España y Perú, la frecuencia de uso de los diferentes estratos identificados es la que se presenta en la tabla 1 a continuación.

Tabla 1 –Estratos contemplados en el subdominio de la RPrp

Estratos	Países			
	Argentina	Colombia	España	Perú
PPS	9 (47,3%)	6 (50%)	0	3 (15%)
PPC ¹⁸	4 (21,1%)	0	21 (87,5%)	15 (75%)
Presente	3 (15,8%)	5 (41,7%)	1 (4,2%)	1 (5%)
Locuciones verbales	3 (15,8%)	1 (8,3%)	2 (8,3%)	1 (5%)

¹⁸ Cabe aclarar que en este cuantitativo se consideran, obviamente, solamente los datos de RPrp. En el corpus esa forma verbal se presenta con otros valores, como: experiencial–“Ya *hemos pasado* lo peor” (Es/ China supera pico/12 marz.) y operador aspectual – “*He estado* en contacto diariamente con el Centro de Control de Enfermedades” (Pe/China supera pico/12 marz.). La multifuncionalidad del PPC, sin embargo, no es un tema al que aquí se pone atención.

Total	19 (100%)	12 ¹⁹ (100%)	24 (100%)	20 (100%)
-------	--------------	----------------------------	--------------	--------------

Fuente: Elaboración propia.

El análisis preliminar de esta etapa de constitución del corpus indica mayor porcentaje del pretérito perfecto simple en el subdominio de la relevancia presente de resultado persistente en Colombia (50%) y en Argentina (47,3%); en España y Perú ocupa esta función mayoritariamente el pretérito perfecto compuesto (87,5% y 75%, respectivamente).

Específicamente sobre el resultado de Perú, es interesante destacar que entre las cuatro muestras se trata de la más reducida en términos de cantidad de palabras (1326) – con menos de la mitad si se compara con la de España/3583 y la de Argentina/3226, teniendo en cuenta el conjunto de las cuatro noticias coincidentes en los contextos geográficos considerados. Ante esa realidad el número absoluto de frecuencia del PPC en la muestra peruana merece aquí nuestro relieve. Explicitando mejor, lo que aquí se busca argumentar es que, si comparamos los estratos verificados en el diario hispanoamericano de Argentina, los 19 datos se distribuyen en todos ellos (**PPS/9**, **PPC/4**, **Presente/3** y **Locuciones verbales/3**), con mayor frecuencia de uso del perfecto simple, como se puede observar. En Perú, la RPrp está codificada por las mismas construcciones, pero con una frecuencia expresivamente superior del perfecto compuesto (**PPS/3**, **PPC/15**, **Presente/1** y **Locuciones verbales/1**).

Es posible interpretar este resultado como un argumento a favor del avance en el proceso de gramaticalización del PPC tanto en Perú como en España, contextos en que la forma verbal alcanza la etapa III en su proceso de cambio, de acuerdo con la discusión de Harris (1982) y Oliveira (2010) presentadas en la sección 2.3. También es importante recordar que Oliveira (2010) encuentra en la escritura periodística de Madrid y Lima mayor frecuencia del PPC de relevancia presente (etapa III), comparada a la escritura de otras cinco capitales hispánicas en que el PPC continuativo (etapa II) es más frecuente.

En la tabla 1 interesa además destacar el número equilibrado de ocurrencias en presente de indicativo y en locuciones verbales en Argentina (15,8%) y el uso productivo del presente en Colombia (41,7%); en esta variedad, la frecuencia de locuciones verbales es del 8,3%, solamente un dato. La frecuencia de estas construcciones en España y Perú es

¹⁹ Es importante aclarar que la discrepancia en el total de frecuencia de los datos interpretados como RPrp no sucede de la diferencia funcional de las construcciones, sino de la extensión de las noticias. Si tan solo tomamos en cuenta las cuatro noticias que coinciden en los cuatro diarios considerados, la muestra de *El País* de España cuenta con una extensión de 3583 palabras; mientras que, en el caso de *El Tiempo* de Colombia, el número se reduce a 2447. Recordamos que la noticia sobre la superación del pico de contagio de COVID-19 en China no fue publicada por este último diario.

poco expresiva. Desde ahí, se infiere que al proceso más lento de gramaticalización del PPC se relaciona a la existencia de diferentes recursos para expresar la RP de resultado persistente – una vez restringido el uso del PPC en esta función, otras formas son accionadas por el hablante.

4. Consideraciones finales

La lingüística popular practicada en las redes sociales ha despertado en los lingüistas y los interesados en fenómenos del lenguaje importantes formulaciones sobre los usos emergentes, la variación y los valores que oscilan según el contexto geográfico o sociocultural. En un momento en que el mundo comparte el interés por la misma información, las noticias sobre un mismo hecho parecen acelerarse y de ahí resultan interesantes datos y reflexiones sobre la lengua, como la ilusión manifiesta en el tuit presentado en la imagen 1, sección 3.

En un contexto de pandemia, el efecto que le provoca a un hablante de la variedad peninsular el pretérito indefinido – que en este texto se denomina pretérito perfecto simple (PPS) – es el punto inicial de la investigación que aquí recortamos, que parte del interés en averiguar cómo enuncian los periódicos hispanoamericanos situaciones pasadas vinculadas a la pandemia mundial cuyo resultado persiste o incide sobre el presente. Como secuencia a caminos recorridos anteriormente (OLIVEIRA, 2007; 2009; 2010), se elabora un corpus que juzgamos oportuno para el estudio de la relevancia presente de resultado persistente, un subdominio situado en el macrodominio de la anterioridad. El corpus se constituye de noticias de repercusión mundial, relacionadas al tema de la pandemia de la COVID-19, publicadas en diferentes periódicos hispánicos. Con base en el cuestionamiento recuperado unas líneas arriba, conjeturamos: (i) que las variedades consideradas se comportarían de manera distinta, posiblemente con mayor frecuencia del PPC en el periódico peninsular en comparación con los periódicos hispanoamericanos; y (ii) que en estos últimos se identificarían más estratos en el dominio de la relevancia presente. En el análisis preliminar, se confirma la primera hipótesis y se confirma parcialmente la segunda. Las noticias de Argentina y Colombia se equiparan en lo que concierne a la preferencia por el perfecto simple en la codificación de la relevancia presente de resultado persistente. El perfecto compuesto es la forma predominante en España, pero también en Perú, en este subdominio. En las variedades en que el PPC avanza más lentamente en el proceso de gramaticalización (OLIVEIRA, 2010), como la de Argentina, se constatan diferentes formas que compiten por el mismo trabajo – el de expresar la RPrp (formas del pretérito perfecto simple, del pretérito perfecto compuesto, del presente y locuciones

verbales). Colombia es el país con mayor frecuencia de uso del presente de indicativo en el subdominio que nos interesa.

Además de discutir estos resultados preliminares, buscamos ilustrar la compleja tarea de recortar el objeto, es decir, el (sub)dominio funcional, y también la tarea de identificar los estratos que compiten en esta función.

Finalizando, hemos dado un paso cauteloso a través del recorte de un corpus que, a pesar de reducido, nos ha permitido alcanzar los propósitos delineados. Esperamos que a partir de este estudio menos ambicioso diferentes investigaciones de mayor envergadura puedan corroborar o discrepar los resultados aquí debatidos.

Referencias

- ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1984.
- BELLO, Andrés. *Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana*. Caracas: Ministerio de la Educación, 1972 [1841].
- BELLO, Andrés. Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana. In: *Obra Literaria*. Caracas: Ayacucho, 1979 [1810], p. 415-459.
- BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, nº 82, 2006, p. 711-733.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Traducción de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisión técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editorial Vozes, 1970.
- CAMUS BERGARECHE, Bruno. El perfecto compuesto (y otros tiempos compuestos) en las lenguas románicas: formas y valores. In: CARRASCO GUTIÉRREZ (Ed.). *Tiempos compuestos y formas verbales complejas*. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2008, p. 65-99.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- COSERIU, Eugenio. Norma y habla. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias*. Año VI, n. 9, Montevideo, 1952.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e historia*. Madrid: Gredos, 1973.
- COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977.

COSERIU, Eugenio. Sentido y tareas de la dialectología. *Cuadernos de Lingüística*, n. 8. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos A.; CEZÁRIO, Maria M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Río de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.

FOSSILE, Dieysa Kanyela. Valores aspectuais do português brasileiro e do alemão: uma proposta de síntese. In: MOURA, H., BORGES, M., SANTANA, A. P. (Org.) *Cognição, Léxico e Gramática*. Coleção Linguística. V.1. Florianópolis: Insular, 2012, p. 47-93.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. *La gramática de los complementos temporales*. Madrid: Visor Libros, 2000.

GESSER, Alison Felipe. *Funcionalidad de formas verbales de pasado: análisis lingüístico de una película brasileña traducida al español*. Tesis (Licenciatura). Centro de Comunicación y Expresión. Departamento de Lengua y Literatura Extranjeras. Florianópolis: Universidad Federal de Santa Catarina, 2015.

GESSER, Alison Felipe. *Funcionalidades do pretérito perfeito espanhol em traduções para dublagem: análise de corpus fílmico*. 2018. 326 p. Tesis (Maestría) - Universidad Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicación y Expresión, Programa de Posgrado en Lingüística, Florianópolis, 2018. Disponible en: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PLLG0725-D.pdf>. Consultado: 7 agosto 2020.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *Trajetória de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. 2014. 365 p. Tesis (Doctorado) - Universidad Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicación y Expresión, Programa de Posgrado en Lingüística, Florianópolis, 2014.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. Tense, aspect and modality I: functional organization. In: *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001a, p. 285-335.

GIVÓN, Talmy. The functional approach to language and the typological approach to grammar. In: *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001b, p. 1-42.

GIVÓN, Talmy. *Bio-linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 2002.

GODOY ROA, María Alejandra. *Estudo do tempo e do aspecto no uso de construções fraseológicas do espanhol: um olhar para a frequência com base em corpora*. 2017. 198 p. Tesis (Maestría) - Universidad Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicación y Expresión, Programa de Posgrado en Lingüística, Florianópolis, 2017. Disponible en: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PLLG0680-D.pdf>. Consultado: 7 agosto 2020.

- GÖRSKI, Edair Maria. A questão do continuum na interface variação/gramaticalização. In: MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R.; AMARAL, L. I. C. (Org.). *Estudos da linguagem – VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 2006. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 145-172.
- GÖRSKI, Edair Maria. Emergência de dar pra/de no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica. *Fórum Linguístico*, v.17, n.1, p. 4342-4356, enero/marzo2020.
- GORSKI, Edair Maria; et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: ROCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história I*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 106-122.
- GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, Caicó, v. 15, n. 1/2, p. 75-97, 2013.
- GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Org.) *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017, p.35-63.
- GÖRSKI, Edair Maria; OLIVEIRA, Leandra Cristina de; PIMPÃO, Tatiana Schwochow. Do discurso para a gramática, da gramática para o discurso: uma entrevista com Sebastião Josué Votre. *Working Papers em Linguística*, 21(1): 8-16, Florianópolis, ene./jul. 2020. Disponible en: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2020v21n1p8/43851>. Consultado: 7 agosto 2020.
- HARRIS, Martin. The “past simple” and “present perfect” in Romance. In: VINCENT, N.; HARRIS, M. (Ed.). *Studies in the Romance Verb*. Londres: Croom Helm, 1982, p. 42-70.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Ámsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- HOPPER, Paul. The Paradigm at the End of the Universe. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (Org.) *The limits of grammaticalization*. Ámsterdam: John Benjamins, 1998, p. 147-158.
- LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Traducción de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherrey Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. IX edición corregida y aumentada. Biblioteca Románica Hispánica. III. Manuales, 45. Madrid: Gredos, 1981.
- LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, Great Britain, 1978, p. 171-182.
- LOPE BLANCH, Juan Miguel. *Estudios sobre el español de México*. Ciudad de México:

Universidad Nacional Autónoma de México, 1983, p. 131-143.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. Beyond phonology: analyzing and interpreting higher level variation. In: MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 169-197.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. Florianópolis, 2007. 130 f. Tesis (Maestría) - Universidad Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicación y Expresión, Programa de Posgrado en Lingüística. Disponible en: <http://tede.ufsc.br/teses/PLLG0379.pdf>. Consultado: 7 agosto 2020.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. A atuação das modalidades epistêmicas “pressuposição” e “irrealis” no uso dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto em espanhol. *Working Papers em Linguística*, v. 9, n. 2. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 11-21.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. A noção de regra variável na morfossintaxe: um estudo sobre as formas verbais espanholas “dejó” e “ha dejado”. *Working Papers em Linguística*, v. 10, n. 2. Florianópolis: UFSC, 2009, p. 21-33.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. 270 p. Tesis (Doctorado) - Universidad Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicación y Expresión, Programa de Posgrado en Lingüística, Florianópolis, 2010. Disponible en: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0465-T.pdf>. Consultado: 7 agosto 2020.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. “He vivido” y “tenho vivido”: funciones y trayectorias de cambio del perfecto compuesto español y portugués. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, 2011, p. 60-80. Disponible en: <https://sede.educacion.gob.es/publiventa/detalle.action?cod=15659>. Consultado: 7 agosto 2020.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. A variação diatópica no sistema verbal espanhol. *Working Papers em Linguística*, v. 14, 2013, p. 121-132.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. O multifuncional pretérito perfeito composto espanhol em materiais didáticos. *Calidoscópico*, v. 12, 2014, p. 83-93. Disponible en: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.121.09/4076>. Consultado: 7 agosto 2020.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de; GESSER, Alison Felipe. Funcionalidade de formas verbais de passado: uma interface entre linguística e tradução. In: *XVII Congresso Internacional da ALFAL. Estudos linguísticos e filológicos*. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 2733-2749.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de; GESSER, Alison Felipe. La expresión temporal de pasado en el material de audio de una película brasileña traducida en México. *Verbum et Lingua*, v. 5, 2015, p. 39-56. Disponible: <http://verbumetlingua.cucsh.udg.mx/temas/portuguese>. Consultado: 7 agosto 2020.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de; GODOY ROA, María Alejandra. De la fraseología a

una perspectiva cognitivista centrada en el uso: un debate sobre variabilidad y fijación. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, 2020, p. 331-358.

POPLACK, Shana. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 209-224.

REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan Company, 1960.

ROMANI, Patricia. Tiempos de formación romance I. Los tiempos compuestos. In: COMPANY COMPANY, C. *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: frase verbal, volumen I*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica/Universidad Nacional Autónoma de México: FCE, UNAM, 2006, p. 243-346.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. Río de Janeiro: Melhoramentos, 1964.

SÁNCHEZ CUADRADO, Adolfo. “La pandemia de coronavirus mató a más de...” 1 de abril de 2020. Twitter: @SanchezC_Adolfo. Disponible en: https://twitter.com/SanchezC_Adolfo/status/1245300260659920908. Consultado: 27 julio 2020.

SPITZOVÁ, Eva; BAYEROVÁ, Marcela. Posición del perfecto compuesto en el sistema temporal del verbo en el español de México. *Études Romanes de Brno*, 1987, XVIII(9), p. 37-50.

SQUARTINI, Mario; BERTINETTO, Pier Marco. The simple and compound past in Romance Languages. In: DAHL, Ö. *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlín: Mouton de Gruyter, 2000, p. 385-402.

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *La noticia como discurso*. Ediciones Paidós Ibérica: Barcelona, 1990.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Traducción de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Data de submissão: 08/08/2020

Data de aceite: 07/09/2020



A EXPRESSÃO DO FUTURO DO PRESENTE, A TERCEIRA ONDA VARIACIONISTA, OS GÊNEROS DO DISCURSO E O MUNDO PÓS-COVID-19: ALGUMAS INCURSÕES

THE EXPRESSION OF SIMPLE FUTURE TENSE, THE THIRD VARIATIONIST WAVE, DISCOURSE GENRES AND THE WORLD POST-COVID-19: SOME CONSIDERATIONS

Marcela Langa Lacerda | [Lattes](#) | marcelalanga@yahoo.com.br
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo: Este texto, em homenagem à professora Edair Maria Görski, objetiva resgatar algumas reflexões empreendidas por Bragança (2017) no que tange a implicações teórico-metodológicas decorrentes da centralidade que os gêneros do discurso ganham em alguns trabalhos de *terceira onda variacionista*, fazendo emergir um novo ângulo investigativo para fenômenos variáveis, tais como a expressão do futuro do presente. Por meio de pesquisa bibliográfica, examinam-se (i) parte da literatura sobre esse fenômeno e (ii) parte da literatura da terceira onda variacionista, para ancorar uma breve análise de dois artigos jornalísticos que versam sobre o futuro pós-COVID-19. Os resultados dessa reflexão apontam, como consequências teórico-metodológicas da incorporação de novas perspectivas sobre a variação na terceira onda variacionista, dentre outros aspectos, para: (i) a visão de língua como prática social, sendo a prática discursiva a que recebe mais atenção; (ii) o foco na compreensão da paisagem social das práticas discursivas, por meio do exame da prática estilística; (iii) os gêneros do discurso como o quadro mais produtivo para o exame do estilo linguístico; (iv) o estilo linguístico como uma propriedade do gênero; (v) o linguístico e sua exterioridade como dimensões integradas; (vi) a imprescindibilidade de análise da dimensão social e verbal dos gêneros do discurso, para exame de formas em variação/mudança; (vii) a relação forma-função do fenômeno em tela sendo contraída no âmbito do estilo do gênero e estando a serviço de sua orientação ideológica. Sob esse novo ângulo, muito ainda há o que se investigar sobre a expressão do futuro do presente.

Palavras-chave: Terceira onda variacionista. Gêneros do Discurso. Estilo. Expressão do Futuro do Presente. O mundo pós-COVID-19.

Abstract: This text, written in honor Professor Edair Maria Görski, aims to rescue some reflections undertaken by Bragança (2017) regarding the theoretical and methodological implications arising from the centrality that the discourse genres gain in some works of the *third wave of variation*, giving rise to a new investigative angle for a variable phenomenon, such as the expression of the simple future tense. Through bibliographic research, we examine some literature (i) on this phenomenon and (ii) on the third wave of variation, to anchor a brief analysis of two journalistic articles dealing with the future post-COVID-19. The results of this reflection indicate, as theoretical and methodological consequences of the incorporation of new perspectives on the variation in the third wave of variation: (i) the perspective of the language as a social practice, with discourse practice receiving the most attention; (ii) the focus on understanding the social landscape of the discursive practices, by examining stylistic practice; (iii) the genres of discourse genres as the most productive framework for examining linguistic style; (iv) the linguistic style as a property of genres; (v) the linguistic and its exteriority as integrated dimensions; (vi) the indispensability of analyzing the social and verbal dimension of the discourse genres, so as to examine forms in variation/change; and (vii) the form-function relationship of the phenomenon on screen being contracted within the scope of the genre style serving its ideological orientation. Under this new angle, much remains to be investigated about the expression of the simple future tense.

Keywords: Third wave of variation. Discourse genres. Style. Expression of the simple future tense. The post-COVID-19 world.

Introdução

Em recente tese de doutorado, submeti à comunidade acadêmica *uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de fenômenos em variação/mudança*, orientando-me por reflexões a partir da expressão do futuro do presente (BRAGANÇA, 2017). Para a elaboração dessa proposta, contei com a incansável e precisa orientação da professora Edair Maria Görski, que tem sido, até hoje, minha parceira mais direta na atualização das ideias desenvolvidas naquela época.

Este texto, em homenagem à Eda e que resgata e amplifica algumas reflexões empreendidas na referida tese, objetiva refletir sobre algumas implicações teórico-metodológicas decorrentes da centralidade que os gêneros do discurso ganham em alguns textos

de *terceira onda variacionista*¹, fazendo emergir novos ângulos investigativos para fenômenos variáveis fartamente analisados no português do Brasil (doravante PB), como é o caso da expressão do futuro do presente. Nossa diretriz, nesse contexto de reflexão, é a de que a relação forma/função parece se especificar no âmbito do estilo dos gêneros do discurso, estando essa relação a serviço da produção de sentido, da projeção de um ponto de vista que se assume discursivamente.

Para dar conta dessas reflexões, este texto se organiza do seguinte modo: (i) na primeira seção, circunscrevo a expressão do futuro do presente, caracterizando-a e indicando o viés teórico a partir do qual ela tem sido investigada no cenário brasileiro; (ii) na segunda seção, considero parte da literatura de terceira onda variacionista, a fim de resgatar alguns de seus princípios gerais e de identificar como os gêneros do discurso, considerando a perspectiva bakhtiniana, entram em direto diálogo com interesses dessa fase variacionista; (iii) na terceira seção, por fim, (a) destaco algumas implicações teórico-metodológicas que resultam da incorporação de novas preocupações e perspectivas sobre a variação, em sua terceira fase, a ponto de fazê-la dialogar diretamente com a perspectiva dialógica da linguagem, e (b) ofereço uma breve análise sobre dois artigos jornalísticos que versam sobre o futuro pós-COVID-19, a fim de apurar como a relação forma/função do fenômeno em tela é agenciada no âmbito do estilo do gênero, considerando sua orientação ideológica.

1 A expressão do futuro do presente e o ângulo de investigação em estudos brasileiros

A expressão do futuro do presente (doravante FP) é um fenômeno variável fartamente investigado em muitas línguas mundo afora e também no PB. Os estudos, em geral, realçam a complexidade do fenômeno, derivada, por exemplo, da nomeação que ele recebe, uma vez que FP caracteriza, concomitantemente, (i) *forma verbal*, indiciando a noção de categoria gramaticalmente codificada para expressar tempo, e (ii) *função de referência temporal*, também relacionada a valores aspectuais e modais interconectados. Nesse último caso, o FP pode ser visto como um domínio funcional², que recobre as funções de Tempo, Aspecto e Modalidade, ao que se denomina domínio funcional TAM (GIVÓN, 2001).

¹ A Sociolinguística Variacionista é, atualmente, um campo teórico subdividido em *três diferentes fases* (ECKERT, 2005; 2008; 2012; 2018). Embora essas fases não sejam categoricamente lineares, nem se substituam, “cada uma representa uma maneira de pensar sobre a variação e uma prática metodológica e analítica” (ECKERT, 2005, p. 1). Para mais informações sobre essas três diferentes fases, ver Eckert (2018).

² O conceito de domínio funcional filia-se a uma perceptiva funcionalista de gramática, e emerge no contexto de estudos tipológicos, realizados por Greenberg, na década de 1960, a partir dos quais se verificou que, em diversas línguas, por meio de diferentes recursos gramaticais, codificam-se as mesmas funções, compreendidas, pois, como tendências gerais de uso da língua (FLEISCHMAN, 1982).

Além disso, a expressão do FP é complexa também devido à própria complexidade da categoria gramatical de tempo, que se alicerça – com base na distinção entre *tempo cronológico*, *tempo psicológico* e *tempo gramatical* propriamente dito (COMRIE, 1985) – em três diferentes elementos: o *momento de fala* (o intervalo de tempo de cada oração no ato da comunicação), o *momento de ocorrência das situações*³ referidas (o intervalo de tempo que se atribui ao referente de um verbo) e o *momento de referência* (o intervalo de tempo da contemplação do ato verbal pelo falante que transmite essa perspectiva ao ouvinte) (REICHENBACH, 1947).

Em vista disso, resultam quatro premissas ou aspectos a serem considerados no tratamento desse fenômeno, conforme a seguir.

Em primeiro lugar, o ponto central para a representação temporal é o aqui/agora do sujeito ou o momento de fala, de modo que passado, presente e futuro são tempos naturais porque relacionam, de modo linear, o tempo (das situações) em relação ao momento de fala (MATEUS et al. 1989) Assim, tempo gramatical é (a) categoria relacional ou dêitica, já que relaciona o momento da situação reportada ao momento de fala (FLEISCHMAN, 1982; COMRIE, 1985); (b) propriedade da sentença, já que morfemas verbais temporais representam uma categoria formal da gramática (FLEISCHMAN, 1990); e (c) propriedade da pragmática, por se ancorar em unidades externas à língua, tais como o momento de fala e o sujeito (GIVÓN, 2001).⁴

Em segundo lugar, há tempos, contudo, em que o momento de referência para a localização temporal de uma situação não é momento de fala, mas outras situações projetadas contextualmente (/textualmente), sendo, por isso, considerados tempos anafóricos (COMRIE, 1985).⁵

Em terceiro lugar, há ainda tempos que combinam esses dois tipos de referência temporal: o momento de fala e o momento de referência, evocando uma perspectiva dêitico-anafórica.⁶

³ Acionamos o termo *situação* para fazer referência a eventos, estados, processos etc., a fim de não ser necessário especificar o conteúdo codificado pelo verbo.

⁴ Em um uso como “A nossa família *vai crescer*, estou grávida”, tem-se uma situação cujo ponto de referência é o momento de fala. Esse e outros exemplos apresentados em nota de rodapé são extraídos de Bragança (2017).

⁵ No PB, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo e particípio) constituem casos típicos de tempos anafóricos, uma vez que, nesses casos, o tempo é dado, geralmente, pelo tempo do verbo da oração principal.

⁶ Em um uso como “O governo já avisou que *vai apelar* contra a suspensão e a decisão *terá* de ser tomada no plenário da corte”, tem-se duas situações, em que uma é posterior a outra, ou seja, trata-se de uma sequência de situações ancoradas no momento de fala (dêiticas), embora, para a segunda situação (terá) a ancoragem nesse momento seja indireta, pois também se ancora na situação anterior, sendo, pois, uma referência dêitico-anafórica.

Em quarto lugar, alguns tempos podem indicar duração ou repetição, de modo que uma situação se efetiva num momento, mas não se encerra ao final dele – com isso, nos termos de Reichenbach (1947), formula-se a noção de *presente estendido* para tratar de situações que, embora localizadas no momento de fala, não se limitam a ele, porque podem se associar a uma fração de tempo que veio antes (o passado) ou a uma fração de tempo posterior (o futuro) (CORÔA, 2005); nos termos de Givón (2001), formula-se a noção de mais um tempo (além de presente, passado e futuro), o tempo habitual, com destaque para a função aspectual que se associa à expressão de determinados tempos.

Fleischman (1982) destaca, nesse contexto de discussão, o conceito de *relevância do presente*, segundo o qual, independentemente do tempo cronológico (pode estar distante ou não do momento de fala), o falante estabelece (psicologicamente) uma conexão entre presente e futuro, devido ao fato de a situação futura ser avaliada (pelo falante) como estando relacionada ao estado de coisas do presente. Nesse sentido, o futuro passa a ser visto em termos daquilo que agora constitui o futuro (CORÔA, 2005), representando projeções de estados mentais e emocionais dos sujeitos (FLEISCHMAN, 1982).

Note-se que esse último aspecto convoca fortemente a presença da modalidade na expressão do futuro⁷, e a maneira como o falante avalia as situações futuras em relação ao presente (conectando-as a ele ou apartando-as dele) pode, então, motivar variações quanto à representação da expressão.

Dessas considerações, pode-se explicitar o que estamos considerando, neste texto, *futuro do presente*: situações que se projetam para além do momento de fala e que tomam esse momento (quer direta, quer indiretamente) como ponto de referência. Por essa definição, todas as formas em variação no âmbito desse domínio funcional⁸ expressam, pois, essa função, estando ainda a ela associadas, variavelmente, as noções de aspecto e de modalidade.

Além disso, pode-se concluir que o FP é dêitico-anafórico, de escopo sintático e também pragmático-discursivo. Mais especificamente, pode-se concluir que a expressão do FP está fortemente associada à avaliação ideológica⁹ que os falantes fazem do estado de coisas que conhecem no presente, conectando-se, então, menos aos acontecimentos

⁷ Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), o futuro é menos uma categoria temporal e mais uma categoria de modalidade com importantes implicações temporais.

⁸ Dentre as principais formas que concorrem para a expressão do FP, no PB, destacam-se: (i) a forma canônica ou futuro sintético/futuro simples/futuro do presente (lutarei); (ii) o futuro perifrástico com ir no presente/ ir (presente) + infinitivo (vou lutar); (iii) o futuro simples perifrástico/perifrástico com ir no futuro/ ir (futuro) + infinitivo (irei lutar); (iv) o presente do indicativo/presente futuro/presente (luto); (v) a perífrase com haver de (hei de lutar).

⁹ Acionamos o termo *ideologia* com a acepção de *representação valorada da realidade*.

no mundo propriamente dito, e mais ao modo como representam a potencialidade dos acontecimentos. Com isso, infere-se que a expressão do FP aponta para o mundo construído discursivamente, e não para o mundo real.

Circunscrito o fenômeno, destaca-se que seu escopo investigativo tem se orientado pela compreensão de que se trata de um fenômeno que recruta tanto uma perspectiva variacionista quanto uma funcionalista ou, de modo mais produtivo, uma interface entre essas duas perspectivas, com vistas à compreensão da (certa) instabilidade da relação entre formas e funções que se estabelece na expressão do futuro do presente, já que mudança e variação são movimentos constantes na expressão desse fenômeno.

No PB, por exemplo, estudos sobre esse fenômeno organizam-se justamente em torno dessas abordagens teóricas, a depender do foco do pesquisador.

Do lado variacionista, a base teórico-metodológica acionada mais significativamente tem sido a *primeira fase* variacionista, de orientação laboviana (LABOV, 1978; 1982; 1994; 2001a; 2001b; 2003; 2008 [1972]; 2010; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; dentre outros).

Do lado funcionalista, a base teórico-metodológica tem sido a vertente norte-americana (BYBEE, 2003; 2010; GIVÓN, 2001; 2002; 2005; HEINE, 2002; HOPPER, 1991; 1998; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT, 2010; 2012; 2014; TRAUGOTT; DASHER, 2005, dentre outros).

De modo explícito ou não, há ainda pesquisas que conjugam essas duas abordagens, praticando o que tem sido denominado *sociofuncionalismo* (TAVARES, 2003; GÖRSKI et al., 2003; POPLACK, 2011; TAVARES; GÖRSKI, 2012; VALLE, 2014; TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017, dentre outros).

Sob a ótica, contudo, de uma perspectiva pragmático-discursiva, entendendo o termo “discursivo”, aqui, como correlacionado a aspectos ideológicos – tendo em vista que o fenômeno, em sua complexidade, também evoca questões dessa natureza – quase não se encontram trabalhos.

Mesmo assim, a análise de um conjunto de 16 teses e dissertações (BALEEIRO, 1988; SANTOS 1997; SILVA, 1997; SANTOS, 2000; GIBBON, 2000; NUNES, 2003; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; MALVAR; POPLACK; 2008; FONSECA, 2010; SILVA, 2010; STRONGENSKI, 2010; TESCH, 2011; GIBBON, 2014; VIEIRA, 2014) revela que os gêneros (textuais ou discursivos), justamente uma categoria analítica de natureza pragmático-discursiva, são relevantes para a explicação desse fenômeno.

A despeito disso, nem sempre os gêneros recebem, nesses estudos, tratamento teó-

rico-metodológico aprofundado, o que faz com os pesquisadores os compreendam de diferentes modos:

[...] ora tomando os gêneros como *variável independente* (TESCH, 2011; VIEIRA, 2014; TAVARES, 2020); ora como *elemento organizador de amostras* (OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008); ora como *instância* para estudo da variação (LOBATO, 2009); ora reduzindo-os à tipologia textual (SILVA, 1997; FONSECA, 2010); ora tomando-os, genericamente, como indicativos de modalidade (gêneros orais e gêneros escritos) (MALVAR; POPLACK, 2008; STROGENSKI, 2010); ora acionando-os para discussões teórico-metodológicas (SEVERO, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014; FREITAG, 2014, TAVARES, 2014; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE, 2014; BIAZOLLI, 2016; BRAGANÇA, 2017) (LANGA-LACERDA; GÖRSKI, no prelo; grifos dos autores).

Assim, se resultados de pesquisas apontam para os gêneros como relevantes para a variação na expressão do FP (e para a expressão de outros fenômenos variáveis também) e se há questões teórico-metodológicas a serem consideradas quando se trabalha com essa categoria, há que se admitir (i) que a incorporação de uma perspectiva de gênero no âmbito dos estudos sobre fenômenos em variação/mudança e (ii) que compreensões partilhadas, entre os pesquisadores do campo, sobre o lugar teórico-metodológico que os gêneros devem ocupar, no estudo de fenômenos variáveis, podem contribuir, não apenas para um entendimento mais acurado da expressão do FP e fenômenos similares, mas também para o desenvolvimento do próprio campo variacionista.

Examinando a literatura variacionista e funcionalista, em suas tendências atuais, com intuito de identificar a abordagem de gênero que pudesse ser mais produtiva para o estudo de fenômenos em variação/mudança e considerando, neste texto, apenas os resultados dessa investigação no âmbito da literatura variacionista, identificou-se, implícita e explicitamente, em parte da literatura da terceira onda, a incorporação dos gêneros do discurso, considerando a perceptiva bakhtiniana, para o exame de fenômenos em variação/mudança – o que se considera, neste texto, um achado teórico-metodológico, tendo em vista que o diálogo entre essas abordagens parece reposicionar a relação forma/função para o âmbito das práticas sociais, sendo a prática discursiva a mais profícua para o exame de fenômenos variáveis.

Como se caracteriza a terceira onda variacionista e como ela convoca os gêneros do discurso, segundo a perspectiva bakhtiniana, para o exame de fenômenos em variação/mudança, é o que se apresenta a seguir.

2 A noção de gêneros do discurso na literatura variacionista: um achado teórico-metodológico

Nesta seção, retomam-se alguns princípios de abordagens de terceira onda variacionista¹⁰, a fim de apresentar como a incorporação de novas preocupações e de novas perspectivas sobre a variação, nessa fase, culminam por convocar, segundo uma certa ótica, uma perspectiva discursiva de linguagem, via pela qual os gêneros do discurso, considerando o ângulo bakhtiniano, tendem a ganhar centralidade teórico-metodológica na investigação de fenômenos variáveis. O resgate aqui é, portanto, de ponderações feitas no âmbito do próprio campo variacionista, não sendo de interesse deste texto acionar o campo bakhtiniano para mais explicações.

Na recente obra intitulada *Novos Caminhos da Linguística*, Mendes (2017) põe em evidência “A terceira onda da sociolinguística”, expressão que, cunhada por Eckert (2005), enfatiza três diferentes orientações epistemológicas no âmbito dos estudos variacionista. Importante dizer que, embora elas não estejam rigorosamente ordenadas historicamente e nenhuma substitua a outra, essas três diferentes fases da abordagem representam distintos modos de pensar a variação, considerando que “[n]o movimento da primeira para a terceira onda de estudos de variação, toda visão da relação entre linguagem e sociedade foi modificada [...] com consequências potencialmente importantes para a teoria linguística em geral” (ECKERT, 2012, p. 97-98)¹¹.

Mesmo sendo constituída por um heterogêneo grupo de pesquisadores, voltados a diferentes interesses, os estudos de terceira onda (doravante, ETO) parecem compartilhar um conjunto de pressupostos, dentre os quais podemos citar pelo menos quatro que, embora não exclusivos dessa fase, são ressignificados e rearticulados nela, a partir de um enfoque linguístico-antropológico (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016): *estilo*, *ideologia*, *persona* (/identidade) e *discurso*, conforme se apresenta a seguir.

Em primeiro lugar, os ETO têm como um de seus principais axiomas o reconhecimento de que o meio pelo qual os sujeitos se projetam no cenário social é a prática estilística, uma prática que inclui posturas, vestuário, certas atividades de lazer, interesse por certos bens, por certos discursos e também, entre outras coisas, certos usos da língua. Assim, estilo, de modo geral, é visto como um fenômeno distintivo, porque um se constitui em relação a outros, e só ganha relevo dentro de um quadro social em que diferentes estilos estão em relação.

Em segundo lugar, essa fase variacionista admite que as relações entre diferentes estilos são ideologicamente mediadas; mais que isso, admite que a ideologia é o centro da

prática estilística¹² (ECKERT, 2008), sendo essa última, pois, o resultado de uma interpretação do mundo social, de um posicionamento do sujeito (o estilizador) em relação a esse mundo (ECKERT, 2008) pelo seguinte motivo: incorporada à compreensão dos sujeitos quanto ao mundo social está a avaliação que eles fazem dele; e, como a compreensão (avaliada) do mundo é sempre feita a partir de um determinado ponto, ou seja, é sempre localizada, não pode ser universal nem previsível, mas deve ser vista como culturalmente variável. Daí os ETO assumirem uma visão estética de estilo, uma vez que sistemas estéticos se caracterizam justamente por serem culturalmente variáveis e motivados por princípios localmente relevantes, geradores de certas consistências (IRVINE, 2001). Essas considerações culminam numa visão de língua como *prática social*¹³ (ECKERT, 2008), como prática estilística, constituída localmente. Nessa fase, então, variação linguística é assumida como variação (sempre) estilística (TAGLIAMONTE, 2012).

Correlacionando estilo e ideologia, para Eckert (2008), em síntese, como estilos evocam, na verdade, modos localizados de ser, o ponto de partida para o agenciamento de formas linguísticas que coocorrem em uma prática estilística passa a ser visto como sendo o conteúdo ideológico que orienta os sujeitos (naquela prática). Pela forte presença do aspecto ideológico na epistemologia dos ETO, Coupland (2007), por exemplo, observa que a “sociolinguística está cada vez mais bem posicionada para se envolver com debates ideológicos da teoria social” (COUPLAND, 2007, p. 86).¹⁴

Por esse motivo, em terceiro lugar, variação linguística – e todo uso linguístico – é visto como reflexo de identidades, de *personas*, de posturas que os sujeitos assumem em cada prática social (ECKERT, 2012), o que culmina por convocar, para a fase, (i) uma concepção agentiva de sujeito, uma vez que se presume que, no espaço social, os falantes precisam negociar suas posições dentro de um sistema de possibilidades: “um agente estilístico se apropria de recursos de um cenário sociolinguístico amplo e recombina-os para criar um estilo distintivo”¹⁵ (ECKERT, 2018, p. 118); e (ii) uma concepção dinâmica de identidade, porque essa passa a ser vista como um constante processo de construção, configurada em práticas sociais específicas, de modo a haver muitas facetas para uma mesma identidade.¹⁶

¹² Para Ervin-Tripp (2001), as ideologias organizam o cenário sociolinguístico porque afetam a própria probabilidade de contato ou de motivação para falar com o outro.

¹³ Por isso, neste texto, tomamos o termo *prática social* como alternativo ao termo *prática discursiva*.

¹⁴ “[...] sociolinguistics is increasingly well positioned to engage with ideological debates in social theory”.

¹⁵ “a stylistic agent appropriates resources from a broad sociolinguistic landscape, recombining them to make a distinctive style”.

¹⁶ Cf. Schilling (2013) o estudo de Barrett (1995) com *drag queens*, que conclui que há muitos modos de se ser *drag queen*.

Eckert (2008), por exemplo, afirma que a melhor maneira de se investigar os significados sociais das variáveis é por meio da *persona estilística*, uma identidade que o indivíduo (re)constrói e projeta, em termos de “senso de lugar no mundo social” (ECKERT, 2005, p. 17)¹⁷ e em decorrência da dinâmica de interesses sociais.

Isso não significa, contudo, perder de vista que estilo linguístico, ao mesmo tempo em que é um processo criativo (porque fundado na agentividade do sujeito, não sendo, portanto, determinado por estruturas pré-definidas) é também histórico-cultural, uma vez que os princípios (ideológicos) que o regem fazem com que as distinções estilísticas sejam coerentes e identificáveis por grupos sociais – justamente por serem assim é que podem integrar a compreensão social dos falantes. Para Coupland (2007, p. 52), “a despeito do poder construtivo da prática, estrutura social e significados socialmente estruturados para variação linguística não desapareceram.”¹⁸

A própria prática estilística, resumidamente, é vista como um processo em constante (re)configuração e que indicia muitos aspectos concomitantemente (cf. ZHANG, 2005). Por conjugar aspectos pragmáticos e histórico-culturais é que se compreende, neste texto, que os ETO assumem um ângulo pragmático-discursivo, para o exame de fenômenos variáveis. Os recursos linguísticos de uma prática estilística, nesse contexto, passam a ser vistos, então, como índices de personas (lidas também como posturas ideológicas), podendo ser, no âmbito de práticas específicas, (re)combinadas e (re)interpretadas.

Com foco na dimensão ideológica da linguagem, iniciada em *personas* estilísticas, portanto, em quarto lugar, o *locus* de análise, em alguns ETO, desloca-se para a prática discursiva (BAUMAN, 2001; COUPLAND, 2001; 2007), a fim de se observar as estratégias de representação dos falantes em relação a um lugar (social) no mundo. Considerando que o impacto das características linguísticas depende, então, do quadro discursivo sob o qual elas se encontram, porque esse último é que orientaria o trabalho (agentivo) dos sujeitos de estilização e que conferiria relevância aos usos linguísticos, Coupland (2007) destaca o enquadramento de gêneros¹⁹ como o enquadramento discursivo por meio do qual identidades socioculturais (/historicizadas) podem ser reforçadas ou refutadas, uma vez que os gêneros evocam contextos sociais específicos.

Por todas essas premissas, Coupland (2007) conclui que a abordagem variacionista deve se engajar em um quadro teórico discursivo, a fim de explicar a qualidade da interação social, uma vez que essa é que explicaria o agenciamento de recursos linguísticos. E, dentre tantos quadros teóricos dessa natureza, Bakhtin é considerado o arauto da

sociolinguística moderna (BELL, 2001), o arauto, talvez, da terceira onda variacionista. Grande parte dessa literatura, com foco na variação estilística (ZHANG, 2005; 2008; COUPLAND, 2001; 2007; IRVINE, 2001; BAUMAN, 2001, dentre outros), dialoga, pois, quer implícita quer explicitamente, com concepções da abordagem bakhtiniana²⁰.

A título de exemplificação, na obra *Style and Sociolinguistic Variation*, organizada por Eckert e Rickford (2001), Bauman (2001) investiga a relação entre formas, funções e variação a partir do exame de gêneros típicos de um mercado público mexicano, e preconiza que:

- i) os gêneros do discurso são o quadro para a compreensão da prática estilística, uma vez que eles funcionam como ordenadores do estilo, na medida em que constituem uma constelação de características coocorrentes, sistematicamente relacionadas e que contrastam com outras constelações; assim, os gêneros funcionam como uma estrutura orientadora para a produção e percepção de discursos: um gênero é um estilo de discurso, e o estilo linguístico é do gênero;
- ii) os gêneros não fornecem, contudo, meios para produção e recepção de discursos de modo acabado, porque fatores diversos²¹ sempre estão implicados na prática discursiva e são variavelmente mobilizados, o que faz com que elementos emergentes sempre participem do processo discursivo, abrindo caminho para a possibilidade de reconfiguração do gênero (e de seu estilo); assim, tal como os gêneros, o estilo de gênero também deve ser visto como flexível e plástico, estando nisso evocado o princípio de que são (os gêneros e os estilos de gêneros) fenômenos evênticos/singulares – muito embora alguns aspectos dos gêneros sejam mais salientes e, por isso, sejam recorrentemente mobilizados, o que maximiza a inteligibilidade dos discursos (ou minimiza a lacuna entre o convencional e emergente nos gêneros), resultando em determinadas rotinas ou associações entre atividade social e prática linguística – estando nisso evocado o princípio de que os gêneros e os estilos de gêneros são também fenômenos regulares;
- iii) o exame da prática comunicativa – e da variação linguística – por meio dos gêneros faculta a observação de elementos indexicais diversos, uma vez que os gêneros indiciam outros textos, situações, tipos (sociais) de falantes, função comunicativa etc., sempre implicados, de modo, mais ou menos, proeminente. Por esse último aspecto, inclusive, a terceira fase variacionista tem convocado análises multidimensionais (RICKFORD, 2001; TAGLIAMONTE, 2012), com foco especialmente em análises qualitativas.

²⁰ Para uma visão mais acurada de pontos de contato entre os ETO e os estudos bakhtinianos (cf. BRAGANÇA, 2017).

²¹ Dentre eles, nos termos da abordagem bakhtiniana: conjuntura socioeconômica, as esferas sociais e suas condições típicas de enunciação, o aspecto temático típico e o auditório de cada gênero, outros enunciados com os quais se está em relação dialógica, o aspecto expressivo de cada gênero, a organização estilístico-composicional, a relação entre os participantes da interação, a modalidade de língua ou mídia envolvida, o tempo e lugar histórico da interação etc.

Como esses redirecionamentos teórico-metodológicos, no âmbito dos ETO, impactam o estudo de fenômenos variáveis, em geral, e podem lançar luz sobre novos aspectos do funcionamento da expressão do FP e de fenômenos similares é o que se apresenta a seguir.

3 O achado teórico-metodológico e o fenômeno em tela

Nesta seção, sinalizam-se para algumas implicações teórico-metodológicas que resultam da incorporação de novas preocupações e de novas perspectivas sobre a variação, no âmbito dos ETO, a ponto de conduzir o campo a um diálogo com os escritos bakhtinianos. A seguir, apresentam-se, nesta ordem: (i) implicações teóricas, (ii) implicações metodológicas e (iii) uma breve análise sobre a expressão do FP, a fim de ilustrar as reflexões anteriores.

Em termos teóricos, pode-se identificar, como decorrentes do redimensionamento conceitual pelo qual a Sociolinguística Variacionista passa, uma série de consequências para a compreensão da própria natureza da linguagem (ECKERT, 2016), tomada agora como um fenômeno estilístico, distintivo e que tem como elemento regente, considerando sua produção e recepção, o aspecto ideológico, constitutivo da própria orientação para (/compreensão da) realidade.

Dentre essas consequências, em primeiro lugar, tem-se uma nova concepção de linguagem²², tomada como um fenômeno culturalmente localizado ou, em outros termos, em uma prática social, uma prática estilística de representação da realidade, sob uma determinada ótica.

Com isso, em segundo lugar, o foco de alguns ETO passa a ser a compreensão da paisagem social, por meio da prática linguística/estilística, sendo a variação um dos elementos (um elemento fundamental) que integra um conjunto de recursos coocorrentes para/na projeção de uma identidade, de uma *persona*, em uma determinada prática da paisagem social.

Em terceiro lugar, o quadro produtivo para exame do estilo linguístico passa a ser, em alguns ETO, o quadro discursivo (/ideológico), corporificado no enquadramento de gêneros, sendo esses uma unidade ao mesmo tempo (i) sensível a todos os aspectos da interação social, considerando sua dimensão verbal e social – por isso, uma unidade evêntica e pragmaticamente constituída –, e (ii) relativamente regular, histórico-culturalmente dada aos sujeitos, servindo de baliza para o dizer social – por isso, uma unidade histórico-cultural. Assim, os gêneros do discurso passam a ser vistos, considerando seus aspectos constitutivos e sua face em parte emergente e em parte regular, o ordenador do estilo.

Em quarto lugar, o estilo linguístico, sendo uma propriedade dos gêneros do discurso, é visto, tal como esses últimos, como também flexível, em constante processo de (re)configuração: (i) em parte, criativo, emergente e evêntico, tanto porque é sensível aos aspectos (singulares) de cada interação, quanto porque a cada prática os sujeitos podem (re)configurá-lo de uma dada maneira, a depender do posicionamento ideológico que assumem e da(s) persona(s) que querem projetar; e (ii) em parte, histórico-cultural, relativamente regularizado, uma vez que, para ser identificável, o estilo (social e linguístico) precisa integrar a compreensão social dos falantes.

Note-se que essa compreensão afasta a noção de que a função basta para explicar a forma (IRVINE, 2001), o que estende a relação forma/função para um quadro social mais amplo. Talvez por isso, considerando especificamente a questão da relação entre formas e funções, pesquisadores funcionalistas já chamem a atenção para o fato de que o estudo do estilo não pode desconsiderar a multifuncionalidade dos recursos linguísticos, uma vez que, ao assumirem diferentes funções, em decorrência de motivações pragmáticas e interacionais, e a fim de garantir efeitos de sentido que vão sempre além de sentidos anteriores, eles (os recursos linguísticos) não são sempre os mesmos (TRAUGOTT, 2001). Diferentes funções de uma mesma forma podem, então, ser vistas também como uma questão estilística.

Com isso, pode-se dizer que a relação entre forma e função, no escopo de alguns ETO, engendra-se no âmbito das práticas sociais que, em relação com outras práticas, demanda tomada de posição dos sujeitos, interpelada pela própria compreensão (avaliada) que eles fazem do mundo e de si. O estilo, assim, sendo, antes, uma forma (discursiva) de estar no mundo, em contraste com outras formas, conquistada no âmbito de cada contexto de interação, é expressão de identidade, essa última reconhecida como sendo construída, concomitantemente, pela/na paisagem social e pelo sujeito – e suas convicções.²³

Em quinto lugar, por fim, o linguístico e sua exterioridade não são mais vistos como dimensões separadas que se conectam em alguma medida, uma vez que a dimensão social da interação passa a ser vista como constitutiva dos usos linguísticos; e, embora uma ampla gama de fatores possa motivar o agenciamento de recursos (e, nisso, a variação estilística), o aspecto ideológico passa a ser o mais fundamental.

Ao admitir esses pressupostos, os ETO parecem se aproximar de “campos ocupados em promover teorização social e [...], por isso, recoloca[m] o estudo da variação estilística dentro de um modelo de práticas e realizações humanas” (BRAGANÇA, 2017,

²³ Indivíduo e sociedade então em relação de mútua constitutividade, na terceira fase variacionista, não havendo relação de determinação de um sobre o outro (ECKERT, 2000).

p. 250).

Em termos metodológicos, essa nova perspectiva parece convocar e/ou desenvolver, dentre outros aspectos:

- i) Análises contrastivas, uma vez que o estilo, sendo um fenômeno distintivo, só se constitui em relação a outros estilos, com os quais se está em relação (dialógica).
- ii) Análise da dimensão social e verbal indiciadas nos gêneros, dada a reconexão teórica entre essas duas dimensões; com isso, aspectos da dimensão social da interação e indiciados nos gêneros do discurso passam a ser fundamentais para a análise de fenômenos variáveis.

Frente a esses redirecionamentos, como analisar fenômenos em variação/mudança? Especificamente falando, quais seriam, então, possíveis focos de análise sobre a expressão do FP e fenômenos similares, considerando esse novo ângulo teórico-metodológico?

A seguir apresenta-se uma breve análise, segundo as discussões até aqui sistematizadas. Para tanto, selecionaram-se dois *artigos jornalísticos* que versassem sobre o mundo Pós-COVID-19, com a expectativa de que a expressão do FP fosse recorrente nesses textos. A fim de testar o princípio teórico de que a língua é um fenômeno estilístico distintivo, regida pelo aspecto ideológico, elegeu-se (i) um artigo do *Portal UOL*, de orientação (que designamos) *laica*, intitulado *Um mundo mais feminista*, do caderno especial *O Mundo Pós-COVID-19*²⁴; e (ii) um artigo da revista digital *Comunhão*, de conteúdo cristão, de orientação religiosa, intitulado *Haverá dia seguinte*²⁵.

Antes de falar especificamente dos textos selecionados, vale recuperar algumas informações sobre o gênero em questão, a partir de Rodrigues (2001).

Em primeiro lugar, o artigo jornalístico se caracteriza, do ponto de vista da dimensão social, dentre outros aspectos: (i) por ser mediado, considerando o processo de produção e o de interpretação, pela própria esfera jornalística, que filtra, regulamenta e põe em evidência os fatos, os saberes que farão parte de seu universo temático (do jornal/da revista e do gênero), sendo, a própria esfera, portanto, um índice de produção e de interpretação dos enunciados, embora cada jornal/revista, contudo, possa interpretar os acontecimentos de um determinado modo, no sentido de impor um certo valor a eles; (ii) por ser orientado para a manifestação ideológica do autor – *porque o artigo é assinado* –, a respeito de acontecimentos sociais que são notícia, embora a autoria não se refira a um sujeito empírico/físico, mas a uma *posição de autoria (/persona)* inscrita no gênero;

²⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/o-mundo-pos-covid-19-2---comportamento-por-debora-diniz/index.htm#tematico-5>. Acesso em: 10 jun. 2020.

²⁵ Disponível em: <https://comunhao.com.br/havera-dia-seguinte/>. Acesso em 16 jun. 2020.

nesse caso, o articulista é a figura de um homem público e especializado em um tema atual – justamente por isso é convidado por um jornal ou por uma revista para expor seu ponto de vista; assim, a concepção de autoria do artigo está associada à noção de notoriedade (social e/ou profissional) do sujeito, de modo que, à voz da autoria, de seu ponto de vista, confere-se credibilidade, o que culmina por estabelecer uma relação assimétrica entre autor e leitor do artigo, pois o autor assume a voz social de um sujeito competente para aquilo que fala, configurando-se como uma voz de autoridade.

Considerando esses aspectos da dimensão social do gênero selecionado, já se pode depreender que, embora os dois artigos sob exame estejam ao abrigo do mesmo quadro discursivo (o *jornalístico* e, dentro dele, ambos são *artigos jornalísticos*) e, por isso, partilhem algumas características, como pôr em evidência o mesmo fato social – o mundo pós-COVID-19 –, podem não o estar interpretando do mesmo modo: como uma orientação laica e uma cristã interpretam e discursivizam esse mesmo acontecimento? Como uma possível diferença de orientação para a realidade, do meio de divulgação e do articulista, pode impactar a perspectiva sobre o fato social e, em consequência, o estilo do gênero?

Para contextualizar os artigos sob análise, *considerando a paisagem social em que emergem os artigos sob exame*, resgata-se que, recentemente, em uma *live*, Maingueneau (2020) considerou que a cada tipo de crise corresponde um certo tipo de manifestação discursiva saliente. A crise mundial provocada pela COVID-19 foi percebida e discursivizada, segundo o autor, a partir da importância dada aos discursos dos peritos, dos especialistas, tendo os cientistas ganhado centralidade nos debates sobre a crise. Assim, se outras pandemias foram nomeadas a partir da perspectiva dos sujeitos que sofriam com a doença, sendo referidas como “peste(s)”, em relação à pandemia atual o próprio termo que a designa aciona o ponto de vista da ciência: *COVID-19*, um termo científico, em inglês, abreviado (COrona VIRus Disease - Doença do Coronavírus), sendo “19” uma referência ao ano de 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados.

Para Maingueneau, isso pode se justificar pela seguinte razão: estamos enfrentando uma catástrofe para a qual não temos respostas exatas, o que gera grande angústia e medo. Na tentativa de amenizar ou controlar esses aspectos e possíveis rumos globais calamitosos (na saúde, na economia, na política, na educação etc.), o perito é convocado, uma vez que ele demonstra que tem controle da situação. A mídia, querendo, então, atender ao desejo do público, em geral, chama o perito, em busca de respostas, de exatidão.

Mas a situação, continua Maingueneau, é muito mais complexa, por dois motivos: em primeiro lugar, porque um perito é sempre um perito de um saber em particular, e não

sobre a pandemia ou sobre os rumos globais pós-pandemia; em segundo lugar, porque a pandemia ainda está em fase de descoberta, e os especialistas, cada um em sua área, não têm tempo de ler as centenas de artigos divulgados, embora precisem oferecer, publicamente, “certezas”. Assim, os diversos especialistas requisitados pela mídia vivem o seguinte paradoxo, nas palavras do autor:

[...] se ele está convidado a falar, ele tem um contrato de fala que pressupõe que ele sabe o que fala e que vai levar conforto às pessoas. Mas, na verdade, ele não sabe, porque não tem tempo de saber. A única saída é fazer a gestão da contradição: aceitar o contrato de fala midiático que implica que ele sabe, aceitar a legitimidade do cientista, mas não dizer que sabe aquilo que não sabe, mas dizer que a ciência não sabe, preservando a legitimidade das instituições.

Nesse contexto, emergem os artigos jornalísticos sob exame, ambos escritos por mulheres da ciência, mulheres especialistas em alguma área: o artigo publicado na revista cristã *Comunhão* (*Haverá dia seguinte*) foi produzido por Débora Fonseca e Cunha, formada em Psicologia e Direito e com mais de 20 anos de experiência em aconselhamento cristão na área da sexualidade humana; já o artigo publicado pela UOL (*Um mundo mais feminista?*) foi produzido pela antropóloga Débora Diniz, também com mais de 20 anos de atuação na esfera acadêmica, desenvolvendo projetos de pesquisa sobre bioética, feminismo e direitos humanos.

Embora falem sobre o mesmo tema, no âmbito de uma mesma esfera (a jornalística), o *tom* que assumem, em decorrência da orientação ideológica própria e dos meios de divulgação, é muito diferente. Enquanto, por exemplo, o título do artigo cristão é uma afirmação – *Haverá dia seguinte* –, o título do artigo laico é uma indagação – *Um mundo mais feminista?* – mais condizente, portanto, com a perspectiva da ciência que, na verdade, segundo Maingueneau, não sabe os rumos da vida pós-COVID. Assim, explicitamente ancorada pelo *ethos* da ciência, a antropóloga Diniz parece confirmar a perspectiva do autor francês, ao iniciar o artigo alertando: “A verdade é que não sabemos”, ao passo que a articulista cristã considera que *o dia seguinte* está “assegurado”, que “certamente brilhará”, ancorando-se, para suas convicções, em citações bíblicas.

Sobre as citações, volta-se a falar adiante. Importa agora destacar que, com essa análise, não se trata de hierarquizar as esferas ou apontar uma ou outra articulista como “mais honesta”, em termos de como discursivizam os acontecimentos. Nosso foco de interesse está no fato de que determinadas esferas de atividade cultural e, em consequência, os gêneros no âmbito delas produzidos, podem conduzir os sujeitos, quanto à percepção da realidade, a um tom mais assertivo, no qual o falante se compromete com a realização de

um estado-de-coisas, mesmo sem haver nenhum indício pragmático quanto para a sua efetivação.

Esse parece ser o caso da esfera religiosa (leia-se: judaico-cristã) e/ou dos sujeitos que, embora falando em outras esferas, ancoram-se nela. Na esfera religiosa, a avaliação que os sujeitos fazem do futuro não depende da historicidade dos acontecimentos, mas da narrativa bíblica sobre a história da humanidade. É essa narrativa, aprendida em inúmeras práticas culturais, por grupos cristãos muito heterogêneos, que parece ancorar a perspectiva com que os sujeitos compreendem e representam os diferentes aspectos da vida prosaica, tratando-se, portanto, de uma orientação epistemológica.

Assim, o modo como assimilam a relação espaço-tempo e, no âmbito disso, como interpretam os acontecimentos é peculiar: o tempo da humanidade, como um todo, é compreendido como breve²⁶, e o seu fim também está previsto; tudo que ocorre entre o início e o fim da humanidade é tido como conhecido, como já narrado pela Bíblia, o que posiciona os sujeitos que por essa compreensão se orientam em outra perspectiva. A articulista cristã, nesse sentido, assim se pronuncia: “A COVID não é fato isolado, único ou exclusivo. Eclesiastes lembra que não há nada de novo debaixo do sol. O mundo já foi alcançado por outros tipos de noites. [...] Mas em Jesus temos O [*sic*] dia seguinte assegurado”.

Em que pesem esses dois diferentes tons com que os artigos são produzidos – a articulista laica, por um lado, precisa assumir que não sabe sobre como será o mundo pós-COVID-19, porque sua fonte de segurança são as provas produzidas pela ciência; já a articulista cristã, por outro lado, prescindido desse tipo de prova e ancorando-se em outra epistemologia, assume que sabe que o dia seguinte está assegurado –, não parece haver estranhamento entre o público leitor de cada articulista, uma vez que, se, por um lado, leitores de especialidades da ciência não esperam um tom assertivo quanto aos acontecimentos do futuro, mas um tom modalizado, sobretudo quando se fala de algo muito novo e desconhecido para todos os ramos da ciência, como o caso da atual pandemia, por outro lado, parece fazer parte da orientação para a realidade dos religiosos cristãos o tom mais assertivo, justamente o tom acionado pela articulista cristã. Assim, desde que vejamos a questão conforme os olhos de cada campo cultural, não parece haver desatinos em uma perspectiva e outra.

Ademais, além de o artigo jornalístico ser mediado, tanto em relação ao processo

²⁶ Resgatem-se alguns excertos bíblicos citados em Bragança (2017, p. 626) que autorizam essa leitura: (i) Porque a vida é um conto ligeiro (Salmos 90: 09); (ii) Porquanto esta visão se *cumprirá* num tempo determinado no futuro; é uma visão que fala do fim, e não *falhará*! [...] ela certamente *virá* e não se *retardará* (Habacuque 2:3); (iii) Eu vos asseguro: Ele vos *fará* sua justiça, e depressa (Lucas 18:8) (BÍBLIA, 1969).

de produção quanto ao de interpretação, pela esfera jornalística e, mais detidamente, pela orientação ideológica que se assume no âmbito dessa esfera, há que se considerar também que esse gênero é orientado para a manifestação ideológica do autor (*/persona*) de cada texto, conforme se explica a seguir.

No trabalho de discursivizar o mundo pós-COVID, a articulista cristã começa por citar as “faces sombrias” da “noite” exposta pela COVID-19 – considerando (i) o início da pandemia, em Wuhan, em 2019, (ii) o número de infectados e de mortos no Brasil, (iii) o crescimento da violência doméstica e da violência infantil, nos países da América Latina, incluindo o Brasil, (iv) o aumento da pornografia, por vias tecnológicas etc. –, e termina com a certeza de que “Em Jesus, o choro da noite se encerra e a alegria *virá* pela manhã”.

Mas, a despeito de todas essas informações que apontam para o conhecimento enciclopédico da autora sobre a pandemia e que lhe conferem uma imagem de destaque e, portanto, de credibilidade – é alguém que sabe sobre o que fala, que correlaciona muitos aspectos –, talvez, o que assegure sua notoriedade – a ponto de ela ser convidada a falar para os leitores da revista, trazendo-os, conforme Maingueneau, respostas quietantes – seja sua notoriedade religiosa – e não acadêmica –, pois nisso parece estar a legitimidade da articulista para ancorar seu ponto de vista, exposto, de fato, na segunda parte do artigo: “Em tempos de tragédia o mal até pode realçar, mas a Graça *certamente brilhará* mais forte [...]”. Assim, é o valer-se de citações bíblicas – além de suas credências expostas (coordenadora de missões, conselheira cristã e autora de livros da área) – que vai construindo a imagem de uma especialista cristã, outorgando-lhe credibilidade e construindo o tom do artigo – um tom autorizado e assertivo.

A articulista laica, por outro lado, representante da perspectiva científica, começa pondo em primeiro plano aquilo que Maingueneau ponderou, ou seja, deixando claro que (ainda) não sabe sobre os possíveis efeitos da pandemia: “A verdade é que não sabemos; estamos como em um estágio intermediário de um rito de passagem – não mais como antes, mas ainda distantes do que *surgirá* depois dessas semanas de estranha suspensão do que conhecíamos como normalidade da vida”.

Mesmo assim, a autora trabalha para defender a hipótese “de que a pandemia pode fazer circular valores feministas silenciados pelo patriarcado” (quais sejam: o cuidado e a interdependência), respaldando-a também com citações, o que significa recorrer a vozes autorizadas para também legitimar a própria voz (e a própria hipótese). Assim, a antropóloga considera que sua hipótese surge do “desamparo da sobrevivência”, citando o filósofo Vladimir Safatle. Em tom bem menos assertivo, contudo, e mais reflexivo, e mesmo admi-

tindo, inicialmente, não saber se o mundo pós-COVID será mais feminista, a antropóloga não deixa de cancelar sua competência para falar sobre o tema, recorrendo a estudiosos de notoriedade social (como, além do filósofo Vladimir Safatle, a importante militante, teórica e uma das principais referências do feminismo negro brasileiro Carla Akotirene, e o ensaísta, estatístico e analista de riscos matemático de formação Nassim Taleb), o que também lhe confere autoridade, uma autoridade não citada explicitamente, mas mostrada (i) pela situação de interação – que vai estabelecendo uma relação assimétrica entre autor e leitor do artigo – e (ii) pelo próprio discurso veiculado no artigo. Mesmo antes da produção desse texto, ainda, há que se recordar que ele se vincula a um Caderno Especial, intitulado *O MUNDO PÓS-COVID-19*, cuja apresentação aponta para os articulistas como “especialistas” que “ajudam a desenhar a cara do futuro que nos espera quando a tempestade passar”. Assim, embora o tom seja diferente, a articulista que assume o *ethos* da ciência – e não o da religião – também atua no sentido apontar para o futuro.

A autoria do artigo jornalístico, assim, parece funcionar como meio para a ancorem da entonação do gênero: *um tom autorizado*, dado histórico-culturalmente pelo próprio gênero, embora os recursos para constituição desse tom, a depender da *persona estilística*, possam ser diversos e, por vezes, contraditórios (mais assertivos, mais modalizados), dando ao gênero, então, *nuances específicas desse tom*, dadas as diferenças, quanto à orientação ideológica, do lugar em que se efetiva a interação e dos autores de cada texto, que se projetam, enquanto *personas* estilísticas, diferentemente.

Há que se falar, então, em especificidades distintivas dentro da própria esfera jornalística ou em subesferas jornalistas (a religiosa, em relação à laica; a de direita, em relação à de esquerda etc.), que se manifestam em *textos de gêneros* específicos. Por isso um gênero e seu estilo nunca podem ser vistos como sendo sempre os mesmos, já que se trata de uma unidade sensível a muitos aspectos da dimensão social. A análise contrastiva de gêneros, portanto, dentre outras práticas metodológicas, parece permitir visualizar a face evêntica (ou flexível e plástica) dos próprios gêneros, a face, talvez, mais profícua para o estudo de fenômenos em variação/mudança, dado que diferentes *personas* estilísticas tendem a agenciar os recursos linguísticos a partir de diferentes significados sociais.

Como, então, diferenças na *dimensão social* dos artigos em tela se reverberam na configuração estilística dos textos? E como isso se relaciona, especificamente, com a expressão do FP realizada nesses textos?

Aqui, cabe retomar, mais uma vez, Rodrigues (2001), para recuperar, *em segundo lugar, como o artigo jornalístico se caracteriza, do ponto de vista da dimensão verbal, dentre*

outros aspectos: (i) por uma dupla orientação: (a) **é uma reação-resposta** do articulista, tendo em vista sua especialidade profissional, a discursos anteriores sobre os acontecimentos sociais atuais e (b) *busca reação-resposta* ativa do interlocutor; e (ii) do ponto de vista estilístico-composicional, por aspectos ligados: (a) ao objeto de discurso (aquilo sobre o que se fala), (b) ao processo de produção da comunicação jornalística (como extensão do texto e normas editoriais) e (c) à orientação para discursos já-ditos e prefigurados.

Centrando nos aspectos estilísticos-composicionais do artigo jornalístico, resgata-se que Rodrigues (2001) considera dois tipos de movimentos (ou estratégias) que podem ser feitos em relação aos discursos já-ditos: movimento (i) de enquadramento (de assimilação e de distanciamento) e (ii) de citação do discurso do outro, para criação da perspectiva do próprio discurso. Já em relação aos discursos prefigurados, a autora destaca: (i) movimentos de engajamento do leitor ao discurso do articulista, quando esse eleva o leitor à posição de aliado; (ii) movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor, quando o autor antecipa as possíveis reações-respostas de objeção do leitor e as abafa, silenciando-as; (iii) e movimento de interpelação do leitor, quando o articulista apresenta seu ponto de vista como “o” ponto de vida, como “a” verdade, que o leitor deve se sentir persuadido a aderir.

Considerando o artigo da revista cristã, pode-se depreender que, *em relação aos discursos já-ditos, as estratégias de assimilação e de citação* ocorrem em relação aos discursos bíblicos, o que já é esperado pelo próprio lugar de veiculação do artigo (uma revista cristã), e pelos seguintes recursos coocorrentes:

- 1) Escolha de determinados verbos e nomes:
 - a. Eclesiastes *lembra* [e não “fabula”, por exemplo] que não há nada de novo debaixo do sol.
 - b. Ainda em Eclesiastes há uma *constatação* [e não “uma lenda”] [...].
 - c. Jesus veio para libertar os oprimidos da noite escura que assola suas almas. E Ele *continuará* fazendo isso [...].
- 2) Uso de determinadas palavras e expressões avaliativas:
 - a. [...] a Graça *certamente brilhará* mais forte [...].

Já as *estratégias de distanciamento* correm, nesse artigo, em relação a discursos desaperançosos quanto ao futuro pós-COVID-19, pelo recurso de:

- 1) Operador argumentativo:
 - a. A noite, para muitos, parece se encerrar aqui: ‘sem que ninguém’ [os console]. *Mas* em Jesus temos O dia seguinte assegurado.

Em relação aos *discursos prefigurados*, as estratégias e os recursos utilizados são:

- Movimento de engajamento do leitor ao discurso do articulista, por meio de:
 - 1) Verbo e pronome na primeira pessoa do plural:
 - a. Vale *a gente* se perguntar que tipo de legado *deixaremos* para as gerações seguintes, abrangendo nossas famílias.
 - b. [...] mas a graça certamente *brilhará* mais forte na medida em que *nós*, como igreja, *nos engajarmos* na missão deixada pelo Cristo.
 - 2) Perguntas retóricas com questionamentos possíveis do leitor:
 - a. Como *prosseguirão* as vítimas da opressão: sem consolo? Sem justiça? Sem afago? Sem proteção?
 - b. [...] que tipo de legado *deixaremos* para as gerações seguintes [...]. Violências, maus-tratos, relacionamentos abusivos, promiscuidade ou ausência de proteção?
- Movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor, por meio de:
 - 1) Silenciamento de possíveis objeções do leitor:
 - a. *Haverá* dia seguinte – em objeção a uma possível compreensão de que não haverá.
 - b. Interminável para alguns, as faces sombrias desta noite não foram geradas pela COVID-19; tão simplesmente foram expostas ou facilitadas por ela – em objeção à noção de que nossas crises derivam da pandemia.
- Movimento de interpelação do leitor, por meio de pronomes e verbos na primeira pessoa do plural e perguntas retóricas, conforme já indicado nos exemplos anteriores.

Explicitados alguns aspectos da organização estilística do artigo cristão, observa-se, em relação aos usos de FP, um total de 9 ocorrências, destacando-se que, dessas, 8 (88,8%) são formas de futuro sintético e apenas 1 de presente do indicativo, retomada de uma citação bíblia: “O choro pode durar uma noite mas a alegria *vem* pela manhã” (Sal. 30:5). Esse último dado parece reforçar a leitura que estamos fazendo dos discursos religiosos e sua relação com o tempo, uma vez que esse uso rememora o conceito de relevância do presente, segundo o qual, independentemente do tempo cronológico o falante estabelece (psicologicamente) uma conexão entre presente e futuro, segundo a avaliação que faz do que conhece no presente, sendo, por isso, o futuro projeções de estados mentais e emocionais dos sujeitos (FLEISCHMAN, 1982). Independentemente do (desconhecido) futuro, as ponderações bíblicas, que se conhece no presente, são, portanto, a base para se projetar o futuro.

As 8 ocorrências de forma sintética, por outro lado, mais do que ser índice da formalidade (pretensamente) típica de discursos de orientação religiosa, adquirem um valor expressivo condizente com as finalidades discursivas do gênero e do tom dado ao texto (específico) do gênero: o tom autorizado inscrito no artigo jornalístico, somado ao tom

de assertividade do discurso religioso.

Tudo isso parece se converter em (ou se realizar por meio de) estratégias para impor o ponto de vista do articulista como uma verdade irrefutável – porque a Bíblia é irrefutável, no meio cristão, e os discursos que se ancoram nela também o são –, agravando ainda mais a relação assimétrica entre o articulista e o leitor – apesar de o texto se encerrar com estratégias modalizadoras, por meio do uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural: “Em tempos de tragédia o mal até pode realçar, mas a Graça certamente brilhará mais forte na medida em que *nós*, como igreja, *nos engajarmos* na missão deixada pelo Cristo. Deus te abençoe!”. A escolha de determinados verbos, como “assegurar” e “haver”, e de determinadas palavras, como “certamente” e “constatação” funcionam muito bem, nesse cenário.

Do ponto de vista funcional, essas formas podem, então, ser analisadas como mais proeminentemente *modais* (que temporais ou aspectuais) e uma modalidade *do tipo deôntica*, segundo Givón (2001, 2002), ou do tipo *orientada para o falante*, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca, (1994), associadas à noção, dentre outras coisas, de manipulação, associadas à

[...] interação entre interlocutores, tendo em vista que concerne a diretivas de comando, solicitações, recomendações, exortações etc., que fazem com que o locutor imponha tais condições ao interlocutor, esperando dele uma ação frente ao que foi enunciado; essa modalidade, assim, caracteriza-se por fatores pragmáticos, cujo foco está na interação (BRAGANÇA, 2017, p. 635).

A diretiva de comando, de recomendação ou de exortação que se faz ao leitor, por esse artigo, num contexto de crise global, parecer requerer a seguinte ação: *tenha esperança, mantenha-se firme na fé e nas promessas bíblicas, pois “haverá dia seguinte”*.

Quanto ao artigo laico, pode-se depreender que, *em relação aos discursos já-ditos*, as estratégias de assimilação e de citação ocorrem em relação a discursos acadêmicos, pelos seguintes recursos:

- 3) Escolha de determinados verbos e nomes introdutórios para o discurso citado:
 - a. Há sempre o risco de um “cisne negro” atravessar a realidade que só conhecia “cisne branco”, *para seguir a alegoria* de Nassim Taleb sobre a fragilidade das análises sobre o funcionamento do mercado financeiro.
 - b. Foi da interseccionalidade entre os predicados, ou da encruzilhada de nossos corpos, *segundo a alegoria de* Carla Akotirene, que a pandemia desamparou desigualmente os corpos.

Já as *estratégias de distanciamento* ocorrem, nesse artigo, justamente em relação a discursos assertivos, científicos ou não, e por meio, especialmente, do seguinte recurso:

- 1) Uso de palavras e expressões de negação do discurso do outro:
 - a. “A verdade é que *não sabemos*” (se teremos um mundo mais feminista).
 - b. “*Não quero me portar como os homens sabidos* que sobem aos palanques e fazem projeções sobre a política ou o mercado financeiro, como se o acaso pudesse ser controlado”.

Por fim, *em relação aos discursos prefigurados*, as estratégias e os recursos utilizados são:

- Movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor, por meio de:
 - 2) Antecipações de possíveis reações-respostas do leitor, levadas em conta da construção do discurso – nesse caso, para rejeitá-las:
 - a. “*A verdade é que não sabemos*” [em oposição a quem pensa que os especialistas sabem sobre o futuro pós-pandemia]; estamos como em um estágio intermediário de um rito de passagem — não mais como antes, mas ainda distantes do que *surgirá* depois dessas semanas de estranha suspensão do que conhecíamos como normalidade da vida.
- Movimento de engajamento do leitor ao discurso do articulista, por meio de:
 - 1) Verbo e pronome na primeira pessoa do plural:
 - a. “Importa saber o que *faremos* com essa ferida”.

Explicitados esses poucos aspectos da organização estilística do artigo, observa-se, em relação aos usos de FP, apenas 2 ocorrências, ambas na forma sintética, mas em diferentes contextos: a primeira aparece no âmbito de um movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor quanto ao pressuposto de que a articulista sabe sobre o que ocorrerá depois da pandemia. Deixando claro que não sabe, a articulista parece projetar uma *ruptura* entre presente e futuro, não pela distância entre esses, nem pela falta de conhecimento dos fatos do presente ou pela falta conexão entre esse e o futuro, mas justamente pela falta de possibilidade de se conhecer os rumos do futuro, considerado os efeitos da pandemia.

Assim, a articulista parece projetar uma nítida separação (psicológica) entre (i) o estado de coisas do passado (pré-pandemia), (ii) do presente e (iii) do futuro (pós-pandemia), acionando a forma sintética para expressar esse futuro desconhecido: “estamos em um estágio intermediário de um rito de passagem – não mais como *antes*, mas ainda

distantes do que *surgirá depois dessas semanas de estranha suspensão* do que conhecíamos como normalidade da vida”.

E o ponto central para essa ruptura temporal não parece se correlacionar com fatores como *tempo determinado/delimitado* ou *não determinado/delimitado*, ou ainda *projeção de futuridade próxima ou distante*, implicados em variáveis independentes comumente consideradas em estudos sobre a expressão do FP, *mas à contingência dos fatos sociais atuais*, conforme a ótica da ciência. A forma sintética, assim, e não o presente do indicativo ou a construção perifrástica *ir (no presente) + infinitivo*, converte-se no melhor índice de ruptura temporal, nesse excerto.

Em termos funcionais, a modalidade epistêmica, relacionada ao grau de comprometimento do locutor com a veracidade da situação a que se refere, e que, comumente, avalia as situações futuras como certas, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), parece ser a mais proeminente para expressar o seguinte posicionamento: é certo que não sabemos o que vai ocorrer após a pandemia, mas é igualmente certo que algo “surgirá” depois de tudo isso. Esse é, portanto, um cenário epistemicamente necessário. Certo, portanto, não é o que se delimita para o futuro, como no artigo cristão, mas que algo está por vir, embora a articulista não possa precisar o quê.

Já a segunda ocorrência de FP, nesse texto, ocorre no âmbito do movimento de engajamento do leitor ao discurso do articulista, movimento em que o leitor é elevado à posição de aliado, em detrimento da típica relação assimétrica entre autor e leitor de artigos jornalísticos: “Importa saber o que *faremos* com essa ferida”. Nesse caso, de uma pergunta retórica indireta, a articulista parece persuadir o leitor, mas não para que ele aceite “uma” verdade inquestionável, mas, talvez, para que ele também se lance à reflexão, à busca por respostas quanto a um possível reposicionamento do feminismo na vida comum das pessoas.

Do ponto de vista funcional, esse uso parece ser mais proeminentemente, *modal* (que temporal ou aspectual) e uma modalidade *do tipo deôntica* (GIVÓN; 2001; 2002) ou do tipo *orientada para o falante* (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994), embora a diretiva seja aqui muito diferente da diretiva das formas de futuro do artigo cristão – talvez, por isso, a compreensão de que a função não basta para explicar a forma. Se essa leitura puder ser feita, há que se observar que as mesmas formas, exercendo as mesmas funções, podem contribuir para produção de diferentes orientações discursivas, a depender do conjunto de recursos linguísticos e de aspectos sociais que coocorrem com elas.

E, de modo geral, embora ambos os textos agenciem mais frequentemente a for-

ma sintética, os diferentes efeitos de sentido que esses textos produzem e para os quais cooperam essas formas sintéticas podem sinalizar para o pressuposto de que o estudo do estilo não pode desconsiderar a multifuncionalidade dos recursos linguísticos.

Essa breve análise, orientada por um novo ângulo, parece retomar os princípios teóricos de que: (i) o modo como o falante avalia (ideologicamente) as situações futuras em relação ao estado de coisas do presente pode motivar a variação, de maneira que a expressão do FP aponta, não para o mundo representante, mas para o mundo representado por sujeitos histórico e culturalmente situados em práticas sociais específicas; (ii) no âmbito dessas práticas, por meio de um engajamento ativo, os sujeitos se projetam estilística e contextualmente, sendo que cada estilo se caracteriza, dentre outras coisas, por certos usos da linguagem, que se constituem em relação a outros estilos e a outros usos; (iii) os usos da linguagem ou os estilos dependem do quadro discursivo ou do enquadramento de gênero em que ocorrem, porque esse enquadramento é que orienta o trabalho de estilização dos sujeitos, sendo baliza para o dizer social e quadro para compreensão da prática estilística, tendo em vista um conjunto de características coocorrentes; (iv) mas, como os gêneros não fornecem meios de produção e de recepção de discursos de modo acabado, os recursos estilísticos podem ser variavelmente mobilizados, reconfigurados, no âmbito dos gêneros, produzindo diferentes efeitos de sentido; (v) o estilo linguístico, dessa forma, ao mesmo tempo em que é relativamente regular, porque é histórico-cultural, é também um processo criativo, evêntico, sensível a elementos específicos da interação, sendo, pois, lugar privilegiado para manifestação ideológica dos sujeitos e, por isso, para o exame de fenômenos variáveis.

É nesse sentido que argumentamos, neste texto, que a relação forma/função parece se especificar no âmbito do estilo dos gêneros do discurso, estando, essa relação, a serviço da produção de sentido, da projeção de um ponto de vista que se assume discursivamente.

Como a expressão do FP se realiza em diferentes práticas sociais, considerando uma perspectiva que aqui denominamos pragmático-discursiva? Como essa expressão participa, direta ou indiretamente, da construção de sentidos em diferentes práticas? Sob essa ótica, parece haver um amplo campo de trabalho.

A incorporação, portanto, da perspectiva bakhtiniana aos estudos variacionistas, considerando os interesses de sua terceira fase, bem como uma correta compreensão sobre o lugar teórico-metodológico que os gêneros do discurso devem ocupar nesses estudos, podem, assim, ser profícuas para o desenvolvimento do campo, mais propenso à

teorização social, e para o desenvolvimento de novas descobertas sobre a expressão do FP (e fenômenos similares).

4 Considerações finais

Neste texto, resgatou-se algumas reflexões desenvolvidas por Bragança (2017) e iluminadas pelo incansável trabalho de orientação da professora Eda, sobre implicações teórico-metodológicas que decorrem da centralidade que os gêneros do discurso ganham em alguns trabalhos de *terceira onda variacionista*, fazendo emergir um novo foco de observação para fenômenos em variação/mudança, um foco linguístico-antropológico ou pragmático-discursivo, conforme designamos, neste texto, considerando, nesse último termo (*discursivo*), a força de aspectos ideológicos para produção, distribuição e recepção dos usos efetivos da linguagem.

Na primeira seção, partindo da caracterização da expressão do futuro do presente, um dos fenômenos variáveis mais investigados no PB, verificou-se que os resultados de diversos estudos, mesmo sendo orientados pela primeira fase variacionista, apontam para os gêneros (do discurso/texto) como relevantes para a explicação do fenômeno, embora os autores divirjam quanto ao tratamento que deve ser dado a eles, em termos de lugar teórico-metodológico que deve ocupar nos estudos variacionistas.

Na segunda seção, vimos que é no âmbito de parte da literatura de terceira onda variacionista que encontramos, em decorrência de um redimensionamento quanto à compreensão da própria natureza da linguagem, os gêneros do discurso, segundo a perspectiva bakhtiniana, ocupando papel central no estudo de fenômenos variáveis e trazendo luz sobre resultados de pesquisas, que parecem apenas tangenciar o potencial analítico dos gêneros do discurso (cf. LANGA-LACERDA; GÖRSKI, no prelo).

Na terceira seção, (a) por meio de uma sistematização sobre algumas consequências teórico-metodológicas do diálogo entre a terceira fase variacionista e a perspectiva bakhtiniana de linguagem e (b) por meio de uma breve análise de dois artigos jornalísticos, com diferentes orientações ideológicas para versarem sobre o mundo pós COVID-19, agenciando, assim, diferentemente, a expressão do futuro do presente, ilustrou-se como os gêneros do discurso podem ser vistos como o quadro para a compreensão da prática estilística, como o lugar privilegiado para a compreensão da relação forma/função de fenômenos variáveis, afastando a visão de que a função basta para explicar a forma, e reposicionando essa relação para o âmbito das práticas sociais, domínio no qual os recursos variáveis integram o estilo de vida dos sujeitos.

Admite-se, assim, nessa fase variacionista, que é no âmbito das práticas sociais/dis-

cursivas – conduzidas ideologicamente, constituídas umas em relação às outras, em parte estruturadas e em parte emergentes, sensíveis a todos os aspectos da dimensão social que as instauram e construídas agentivamente pelas posturas que os sujeitos assumem em cada interação – que todos os recursos estilísticos, tais como os recursos linguísticos e, dentre esses, os recursos variáveis, são agenciados, cumprindo a função de indicar os aspectos que lhes motivam.

A explicação da relação forma/função, central para a compreensão da variação e da mudança linguística, não pode, portanto, segundo essa ótica, prescindir de uma explicação sobre a qualidade da interação social, mas deve se engajar, cada vez mais, em um *quadro teórico discursivo*, em um quadro teórico histórico-cultural. Essa parece ser a via pela qual a terceira onda variacionista encontra os escritos bakhtinianos. Com essa ótica, muito ainda falta investigar sobre a expressão do futuro do presente e fenômenos similares, no PB.

Referências

- SANTOS, A. M. dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. 1997. Dissertação 128f. (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculos, UnB, Brasília, 1997.
- BALEEIRO, M. I. de A. *O futuro do presente do português culto falado em São Paulo*. 1988. 196f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1988.
- BAUMAN, R. The ethnography of genre in a Mexican market: form, function, variation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 57-77.
- BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.
- BÍBLIA. Português. In: *A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BRAGANÇA, M. L. L. *A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*. 2008, 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, UFES, Vitória, 2008.
- BRAGANÇA, M. L. L. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. 2017. 696 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (Ed.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CAMACHO, R. G.; SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p46-63>.

COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 185-210.

COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Paper Presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Societ*. 2005. Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2019.

ECKERT, P. Variation and the indexical Field. *Journal of Sociolinguistics* 12/4, p. 453-476. Oxford: Blackwell, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. *Third Wave Variationism*. Oxford Handbooks Online, 2016. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>. Acesso em: 12 abr. 2017.

ECKERT, P. *Meaning and Linguistic Variation: The Third Wave in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf Acesso em: 10 março 2020.

ERVIN-TRIPP, S. Variety, style-shifting, and ideology. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 44-56.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FLEISCHMAN, S. *Tense and narrativity*. Austin: University of Texas Press, 1990.

FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

GIBBON, A. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000, 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2000.

GIBBON, A. *Trajetória de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. Tese. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis 2014.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. v.I, Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2002.

GIVÓN, T. *Context as other minds: the pragmatics of sociality cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2005.

GÖRSKI, E. M.; GIBBON, A.; VALLE, C. R. M.; MAGO, D. D.; TAVARES, M. A. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2003. p.106-122.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEBGALVÃO, V.; REZENDE, T. F (Org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 35-63.

HEINE, Bernd. *On the role of context in grammaticalization*. In: Wischer and Diewald, Ed., 2002, p. 83-101.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam /Philadelphia: J. Benjamins, 1991. v. 1 e 2, p.07-35.

HOPPER, P. The paradigm at the End of the Universe. In: GIACALONE-RAMAT, A.; HOPPER, P. (Orgs). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1998. p. 147-158.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

IRVINE, J. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*.

Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 21-43.

SANTOS, J. R. dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Linguística), UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, v. 44, abr. 1978.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982. p.81-84.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: B. Blackwell, 2001a.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b, p. 85-108.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley Blackwell, 2010.

LANGA-LACERDA, M. GÖRSKI, E. M. *Potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas*. No prelo.

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ, 2008.

MAINGUENEAU, D. *A Análise do Discurso e a crise do Coronavírus*. Canal da Abralin no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXzRI0UdvKk>. Acesso em 15 junho de 2020.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989.

MENDES, R. B. A terceira onda da sociolinguística. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 103-123.

NUNES, R. *Evolução cíclica do Futuro do Presente do latim ao português*. 2003. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2003.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

- POPLACK, S. Grammaticalization and Linguistic Variation. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: OUP, 2011. p. 209-224.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.
- RICKFORD, J. R. Style and stylizing from the perspective of a nonautonomous sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 220-231.
- RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUCSP, São Paulo, 2001.
- SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327 – 349.
- SILVA, A. *A expressão da futuridade na língua falada*. 1997. Tese. 275f. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1997.
- SILVA, R. C. P. da. *A representação do tempo futuro em textos escritos: análise em tempo real e em tempo real de curta duração*. 2010. Tese. 262f. (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2010.
- STROGENSKI, M. J. F. *O uso da expressão do futuro em textos literários: uma análise em tempo real de curta duração*. 2010. 143f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2010.
- TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese. 302f. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2003.
- TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. *Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista*. In: XXVII Encontro Nacional da Anpoll – ENANPOLL, Rio de Janeiro, 2012. (Texto apresentado em comunicação).
- TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e Sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.
- TAGLIAMONTE, Sali. A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley – Blackwell, 2012.
- TESCH, L. M. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. 2011. Tese. 190f. (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- TRAUGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge

University Press, 2001, p. 127-136.

TRAUGOTT, E. C. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010, p. 29 - 70. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfn.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2012.

TRAUGOTT, E. C. Intersubjectification and clause periphery. In: BREMS, Lieselotte; GHESQUIÈRE, L.; VELDE, F. V. de (Ed.). *Intersections of intersubjectivity, special issue of English Text Construction*. n. 5:1, p 7-28, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Otheroe Ana Carolina Spinelli. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/9c040d169d41fdcd4d0d0c12f4fdbd02.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. Tese. 415f. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2014.

VIEIRA, M. H. C. *Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa*. 2014. 170f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) –Departamento de Letras Vernáculas, UFCE, Ceará, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZHANG, Q. Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new Professional identity. *Language in Society*, Cambridge University Press, v.34, p. 431–466, 2005.

ZHANG, Q. Rhotacization and the “Beijing Smooth Operator”: the social meaning of a linguistic variable. *J. Socioling*, Hoboken, v.12, p.201–222, 2008.

Data de submissão: 07/07/2020

Data de aceite: 22/09/2020



A HISTÓRIA SE FAZ PRESENTE: A INFLUÊNCIA DOS DIALETOS ITALIANOS NA FALA EM PORTUGUÊS DE JOVENS ESTUDANTES DO OESTE DE SANTA CATARINA¹

THE HISTORY IS PRESENT: THE INFLUENCE OF ITALIAN DIALECTS
ON THE YOUNG STUDENTS' SPEECH IN PORTUGUESE
FROM THE WEST OF SANTA CATARINA

Marizete Bortolanza Spessatto | [Lattes](#) | spessatto.mari@gmail.com
Instituto Federal de Santa Catarina

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que teve como foco a análise da variação linguística que caracteriza a interferência de uma língua de imigração na fala em português. Trata-se da interferência dos dialetos italianos, sobretudo o vêneto (também chamado de talian, em cenário brasileiro) e se evidencia especialmente por um fenômeno de variação fonológica, com a produção de tepe em contextos de vibrante múltipla, levando à produção de “caro” quando o esperado seria “carro”. Partindo de estudos anteriores sobre o tema, delimitou-se a análise a um grupo de 20 falantes jovens, sendo eles estudantes de anos finais do ensino fundamental (idade entre 12 e 16 anos, no período de desenvolvimento da pesquisa). Como base teórica, seguimos os preceitos da Teoria da Variação, também chamada de Sociolinguística Quantitativa. Os resultados da pesquisa, com a análise quantitativa dos dados linguísticos, por meio do programa estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988), mostraram uma acentuada variação na fala dos estudantes, que produziram tepe em 76% dos contextos de vibrante múltipla tanto em início de palavra, como em “Roma”, quanto em posição intervocálica de vibrante múltipla, como em “terra”. Os dados evidenciam a manutenção desse fenômeno em variação, já identificado em pesquisas desenvolvidas a partir dos anos de 1980, mesmo se tratando de sujeitos jovens, a maior parte deles não-detentora da língua de origem do seu grupo étnico.

Palavras-chave: Variação linguística. Línguas de imigração. Educação.

Abstract: This paper presents the results of a research that focused on the analysis of linguistic variation that characterizes the interference of Italian dialects from Veneto as an immigration language, also called Talian in a Brazilian scenario, in Brazilian Portuguese

speech. s It is evidenced especially by a phenomenon of phonological variation with the production of *tepe* in contexts of multiple vibrant, leading to the production of the word “caro” when the expected word would be “carro”. Based on previous studies on the subject, the study delimited the analysis in a group of 20 young speakers, students of final years of elementary school (age between 12 to 16 years, in the period of the research development). As a theoretical basis for the study, we follow the precepts of the Theory of Variation or Quantitative Sociolinguistics. The research results, with the quantitative analysis of the linguistic data, through the VARBRUL statistical program (PINTZUK, 1988), showed a marked variation in the students’ speech, who produced *tepe* in 76% of the contexts of vibrant multiple both in the beginning of the word, as in “Roma”, and in the intervocalic position of multiple vibrant, as in “terra”. The data show the maintenance of this phenomenon in variation, already identified in research developed since the 1980s, even in the case of young subjects, most of them non-native speakers of the language of their ethnic group.

Keywords: Linguistic variation. Immigration languages. Education.

Considerações iniciais

Desde a década de 1980, grupos de pesquisadores brasileiros (especialmente FROSI, 1987a, 1987b, 2001; FROSI; MIORANZA, 1983, 2009; MARGOTTI, 2004) e italianos (como BALHANA, 1987; BERETTA, 1987; CORRÀ, 2001, 2003; COSTA; DE BONI, 1991; FRANZINA, 1987; LO CASCIO, 1987; PETRONE, 1991) têm intensificado as pesquisas acerca das características que mais definem as interferências dos dialetos italianos na fala em português brasileiro². Um fenômeno comum identificado por essas pesquisas e que mais caracteriza o grupo é a não produção da vibrante múltipla em contextos esperados, tanto em início de palavras, como em “rua”, quanto em posição intervocálica, como em “carro” (FROSI; MIORANZA, 1983, p. 334). Estudos desenvolvidos por Gerhard Rohlfs, na década de 1960, revelam que os dialetos do norte da Itália não possuem a vibrante geminada: “Conforme as características gerais do desenvolvimento fonético setentrional, em toda a Itália setentrional *rr* sofre a lenização em *r* (*tèra*, *guèra*)”. (ROHFS, 1966, p. 336 apud FROSI; MIORANZA, 1983, p. 347). E, ainda, em um estudo sobre os dialetos vênets, Zamboni (1974) afirma que: “No que diz respeito, enfim, a */r/*, tem-se, em geral, uma vibrante simples apicodental, enquanto o standard possui uma vibrante múltipla” (ZAMBONI, 1974, p. 14 apud FROSI; MIORANZA, 1983, p. 347).

Essas marcas da interferência dos dialetos italianos na fala em português acompanharam os novos movimentos migratórios por eles feitos para diversos municípios da região oeste de Santa Catarina, na qual se localiza Chapecó³, comunidade em estudo neste trabalho. Pesquisas vinculadas ao Varsul – Variação Linguística do Sul do Brasil, com dados coletados nas décadas de 1980 e 1990, contribuíram com análises sistemáticas da fala desses sujeitos. O estudo de Spessatto (2001) mostra que, do total de ocorrências em contextos de vibrante múltipla (início de palavra e posição intervocálica) das 24 entrevistas catalogadas por esse banco de dados, 46% foram de tepe, 35% de intermediária⁴ e apenas 19% foram de vibrante múltipla em contextos esperados.

Como os informantes do Varsul têm idade acima de 25 anos, o trabalho que deu origem a este artigo teve como objetivo identificar a presença desse fenômeno em variação em grupos de sujeitos mais jovens. Também se optou pelo desenvolvimento da pesquisa em contexto escolar, procurando identificar se há interferência da escola na manutenção ou afastamento das características linguísticas em análise. Depoimentos empíricos e dados coletados em pesquisas com o grupo étnico em estudo mostram que muitos pais deixaram de ensinar a língua de imigração aos filhos para “não atrapalhar na escola”. Esses depoimentos, é sabido, têm raízes históricas em eventos políticos, em campanhas de desestímulo às línguas estrangeiras⁵, mas também evidenciam o desejo dos pais de que os filhos sejam detentores da “língua de prestígio”, especialmente quando esperam que ela oportunize ascensão social.

A importância de estudos acerca do fenômeno em variação linguística que caracteriza o grupo e que se coloca em destaque neste trabalho também leva em consideração o estigma social que foi, ao longo da história, originando um “[...] sentimento de vergonha do ítalo-brasileiro em relação ao seu modo de falar, seja em língua italiana ou em português regional. O sentimento de vergonha do seu próprio modo de falar constitui um estigma sociolinguístico que passa a fazer parte da história de vida de muitos ítalo-brasileiros” (FROSI, 2001, p. 256).

³ A cidade tem no início do século XX a sua mais importante marca. Foi o período da chegada dos gaúchos que vieram para a região em busca de novas expectativas de vida. O fenômeno é chamado de movimento migratório interno, já que a maior parte desses eram imigrantes ou descendentes de imigrantes europeus, a maioria de etnia italiana que, ao chegar no Rio Grande do Sul, já encontraram as terras gaúchas bastante povoadas e então vieram ao oeste catarinense, dando origem às características étnicas e linguísticas aqui analisadas.

⁴ A produção do fonema foi assim classificada e é mantida neste trabalho por não se tratar nem da realização de um tepe e nem de uma vibrante múltipla, mas uma produção “intermediária”. Froisi e Mioranza (1983) também identificaram a presença de um fonema “intermediário” em pesquisas desenvolvidas na chamada Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul (FROSI; MIORANZA, 1983).

⁵ Não entraremos nas questões políticas que levaram a um afastamento das línguas de imigração que vieram ao Brasil, especialmente a Campanha de Nacionalização da década de 1930, por não ser o foco deste trabalho.

Como orientação metodológica, seguimos os preceitos da Teoria da Variação, também chamada de Sociolinguística Quantitativa e que tem, no rigor de sua metodologia, uma de suas principais características. A abordagem laboviana se vale do *envelope da variação*, que consiste na descrição detalhada das variantes de uma regra variável e de seus possíveis condicionamentos. Os procedimentos metodológicos numa pesquisa variacionista consistem em: identificar fenômenos variáveis de uma dada língua; inventariar suas variantes definindo as variáveis dependentes; formular hipóteses que captem as tendências sistemáticas da variação; operacionalizar essas hipóteses mediante o estabelecimento de variáveis independentes (ou grupos de fatores) de natureza linguística e social; identificar, selecionar e codificar os dados relevantes; submeter esses dados a tratamento estatístico adequado; interpretar os resultados quantitativos à luz das hipóteses levantadas (OLIVEIRA E SILVA; SCHERRE, 1996). Considerando esses objetivos e preceitos, seguimos para a análise do fenômeno em estudo.

Variação linguística em contexto escolar: análise das produções dos estudantes em contextos de vibrante múltipla e de tepe

Para a coleta de dados da pesquisa que resultou neste artigo, desenvolvemos um estudo longitudinal, acompanhando uma turma de sétimo/oitavo ano ao longo de 2008 e 2009 (em 2009 o grupo encerrou as atividades na escola, concluindo o ensino fundamental). Os estudantes da turma em análise, 20 no total, tinham, durante o período da coleta de dados, idades entre 12 e 16 anos. Nove deles viviam em uma mesma comunidade rural e os demais em dois bairros da periferia da cidade, vizinhos à escola onde estudavam. Em relação à etnia, nove indicaram ser filhos de pai e mãe italianos, treze de pais italianos, treze de mães italianas e apenas quatro apontaram não pertencer a esse grupo étnico, indicando ascendência étnica alemã, russa, polonesa e negra. Na análise proposta, consideramos a distinção entre italianos e não-italianos. A separação foi feita para permitir a verificação, na análise quantitativa dos dados, da interferência ou não da etnicidade na produção do fonema vibrante ou, por outro lado, da interferência da fala desse grupo sobre os demais.

Tendo a escola como espaço de pesquisa, procuramos apresentar dados que permitam traçar um perfil da variação sociolinguística dos estudantes concluintes do ensino fundamental, em relação à produção característica da fala local, ou seja, a variação no emprego do fonema vibrante em contextos de vibrante múltipla (“rua” e “carro”) e de tepe (“parede”). Os dados linguísticos foram retirados de entrevistas gravadas individual-

mente com os estudantes do nível de ensino descrito, em dezembro de 2009. As 20 entrevistas seguiram um roteiro pré-definido que permitiu a coleta de dados em três contextos estilísticos diferentes: relatos do cotidiano, leitura de texto e avaliação da fala⁶. O primeiro contexto caracterizou-se pelos relatos dos estudantes acerca do cotidiano escolar, a expectativa com o ingresso no ensino médio e, conseqüentemente, entrada em uma nova escola. Para a coleta de dados em contexto estilístico de leitura, foi apresentado um texto de Cecília Meireles (*O menino dos ff e rr*). O contexto de avaliação da fala caracterizou-se pela solicitação, ao final das entrevistas, de que os estudantes analisassem o próprio modo de falar e o da comunidade, a partir das diferenças de produção do fonema vibrante (“car-ro” e “caro”), questões que foram articuladas à leitura do texto. Consideramos que, com a mudança de contextos estilísticos, conseguimos seguir uma “[...] gama de estilos usados pelo falante rumo ao extremo formal do espectro, onde se presta mais atenção à fala. Há perguntas que naturalmente evocam a fala mais monitorada (como perguntas sobre a própria fala em si)” (LABOV, 2008 [1972], p. 247).

Com a inserção da variável contexto estilístico da entrevista, foi possível controlar, também, se a mudança de estilo apresentou algum tipo de interferência sobre a produção de tepe em contextos de vibrante múltipla e, por outro lado, de vibrante múltipla em contextos de tepe. Em relação às variáveis extralinguísticas, controlamos a influência das variáveis sexo, monolinguismo/bilinguismo e local de moradia (rural/urbano) na produção da vibrante. Apresentamos, no Quadro 1, a estratificação social dos informantes, com o objetivo de ilustrar a distribuição desses de acordo com as variáveis extralinguísticas:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis extralinguísticas

	Rural		Urbano		Total
	F	M	F	M	
Bilíngues (português/dialeto)	3	4	2	1	10
Monolíngues (português)	0	2	2	6	10
Total	3	6	4	7	20

Fonte: Spessatto (2011, p. 53).

Com essa distribuição, perdemos a homogeneidade em relação à variável sexo, somando-se 7 informantes do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Também não há uma distribuição homogênea entre informantes residentes na área rural (9) e urbana (11). Porém, tem-se o mesmo número de informantes bilíngues (10) e monolíngues (10).

⁶ Classificação apoiada em Labov (2008 [1972]).

Considerando essa caracterização, foram controladas:

variáveis extralinguísticas: local de moradia (rural/urbano); bilinguismo (monolíngues/bilíngues), sexo (masculino/feminino);

variáveis linguísticas: posição na palavra (início de palavra, posição intervocálica em contexto de vibrante múltipla, posição intervocálica em contexto de tepe);

contexto estilístico da entrevista: relatos do cotidiano, leitura e avaliação da fala.

Em relação à variável dependente (o fonema vibrante), controlamos as produções da vibrante múltipla, do tepe e da “vibrante intermediária”. Consideram-se como “intermediárias” as produções do fonema nas quais a vibração não ocorre com o ápice da língua nos alvéolos, como na realização da vibrante, mas sim com a lâmina da língua, em uma situação que não ocorre com a vibrante no sistema fonológico do português-brasileiro. Pode-se interpretar essas realizações como tentativas do informante de produzir uma vibrante múltipla, um esforço para incorporar o traço do sistema fonológico do português em sua fala (SPESSATTO, 2001).

Como já afirmamos, os dados linguísticos coletados por meio das entrevistas foram analisados a partir da análise quantitativa proporcionada pelo programa estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988). Iniciamos a análise quantitativa com a rodada geral que mostra a distribuição das variantes em relação à produção total em contextos de vibrante múltipla e de tepe.

Tabela 1 – Distribuição das realizações do fonema vibrante em início de palavra e posição intervocálica em contextos de vibrante múltipla e de tepe

Contextos esperados	Vibrante múltipla		Intermediária		Tepe		Total
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
Início de palavra (<i>rua</i>)	25/140	18	3/140	2	112/140	80	140
Intervocálica em contextos de vibrante múltipla (<i>carro</i>)	99/389	25	4/389	1	286/389	74	389
Total contexto de vibrante múltipla	124	23	7	1	398	75	529
Intervocálica em contextos de tepe (<i>parede</i>)	11	2	0	0	561	98	572
TOTAL	135	12	7	1	959	87	1.101

Fonte: Spessatto (2011, p. 149).

Fazendo uma análise geral, tem-se 1.101 dados, sendo 529 em contextos esperados de /R/ e 572 em contextos esperados de /r/. Porém, em relação às produções, 959 ocorrências (87%) foram de /r/ e 135 (12%) de /R/. Em relação à intermediária, somou apenas 1% das ocorrências, com sete produções, todas em contextos esperados de /R/. É em contextos de vibrante múltipla (início de palavra, como em “rua”, e posição intervocálica, como em “carro”) que a variação que constitui o grupo é empregada de forma mais significativa: em 75% desses contextos os informantes produziram tepe (398 ocorrências), em casos como:

“Eu moro na área rural [**rural**] e não falo nada” (Ana⁷).

“Conseguir meu terreno [**tereno**], minha casa, meu carro [**caro**]” (Carlos).

Como já apontamos, a intermediária foi registrada em apenas 1% das produções em contexto de vibrante múltipla, nos casos listados abaixo:

“Que lá tem muitos colegas bons e também ruins [**?uins**]⁸” (Alex).

“De ruim [**?uim**] ou de bom?” (Francis).

“Ah, preconceito racial [**racial**], de cor, preto, branco, e até por religião [**?eligião**].” (Jandira).

As outras quatro ocorrências classificadas como intermediárias foram produzidas pelo mesmo estudante, durante a leitura do texto e na análise desta, etapas consecutivas da gravação da entrevista. O informante intercalou o uso da intermediária e do tepe em contextos de vibrante múltipla, como segue:

“O menino dos efes e erres [**e?es**]. O menino dos efes e erres [**e?es**] é o Orfeu Orofilo Ferreira [**fereira**]. Aí, com tantos fefê e rr erres, não erres [**e?es**]. [...] Não, só fala do menino dos efes e erres [**e?es**]. Acho que é o nome dele.” (Marcos).

Embora tenhamos dados que nos mostram uma presença forte do fenômeno em variação na fala dos estudantes, já que o tepe é a variável utilizada em 75% dos contextos em que o esperado era uma vibrante múltipla, a presença da intermediária revela uma tentativa do informante de se aproximar da variedade de prestígio, possivelmente por influência de alguns dos colegas detentores desta variedade linguística. Considerando o que afirma Labov (2008 [1972]), podemos dizer que, no caso do estudante, a influência dos pares foi fundamental para a alteração de variedade linguística. De acordo com o autor: “Na grande maioria dos casos que temos estudado ou encontrado, as crianças seguem o padrão de seus pares. Posso citar muitos exemplos de minhas próprias observações, tanto

⁷ Os nomes dos estudantes entrevistados foram substituídos por pseudônimos.

⁸ Marcamos a produção de intermediária com /?/.

quanto qualquer linguista que tenha investigado a matéria” (LABOV, 2008 [1972], p. 349).

Os dados gerais da Tabela 1 atestam nossa hipótese inicial de que, entre o grupo de estudantes, a variação característica da interferência do dialeto italiano sobre a fala em português é bastante acentuada, mesmo se tratando de um grupo de adolescentes e, ainda, de quinta ou sexta geração de imigrantes.

Em contextos de tepe (como em “parede”), essa foi a variante empregada em 98% das ocorrências (557 produções). A vibrante múltipla, nesse contexto, foi registrada apenas 11 vezes, representando 2% do total das produções. Os casos de emprego da vibrante múltipla em contextos de tepe estão concentrados nas entrevistas de três estudantes do sexo feminino. Nesses registros, apenas um está em contexto de relatos do cotidiano, em um trecho no qual foi solicitado que simulassem um discurso de primeiro dia de aula no estabelecimento no qual estavam matriculados para iniciar o Ensino Médio em 2010, explicando como era a escola de onde vinham:

“Tá: lá no colégio eu morava [**moRava**] desde criança e eu estudei na Coca no Bairro [**baíro**] Belvedere desde o pré que eu estudava lá.” (Jandira).

Dois dos casos de emprego de vibrante múltipla em contexto de tepe foram registrados em situação de leitura de texto, ambos na produção da palavra “Meireles”, no sobrenome da autora do texto lido:

“Cecília Meireles [**meiReles**], Ou isto ou aquilo” (Diana).

“Cecília Meireles [**meiReles**], Ou isto ou aquilo” (Eduarda).

Oito empregos da vibrante múltipla em contextos de tepe estão em situações nas quais as estudantes avaliam a fala. Uma delas produz as vibrantes para exemplificar uma pronúncia que considera diferente daquela que faz parte da sua comunidade:

“Eu não me adaptaria muito fácil falando Ferreiro [**feReiro**], Orofilo [**oRofilo**], eu não conseguiria eu não iria entender, eu não saberia que era com erre [**ere**], né? Vou pensar, sei lá, agá, alguma coisa assim, né? Porque é diferente da gente, aqui” (Jandira, avaliação da fala).

É interessante observar a afirmação da estudante de que, em casos da produção da vibrante, perde a referência da grafia da palavra pronunciada: “[...] eu não saberia que era com erre [**ere**], né? Vou pensar, sei lá, agá, alguma coisa assim, né?”, diz a estudante (Jandira).

Afirmações semelhantes aparecem sempre que os estudantes argumentam em defesa da variedade local como a mais coerente com “a grafia com erre”: “Que nem ‘caro’, a

gente fala ‘caro’ lendo mais o ‘erre’ e tem gente que fala ‘carro’ [cax⁹o], mais com o agá”, explica o estudante Elvis.

Como hipóteses para justificar esse posicionamento dos estudantes, podemos apontar o desconhecimento em relação ao elevado grau de poliformismo do fonema /r/. No português brasileiro, de acordo com Callou, Moraes e Leite (1996, p. 465) a variação na produção da vibrante se deve à amplitude do espaço articulatorio existente para a realização desse segmento fônico, seja no grau de abertura no eixo vertical (vibrante ou fricativa, por exemplo), seja na área de articulação na dimensão longitudinal (alveolar, velar, uvular ou faríngeo, por exemplo) (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 465). Ao ouvir uma fricativa, em vez de uma vibrante, especificamente de um tepe, os estudantes remetem ao “agá”, uma letra “sem som”. Outra hipótese pode ser a influência do aprendizado de inglês como língua estrangeira na escola. Possivelmente eles relacionem as produções de [caxo] e [xua] com as pronúncias de palavras inglesas iniciadas com agá, como “have”, “home” e “house”, por exemplo.

Identificamos, também, a dificuldade de entender qual o contexto para a produção de uma vibrante múltipla, na fala dos estudantes. Basta observar a produção da palavra “Ferreira”, produzida por ela como “Ferreirra”: “Os ff e erres [eRe] do Orofilo Ferreira [feReiRa], aí tem ff e erre [eRe], ferreira [feReiRa], coisas assim que se engana, né?” (Jandira). No caso da outra estudante (Eduarda), que utilizou a vibrante múltipla em contextos de tepe em situação de avaliação de fala, é interessante observar que isso se dá quando ela indica as advertências da tia em relação aos usos “errados” da família: “Na minha família também tem bastante erro [eRo] de português, como diz a minha madrinha, ela diz, que ela é de fora [foRa].” (Eduarda).

Adiante, ela repete o termo “diferente”, com o emprego da vibrante múltipla, também se referindo ao que considera como problemas de pronúncia: “É, porque tem muitos nomes difíceis com k e y, diferente [difeRente] e a gente tem que pronunciar diferente [difeRente] e ali que o problema, mas com o tempo...” (Eduarda).

Na sequência da entrevista, quando questionada sobre o que considera ser o ideal em relação à pronúncia da vibrante múltipla (perguntamos sobre a pronúncia da palavra “carro”), ela faz um comentário que indica a questão da “norma” estabelecida pela comunidade, incluindo a escola:

⁹ Usamos a marcação [x] para indicar a produção de uma fricativa velar na fala dos estudantes. Contextos como este, no qual a informante faz referência a uma variante com a qual não está habituada, são os únicos nos quais os estudantes usam a vibrante alveolar, confundida, como dia a estudante, com a pronúncia com “agá”.

Entrevistadora: Como que você acha que deveria ser?

Eduarda: Carro [caro], como se for, só que na hora da leitura eu falo carro [caRo].

Entrevistadora: Daí os professores chamam a atenção, ou os colegas?

Eduarda: Mais os professores porque os colegas não tanto.

Entrevistadora: E eles dizem como?

Eduarda: Eles falam a palavra normal, assim.

Entrevistadora: Fala o normal, então?

Eduarda: Carro [caRo], caro [caro], caro [caro].

Entrevistadora: “Caro” seria o certo, então? Te chamam a atenção nesse sentido então?

Eduarda: Ah, ahm.

Ao contrário de pesquisas anteriores com a comunidade de descendentes de italianos com idade acima de 25 anos de Chapecó, a variação em contexto de tepe é, entre o grupo de adolescentes que constituem o *corpus* desta pesquisa, estatisticamente baixa. Poderíamos esperar resultados diferentes, já que se trata de público jovem e exposto à influência da mídia na produção linguística, o que poderia levar à hipercorreção. Importante destacar que todos os vinte estudantes participantes da pesquisa afirmaram ter em casa acesso ao rádio e à televisão; dezoito a telefone celular; treze a telefone fixo; oito disseram possuir computador; e, entre eles, cinco com conexão à internet. Um dos adolescentes, ao ser levado a avaliar a diferença na produção da vibrante entre a comunidade onde vive e outros locais, fez a seguinte colocação:

Leonardo: O nosso é erre [eRe] (faz uma vibrante ápico dental), erre [ere] e eles falam erre [eRe].

Entrevistadora: E onde que fala assim?

Leonardo: É tipo mais para a cidade que eles falam assim. Eu gosto de assistir os filmes... [não concluiu a frase]

Entrevistadora: E por que a gente fala diferente o erre, por exemplo?

Leonardo: Ah...

Entrevistadora: Tem a ver com família, com cultura?

Leonardo: Acho que tem a ver com família, a gente aprende falar com o pai, com a mãe, a gente aprendeu assim, já está acostumado.

Embora ampliemos essa discussão adiante, ao tratar da interferência das variáveis extralinguísticas no fenômeno em variação, é preciso considerar, aqui, o fato de o grupo

viver em comunidades rurais (nove estudantes) e em dois bairros da periferia, distantes cerca de 10 quilômetros do centro da cidade (11 estudantes). Pode-se avaliar, então, que sofre baixa pressão social para adequar-se à variedade de prestígio. A pesquisa desenvolvida por Spessatto (2001) com falantes da mesma comunidade, adultos acima de 25 anos, considerou um grupo de falantes urbanos e, via de regra, inseridos no mercado de trabalho. Embora entre esses falantes o percentual de tepe em contextos de vibrante múltipla tenha sido alto (46%), a análise dos dados feita pela pesquisadora indicou uma incidência um pouco mais acentuada de vibrante múltipla em contextos de tepe (4,5%), além da significativa presença da intermediária (registrada em 35% dos contextos de vibrante múltipla), evidenciando a tentativa dos informantes de aproximação com a variedade de prestígio, o que não parece ocorrer com o grupo de informantes que constitui o *corpus* desta pesquisa. Eles, como já informamos anteriormente, produziram tepe em 75% dos casos nos quais o esperado era uma vibrante múltipla.

A baixa pressão social em direção a uma mudança linguística entre o grupo pode estar relacionada às redes sociais estabelecidas entre eles. Essas redes estão relacionadas à dinâmica de comportamentos interacionais entre indivíduos. Para explicá-las, afirma Monguilhott (2009, p. 52), devemos olhar para suas associações diárias, investigando como as pessoas se conhecem e como fazem para se conhecer.

Quanto maior o número de pessoas que se conhecem em uma rede, maior sua densidade (número de ligações entre os indivíduos em uma rede). Redes multiplexas são compostas por indivíduos que se relacionam entre si em diversas condições (parentes, vizinhos, trabalho, lazer). Já a rede uniplexa é caracterizada por indivíduos que se relacionam de uma única maneira. (MONGUILHOTT, 2009, p. 52).

No caso aqui apresentado, embora tenha sido feita uma análise detalhada das redes sociais estabelecidas entre os estudantes, os dados gerais das fichas sociais preenchidas por eles ao longo do trabalho de pesquisa de campo¹⁰ indicam o convívio diário entre a maioria deles também em ambientes externos à escola, nos turnos nos quais não estão em sala de aula.

Retomando os dados linguísticos dos estudantes, observamos que, em relação à posição na palavra, 98% das produções em contextos de tepe (posição intervocálica como em “parede”) ocorreram com o emprego dessa variante e apenas 2% foram de vibrante múltipla, como já indicado na análise da tabela de distribuição geral das ocorrências. O

¹⁰ Em etapa anterior do estudo que deu origem a este artigo.

percentual de uso do tepe em início de palavra foi de 80% e apenas 18% das ocorrências nesse contexto foram de /R/, variante esperada. Fazendo a análise percentual geral, observa-se uma leve vantagem na posição início de palavra (80%) sobre a intervocálica de vibrante múltipla (74%) para a produção de tepe. Para a produção da intermediária, também há pouca diferença em relação ao contexto: 2% dos casos foram em início de palavra e 1% em contexto de intervocálica de vibrante múltipla.

A partir do que os dados apresentados pela primeira rodada foram nos mostrando, optamos por desconsiderar a intermediária, devido à recorrência percentualmente baixa e bastante localizada. As sete ocorrências da variável “intermediária” foram produzidas por apenas três estudantes, conforme explicitado anteriormente. Desta forma, desconsiderando a “intermediária”, temos a seguinte distribuição geral dos dados:

Tabela 2 – Dados gerais das produções do fonema vibrante, desconsiderando a variante intermediária

	Vibrante múltipla		Tepe		Total
Contexto esperado de vibrante múltipla (“rua” e “carro”)	Freq. 124	% 24	Freq. 394	% 76	522
Contexto esperado de tepe (“parede”)	11	2	571	98	571
TOTAL	135	12	959	88	1.094

Fonte: Spessatto (2011, p. 156).

Desconsideradas as produções da variante intermediária, foram constituídos os dados a serem utilizados nas rodadas seguintes, nas quais passou a ser controlado, também, o peso relativo que mede probabilisticamente a interferência das variáveis linguísticas e extralinguísticas nas produções do fenômeno em análise. Diante de um quadro que nos revela uma significativa variação em contextos de vibrante múltipla, no qual a maioria significativa das ocorrências é de tepe, optamos por analisar quantitativamente a variação apenas nesse contexto. Das 522 produções nas quais era esperada a realização de uma vibrante múltipla, 124, representando 24% das ocorrências, foram da variante esperada, enquanto que 398 ocorrências, representando 76%, foram de tepe.

Análise geral de produções de tepe em contextos de vibrante múltipla

As tabelas que fazem parte desta seção apresentam os grupos de fatores que foram apontados pelo Programa VARBRUL como os mais significativos estatisticamente para

as realizações de vibrante múltipla e de tepe em contextos de vibrante múltipla (como em “rua” e “carro” [522 dados]). Na rodada geral, que mede a relevância de todas as variáveis sociais e linguísticas para as produções em todos os contextos, apenas dois grupos de fatores foram selecionados, nesta ordem: a produção de cada informante (variação na fala de cada um dos 20 estudantes) e o contexto estilístico da entrevista (relatos do cotidiano, leitura e avaliação da fala)¹¹. Abaixo, apresentamos a tabela com a descrição das produções dos 20 estudantes. Ao lado da frequência de produção, apresentamos os percentuais e os pesos relativos para a produção de tepe em contexto de vibrante múltipla, com exceção dos quatro primeiros indivíduos, cujos pesos relativos não foram gerados pelo programa, por terem produzido 100% de tepe em contextos esperados de vibrante múltipla, como segue:

Tabela 3 – Distribuição dos usos de tepe em contexto esperado de vibrante múltipla, por informante

	Freq. Aplic/Total	%	PR
Débora	28/28	100	-
Fernando	58/58	100	-
Juliano	58/58	100	-
Luís	49/49	100	-
Carlos	35/37	95	0,86
Marcos	15/16	94	0,77
Jana	39/44	89	0,77
Elvis	24/26	92	0,76
Leonardo	22/25	88	0,75
João	16/18	89	0,70
Francis	10/11	91	0,69
Túlio	19/23	83	0,58
Lauro	22/26	85	0,56
Suzana	17/21	81	0,53
Ana	18/21	86	0,52
Diana	39/52	75	0,48
Jandira	17/28	61	0,35
Denis	08/23	35	0,18
Eduarda	04/27	15	0,06
Alex	04/35	11	0,02
TOTAL	398/522		

Fonte: Spessatto (2011, p. 157).

¹¹ O contexto estilístico passa a ser o primeiro em significância, quando eliminamos, na rodada geral de análise das produções de tepe em contexto de vibrante múltipla, a variável indivíduo.

Analizamos as fichas sociais dos informantes que produziram 100% de tepe em contextos de vibrante múltipla e encontramos as seguintes características sociais: uma é do sexo feminino e três do sexo masculino, dois vivem na área urbana e dois na rural, dois dizem-se bilíngues e dois monolíngues.

A primeira informante, Débora, vive na área urbana e é monolíngue, falante apenas do português brasileiro. Estudou na escola, inserindo-se na turma de sujeitos analisados nesta pesquisa apenas no último ano do ensino fundamental e não fez referência, na ficha social, a relações mais estreitas com colegas de classe. Entretanto, sempre morou em um bairro localizado próximo à escola e, por isso, desde a infância está vinculada à comunidade. Já o outro falante monolíngue e urbano que produziu 100% de tepe (Luís) aponta estreito vínculo com os outros dois informantes com as mesmas características linguísticas (Fernando e Juliano). Luís estudou na escola desde a quarta série do ensino fundamental, portanto, tem uma relação de quatro anos com os colegas de classe.

As características sociais dos outros dois estudantes (Fernando e Juliano) são bastante parecidas: ambos são habitantes da área rural e bilíngues. Também se indicam, mutuamente, como as referências de atividades extraescolares, quando questionados sobre os vínculos com os colegas de classe, nas fichas sociais preenchidas em outubro de 2009. Entretanto, dentre as características sociais desses quatro informantes, o que os une é a etnicidade. Todos são descendentes de italianos e estão expostos, com mais ou menos frequência, à fala dialetal italiana, mesmo aqueles que se caracterizaram como monolíngues. Os dois informantes que estão nessa condição apontaram, em entrevistas e fichas sociais, o reconhecimento de alguns itens lexicais, como “*cuciaro*¹² (colher), *è vero* (é verdade)” (Luís, ficha social preenchida em outubro de 2009); e o contato com tios e avós que “[...] só ficam falando [dialeto] e eu não entendo muita coisa” (Débora, entrevista gravada em abril de 2009). Os outros dois estudantes que produziram 100% de tepe, além de informarem serem bilíngues, afirmaram a exposição à fala dialetal “praticamente sempre” (Fernando) e “a toda hora” (Juliano).

Com exceção de apenas três estudantes que produziram baixos percentuais de tepe (35%, 15% e 11%), entre os demais estudantes da turma, cujas produções linguísticas estão apresentadas na tabela anterior, o percentual de produção de tepe em contextos de vibrante múltipla ficou acima de 60%, sendo que 11 produziram mais de 80% de tepe em contextos de vibrante múltipla, quatro deles com produções de tepe em mais de 90% das

¹² Forma dialetal descrita por Luzzatto (2000, p. 98). Nardo (2010, p. 214) grafa o termo como “guciaro”. No italiano oficial, “cucchiaio”.

ocorrências linguísticas: Carlos, com 95%; Marcos, com 94%; Elvis, com 92%; e Francis, com 91%. Dos quatro, três são monolíngues (Carlos, Marcos e Francis) e apenas um bilíngue (Elvis); dois moram na área rural (Carlos e Francis) e dois na periferia da área urbana (Marcos e Elvis). Diante de dados como esses, julgamos importante considerar os vínculos estabelecidos na comunidade e reforçados na escola.

Todos os estudantes vivem nas proximidades do estabelecimento no qual estudam e é nos arredores que acontecem as festas comunitárias e os eventos sociais dos quais todos participam. Mesmo aqueles que vivem nos bairros encontram na área rural a referência para as atividades culturais. O salão da igreja da comunidade, situada ao lado da escola, é o espaço no qual se realizam as festas e até algumas atividades extracurriculares das quais participam os estudantes, como as aulas de dança italiana. A distância do centro da cidade, de mais de dez quilômetros, faz com que todos se sintam integrados e compartilhem sentimentos comunitários¹³.

Por outro lado, do grupo de 20 estudantes que constituem o *corpus* de análise, apenas três apresentam uma frequência alta de produção da vibrante múltipla em contextos esperados: os informantes Alex (89% das produções como vibrante múltipla e 11% como tepe), Eduarda (85% de vibrantes múltiplas e 15% de tepes) e Denis (65% de vibrante múltipla e 35% de tepes).

O estudante que menos produziu o tepe, Alex, veio da capital do estado e vivia, na época da coleta de dados, há quatro anos em um dos bairros próximos à escola, ingressando no estabelecimento apenas no último ano do ensino fundamental. O caso é semelhante ao de Denis, também vindo da grande Florianópolis, porém, no período já há seis anos na comunidade e há dois estudando na escola. Ambos são moradores urbanos e monolíngues. Eles foram os únicos entre os estudantes a revelar o reconhecimento de que a comunidade fala uma variedade desprestigiada, sujeita a preconceito quando empregada fora do contexto no qual passaram a se inserir: “Ah, vão tirar sarro [**saRo**] de mim”, afirmou Alex, ao ser questionado em relação ao modo como seria recebido em sua cidade natal, se voltasse usando a variedade da sua nova comunidade; “Ah, vão dar risada [**Risada**], no mínimo”, concluiu Denis, diante da mesma questão.

Entretanto, é evidente, por parte dos dois estudantes, a tentativa de se sentirem incluídos na comunidade, também pela questão linguística. Ambos afirmaram procurar aproximar-se do modo de falar local: “É, puxo mais para o lado de cá, agora, de Chapecó.

¹³ A pesquisa que deu origem a este trabalho permitiu identificar que há, na escola em análise, um reforço das características comunitárias e étnicas. Observamos durante o desenvolvimento do estudo a valorização das características comunitárias na voz dos estudantes. Há uma forte noção de “pertencimento” (BAUMAN, 2003; MILROY, 1980 apud MONGUILHOTI, 2009).

Mas três anos atrás era meio manezinho¹⁴, ainda. [...] Eu até que estranhei, mas tinha que falar do jeito que eles falam, se não eles tiram sarro [**saRo**]” (Alex); “Eu achava engraçado. Eles também davam risada [**Risada**] de mim, mas depois [...] mudei, sei lá, porque acostumei. Estou com eles direto e aí se acostuma” (Denis).

Diferente dos dois estudantes, a informante Eduarda, que produziu 85% de vibrante múltipla em contextos esperados, nasceu no mesmo bairro em que mora e estudou na escola em seis dos oito anos do ensino fundamental. Outra diferença é o fato de apresentar-se como bilíngue. Quando avaliou a própria fala e a da comunidade, afirmou que “na minha família tem bastante erros [**eRos**]”, atribuindo à madrinha, professora “que é de fora [**foRa**]”, a explicação. Afirmou, também, estar sendo orientada por essa pessoa a modificar o modo de falar, para inserir-se no mercado de trabalho: “E *pra mim* começar no Senac ela também me ajudou bastante nos meus erros [**eRos**] ela me ajudou bastante”.

Como segundo grupo de fatores significativos que favorecem a produção de tepe em contextos de vibrante múltipla, foi selecionado pelo programa VARBRUL o contexto estilístico da entrevista. Como analisamos, neste trabalho, a relação da escola com uma variedade linguística desprestigiada, caracterizada pela não produção da vibrante múltipla em contextos esperados pelo padrão fonológico do português brasileiro, julgamos interessante invertermos a tabela e avaliarmos, também, a interferência do contexto estilístico da entrevista na produção da vibrante múltipla em contextos esperados, relacionando o aumento do grau de monitoramento do contexto estilístico na produção da variante de mais prestígio social. Dessa forma, na tabela que segue, apresentamos os dados dos dois contextos (de tepe e de vibrante múltipla), comparativamente, para facilitar a visualização:

Tabela 4 – influência do contexto estilístico da entrevista na produção de tepe e de vibrante múltipla, ambos em contexto de vibrante múltipla

Contexto estilístico	Tepe			Vibrante múltipla		
	Freq. Aplic./total	%	PR	Freq. Aplic./total	%	PR
Relatos	125/142	88	0,68	17/142	12	0,32
Leitura	167/215	78	0,57	22/215	22	0,43
Avaliação	106/165	64	0,27	36/16	36	0,73
Total	398/522	76		124/522	24	

Fonte: Spessatto (2011, p. 161).

De acordo com o que mostra a tabela, o contexto estilístico de relatos do cotidia-

¹⁴ Manezinho: gentílico que designa os nativos de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

no é o que mais estimula o emprego do tepe (88% e 0,68 de peso relativo). A leitura é o contexto estilístico mais neutro, onde há menos variação, com um peso relativo próximo a 0,50 (78% de produções). Por outro lado, a situação de avaliação da fala é o que mais inibe a produção do tepe em contextos de vibrante múltipla, com peso relativo de 0,27 (64% dos casos). Em contrapartida, observamos que quanto mais o grau de monitoramento aumenta, mais cresce a produção da vibrante múltipla em contextos esperados para essa variante. Embora os percentuais de produção da variante vibrante múltipla em contexto de avaliação (+ monitorado) apresentem-se ainda inferiores ao de produção do tepe nesses contextos (somando 36%), temos aí um acréscimo de 24 pontos percentuais na produção do fonema, se comparado ao contexto estilístico de relatos do cotidiano. Com esses dados, poderíamos dizer que há uma intervenção escolar levando à compreensão de que o aumento do grau de monitoramento requer o emprego da vibrante múltipla em contextos esperados.

Entretanto, os resultados precisam ser relativizados mediante as circunstâncias encontradas nas produções de muitos estudantes nesses contextos estilísticos. Eles foram levados a refletir sobre a diferença de pronúncia de palavras como “carro” e “caro”. Dessa forma, o emprego da vibrante múltipla em contextos de avaliação de fala nem sempre pode ser interpretado como uma preocupação do falante em se aproximar da variedade de prestígio, como mostra o exemplo abaixo. O estudante produtor do enunciado empregou, em toda a entrevista, apenas duas vezes a vibrante múltipla, ambas em situação de avaliação, como segue:

Entrevistadora: E se a gente falasse assim “carro” ou “caro”, que diferença tem?

Elvis: Aqui a gente fala mais “caro [caro]”, né? E depende também da pessoa como ela consegue falar. Tem gente aqui em Chapecó que fala “carro [caRo]”, tem gente que é “caro [caro]”, bastante. [...] a gente fala “caro” lendo mais o erre [ere] e tem gente que fala “carro [caRo]”, mais com o agá.

O mesmo ocorre com outro informante que, ao longo de toda a entrevista, produziu apenas duas vezes a vibrante múltipla, ambas em contexto de avaliação de fala. Depois da leitura do texto, foi questionado sobre as diferenças de produção do fonema vibrante:

Entrevistadora: Tem gente que fala “Ferreira”, tem outros que falam “Fereira”, você já percebeu essa diferença?

[...] Carlos: Sim, tem gente que fala a mesma coisa que os efes. Ferreira [feReira], fala o erre [ere] em tom mais alto ou em tom mais baixo.

Como já afirmamos, diante de casos como esses, é preciso considerar que nem sempre há, por parte dos estudantes, o reconhecimento da variação como um fator de avaliação social. A produção da vibrante, nos casos acima, se dá por reprodução e não por produção voluntária, sendo que isso ocorre, também, com algumas produções da vibrante múltipla em outros informantes, como os casos citados na seção anterior (nas falas das estudantes Eduarda e Jandira). No caso da estudante Jandira, esta também associa, como já apresentamos, a produção de /R/ com “palavras com agá”.

Como a variável independente ‘contexto estilístico’ se mostrou estatisticamente relevante no favorecimento/inibição da produção de tepe em contextos de vibrante múltipla, resolvemos efetuar rodadas diferenciadas para cada contexto, com vistas a avaliar melhor o comportamento linguístico dos informantes. Em relação ao contexto estilístico de relatos do cotidiano, que mais favorece a produção de tepe em contextos de vibrante múltipla, nenhuma das demais variáveis linguísticas ou extralinguísticas foi selecionada como significativa para as produções de tepe em contextos de vibrante múltipla. Esse resultado reforça a hipótese de que a variedade local é detentora de prestígio na comunidade, não havendo preocupação dos falantes em mudar a forma, quando na fala cotidiana. Assim, as seções a seguir se destinam à apresentação e discussão desses resultados mais específicos, voltados aos contextos de leitura e avaliação da fala.

A produção de tepe em contextos estilísticos de leitura

Em contextos estilísticos de leitura, duas variáveis independentes foram selecionadas como significativas, uma extralinguística, a ‘área de moradia’ e outra linguística, a ‘posição na palavra’, nessa ordem de significância. Analisamos, primeiramente, a influência da área de moradia na produção da variante, conforme tabela abaixo:

Tabela 5 – Influência do local de moradia na produção de tepe em posição de vibrante múltipla em contextos estilísticos de leitura

	Freq. Aplic./total	%	PR
Rural	73/80	91	0,75
Urbano	94/135	70	0,32
Total	167/215		

Fonte: Spessatto (2011, p. 163).

A Tabela 5 mostra uma acentuada tendência dos estudantes residentes na área rural de produção do tepe em contextos de vibrante múltipla. Entre os dados linguísticos desses informantes nos contextos estilísticos de leitura, 91% das ocorrências foram de tepe (peso relativo de 0,75). Por outro lado, o peso relativo de 0,32 (70%) para a produção do tepe nesse contexto mostra que há uma inibição desse uso entre falantes urbanos.

A tabela abaixo exhibe os resultados para a variável ‘posição na palavra’¹⁵:

Tabela 6 – Influência da variável linguística posição na palavra na produção de tepe em posição de vibrante múltipla em contextos estilísticos de leitura

	Freq. Aplic./total	%	PR
Intervocálica /R/ “carro”	161/203	79	0,53
Início de palavra “rua”	6/12	50	0,21

Fonte: Spessatto (2011, p. 164).

De acordo com os dados apresentados acima, a posição intervocálica é o contexto mais propício para a produção do tepe em contextos de vibrante múltipla, quando a variante em análise encontra-se em contexto estilístico de leitura. Nessa posição, 79% das produções foram de tepe. Por outro lado, o contexto de início de palavra parece inibir a produção de tepe (0,21).

A produção de tepe em contextos estilísticos de avaliação da fala

Em contextos estilísticos de avaliação, apenas a variável extralinguística sexo foi selecionada como significativa pelo programa. Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 7 – A influência da variável extralinguística sexo na produção de tepe em posição de vibrante múltipla em contexto estilístico de avaliação da fala

	Freq. Aplic./total	%	PR
Masculino	65/88	74	0,60
Feminino	41/77	53	0,38

Fonte: Spessatto (2011, p. 164).

¹⁵ Lembramos que, para a coleta dos dados analisados, os estudantes receberam para leitura o texto “O menino dos ff e rr”, de Cecília Meireles, anteriormente apresentado.

Observa-se um significativo favorecimento da produção de tepe entre os informantes do sexo masculino (peso relativo de 0,60 e 74%). Já entre as meninas, há uma inibição do uso da variante. É preciso considerar que, mesmo o emprego do tepe em contexto de vibrante múltipla sendo o mais usual entre o grupo, representando 76% do total de ocorrências, o contexto em análise é o de avaliação da fala. Esse é o contexto estilístico mais monitorado, o que contribui para explicar o fato de serem as meninas as que mais controlam o uso, aproximando-se da variedade prestigiada. Estudos de variação, em geral, têm mostrado que, tradicionalmente, os falantes do sexo feminino tendem a se aproximar mais da norma padrão do que os falantes do sexo masculino, quando a variante que está em jogo é estigmatizada. Tal postura costuma ser explicada pela forma com que homens e mulheres vivem na sociedade, em especial pelo maior formalismo associado aos papéis femininos, como na educação dos filhos, por exemplo. Ou ainda pelo que Labov (2008 [1972]) denomina de *prestígio encoberto*, no caso em que os homens estão mais sujeitos a fazer uso de formas linguísticas que são socialmente desvalorizadas, desde que garantam sua identidade em um determinado grupo social.

Possivelmente o contexto de avaliação da fala tenha estimulado o controle por parte dos informantes, especialmente das meninas. Porém, vale lembrar que muitas das produções de vibrante múltipla em contextos esperados (como em “carro”) se deu mais por reprodução do que por reconhecimento do valor social mais elevado dessa variante /R/, já que, inclusive, alguns dos estudantes classificam essas produções como “palavras com agá”.

Mesmo o local de moradia não tendo sido apontado pelo programa VARBRUL como significativo para as produções de tepe em contextos de vibrante múltipla no contexto estilístico em análise, julgamos importante avaliar o que os dados nos mostram acerca da influência desse contexto, como indica a tabela abaixo:

Tabela 8 – A influência da variável extralinguística local de moradia na produção de tepe em contextos estilísticos de avaliação da fala

	Aplic./total	Freq. %	PR
Rural	46/66	70	(0,56) ¹⁶
Urbano	60/99	61	(0,46)

Fonte: Spessatto (2011, p. 165).

¹⁶ Quando, nas tabelas, os pesos relativos aparecem entre parênteses é porque não foram considerados significativos pelo programa VARBRUL e foram tirados do nível 1.

A tabela indica que, em contextos estilísticos de avaliação da fala, os informantes da área urbana inibem a produção da variante estigmatizada (tepe em contextos de vibrante múltipla), com um percentual de 61% das produções, contra 70% dos informantes residentes na área urbana. Embora com dados estatísticos ainda altos de produção da variante estigmatizada entre os informantes dos dois grupos sociais, podemos dizer que os dados se aproximam do que indicam as pesquisas sociolinguísticas que mostram a tendência dos informantes da área urbana de se aproximarem mais das variedades linguísticas mais prestigiadas.

Considerações finais

A análise dos dados estatísticos confirmou nosso pressuposto inicial de alta incidência de uso do tepe em contextos de vibrante múltipla (“carro”) e também o uso praticamente categórico de tepe em contextos esperados (“parede”). Identificou-se a variação de uso entre os informantes (com uso de 100% de tepe em contexto de vibrante múltipla) em quatro deles e um baixo uso dessa variante em apenas três estudantes (com 35%, 15% e 11%). Outros fatores linguísticos ou extralinguísticos não se mostraram estatisticamente significativos para as produções, o que sugere a apropriação da variante étnica pelos falantes, não revelando a interferência da escola em direção a um padrão fonológico do português brasileiro. Muito embora tenhamos, quantitativamente, identificado a variável contexto estilístico como a mais significativa para a produção da vibrante múltipla em contextos esperados, nesse caso os estudantes foram levados a refletir sobre a diferença de pronúncia de palavras em questão (“carro” e “caro”). Assim, o emprego da variante esperada em contextos de avaliação de fala nem sempre pode ser interpretado como uma preocupação do falante em se aproximar da variedade de prestígio.

De modo geral, a análise dos dados nos revela a manutenção de características linguísticas que marcam o grupo étnico em análise, mesmo sendo os sujeitos da pesquisa indivíduos de faixa etária jovem e com acesso às variedades de prestígio da língua, seja por estarem frequentando a escola ou pela influência dos meios de comunicação. Os dados são significativamente expressivos, quando considerada a estigmatização dessas características linguísticas ao longo dos tempos, pelo “sentimento de vergonha do ítalo-brasileiro em relação ao seu modo de falar, seja em língua italiana ou em português regional” (FROSI, 2001, p. 256). Ainda, é preciso considerar o reconhecimento desse estigma entre o próprio grupo de estudantes, quando solicitados a avaliar como seriam

recebidos em sua cidade natal, se voltassem usando a variedade linguística da sua nova comunidade: “Ah, vão tirar sarro [**saRo**] de mim” (Alex); “Ah, vão dar risada [**Risada**], no mínimo” (Denis).

Os resultados identificados neste trabalho revelam, seja pelos dados quantitativos, seja nas entrelinhas dos depoimentos dos jovens sujeitos ouvidos, a persistência com que sobrevivem as línguas minoritárias, mesmo que seja se fazendo presentes em interferências nos usos da língua oficial. Os imigrantes e seus descendentes, que vieram ao Brasil para atender às demandas por mão de obra e para contribuir com a manutenção do território nacional em regiões de fronteira, foram obrigados a abandonar suas línguas de origem, especialmente durante a Campanha de Nacionalização, na década de 1930. A partir daí, bastou um passo para sofrerem o estigma de não serem detentores do português: “Eles [filhos] não querem que eu ensine. Dizem: ‘Th, mãe, essa língua ali nem fale com nós. Não adianta. Nós não podemos depois falar com os outros. Eles não entendem, eles dão risada’”. (Informante 01, Banco de Dados VARSUL apud SPESSATTO, 2001, p. 36).

Se temos, independente de todos esses fatores em contrário, a preservação das características linguísticas que marcam o grupo, valerá a pena pensarmos, em futuros estudos, em aspectos relacionados à língua e identidade, não apenas para justificarmos esses usos, mas para trazermos à tona o debate, sempre atual, acerca da diversidade que marca o povo brasileiro.

Referências

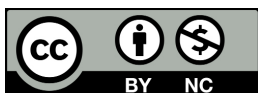
- BALHANA, Altiva Pilatti. Presenza di comunità dialettali italiane in Brasile: aspetti sociali, economici e demografici. In: LO CASCIO, Vincenzo (a cura di). *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice le Monnier, 1987.
- BERETTA, Pier Luigi. Notizie di geografia ambientale ed umana sugli insediamenti veneti nel Rio Grande do Sul. In: ZILIO, Giovanni Meo. *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo – parte I America Latina*. Venezia: Giunta Regionale Veneto, 1987.
- CALLOU, Dinah; MOARES, João A.; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do português falado*. Campinas/SP: UNICAMP, 1996.
- CORRÀ, Loredana. I veneti in Brasile: koinè dialettale come superamento dei confini? In: MARCATO, Gianna (a cura di). *I confini del dialetto*. Padova: Unipress, 2001.
- CORRÀ, Loredana. Il “talian” dei veneto-brasiliani. In: MARCATO, Gianna (a cura di). *Italiano: strana lingua?*. Padova: Unipress, 2003.
- COSTA, Rovilio; DE BONI, Luis Alberto (a cura di). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1991.

- FRANZINA, Emilio. L'America degli emigranti: dal Veneto ai "nuovi mondi" latinoamericani (1876-1924). In: ZILIO, Giovanni Meo. *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo* – parte I America Latina. Venezia: Giunta Regionale Veneto, 1987.
- FROSI, Vitalina. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese brasiliana. In.: ZILIO, Giovanni Meo. *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo* - parte I America Latina. Venezia: Giunta Regionale Veneto, 1987a.
- FROSI, Vitalina. I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socio-culturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto. In.: LO CASCIO, Vincenzo (a cura di). *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice le Monnier, 1987b.
- FROSI, Vitalina. L'italiano standard e i dialetti italiani in Brasile. In.: MARCATO, Gianna (a cura di) *I confini del dialetto*. Padova: Unipress, 2001.
- FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos italo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educ, 1983.
- LABOV, William. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LO CASCIO, Vincenzo (a cura di). *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice le Monnier, 1987.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *Dissionário Talian-vêneto brasileiro-português*. Porto Alegre: Saga Luzzatto, 2000.
- MARCATO, Gianna (a cura di) *I confini del dialetto*. Padova: Unipress, 2001.
- MARGOTTI, Felício W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1992.
- MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. 2009. 229 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- NARDO, Luigi. *Dizionario Italiano-Veneto: a cercar parole*. Padova: Editoriale Programma, 2010.
- OLIVEIRA e SILVA, Gisele M.; SCHERRE, Maria Marta P. (org.) *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PETRONE, Paquale. Italiani e discendenti di italiani in Brasile: le scuole e la lingua. In: COSTA, Rovilio; DE BONI, Luis Alberto (a cura di). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1991.
- PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs* - versão 2s. 1988. (mimeo)

SPESSATTO, Marizete B. *Marcas da história: características dialetais na fala dos descendentes de italianos de Chapecó*. 2001. 102 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001).

SPESSATTO, Marizete Bortolanza. *Variação linguística e ensino: por uma educação linguística democrática*. 2011. 231 f. Tese de doutoramento (Programa de Pós-graduação em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ZILIO, Giovanni Meo. *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo – parte I America Latina*. Venezia: Guinta Regionale Veneto, 1987.



Data de submissão: 31/08/2020

Data de aceite: 19/01/2021

USOS LINGÜÍSTICOS DE UM GRUPO DE LÉSBICAS E GAYS: QUESTÕES DE IDENTIDADE E ESTILO DISCUTIDAS EM ENTREVISTA DIRIGIDA

LINGUISTIC USES OF A GROUP OF LESBIANS AND GAYS:
ISSUES OF IDENTITY AND STYLE DISCUSSED IN A DIRECTED INTERVIEW

Ana Beatriz Oliveira Ribeiro | [Lattes](#) | anabeatrizopribeiro@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo busca investigar as percepções dos sujeitos de pesquisa acerca da(s) possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s), da fala como marcador dessa(s) identidade(s), e quais seriam os usos linguísticos associados a lésbicas/gays. O corpus constituiu-se de quatro entrevistas realizadas em duplas com total de oito sujeitos (quatro mulheres autodeclaradas lésbicas e quatro homens autodeclarados gays). Para geração e análise desses usos, propõem-se um instrumental metodológico para o *corpus* de análise, considerando: *interação*, *intimidade* e *informalidade*. Estudos variacionistas de terceira onda (ECKERT, 2012, 2016) instauram-se na pós-modernidade – marcada pela fluidez dos sujeitos (RAMPTON, 2006) – e apresentam um redimensionamento, pois a) o significado social das variáveis é priorizado, sujeitos e suas práticas discursivas são o *locus* de análise; b) inverte-se a perspectiva da variação refletindo o lugar social para variação como recurso constitutivo de significado social; c) metodologias emergem das práticas estilísticas em que os sujeitos se envolvem. Assim, as metodologias não devem ser tomadas como fixas e não devem ser apenas replicadas sem considerar a multiplicidade dos sujeitos e das singularidades das pesquisas. Observou-se: i) os sujeitos de pesquisa acreditam que não há apenas uma identidade relacionada a lésbicas/gays; ii) a maioria apontou que se sentem confortáveis para demonstrar sua(s) identidade(s) com sujeitos LGBT ou pessoas íntimas e em lugares conhecidos; iii) todos consideram que a fala pode funcionar como um marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s)/gay(s); iv) todos os sujeitos concordam que existem usos linguísticos característicos de lésbicas/gays.

Palavras-chave: Usos linguísticos de lésbicas e gays. Estilo. Identidade. Entrevista Dirigida.

Abstract: This article seeks to investigate subjects' perceptions about the possible lesbian's and gay's identity on speech as a marker of these identity and, even if there are, what are the linguistic uses associated with lesbians/gays. The corpus consists of four interviews conducted in pairs with a total of eight subjects (four self-declared lesbian and four self-declared gay). To generate and analyze these uses, a methodological tool to analyze the corpus is proposed, considering interaction, intimacy and informality. Variationist third wave studies (ECKERT, 2012, 2016) establish themselves in post-modernity - marked by the fluidity of the subjects (RAMPTON, 2006) - and present a re-dimensioning, since a) the social variables are prioritized, subjects and their discursive practices are the locus of analysis; b) the variation perspective is reversed, reflecting the social place, for variation as a constitutive resource of social significance; and c) methodologies emerge from the stylistic practices in which the subjects are involved. Thus, methodologies should not be taken for granted and should not be replicated without considering the subjects multiplicity and the research singularities. It was observed that i) the subjects believe that there is not only an identity related to lesbians/gays; ii) the majority of them pointed out that they feel comfortable to demonstrate their identity with LGBT subjects or close people and in friendly places; iii) everyone considers that speech can act as a marker of lesbian/gay style and identity; and iv) all subjects agree that there are linguistic characteristic uses of lesbians/gays.

Keywords: Linguistic uses of lesbians and gays. Style. Identity. Directed interview.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é comumente associado à sua diversidade social compartilhada e vivenciada de diversas maneiras por seus cidadãos. Exemplos podem ser observados nas diferenças culturais, religiosas e relacionadas à sexualidade que, frequentemente, são estímulos que propiciam preconceito. Lamentavelmente, parte dos brasileiros ainda trata a(s) diferença(s) como algo nocivo, reproduzindo a discriminação e a intolerância.

Os ataques negativos à orientação sexual, expressados de modo verbal ou não, ainda ocorrem regularmente no contexto brasileiro¹. Mesmo que o assunto tenha atualmente mais espaço nas mídias, a facilidade de expressão proporcionada pela internet é terreno fértil para usuários manifestarem opiniões discriminatórias sobre a comunidade LGBT. Ademais, as eleições do ano de 2018 e os discursos preconceituosos expressados no processo eleitoral legitimaram atitudes dessa natureza.

¹ O Brasil é o país que mais mata LGBTs: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>. Acesso em: 30 out. 2018.

Entretanto, debates envolvendo a comunidade LGBT intensificaram-se no Brasil, através da televisão e dos jornais ou através de discussões em ambientes que propiciam tal diálogo. Um acontecimento recente que elucida o aumento nessas discussões foi uma questão na prova de Linguagens do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2018. A questão tratava da linguagem usada por gays/travestis, chamada pajubá, e foi notícia em diversos sites².

Este artigo³ procura abordar algumas dessas discussões sobre sujeitos e comunidade LGBT, visando levantar e discutir questões envolvendo identidade e estilo. Para isso, esta pesquisa alinha-se com os estudos de terceira onda da Sociolinguística variacionista. Para propiciar essa discussão, foram realizadas entrevistas com mulheres autodeclaradas lésbicas e homens autodeclarados gays, visando captar as percepções dos sujeitos de pesquisa acerca da(s) possível(is) identidade(s) lésbica(s)/gay(s) e também acerca da fala como marcador dessa(s) identidade(s).

O artigo está estruturado em seis seções, sendo a primeira de introdução, em que se contextualiza brevemente a pesquisa. A segunda seção é reservada para a discussão sobre variação linguística, significado social, estilo e identidade. Já a terceira seção é destinada à discussão sobre o campo conceitual de gênero e sexualidade. A quarta seção é reservada aos encaminhamentos metodológicos adotados para a geração dos dados do trabalho. A quinta seção é constituída da análise dos dados da pesquisa. Por fim, a sexta seção é destinada para as considerações finais acerca do estudo.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SIGNIFICADO SOCIAL, ESTILO E IDENTIDADE

Os estudos na área da Sociolinguística variacionista (doravante SV) foram iniciados principalmente por Labov (1966) e pretendiam correlacionar usos linguísticos variáveis em comunidades de fala a condicionadores extralinguísticos. O foco social de análise era em macrocategorias (classe social, sexo/gênero e faixa etária), pressupondo que era possível estratificar os falantes dentro dessas categorias sociais previamente estabelecidas e estudar fenômenos de variação linguística correlacionados a essas categorias. Com o avanço dos estudos na área, outros pesquisadores deram diferentes tratamentos a seus trabalhos, diversificando o *locus* da pesquisa (comunidades de fala, redes sociais, comuni-

² Ver: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/11/enem-2018-conheca-a-origem-do-pajuba-diaeto-de-gays-e-travestis-citado-no-exame-cjo4maix90ben01pih135nzhn.html>. Acesso em: 5 nov. 2018. A polêmica aconteceu porque muitas pessoas acharam que a questão deveria tratar de temas mais “profundos/culturais”. O presidente Jair Bolsonaro chegou a dizer que no próximo ano fiscalizará o conteúdo da prova.

³ Este artigo é resultado das discussões apresentadas na dissertação de mestrado da autora, intitulada “Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo” (2020).

dades de prática), o foco no significado social (vinculado a macrocategorias, a significado local, a significado construído no grupo social) e a extensão da população investigada (foco na comunidade ou no(s) indivíduo(s)).

Essas diferentes abordagens levaram Eckert (2005, 2012) a sistematizar os estudos realizados na área, conhecidos como as três ondas da SV. É importante ressaltar que as “ondas” não são substitutivas nem sucessivas, mas configuram-se como modos distintos de estudar a variação, com práticas analíticas e metodológicas particulares, dependendo do foco de investigação de cada trabalho.

Os estudos de primeira onda – cujo marco inicial é o trabalho de Labov (2006 [1966]) – procuram compreender como e por que a variação acontece na comunidade de fala, a partir de pesquisas do tipo *survey* (quantitativas). Os pesquisadores gravavam entrevistas com falantes previamente estratificados, buscando encontrar suas falas mais espontâneas (vernáculo) e, então, investigar fenômenos linguísticos de uso variável (ECKERT, 2005, 2012). Correlações amplas entre variáveis linguísticas e categorias macrosociológicas são estabelecidas, resultando na identificação de padrões sociolinguísticos de uso.

Já a segunda onda desloca o foco para comunidades menores, e é comum o emprego de abordagens etnográficas⁴, investigando como as configurações locais e grupos sociais menores se encaixam nas macrocategorias sociais. Portanto, a escolha por determinado grupo social (e até pelo fenômeno linguístico a ser estudado) parte da experiência do pesquisador advinda *in loco*, em uma comunidade. Segundo Eckert (2005), os estudos etnográficos possibilitam entender melhor como os modos de falar estão imbricados no significado social.

O uso de determinadas variáveis linguísticas é constituinte da prática das comunidades, e, a partir disso, o *significado social* é adquirido, podendo ser compatível ou não com os construídos num âmbito mais amplo. Portanto, há uma forte relação entre usos linguísticos e identidade. Nesse sentido, ao *significado estilístico* é dado um tratamento diferente ao que é dado na primeira onda, pois entende-se que os indivíduos fazem uso de certas variantes para demonstrar uma variedade de afiliações, características, posturas e ideais (ECKERT, 2005).

A terceira onda de estudos da SV distancia-se das categorias estáticas (faixa etária, sexo/gênero e classe social), pois o indivíduo torna-se o foco e é visto como reflexo das

⁴ Comumente utilizada por antropólogos, pesquisadores de diversas áreas têm usado a etnografia para estudar e entender modos de vida de sujeitos numa determinada cultura. O intuito é, portanto, compreender a visão de mundo, as atitudes, os significados e as experiências de um grupo social (ROSA; LUCENA; CROSSETI, 2003).

identidades sociais, ou seja, o sujeito passa a ocupar, cada vez mais, um papel de agente nas pesquisas. Nessa onda, os *significados sociais* e *estilísticos* ocupam um espaço central, pois a variação é parte de um sistema social semiótico, em que não só a língua é considerada, mas toda a bagagem que o sujeito possui a partir de sua vivência em sociedade (ECKERT, 2012, 2016).

Ao passo que se considera que o sujeito experiencia diversas situações em sua vida, as categorias não teriam como ser estáticas e fixas, já que o indivíduo se modifica e se reorganiza constantemente, a depender dos contextos sociais, interlocutores etc. e, então, seu uso da língua é marcado por essa fluidez tanto social quanto estilística. Nesse sentido

[...] o significado da variação reside no seu papel na construção de estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente colocar variáveis em estilos, mas em entender esse posicionamento como parte integrante da construção do significado social⁵ (ECKERT, 2005, p. 24).⁶

Dessa forma, o olhar para variação na terceira onda extrapola o uso linguístico, visto que

[a] variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar toda a gama de questões sociais de uma comunidade. E como essas questões mudam continuamente, as variáveis não podem ser marcadores consensuais de significados fixos; pelo contrário, sua propriedade central deve ser a mutabilidade indexical (ECKERT, 2012, p. 84)⁷.

A presente pesquisa alinha-se com os estudos de terceira onda, pois procura-se relacionar a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre identidade e usos linguísticos característicos de lésbicas/gays com os significados sociais, estilísticos e identitários que perpassam esses usos. Nesse sentido, os significados sociais e estilísticos da variação assumem características relativamente distintas em cada onda de estudos. Porém, com as identidades dos sujeitos cada vez mais fluidas e dinâmicas (RAMPTON, 2006), é difícil pensar nos usos da língua correlacionados apenas a macrocategorias, pois pode-se perder uma gama enorme de possibilidades que existem nas microcategorias, nos sujeitos situados

⁵ “[...] the meaning of variation lies in its role in the construction of styles, and studying the role of variation in stylistic practice involves not simply placing variables in styles, but in understanding this placement as an integral part of the construction of social meaning.”

⁶ Esta e todas as traduções ao longo do texto são de minha responsabilidade. Os excertos originais são apresentados em notas de rodapé.

⁷ “Variation constitutes a social semiotic system capable of expressing the full range of a community’s social concerns. And as these concerns continually change, variables cannot be consensual markers of fixed meanings; on the contrary, their central property must be indexical mutability.”

política, histórica e socialmente. Neste artigo, atenta-se a concepções que compreendem *estilo* como indissociável do *significado social*, podendo ser observado tanto no indivíduo quanto num grupo, marcando *identidade*.

Nessa ótica, Eckert (2005, p. 24) assinala que “estilo (assim como a língua) não é uma coisa, mas uma prática. É a atividade em que as pessoas criam significado social. Nem a língua nem o mundo social são estáticos [...]”⁸. Para a autora, é nas *práticas linguísticas/ estilísticas* que os sujeitos são (in)conscientemente agentes de suas próprias produções e o estilo se conecta fortemente com a *ideologia*. Nesse sentido, Eckert (2008) entende que a ideologia é central na prática estilística, pois cada movimento estilístico deriva de uma interpretação do mundo social e dos significados dos elementos desse mundo.

Para Irvine (2001, p. 42), estilo é “[...] um fenômeno verdadeiramente sociolinguístico, uma organização de distintividade que opera num plano linguístico”⁹. Portanto, conforme os sujeitos vão desempenhando diferentes estilos, eles também vão projetando diferentes *identidades/personas*. Dessa forma,

[n]a sociolinguística variacionista de terceira onda, identidades são consideradas como sendo construídas e reconstruídas; elas são *dinâmicas e mutáveis*. Língua e identidade não podem ser separadas ou correlacionadas; elas são co-constitutivas (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 53, grifo nosso)¹⁰.

Nessa perspectiva, é preciso entender como os sujeitos usam ou performam estilos sociais para diferentes propósitos simbólicos, e esses estilos funcionam como um recurso para os sujeitos desempenharem diversos significados pessoais e interpessoais (COUPLAND, 2007). Portanto, além da prática estilística relacionada ao uso da língua, é interessante investigar outros sistemas estilísticos desempenhados pelos sujeitos, como roupas, acessórios etc., e como esses dois planos estilísticos podem dialogar entre si.

Seguindo essa lógica, Kiesling (2013, p. 450, grifo no original) entende que “[...] *a identidade é como os indivíduos se definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários*”¹¹. Ou seja, é a partir da

⁸ “And style (like language) is not a thing but a practice. It is the activity in which people create social meaning. Neither language nor the social world is static [...]”

⁹ “[...] style as a truly sociolinguistic phenomenon, an organization of distinctiveness that operates on a linguistic plane.”

¹⁰ “In TWVS (third-wave variationist sociolinguistic), identities are regarded as being constructed and reconstructed; they are dynamic and changeable. Language and identity cannot be separated or correlated; they are co-constitutive.”

¹¹ “[...] *identity is how individuals define, create, or think of themselves in terms of their relationships with other individuals and groups, whether these others are real or imagined.*”

relação consigo mesmo, com outros sujeitos e também nas vivências em grupos sociais que a identidade dos sujeitos se (re)constrói e se (re)modifica, sejam essas relações reais ou imaginadas.

É a partir da variação que a(s) identidade(s) dos sujeitos é indexicalizada e, assim, são expressas suas visões de mundo. Segundo Joseph (2016), “cada um de nós performa um repertório de identidades que estão mudando constantemente e que negociamos e renegociamos de acordo com as circunstâncias (JOSEPH, 2016, p. 24)”. Belsey (1980, p. 132) já sugeria que os indivíduos devem ser vistos como “não fixados, insatisfeitos, não uma unidade, não autônoma, mas um processo, perpetuamente em construção, perpetuamente contraditório, perpetuamente aberto à mudança”¹².

Nesse sentido, em vez de olharmos para comunidades de fala (1ª onda), parece mais interessante perceber como usos linguísticos funcionam dentro das comunidades de práticas (CP), que se referem a “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010 [1992], p. 102)”. Isto é, os participantes de uma CP compartilham interpretações sobre outras comunidades, suas práticas em relação àquelas comunidades e o desenvolvimento de um *estilo* que perpassa essas interpretações (ECKERT, 2006). O propósito de estudar CPs é relacionar as formas de falar dos sujeitos com as maneiras como eles participam no mundo social, ou seja, investigar de que forma o significado social é incorporado na linguagem.

No interior das comunidade(s) de prática(s)¹³, usos linguísticos podem apontar significados sociais e, assim, uma relação mais estreita entre língua e identidade pode ser estabelecida. Os estilos individuais de cada sujeito funcionam como marcas de identidades sociais e ocupam lugar central no estudo da variação linguística.

Dois requisitos são necessários para a composição efetiva de uma CP: experiência compartilhada ao longo do tempo e um compromisso de compreensão compartilhada (ECKERT, 2006, p. 683)¹⁴. Portanto, é preciso que sujeitos mantenham relações e experiências compartilhadas por algum período de tempo e que também tenham compreensões em comum, como visões de mundo, valores etc.

A constituição de uma CP também é ferramenta crucial para a (re)construção da identidade de seus participantes, o que também influencia seus repertórios linguísticos:

¹² “unfixed, unsatisfied, not a unity, not autonomous, but a process, perpetually in construction, perpetually contradictory, perpetually open to change.”

¹³ Considera-se apropriado usar o termo no plural, visto que os sujeitos transitam por diversas CPs durante suas vidas.

¹⁴ “[...] shared experience over time and a commitment to shared understanding.”

Uma comunidade de prática, que é central para a maior parte da construção da identidade de seus participantes, é um importante *locus* para o estabelecimento da história conjunta, promovendo a construção complexa de estilos linguísticos (ECKERT, 2006, p. 684)¹⁵.

À medida que os sujeitos participam de diversas CPs durante suas vidas, é natural que, no interior delas, eles (re)modifiquem e (re)construam suas identidades continuamente. E isso reverbera em suas produções linguísticas e estilísticas, constantemente atravessadas por suas experiências. Dessa forma, estudar comunidades de práticas possibilita ao pesquisador um trabalho de caráter etnográfico, possibilitando entender e perceber as nuances que perpassam as experiências de seus participantes, visto que “[o] construto ‘comunidade de prática’ é uma maneira de localizar o uso da língua etnograficamente, de modo a criar um vínculo responsável entre a prática local e a associação em categorias extralocais e amplas” (ECKERT, 2006, p. 684)¹⁶.

No presente trabalho, entende-se que os sujeitos de pesquisa compõem uma comunidade de prática não prototípica, pois todos se conhecem, já transitaram pelos mesmos espaços e compartilham algumas visões de mundo e também modos de falar.

3 GÊNERO E SEXUALIDADE

Os estudos sobre gênero e sexualidade começaram a ser abordados pelas Ciências Humanas a partir das produções científicas decorrentes dos movimentos feministas no final do século XIX. O feminismo contemporâneo provém das diversas correntes feministas construídas ao longo do tempo. Nesse cenário, as contribuições da filósofa Judith Butler foram importantes, pois a autora procurou desconstruir o conceito de gênero no qual boa parte da teoria feminista se baseava. Dessa forma, Butler contribuiu significativamente para os estudos feministas e para as pesquisas de gênero/sexualidade, pois trouxe para a discussão os conceitos de *performance* e *performatividade*. Inspirada pelo trabalho de Austin (1962), Butler (2003 [1990]) propõe a ideia de gênero como algo performativo, oferecendo uma perspectiva para pensar para além dos conceitos canônicos que constituem binarismos como sexo e gênero, corpo e mente.

Segundo Butler (2003 [1990]), as *performances de gênero* ou *sexuais* não podem ser vistas como um prolongamento, uma continuação de um corpo já dado pela biologia (fêmea/macho). Em resumo, Borba (2014) aponta que

¹⁵ “A community of practice that is central to many of its participants’ identity construction is an important locus for the setting down of joint history, allowing for the complex construction of linguistic styles.”

¹⁶ “The construct ‘community of practice’ is a way of locating language use ethnographically so as to create an accountable link between local practice and membership in extralocal and broad categories.”

performatividade não é um jogo livre nem uma autoapresentação teatral; não pode também ser igualada à performance. Além disso, a regulação não é necessariamente aquilo que coloca um limite à performatividade; a regulação é, ao contrário, aquilo que impele e sustenta a performatividade (BORBA, 2014, p. 449 apud BUTLER, 1993, p. 93).

Isso posto, entende-se que Butler compreende gênero e sexualidade como constituídos materialmente através de atos performativos, ou seja, atos de linguagem que não descrevem, mas constituem os sujeitos dentro de campos discursivos. Isso dialoga com a concepção de sexualidade defendida por Foucault:

A sexualidade é o nome que pode se dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros [...] (FOUCAULT, 1988 [1999], p. 100).

A sexualidade é, portanto, algo construído socialmente e não dada *a priori*, já imbricada nos sujeitos no momento do nascimento. Pelo contrário, cada sujeito, inserido em dado contexto e sociedade, constrói sua sexualidade conforme o passar do tempo e de suas experiências. É nesse processo dinâmico que identidades, seja de gênero ou sexual, são construídas, desestabilizando, assim, o pensamento predominante do padrão heteronormativo.

A construção da identidade de sujeitos LGBT perpassa essas questões, ao passo que são esperadas determinadas *performances* (condutas) desses indivíduos. Por exemplo, em linhas gerais, de uma mulher é esperada a feminilidade, e de um homem a masculinidade. No imaginário popular, lésbicas são associadas à masculinidade e algo parecido acontece com gays, que frequentemente são associados à feminilidade. Porém, mesmo com essas *performances* socialmente esperadas, nem todas lésbicas/gays performam essa identidade encontrada no senso comum.

É importante destacar, neste momento, as diferenciações entre sexo, gênero e orientação sexual. Segundo Lanz (2014), o termo *sexo* está relacionado unicamente com a biologia, com o órgão genital (macho, fêmea, intersexuado ou nulo). O termo *gênero* está fortemente relacionado à construção social, coincidindo com as ideias de Butler e Foucault. O termo *orientação sexual* diz respeito ao desejo afetivo do indivíduo. A orientação não está relacionada somente com o sexo, nem com identidade de gênero, mas tem

relação unicamente com a atração física e emocional entre pessoas (homossexual ou heterossexual).

Muitas abordagens nas Ciências Humanas estão voltadas para questões envolvendo o sujeito e as relações interpessoais que experienciam. Segundo Goffman (1959), a maioria de nossas ações e condutas são reguladas durante um processo de representação do Eu na relação com o Outro. É para desempenhar determinados papéis sociais que conduzimos diferentes *performances* durante nossa vida cotidiana.

Cada papel representado por sujeitos, LGBT ou não, revela uma nova máscara social. Esse processo performático faz com que o sujeito seja capaz de transformar-se, de desconstruir-se e remontar-se a cada nova peça desse “quebra-cabeça corporificado”, e, assim, os sujeitos constroem diferentes *personas*¹⁷ para essa representação. Stuart Hall (2006) entende que somos diferentes continuamente porque assumimos, durante nossa vida cotidiana, diversos papéis sociais; logo, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas em vários.

Neste trabalho, portanto, entende-se gênero como construção de papel social e isso envolve como os sujeitos se relacionam com o mundo. Esse encontro com o mundo atravessa e constitui também a construção da identidade. Partindo de conceituações diferenciadas, porém complementares, entende-se que a conceituação de gênero trata de uma construção social, política, histórica, cultural e religiosa, que atravessa e perpassa os sujeitos e suas práticas repetidamente.

4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, explicita-se como se deu a geração¹⁸ dos dados para constituição do *corpus* de análise, detalha-se o perfil do grupo e os sujeitos de pesquisa e explica-se o tratamento dado às entrevistas, assim como às etapas de transcrição e análise.

Nos estudos variacionistas de terceira onda, entende-se que as identidades dos sujeitos são múltiplas e fragmentadas, e isso deve ser considerado na escolha dos procedimentos metodológicos. Consequentemente, metodologias devem ser construídas a partir das práticas estilísticas dos sujeitos. Este estudo conta com quatro entrevistas, totalizando oito sujeitos de pesquisa (quatro homens autodeclarados gays e quatro mulheres autodeclaradas lésbicas).

¹⁷ Segundo Jung (1975), *persona* é uma máscara que o sujeito assume frente as demandas e convenções socialmente estabelecidas e ela representa uma parcela significativa do comportamento do sujeito enquanto entidade coletiva.

¹⁸ Preferiu-se esse termo, pois entende-se que as entrevistas e o intuito da pesquisa preza por uma postura mais agentiva dos sujeitos.

Visando propiciar o surgimento de usos linguísticos de lésbicas/gays e também reflexões sobre tais usos e as identidades dos sujeitos, propôs-se um instrumental de geração de dados para constituir o *corpus* de análise. Esse modelo consiste na concatenação de três aspectos para a realização das entrevistas: *interação*, *intimidade* e *informalidade*. Quanto à *interação*, as entrevistas foram realizadas em duplas (dois homens gays e duas mulheres lésbicas), objetivando conforto para os participantes na conversa. Quanto à *intimidade*, as duplas foram dispostas nos graus de maior e menor intimidade¹⁹. Relativamente à *informalidade*, o roteiro de perguntas foi elaborado para tornar a conversa mais informal. As seguintes etapas foram seguidas para realização do trabalho: 1) Elaboração da ficha social; 2) Elaboração do roteiro de entrevista e 3) Recrutamento e pareamento dos sujeitos.

A partir da constituição do *corpus*, realizou-se a transcrição e a análise de quatro entrevistas das duplas com intimidade: duas com mulheres lésbicas (Ametista e Adore/Gezebel e Catarina) e duas com homens gays (Júlio e Pedro/Scorpio e Dino), totalizando oito sujeitos de pesquisa.

É interessante pontuar que todos os sujeitos de pesquisa estudam ou estudaram na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e, ainda, todos cursaram o mesmo curso: Letras, apenas diferenciando a ênfase da língua estrangeira. Além disso, todos conviveram por algum tempo na universidade, dentro do Instituto de Letras e Artes (ILA), em disciplinas do curso e em eventos da universidade.

Scorpio e Dino conheceram-se na universidade e começaram a namorar durante o curso de Letras. Adore foi estagiária de Português em uma turma de Ametista no Instituto Federal de Rio Grande (IFRS). Júlio, Scorpio, Dino e Catarina formaram-se no curso de Letras juntos, em 2017. Gezebel e Adore também se formaram juntas no curso de Letras em 2018. Júlio trabalhava como atendente em um cursinho pré-vestibular coordenado por Pedro.

Pode-se dizer que os laços que unem os oito sujeitos de pesquisa, em suma, são quatro: 1) orientação sexual; 2) residir na cidade de Rio Grande; 3) frequentar a FURG e 4) ser da área de Letras. Assim, considera-se que eles formam uma comunidade de prática não prototípica.²⁰

As entrevistas foram transcritas a partir da oitiva dos áudios, e o Microsoft Word foi usado para o processo de digitação. A análise deu-se por um olhar qualitativo,

¹⁹ Entende-se intimidade com base nos seguintes critérios: mais íntimo – amigos, colegas de faculdade/trabalho; menos íntimo – conhecidos, com pouco contato ou totalmente desconhecidos.

²⁰ Entende-se que os sujeitos de pesquisa formam uma CP não prototípica, pois embora todos tenham cursado o curso de Letras, e a maioria tenha frequentado a Universidade durante o mesmo período, um dos sujeitos, Pedro, não frequentou a Universidade com os outros sujeitos.

buscando captar e problematizar a percepção dos sujeitos de pesquisa acerca dos usos linguísticos característicos de lésbicas/gays e sua relação com identidade. Parte-se do imaginário popular acerca de usos linguísticos característicos de lésbicas/gays, para, então, problematizar a percepção dos sujeitos de pesquisa acerca desses usos.

5 O OLHAR PARA OS DADOS

Nesta seção, discutem-se as percepções dos sujeitos de pesquisa acerca de temas propostos nas entrevistas²¹. O capítulo está dividido em duas grandes seções: percepções sobre identidade e percepções sobre usos linguísticos, e cada uma delas está subdividida em subseções menores.

Faz-se pertinente reforçar que as percepções fornecidas pelos sujeitos de pesquisa podem recair em estereótipos, visto que nenhum indivíduo, pertencente a um grupo minoritário ou não, está liberto de corroborar certos estigmas sociais. Nessa lógica, Eckert confirma que “[n]ós distinguimos as pessoas com base em nossa percepção de suas qualidades, crenças, atitudes e ações. Nós as categorizamos com base nos agregados percebidos dessas qualidades, crenças, atitudes e ações (ECKERT, 2016, p. 6)”²².

É significativo frisar que o momento político era propício para posicionamentos críticos, pois o ano de 2018 foi marcado por acontecimentos político-ideológicos de ordem conservadora. Alguns entrevistados relatam medo e apreensão com o cenário político brasileiro e com os discursos preconceituosos que vinham acontecendo.

5.1 Percepções sobre identidade

Nesta seção, discutem-se as percepções das quatro duplas envolvendo o tema “identidade”. Dessa forma, a seção está subdividida em quatro tópicos: existência de uma identidade lésbica/gay; tipos de lésbicas/gays; ambientes e pessoas que se sentem confortáveis para mostrar identidades; e fala como marcador de identidades lésbica/gay.

5.1.1 Existência de uma identidade lésbica/gay

Ametista e Adore entendem as identidades dos sujeitos como plurais, e é delicado tentar encaixá-los em categorias socialmente pré-concebidas. Segundo elas, não se deve limitar essas identidades, mesmo que diversas generalizações existam. Para elas, existe

²¹ Os trechos completos das entrevistas encontram-se na dissertação de mestrado da autora, intitulada “Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo” (2020).

²² “We distinguish people based on our perception of their qualities, beliefs, attitudes, and actions. We categorize them on the basis of perceived aggregates of these qualities, beliefs, attitudes, and actions [...]”

uma pluralidade de mulheres, “mulheridaDES”, o que gera uma pluralidade de “lesbianie-daDES”. Ametista relata que “não existe uma identidade para nada” e Adore acrescenta que tentam forçar sujeitos LGBT a terem uma identidade, mas isso não existe.

A percepção da dupla está em sintonia com as concepções pós-modernas sobre identidade. Nesse panorama, as identidades dos sujeitos são tidas “como sendo construídas e reconstruídas; elas são *dinâmicas e mutáveis*” (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 53, grifo nosso)²³. Os relatos delas também apontam para o que diz Joseph (2016): “cada um de nós performa um repertório de identidades que estão mudando constantemente, e que negociamos e renegociamos de acordo com as circunstâncias (p. 24)”²⁴.

Júlio e Pedro também entendem as identidades como plurais. Eles discorrem sobre como as identidades são vistas no imaginário popular, como estereótipos, em que homens gays se aproximariam de mulheres e mulheres lésbicas se aproximariam de homens.

Júlio acrescenta que, entre os homens gays, existem vários tipos, várias classificações, que são explicadas por ele mesmo no decorrer da entrevista. Ademais, Pedro diz considerar o tópico identidade bastante complexo e que acha que esse assunto ainda está “em construção”.

Podemos relacionar suas percepções com a concepção pós-moderna de identidade, que entende que os sujeitos não podem ser reduzidos a uma única “categoria”, pois são formados por diversas identidades intercambiáveis e fluidas.

Dino e Scorpio também compreendem identidade como plural. Dino acredita talvez existir um conjunto de traços que identifiquem os sujeitos, mas não acha que existe um único jeito de ser. Ele ainda sinaliza que problemas enfrentados por sujeitos LGBTs com suas famílias podem marcar a identidade deles de alguma maneira.

Scorpio, por sua vez, discorre sobre como a comunidade LGBT criou determinadas maneiras de ser, resultando em “muitas construções” do que é ser LGBT. Ele contrapõe a ideia de pluralidade à tentativa de uma certa padronização que é imposta, ao dizer que, até mesmo no universo gay, existe “um certo padrão” em que os sujeitos precisariam encaixar-se.

O pensamento da dupla leva ao que dizem Drummond e Schleef (2016, p. 53-54): “a identidade não está localizada com o indivíduo; identidades são construídas intersubjetivamente através de uma variedade de relações”²⁵.

²³ Cf. nota de rodapé 15.

²⁴ “Each of us performs a repertoire of identities that are constantly shifting, and that we negotiate and renegotiate according to the circumstances.”

²⁵ “Identity is not located with the individual; identities are constructed inter-subjectively through a variety of relations.”

Gezebel e Catarina discutem sobre os estereótipos envolvendo lésbicas/gays. Sobre lésbicas, apontam: cabelo curto, uso de óculos, tatuagens, uso de roupas mais masculinas, uso de camisa xadrez, uso de anel de coquinho etc. Quanto a gays, elas apontam: bicha *poc*, como homens afeminados e que gritam, usam calças justas etc.

Gezebel adiciona que existem os estilos e que identificamos sujeitos LGBT a partir deles. Ela acrescenta que existe o “gaydar”, que seria um radar para identificar sujeitos LGBT. Essa ideia dos estilos levantada por Gezebel pode ser associada ao que diz Eckert (2016, p. 6): “[n]ós distinguimos as pessoas com base em nossa percepção de suas qualidades, crenças, atitudes e ações. Nós as categorizamos com base nos agregados percebidos dessas qualidades, crenças, atitudes e ações”²⁶.

Pode-se dizer que a dupla considera que, mesmo que existam estereótipos, as identidades são plurais e são manifestadas através dos estilos individuais dos sujeitos. Nessa lógica, Belsey (1980, p. 132) já apontava que os indivíduos devem ser vistos como “não fixados, insatisfeitos, não uma unidade, não autônoma, mas um processo, perpetuamente em construção, perpetuamente contraditório, perpetuamente aberto à mudança”²⁷.

5.1.2 Diferentes tipos de lésbicas/gays

Ametista e Adore pontuam alguns tipos de lésbicas presentes no imaginário popular, como *caminhão*, *femme* e *dyke*. Ametista também aponta que a identidade das roupas é um fator que facilita a identificação de sujeitos LGBT.

Adore acrescenta acreditar que essas identificações estão tornando-se mais fluidas e, por isso, fica difícil colocar as pessoas em caixinhas fixas. Segundo ela, há momentos em que lésbicas estão performando um estilo mais *caminhão* e, em outros, um estilo mais feminino. Ametista concorda e relata que no verão ela usa saias (mais feminina) e no inverno ela é mais *sapatão* (mais masculina), ou seja, ela identifica-se nos dois extremos, e Adore diz identificar-se com o tipo mais feminino.

Os apontamentos da dupla levam ao que afirma Stuart Hall (2006), que entende que somos diferentes constantemente, pois assumimos, durante nossa vida cotidiana, diversos papéis sociais, e, portanto, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários.

Júlio e Pedro conversam sobre tipos que conhecem. Para gays, eles apontam: *bear* (gordinho/peludo), *twink* (magro, sem pelos e jovem), *daddy* (mais velho, forte, o papai). Já para lésbicas, pontuam: *femininas*, *fanchonas*, que se vestem parecidas com heterossexuais masculinos, também chamadas de *caminhoneiras*.

²⁶ Cf. nota de rodapé 22.

²⁷ Cf. nota de rodapé 19.

A noção de estereótipo está estritamente ligada com a expectativa dos outros indivíduos e seus respectivos desempenhos em sociedade, em que determinadas condutas são previamente estabelecidas e regram, de certa forma, como os sujeitos devem ou não se comportar.

Pedro diz que talvez se identifique com o tipo *ursa*, já Júlio afirma não se identificar com nenhum dos tipos. É interessante perceber que, por mais que Júlio conheça as classificações, ele não se identifica com nenhum dos tipos citados, indicando como a identidade é realmente fluida, pois as caixas não o definem.

Scorpio e Dino discutem algumas classificações. Scorpio aponta tipos de lésbicas: *lipstick* (femininas), *butch* (masculinas) e *sporty* (academia). Sobre gays, ambos acreditam que as classificações são bastante associadas com sexo. Também pontuam o tipo *bear* (gordo/peludo) e *lontra* (magro, alto e peludo).

Scorpio diz identificar-se com o tipo *bear*, mas o que é interessante é compreender como ele chega nessa classificação. Segundo ele, faz isso para ser aceito e não porque deseja encaixotar-se/classificar-se. Nesse sentido, o rótulo lhe é imposto, sob pena de não encontrar nenhum interessado nele.

Gezebel e Catarina focam na classificação de lésbicas e mencionam alguns tipos: *caminhoneira*, *lady*, *MPB*, *good vibes* e *4:20*, que é um termo referente à maconha ou ao usuário dela.

Catarina diz identificar-se com algumas coisas relacionadas a esses tipos, como gostar bastante de MPB. Gezebel brinca e diz gostar de camisa xadrez e levanta um ponto interessante, diz identificar-se num meio termo, entre as mais femininas e as mais masculinas, pois não se vê em nenhum dos extremos.

5.1.3 Ambientes e pessoas que se sentem confortáveis para mostrar identidades

Ametista e Adore discutem o tema e Ametista comenta que o atual momento brasileiro a deixa com bastante medo de mostrar sua(s) identidade(s). Porém, com família e amigos, ela sente-se bastante confortável.

Adore pontua que apenas se sente à vontade com a sua namorada e um grupo próximo de amigos, e que não é com qualquer conhecido que se sente confortável para mostrar sua(s) identidade(s). Ela também relata fugir da performance de identidade com sua família. No trabalho, Adore diz que tem tentado naturalizar sua orientação sexual, mas ainda não se sente totalmente confortável. Nesse sentido, Butler (1993) entende que repetidas *performances* desempenhadas pelos sujeitos geram condições para repensarem

quais significados podem estar associados ao uso de seus corpos, e isso lhes permite criar novas concepções sobre si mesmos.

Júlio e Pedro apontam não possuir problemas em mostrar sua(s) identidade(s) para pessoas. Júlio relata que seria mais reservado em certos lugares, como ônibus ou igreja, mas na presença de amigos costuma ser espontâneo.

O relato de Júlio leva à ideia de estilo como distintividade, pois Irvine (2001) entende que o estilo só se dá a partir do confronto e na presença do outro e também de outros estilos. Isso ocorre, pois Júlio menciona que só saberiam que ele é gay se ele estivesse com alguém, ou seja, em oposição à outra pessoa, com outro estilo.

Dino e Scorpio refletem sobre a pergunta e Dino conta que se sentia bastante confortável para mostrar sua(s) identidade(s) com amigos e na faculdade. Porém, com a atual situação brasileira, ele relata estar com medo de continuar expondo-se.

Scorpio relata que mudou alguns hábitos, por exemplo, ele não se sente mais à vontade em estar de cabelo solto dentro da sala de aula (ele tem o cabelo comprido), pois acredita ser mais aceitável estar de cabelo solto na rua.

Felix (2016, p. 74) discute sobre os estilos de fala e diz que “[os informantes] se mostram bastantes conscientes com relação ao seu ser e ao seu falar e afirmam moldar o seu comportamento e, conseqüentemente, sua fala dependendo da audiência a que se dirige”. Aparentemente, Scorpio e Dino, de certo modo, acomodam suas falas a depender do interlocutor e do contexto em que estão inseridos. A motivação para isso seria o medo de serem ridicularizados, caso revelassem suas identidades.

Catarina e Gezebel relatam que não se sentiriam confortáveis em ambientes heterossexuais. Catarina declara que se sente confortável para mostrar sua(s) identidade(s) em sua casa e em ambientes que sejam LGBT *friendly*²⁸. Gezebel também diz sentir-se confortável na faculdade.

Nessa direção, os informantes de Felix (2016) “afirmam buscar um afastamento do seu estilo *gay* quando em contextos de trabalho ou em meio a homens heterossexuais, porém lançam mão desse estilo quando estão com seus amigos também *gays*”. A dupla converge com essa percepção e não se sente confortável para mostrar suas identidades em ambientes e pessoas desconhecidas.

5.1.4 Fala como marcador de identidades lésbica/gay

Ametista e Adore acreditam que a fala pode funcionar como marcador de identidades lésbica/gay. Adore não considera ser o único mecanismo disponível para essa

²⁸ Expressão em inglês para algo amigável. Nesse caso, lugares que aceitem sujeitos LGBT.

marcação, mas considera que a fala seja um mecanismo importante. Ametista acrescenta existir um vocabulário mais específico da comunidade, que leva à identificação.

Mendes (2012) já pontuava que o imaginário popular parece associar determinados usos linguísticos à fala de sujeitos homossexuais e esses usos podem ser atravessados/motivados por questões identitárias e de pertencimento ao universo LGBT.

Júlio e Pedro também acreditam que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. A dupla fornece exemplos como *passiva/passiva nefasta* e *passivona*. O relato da dupla leva ao que Lau (2017) discutia sobre alguns membros da comunidade: necessitando comunicar-se de forma mais velada, utilizam o “bichês”.

Scorpio e Dino também apontam que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. Dino acrescenta que isso está presente no vocabulário e no modo de falar. Eles mencionam que a entonação parece ser diferente: fala mais alta e tom de voz agudo. Mendes (2012) já apontava que a entonação e o modo de falar são fatores que seus informantes associaram à fala de gays.

Gezebel e Catarina também concordam que a fala pode funcionar como um marcador de identidades lésbica/gay. Catarina, fazendo referência à questão do ENEM de 2018²⁹ envolvendo o pajubá, menciona que existem gírias que seu avô não entenderia, como *amapô* (mulher) e *aqué* (dinheiro). Isso acontece porque a compreensão dos usos é viabilizada pela convivência com sujeitos LGBT.

Em suma, com relação à *identidade*, foco da seção 5.1, pode-se dizer que os sujeitos a entendem como plural e dinâmica e discordam da visão estereotipada sobre o assunto, o que coaduna com a concepção pós-moderna de identidade(s) fluida(s).

5.2 Percepções sobre usos linguísticos

Nesta seção, discutem-se as percepções das quatro duplas referentes a usos linguísticos. A seção está subdividida em quatro tópicos: usos linguísticos característicos do universo LGBT, fatores que podem propiciar esses usos, formas de referência a lésbicas/gays e apropriação e ressignificação dos usos por sujeitos heterossexuais.

5.2.1 Usos linguísticos característicos do universo LGBT

Ametista e Adore discutem o assunto e Adore aponta que percebe usos linguísticos como *sapatão*, *lésbica* e *caminhoneira*, mas não fora do contexto da comunidade LGBT. Já Ametista discorre sobre marcações de feminilidade através da fala e ela, por exemplo, usa bastante as gírias *mano* e *saca*, demonstrando baixa marcação da feminilidade.

²⁹ Cf. nota de rodapé 2.

É interessante o uso da expressão *tá ligado*. Valle (2014) já defendia que o uso de marcadores discursivos (MDs) pode marcar identidade. Na terceira onda, os usos linguísticos e seus significados também são fluidos e mutáveis. Por exemplo, Bentes e Mariano (2013) analisam MDs, especificamente o *tá ligado*, percebendo que o item funciona como indexicalizador de identidade dos *manos* e *rappers*, podendo funcionar como marca de masculinidade, o que combinaria com o uso de *tá ligado* apontado por *Ametista*, no nosso caso, como indexicalizador identitário ligado à baixa performance da feminilidade.

Júlio e Pedro fornecem exemplos de usos linguísticos do universo LGBT, como: *mona, neça* (pênis), *aquendar* (esconder o pênis), *picumã* (cabelo/peruca) e *chuca* (enema). Além disso, eles também discutem a restrição no entendimento de determinadas palavras e/ou expressões. Eles acentuam que sujeitos LGBT usam uma linguagem que é acessível para aqueles pertencentes à comunidade, mas de difícil compreensão por aqueles que não pertencem a ela.

A condição dessa restrição pode ser explicada se compreendermos que é através do contato e/ou pertencimento ao universo LGBT que a compreensão desses usos pode ser viabilizada. Esses usos linguísticos perpassam as identidades dos sujeitos LGBT a partir de um conjunto de práticas sociais e linguísticas.

Scorpio e Dino fornecem exemplos de usos do universo LGBT, como *lacrou, maravilhosa, nhaí, bofe, boy, boy magia*. Dino acrescenta adjetivos usados no feminino, como *detonada* e *arregaçada*. Isso remete à dissertação de Santana (2018) sobre o uso de adjetivos predicativos com gênero gramatical feminino por homens gays.

Gezebel e Catarina fornecem alguns exemplos de usos do universo LGBT, como *cy* (uso antigo para ânus), *chuca* (enema), *cunete* (beijo grego), *aquê* (dinheiro), *dar/fazer a elza* (roubar), *fazer a egípcia* (agir com indiferença).

5.2.2 Fatores que propiciam usos linguísticos característicos do universo LGBT

Ametista e Adore debatem a questão e *Ametista* sugere que música e ambientes para lazer são fatores que podem propiciar usos linguísticos característicos do universo LGBT. *Adore* adiciona que o conforto que se sente é um fator que propicia os usos.

Júlio e Pedro têm a percepção de que o interlocutor é o fator que mais favorece usos linguísticos característicos de lésbicas/gays, porque, para eles, a compreensão dos usos será viabilizada primeiramente pelo interlocutor, sendo o contexto um segundo fator. Nesse sentido, Santana (2018, p. 38) indica que “o interlocutor desempenha papel imprescindível na escolha de estilos feita pelos falantes”.

Scorpio e Dino discutem o assunto, e Dino revela que há uma associação entre estilo de fala e o lugar onde se fala. Então, para ele, o contexto é um fator importante que propicia usos linguísticos característicos do universo LGBT. Os dois relatam que fariam uso das palavras/expressões apenas com sujeitos LGBT.

Os apontamentos da dupla vão ao encontro do que diz Santana (2018, p. 71, grifo nosso), que os usos “são reservados para interação com *interlocutores da própria comunidade* e têm funções específicas de expressar brincadeira, informalidade e/ou intimidade”.

Gezebel e Catarina apontam que o contexto é fator que propicia usos linguísticos característicos do universo LGBT, pois não é em todo lugar que são usadas essas palavras/expressões. Depois, também pontuam que não se usa certos termos com quem não é LGBT, pois seriam incompreensíveis. Ou seja, também reconhecem que o interlocutor é outro fator que influencia no uso. Como aponta Barroso (2017, p. 92), “é preciso observar que não se pode falar sempre o que queremos sem observar o ambiente e nossos interlocutores”. Ou seja, é preciso atentar-se para o lugar e com quem se fala, para empregar determinados usos linguísticos.

5.2.3 Formas de referência a lésbicas/gays

Ametista e Adore apontam que, entre amigas/os e pessoas próximas, usam bastante os termos *sapatão*, *viado*, *bicha*. Segundo Ametista, entre suas amigas lésbicas, usam a palavra *sapatão* como forma de afirmação.

É pertinente ressaltar que, aparentemente, há dois requisitos fundamentais que autorizam ou não o uso desses termos: pertencer à comunidade LGBT e ter intimidade/proximidade com quem se fala. A noção de lugar de fala parece ser crucial para definir quem pode ou não usar palavras/expressões da comunidade LGBT, ou seja, “quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são (RIBEIRO, 2017, p. 16-17)”.

Júlio e Pedro apontam a necessidade da intimidade para chamar/ser chamado de determinadas maneiras. Pedro diz usar bastante os termos *bixona*, *passiva feroz*/*passiva nefasta* para referir-se a gays e, para referir-se a lésbicas, relata usar *sapatão*/*sapatão futurístico*.

Pedro frisa a necessidade de intimidade para ser chamado por certos termos e que sujeitos heterossexuais não estão autorizados a utilizá-los. Júlio concorda, dizendo que “tudo precisa de intimidade”. Santana (2018) já apontou que a identidade gay é projetada, preferencialmente, na companhia de outros gays e, exclusivamente, quando esses interlocutores possuem proximidade e estão num ambiente descontraído. Através da lín-

gua, sujeitos LGBT projetam suas personas e identidade(s), principalmente na companhia de outros sujeitos LGBT ou pessoas próximas.

Scorpio e Dino debatem a questão e Dino relata usar os termos *gay* e *lésbica*. Já Scorpio diz usar mais os termos do inglês, como *butch*. Ambos salientam que só gostam de ser chamados por esses termos por pessoas íntimas e, principalmente, pertencentes à comunidade LGBT, já que, segundo Dino, “quando o outro usa, outro de fora, tem outro peso”. A dupla também conversa sobre a noção de lugar de fala, pois mencionam que apenas pessoas próximas ou pertencentes à comunidade LGBT estão autorizadas a usar determinados termos.

Gezebel e Catarina discutem o assunto e Catarina aponta usar os termos *viado*, *bicha* e *sapatão*, mas que acha que só lésbicas/gays podem usar tais termos. Isso leva ao entendimento de lugar de fala como sendo lugar de expressão de dado grupo social, em que os indivíduos se colocam enquanto sujeitos, ou seja, o lugar de fala de indivíduos LGBTs é onde eles têm a oportunidade de colocar-se como sujeitos, para seu grupo, sem medo de sofrer preconceito.

Sobre como são chamadas, Catarina menciona que sua família costuma chamá-la de *sapatão*, mas que não gosta quando pessoas que não têm intimidade a chamam assim, pois pode soar desrespeitoso. Já Gezebel relata não se recordar de pessoas usando o termo *sapatão* para referir-se a ela. Isso pode acontecer porque Gezebel não performa nenhum dos polos extremos da feminilidade e da masculinidade, pois transita em um meio termo.

5.2.4 Apropriação dos usos linguísticos do universo LGBT por sujeitos heterossexuais

Ametista e Adore parecem não gostar quando sujeitos heterossexuais utilizam usos linguísticos do universo LGBT. Adore acredita que os sujeitos heterossexuais devem pensar “só quero fazer parte dessa coisa legalzinha que vocês usam uns vocábulos”, e que eles usam para encaixar-se na comunidade, mas não querem a “dor dessa comunidade”. Além disso, Adore também considera haver certa apropriação da cultura LGBT por parte de sujeitos heterossexuais.

Sobre esses usos por sujeitos heterossexuais poderem impactar a identidade da comunidade LGBT, ambas acreditam apenas reforçar estereótipos existentes. Sobre esses usos poderem contribuir para diminuir a homofobia, Ametista acredita talvez impactar a identidade da comunidade LGBT apenas de forma velada e falsa, pois, para ela, sujeitos heterossexuais usam as expressões apenas “pro riso”.

Júlio e Pedro também desaprovam os usos linguísticos do universo LGBT por sujeitos heterossexuais. Júlio aponta que sujeitos heterossexuais fazem usos equivocados das expressões. Pedro concorda e acrescenta que além de usarem errado, não usam espontaneamente. Júlio ainda usa a expressão “no nosso dicionário”, demonstrando que a linguagem pertence somente aos membros da comunidade LGBT.

Sobre esses usos por sujeitos heterossexuais poderem impactar a identidade da comunidade LGBT, Júlio acredita que para alguns talvez exista essa luta para não usarem, pois marca identidade. Sobre a reação deles ao verem um desconhecido usar essas expressões do universo LGBT, Pedro diz primeiramente estranhar e Júlio diz pensar: “sério que tá usando isso, não tens nada teu para usar?”, e Pedro finaliza: “tens que tá roubando dos outros?”, demonstrando, portanto, uma avaliação bastante negativa.

Barroso (2017, p. 43) já discutia que “os indivíduos fazem dessas marcas grupais uma forma de se autoafirmarem na sociedade”. Desse modo, os sujeitos LGBT usam palavras e expressões diferentes, como um mecanismo para afirmar suas identidades.

Scorpio e Dino também desaprovam sujeitos heterossexuais empregando usos linguísticos do universo LGBT. Sobre esses usos poderem impactar a identidade da comunidade LGBT, Dino relata aspectos positivos e negativos. O aspecto positivo é que, se a maioria das pessoas fala, sujeitos LGBT não se sentiriam mal em usar as expressões da comunidade. O aspecto negativo é que, se heterossexuais usarem os termos que são da comunidade, as pessoas que se identificam com esse grupo perderiam traços de sua identidade. Scorpio concorda e adiciona que quando todos começam a usar, toda uma cultura pode ser perdida.

Sobre esses usos poderem contribuir para diminuir a homofobia, Scorpio não acredita acontecer isso e que pode, eventualmente, apagar a história da comunidade LGBT. Se antes a língua usada por LGBTs era um sistema de proteção, isso pode não mais acontecer. A língua é usada também para criar significados sociais, o que também perpassa a (re)construção das identidades. A língua usada por sujeitos LGBT é componente crucial na construção de sua(s) identidade(s), e usar essa língua parece ter um significado social bastante valioso para eles. Talvez por isso esses sujeitos se incomodam quando pessoas que não pertencem à comunidade usam as expressões que comumente eles usam.

Gezebel e Catarina demonstram reprovar quando sujeitos heterossexuais utilizam as expressões da comunidade LGBT. Catarina brinca que esse uso seria apropriação cultural e Gezebel relata achar engraçado quando usam. Gezebel diz não encontrar muitas pessoas usando as expressões, mas percebe muita demanda para saber seus significados,

que são tão naturais para quem pertence à comunidade que se torna difícil explicar.

Sobre esses usos por sujeitos heterossexuais poderem impactar a identidade da comunidade LGBT, ambas não consideram haver algum impacto. Catarina diz que a linguagem para LGBTs é uma forma de identificação: “nos construímos como sujeitos através da linguagem”. Sobre esses usos poderem contribuir para diminuir a homofobia, ambas acreditam ser algo pequeno para causar impacto. Sobre a reação delas ao verem um desconhecido usando essas expressões, Gezebel relata que talvez achasse que seria um sujeito LGBT, mas então faria o “raio-x do estilo” (consideraria outros elementos simbólicos como vestimenta, jeitos etc.) para chegar a alguma conclusão.

Isto remete à concepção de estilo e dos múltiplos símbolos que compõem o estilo dos sujeitos, e a linguagem pode ter um papel fundamental nessa composição estilística. Irvine (2001, p. 23-24) discorre sobre os estilos de fala e diz que “[...] estilos de fala envolvem as maneiras pelas quais os falantes, agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos num sistema de distinções e possibilidades”³⁰.

Em suma, com relação aos *usos linguísticos* característicos de lésbicas/gays, foco da seção 5.2, pode-se dizer que os sujeitos consideram a existência desses usos, fornecem exemplos, mas apontam que esses usos são mais restritos à comunidade LGBT e, por isso, podem não ser compreendidos por quem não possui contato com a comunidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por intuito principal agregar aos trabalhos que resistem e persistem na árdua tarefa de não se silenciar frente ao sexismo, à misoginia e à homofobia ainda tão arraigados em nossa cultura. Portanto, tentando desmistificar certos tópicos sobre lésbicas/gays, este trabalho procurou captar algumas percepções desses sujeitos sobre assuntos envolvendo suas vivências, como identidade e usos linguísticos.

Procurou-se investigar a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre a existência de possível(is) identidade(s) lésbica(s)/gay(s), e eles demonstraram acreditar que não há apenas uma identidade relacionada a lésbicas/gays, apontando a existência de uma pluralidade de identidade(s). Tal percepção está em consonância com as concepções pós-modernas sobre identidades fluidas, vistas como em constante (re)transformação e (re)construção.

Alguns sujeitos de pesquisa demonstraram identificar-se com certas identidades e outros não conseguiram inserir-se em apenas uma caixinha, pois, como as identidades

³⁰ “[...] styles in speaking involve the ways speakers, as agents in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions and possibilities”.

são mutáveis, às vezes eles performam uma identidade e outras vezes performam outra. A maioria das duplas apontou que se sente confortável perto de outros sujeitos LGBT ou de pessoas íntimas. Também se investigou a percepção dos sujeitos de pesquisa acerca da fala como marcador de estilo e identidade(s) lésbica(s)/gay(s), e todos consideram que a fala pode sim funcionar dessa forma.

Sobre usos linguísticos característicos do universo LGBT, todos os sujeitos de pesquisa concordam com a existência desses usos e ainda apontam diversos exemplos. Portanto, a partir dessa confirmação, pode-se dizer que esses usos compõem um estilo de fala lésbica/gay. Sobre os fatores contextuais que poderiam propiciar esses usos, os sujeitos apontam o interlocutor e o contexto como fatores principais. Segundo eles, é necessário um interlocutor que seja íntimo e que entenda as palavras e expressões da comunidade LGBT, além de um contexto favorável para a realização desses usos.

Também foram analisadas as formas de referência a lésbicas/gays, e os sujeitos de pesquisa apontaram usos como *viado*, lésbica e *sapatão* para referir-se a outros sujeitos homossexuais. Sobre a apropriação e resignificação de usos linguísticos do universo LGBT por sujeitos heterossexuais, todos os sujeitos de pesquisa avaliaram negativamente esses usos.

Para trabalhos futuros, é pertinente investigar as percepções de lésbicas/gays sobre outros assuntos que lhes concernem, como vivências de preconceito, processo de descoberta/aceitação da orientação sexual etc. Também seria interessante gravar esses sujeitos em diferentes situações/contextos, para analisar como suas falas se adequariam em diferentes ambientes.

Referências

- AUSTIN, J. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990 [1962]. Tradução Danilo Marcondes.
- BARROSO, R. R. *Pajubá: o código linguístico da comunidade lgbt*. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – Manaus. 2017.
- BELSEY, C. *Critical practice*. London: Methuen. 1980.
- BENTES, A. C.; FERREIRA-SILVA, B.; MARIANO, R. D. Atenuação e impolidez como estratégias estilísticas em contexto de entrevista televisiva. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 23, n. 47, 2013.
- BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Caderno Pagu*. 2014, n.43, p. 441-474. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>. Acesso em: 20/12/2018.

- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução AGUIAR, R. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- COUPLAND, N. *Style: Language variation and identity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.
- DRUMMOND, R.; SCHLEEF, E. Identity in variationist sociolinguistics. In: *The Routledge handbook of language and identity*. Routledge, p. 76-91, 2016.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. In: *Annual Review of Anthropology*, p. 461-90, 1992.
- ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. In: *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland CA. 2005.
- ECKERT, P. Communities of practice. In: *Encyclopedia of language and linguistics*, v. 2, p. 683-685, 2006.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.
- ECKERT, P. Variation, meaning and social change. *Sociolinguistics: theoretical debates*, p. 69-85, 2016.
- FELIX, R. A. A. *Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. 2016.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução ALBUQUERQUE, M. T. C.; ALBUQUERQUE, J. A. G. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 [1999].
- JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Compilação JAFFÉ A. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975.
- GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Nova York, Anchor Books, 1959.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- IRVINE, J. Style as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.
- JOSEPH, J. E. Historical perspectives on language and identity. In: *The Routledge handbook of language and identity*. Routledge, 2016. p. 45-59.
- KIESLING, S. F. Constructing identity. In CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (Ed.) *The handbook of language variation and change*. 2ª ed. Oxford, U.K.: Blackwell, 2013. p. 448-467.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2006 [1966].

LANZ, L. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curso de Pós-Graduação em Sociologia. 2014.

LAU, H. D. Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT. *Temática*, v. 13, n. 3, 2017.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística*, v. 8, n. 1, 2012.

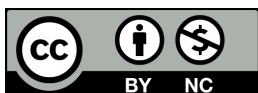
RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROSA, N. G.; LUCENA, A. F.; CROSSETTI, M. G. O. Etnografia e etnoenfermagem: métodos de pesquisa em enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto Alegre. Vol. 24, n. 1, p. 14-22, 2003.

SANTANA, W. P. S. *Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis. 2018.

VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis. 2014.



Data de submissão: 31/08/2020

Data de aceite: 30/09/2020

O USO VARIÁVEL DE [-STE] NA PÁGINA *TAL QUAL DUBLAGENS* E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL

THE VARIABLE USE OF [-STE] ON THE *TAL QUAL DUBLAGENS* PAGE
AND THE CONSTRUCTION OF SOCIAL IDENTITY

Kamilla Oliveira do Amaral | [Lattes](#) | amaralkamilla17@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a realização variável de [-STE] na página do Instagram *Tal Qual Dublagens* – constituída principalmente por curtos vídeos de dublagens produzidos pelo comediante Gustavo Libório –, verificando a existência de significados socioidentitários indexicalizados pelo referido morfema. Para esta pesquisa, observamos a dinâmica interacional da *Tal Qual Dublagens*, que interpretamos como uma comunidade de práticas (ECKERT, 2006), e analisamos 302 ocorrências de [-STE], mapeadas durante a etnografia virtual (HINE, 2000) realizada na página. A partir da análise verificamos que [-STE] conta com cinco formas alternativas que estão relacionadas a alterações morfofonéticas. São elas: *-ste*, *-stes*, *-stis*, *-rte* e *-rtes*. Cada uma das cinco formas indexicaliza concomitantemente diferentes instâncias de significação: uma referente ao significado semântico-pragmático do morfema (expressão de segunda pessoa do singular) e a outra ao significado social, que carrega valores identitários e ideológicos dos sujeitos da referida comunidade. Este significado se distribui em diferentes camadas: uma relacionada a macrocategorias e outra a relações de grupo (seja de grupo regional, de grupo gay, ou de grupo social, como a CP *Tal Qual Dublagens*).

Palavras-Chave: Variação. Significado social. Identidade.

Abstract: The present study aims to analyze the variable realizations of [-STE] in the Instagram webpage *Tal Qual Dublagens*, verifying the existence of social identity meanings indexed by the referred morpheme. For this research we have observed the interactional dynamics of the page, which we interpret as a community of practice (ECKERT, 2006), and analyzed 302 occurrences of [-STE], mapped during the virtual ethnography (HINE, 2000) carried out on the page. From the analysis we verified that [-STE] has five alternative forms that are related to morphological alterations: *-ste*, *-stes*, *-stis*, *-rte* and *-rtes*. Each one of the five forms indexes concomitantly four different layers of meaning: one re-

ferring to the referential meaning of morpheme (second person singular expression) and three associated to socioidentitarian meanings, including meaning of macrosociological identity; of regional identity and of gay identity. The simultaneous action of these four layers expresses a notion of plural identity, called social group identity.

Keywords: Variation. Socioidentitarian meanings. Social group identity.

1 Iniciando a discussão

As transformações socioeconômicas e culturais desencadeadas pelo fenômeno da globalização¹, o qual introduz a era da Pós-Modernidade, trazem à tona uma nova configuração de sociedade, na qual noções de estabilidade, homogeneidade, coerência, fixidez e unicidade não são mais tomadas como aspectos constituintes dos sujeitos e das suas relações sociais (HALL, 2006).

Tais transformações têm gerado grandes impactos no campo da Sociolinguística – mais especificamente a Sociolinguística Variacionista (SV) – e alterado significativamente a maneira como os estudos sobre a relação entre a língua e sociedade vêm sendo desenvolvidos. Para lidar com cenários completamente novos e diversificados com os quais os sujeitos podem se relacionar, o escopo do que vem sendo entendido como o objeto e o *locus* de estudo da SV neste tempo e espaço em que estamos imersos precisam ser reconsiderados e redefinidos.

Tendo isso em vista, Eckert (2000, 2005) propõe (re)pensarmos a heterogeneidade linguística e, com esse remodelamento, a variação – muito além de ser um processo pelo qual duas ou mais formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial (ou o mesmo valor de verdade) e com o mesmo significado (TARALLO, 1986) – passa a ser entendida como parte de um *sistema sociosemiótico*, capaz de indiciar que interesses e objetivos estão por detrás dos usos linguísticos dos sujeitos (ECKERT, 2012).

Como esses interesses são continuamente alterados a depender da situação comunicativa e dos diferentes papéis sociais desempenhados por esses indivíduos, o foco em comunidades linguísticas relativamente estáveis e homogêneas – comunidades de fala –, como *locus* de análise para a explicação da variação e mudança linguística, passa a ser redirecionado para questões que emergem de dinâmicas interacionais presentes em comunidades mais locais e menos globais.

¹ Hall (2006, p. 67) evoca Anthony McGrew para definir globalização como “[...] aqueles processos, atuantes numa escala global que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado [...]”.

A partir desse redimensionamento, aspectos de natureza estilística, que geralmente são secundarizados na análise variacionista de perspectiva laboviana, são deslocados das margens para o centro, tornando-se um dos principais interesses da SV nesse novo cenário sociocultural (COUPLAND, 2011). Diante desse novo olhar para o estilo e para o significado social, a noção de variação é ampliada, o que significa que ela deixa de ser assumida somente como um reflexo da influência de fatores sociais em nível macro (como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, nível socioeconômico, raça/etnia), passando a ser entendida também como uma ferramenta através da qual os sujeitos podem construir e reconstruir suas identidades sociais.

Baseado nessas perspectivas, o objetivo central deste estudo é discutir questões estilístico-identitárias envolvidas na realização de fenômenos linguísticos variáveis. E para elucidar tal discussão, analisamos o uso de [-STE]² em uma comunidade de práticas, que se estabelece na dimensão online³, a página *Tal Qual Dublagens*.

A *Tal Qual Dublagens* é uma página da Internet criada pelo manauara Gustavo Libório e surge primeiramente como canal no Youtube, em 2011, e depois é expandida para as demais redes sociais, como o Facebook (no mesmo ano) e posteriormente o Instagram (em 2013). Os principais conteúdos produzidos por Gustavo são as dublagens de vídeos, publicadas em seu canal, e as postagens nas redes sociais da página.

Nos primeiros anos de criação da *Tal Qual Dublagens*, Gustavo produzia as dublagens tendo em vista um público específico: a comunidade GLS (termo que era utilizado na época) e os amazonenses, mais especificamente os manauaras. No entanto, à medida que o território on-line da página foi expandido, através da presença da *Tal Qual Dublagens* em outras plataformas virtuais, esse público alvo inicial também foi ampliado, trazendo cada vez mais seguidores de perfis diversos e heterogêneos.

Ainda que Gustavo lide com uma diversidade de pessoas, com naturalidades, nacionalidades, raças, sexos, gêneros, idades, classes socioeconômicas, graus de escolaridade, personalidades e identidades diversas, ele faz questão de usar uma linguagem que reflete seus próprios traços linguísticos de identificação social, como por exemplo, o uso de algumas expressões consideradas típicas do amazonense (*já mesmo, até o tucupi, até o talo*) haja vista sua naturalidade manauara, e algumas expressões do dialeto bajubá/pajubá (*fazer a chuca, viado, boy*), considerando sua orientação sexual (homossexual autode-

² Ao longo deste texto, quando o item “-STE” estiver entre colchetes ([]), significa que o segmento corresponde a uma macroforma que engloba formas alternativas de realização, estando estas notadas em minúsculo e em itálico.

³ Neste artigo não pretendemos nos deter nessa discussão. Para um aprofundamento detalhado dessa questão, remetemos o leitor à dissertação de Amaral (2020b).

clarado). E mesmo que nem todos seus seguidores compartilhem exatamente os mesmos traços socioculturais, por exemplo, tendo em vista que há uma parcela significativa de pessoas provenientes de outras regiões do Brasil e até de outros países, em alguma medida, eles parecem estabelecer uma relação de identificação com a página em um nível mais subjetivo e ideológico.

Considerando que a *Tal Qual Dublagens* está presente em vários Sites de Redes Sociais (SRS), o alcance da página é bastante abrangente e, se somarmos a quantidade de inscritos no canal no Youtube e a de seguidores no Facebook e no Instagram – que chega a pouco mais de 1 milhão de seguidores –, é possível dizer que a *Tal Qual Dublagens* configura uma comunidade com um alcance global. Para esta pesquisa, decidimos investigar somente uma parte dessa grande comunidade e para isso escolhemos o Instagram da página. Este estudo se refere a uma pesquisa quali-quantitativa que segue uma orientação etnográfica, mais especificamente ao que se tem denominado Etnografia Virtual, nos termos de Christine Hine (2000). Por aproximadamente dois anos, observamos as dinâmicas interacionais da página *Tal Qual Dublagens* no Instagram e mapeamos todas as ocorrências de [-STE] realizadas nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2018.

A amostra analisada neste estudo trata de um recorte de uma amostra mais ampla, utilizada na pesquisa de Amaral (2020a, 2020b⁴), que contém 1.049 ocorrências de [-STE]. Essas ocorrências referem-se a dados escritos gerados de posts e comentários realizados tanto por Gustavo, na figura da “titia Tal Qual” – personagem criada para a interação com o público – quanto por seus seguidores, e estão distribuídas em quatro diferentes contextos linguísticos de uso: (i) *base verbal padrão*⁵, cuja configuração gramatical é sujeito P2 (tu) + verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo (PP), em que [-STE] corresponde à desinência número-pessoal (DNP) privativa ao PP e concorda necessariamente com P2 (tu), como em (1), (2) e (3); (ii) *base verbal não padrão* – caracterizado pela ausência dos traços gramaticais que configuram o uso canônico do item (relacionados à pessoa do discurso, tempo e modo verbal e função sintática), como em (4), (5) e (6); (iii) *base não verbal* – que corresponde ao emprego de [-STE] preso a outras classes de

⁴ Na dissertação de Amaral (2020b), foram analisados 12 grupos de fatores potencialmente correlacionados com o funcionamento e uso variável de [-STE]: cinco de ordem gramatical, sobretudo de natureza morfossintática e semântico-pragmática (tipo de base, pessoa do discurso, função sintática de P2, tempo e modo da base verbal e categoria morfológica de [-STE]); dois de natureza linguística (categoria gramatical da *base não verbal* e item lexical); e cinco de natureza extralinguística (origem do dado, gatilho, conteúdo do post, natureza do comentário e data de publicação).

⁵ O contexto de base verbal padrão não deve ser confundido com norma-padrão. Corresponde tão somente à configuração prototípica da forma verbal canônica de P2, em que [-STE] e suas diferentes formas de realização codificam a desinência número-pessoal privativa de PP.

palavras que não o verbo, como em (7), (8) e (9) –; e (iv) *palavras de origem estrangeira*, como em (10), (11) e (12).

Quadro 1. Dados ilustrativos dos contextos linguísticos de uso de [-STE]

Base Verbal Padrão	Base Verbal Não Padrão	Base Não Verbal	Palavras de origem estrangeira
(1) <i>Mana, tu arrasaste</i> (2) <i>Farrétempo que queria vestes e arrasastes</i> (3) <i>botartes a cara no sol mesmo né cachorra leprosentá? Lindo!</i>	(5) <i>Eu já compreistes o meu fuleira!!!! [...] ... Traaaaahhhh</i> (6) <i>[...] tô com ódio, vou esculhambartes! [...]</i>	(7) <i>piseistes no bodortes pelo amor de deustis [...]</i> (8) <i>Cadeestes demoniia!?!? [...]</i> (9) <i>[...] hazourtesss. O sonho dela devia ser dançarinartes da Joelmartes</i>	(10) <i>Okestte bb</i> (11) <i>Manaa acho que tey boystes já terminou o serviço! [...]</i> (12) <i>Enquanto a nova temporada não começa, vamos relembrar a @anapaularenault enkaralhando no BBBêrttes. Vamos marcá-la pra ela ver???</i>

Fonte: Amaral (2020a, p. 172).

Para esta pesquisa, delimitamos a análise do uso variável de [-STE] somente aos dados da *base verbal padrão*.⁶ Nosso interesse é verificar que significados são indexicalizados pelas formas alternativas de [-STE] e em que medida a expressão desses significados pode estar correlacionada com a construção de identidade social da comunidade.

Sendo assim, o artigo está estruturado da seguinte forma: esta introdução (Seção 1) é seguida pelo referencial teórico mobilizado (Seção 2); pela descrição da comunidade em análise (Seção 3); pela análise e discussão dos resultados (Seção 4), e pelas considerações finais.

2 Sociolinguística Variacionista e as novas perspectivas de estilo e identidade

A variação estilística sempre esteve presente nos estudos de Sociolinguística Variacionista, entretanto a concepção de estilo em cada um desses estudos é o que define se ele será tratado como o foco, ou como um recurso secundário.

Na perspectiva laboviana, o “grau de atenção à fala” (LABOV, 2008 [1972]) é central para definir a variação estilística. Contudo, ao circunscrever o estilo nessa abordagem, aspectos interacionais e identitários, por exemplo, são deixados de lado. Essa lacuna acabou abrindo espaço para a emergência de novas perspectivas teórico-metodológicas sobre o estilo e sobre o significado social.

Com o objetivo de diferenciar e sistematizar os estudos desenvolvidos sob essas novas abordagens, Eckert (2005, 2012, 2016) propõe um agrupamento deles em três fases distintas – ainda que não sejam sucessivas. Essas três fases são denominadas como

ondas da SV, as quais são brevemente apresentadas a seguir. Damos um maior enfoque à perspectiva de terceira onda, em que abordamos conceitos como indexicalidade, ordem indexical e identidade, por exemplo, que são centrais para o desenvolvimento da nossa análise.

2.1 As ondas da SV

A *primeira onda* está fortemente relacionada aos estudos labovianos e é inaugurada com a tese de doutorado de Labov (1966) sobre a estratificação social do /r/ pré-vocálico e pós-vocálico na cidade de Nova York. Nessa tendência, a uniformidade com que os padrões estilísticos atravessam a hierarquia socioeconômica sugere um consenso sobre o significado das variáveis que se dá através da observação de padrões nas comunidades de fala.

Considerando isso, o *significado social* da variação é baseado nas categorias que serviram para selecionar e classificar os falantes e não no conhecimento direto dos próprios sujeitos e suas comunidades. Nesse sentido, as atividades linguísticas dos falantes parecem induzir a uma interpretação que estabelece, por um lado, valor de prestígio associado à fala de indivíduos de classes mais altas economicamente e, por outro, de estigma associado à fala dos de classes inferiores – valores esses correlacionados diretamente ao grau de monitoramento da fala, responsável, na visão laboviana, pela variação estilística.

Já a *segunda onda* é marcada, sobretudo, por uma mudança de natureza metodológica. Nesse sentido, os estudos dessa tendência utilizam métodos etnográficos para verificar como categorias macrosociais estão correlacionadas com os usos variáveis dos falantes (ECKERT, 2012). Nessa tendência, ainda que o foco continue sendo categorias estáticas – como sexo, idade e grau de escolaridade, por exemplo –, o *locus* de análise da variação passa a ser redirecionado para comunidades menores, como as *redes sociais*⁷ ou as *comunidades de práticas*⁸. Ao assumir que a variação está situada nessas comunidades, é possível estabelecer que o valor social da variação está fortemente relacionado a dinâmicas sociais mais locais e menos globais, o que corrobora para o fornecimento de um retrato local das variáveis linguísticas (ECKERT, 2012).

Tendo isso em vista, os estudos de segunda onda passam a considerar um leque mais amplo de significados para as variantes e, nesse movimento, apresentam uma no-

⁷ Redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida cotidiana e que geralmente envolvem relações de graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho) etc. (MILROY, 1980, 2002)

⁸ Uma comunidade de práticas corresponde a um grupo de pessoas que compartilham, entre outros, comportamentos, pontos de vistas, opiniões, valores e preceitos, relações de poder, formas de se comunicar (ECKERT, 2006).

ção de variação estilística mais ampliada, em que a maneira como os indivíduos usam as variantes para transmitir uma variedade de afiliações, características e posturas tanto no grupo/comunidade local como em interações locais importa para explicar a relação entre língua e sociedade (SCHILLING, 2013).

Na *terceira onda*, a noção de estilo abarca questões ainda mais amplas que na segunda onda. Nesse sentido, o estilo passa a ser entendido como um “fenômeno multinível – uma configuração coordenada de características linguísticas, projetada e interpretada holisticamente”⁹ (COUPLAND, 2011, p. 140) e a *prática estilística*¹⁰ se torna fundamental para compreender a variação e mudança.

O empreendimento variacionista de terceira onda tem interesse (i) nos significados sociais da variação, considerando que as variáveis linguísticas não estão somente associadas às categorias sociais, mas principalmente às posturas (*stances*) e características dos sujeitos que constituem essas categorias e (ii) na contínua variação/mudança desses significados sociais, tendo em vista que nem a língua, nem os sujeitos que a usam e criam sentidos para esses usos devem ser tomados como fixos e imutáveis.

Considerando que os significados sociais das práticas estilísticas dos falantes emergem como produto do princípio semiótico da diferenciação linguística, que circunscreve a relação entre *signos icônicos, indiciais e simbólicos* (PEIRCE, 1932 apud IRVINE; GAL, 2000), outro interesse desta tendência está na propriedade indicial dos signos, mais especificamente no que se refere à noção de *indexicalidade*.

2.2 Indexicalidade

Para Silverstein (2009), a indexicalidade é revelada no modo como, gradativamente, os signos linguísticos refletem a relação entre os usuários desses signos e os contextos específicos nos quais esses signos são usados. São os significados indexicais presentes na língua que nos permitem fazer correlações entre o que é dito e as características de quem disse. Através disso passamos a fazer julgamento de caráter e rotular as pessoas a partir da forma com que elas se comunicam com o mundo social.

Nesse cenário, as diferentes formas de usar a língua dizem muito sobre como estruturas microssociais podem estar relacionadas às macrossociais e, para lidar com isso, o conceito de *ordem indexical* é central.

⁹ As traduções ao longo do texto são livres e de responsabilidade nossa. No original: “Style is in fact a multi-level phenomenon – a coordinated configuration of linguistic features, designed and interpreted holistically.”

¹⁰ Para Eckert (2008, p. 456), “práticas estilísticas são tanto o processo de interpretação, quanto de produção de estilos, tendo em vista que ambos acontecem constante e iterativamente”. No original: “By stylistic practice, I mean both the interpretation and the production of styles, for the two take places constantly and iteratively.”

Para Silverstein (2003), a atribuição de significados aos signos indexicais está sujeita a uma certa adequação desses signos aos contextos em que podem ser usados. Esse constante processo de vinculação contextual na indexicalização reflete a forma com que os sujeitos culturalmente interpretam a relação dialética entre significados mais globais e mais locais, que estão relacionados com as macro e microformas de identificação social. Essa interpretação é sempre um processo não arbitrário, motivada pelos graus de engajamento ideológico que os sujeitos manifestam em relação ao uso da ordem indexical, o que o autor denomina como *etno-metapragmática* desse uso. Dentro dessa perspectiva, a ordem indexical é entendida como uma realização performática, de uma estrutura já constituída de valor semiótico (SILVERSTEIN, 2003).

Diante disso, cada vez que um signo é reinterpretado, seus significados refletem um matiz ideológico cada vez mais complexo, o que significa que há um *acréscimo de significado social* para o signo, e ele adquire, portanto, um novo valor ou um novo ordenamento indexical. Eckert (2008, 2018) argumenta que embora a noção de ordenação indexical pareça implicar em uma linearidade quanto aos significados sociais dos signos, esse não é o objetivo de Silverstein (2003). Nesse sentido, tendo em vista que os significados sociais expressos pelas variáveis não são estanques, a ordem indexical dos signos também não pode ser vista como tal.

Precisamente porque os processos de reinterpretação dos signos, que geram novos significados a eles, “ocorrem dentro de um campo ideológico fluido e em constante mudança”¹¹ (SILVERSTEIN, 2003 apud ECKERT, 2018, p. 154), a ordem indexical pode se dar simultaneamente e ao longo do tempo em múltiplas direções, estabelecendo um conjunto de significados correlacionados, os quais, em dado momento, constituem o que Eckert denomina como *campo indexical* – “constelação de significados ideologicamente relacionados, os quais podem ser ativados nas situações de uso das variáveis” (ECKERT, 2008, p. 454)¹².

É importante destacar ainda que os recursos linguísticos que decidimos usar nas situações comunicativas são formas de *autorrepresentação social*, o que implica dizer que essas escolhas não podem ser vistas como naturais ou arbitrárias, pelo contrário, elas são ideologicamente motivadas pelos interesses e pelas posições sociais que os sujeitos ocupam no ato comunicativo e no mundo social (BLOMMAERT, 2005).

Esse *trabalho de representação* ou *autocategorização* através da língua parece configu-

¹¹ No original: “[...] they take place within a fluid and ever- changing ideological field.”

¹² No original: “[...] constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable.”

rar um processo pelo qual “os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos dentro de um sistema de distinções e possibilidades” (IRVINE, 2001, p. 23-24) e “invocam significados na forma de expectativas em relação aos outros e ao próprio comportamento de alguém” (STETS; BURKE, 2000, p. 225). E esse cenário é apontado por Stets e Burke (2000) como a base da formação de identidade dos sujeitos, conceito que discutimos a seguir.

2.3 Identidade

Hall (2006) argumenta que as concepções de identidade estão intimamente relacionadas às transformações histórico-culturais pelas quais os sujeitos têm sido atravessados ao longo do tempo. A primeira delas, o Iluminismo, gera um tipo de sujeito fechado em si mesmo, contínuo e idêntico a ele mesmo, o que desencadeia um entendimento de *identidade como essencial, fundamental e individual*. O segundo evento apontado por Hall é a Modernidade, que traz consigo o sujeito sociológico. Esse tipo de sujeito, diferentemente do anterior, passa a se entender como um indivíduo que pertence a algo mais amplo, um sujeito que se relaciona com outras pessoas. A partir dessa relação, sua identidade, que ainda está associada a uma *essência interior*, pode ser “modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’” (HALL, 2006, p. 11), suscitando uma concepção de *identidade como um fenômeno de autocompreensão interativa, coletiva, uma identidade cultural*.

Com a Pós-Modernidade, a terceira transformação apontada por Hall, a ideia de identidade como “plenamente unificada, completa, segura e coerente” (HALL, 2006, p. 13), é substituída por uma noção de incoerência e contradição, uma vez que ela não é fixa, não é essencial, muito menos homogênea, não é predeterminada biologicamente e sim historicamente e está em contínuo processo de construção. Essa concepção de identidade está alinhada a um tipo de sujeito global(izado) que é deslocado, desterritorializado, fragmentado e múltiplo. E é esse tipo de sujeito e essa concepção de identidade que a terceira onda busca para compreender a variação linguística e os significados sociais da variação.

Diferentemente da primeira e segunda ondas da SV, em que a identidade desempenha funções de identificação e categorização, estabelecendo distinções entre macrocategorias a partir das quais há um *posicionamento* do eu perante o outro (primeira onda); e reflete marcas de *subjetividade* na relação estável entre a autocompreensão de si e o lugar social (segunda onda); na terceira onda, a identidade está associada a um *alinhamento* que ocorre sobretudo a partir da relação entre o indivíduo e os grupos em que está inseri-

do e na relação entre os graus de afiliação e pertencimento a esses grupos (BRUBAKER; COOPER, 2000).

Considerando isso, a definição de Kiesling (2013) parece se alinhar bastante com o entendimento que buscamos assumir neste estudo. Para o autor, “*identidade é como os indivíduos se definem, se criam ou pensam sobre si mesmos em termos de suas relações com outros indivíduos e grupos ainda que sejam reais ou imaginados*” (KIESLING, 2013, p. 450, grifo no original)¹³. Essa definição nos interessa porque parece (i) deslocar o foco de indivíduos estáticos para o processo de como os falantes usam a língua para criar relações; (ii) capta a natureza dual individual e social da identidade, o que coaduna com a discussão de que as identidades não são definidas e determinadas *a priori*, mas podem ser construídas em meio a outros processos semióticos e ideológicos.

É importante destacar também que cada contexto define o tipo de interação envolvida entre locutor-interlocutor e parece induzir esses sujeitos a tomar certas posturas (*stances*) e construir *personae* por meio de práticas estilísticas fortemente entretecidas por componentes ideológicos.

A postura é uma propriedade que emerge da interação e, por isso, não é algo que é facilmente identificado sem olharmos para a própria situação de interação ou os contextos sociais e históricos relacionados. As posturas dos falantes são *performances* através das quais eles podem se alinhar ou se desalinhar e/ou ironizar associações estereotípicas com formas linguísticas particulares (JAFFE, 2009). Essas posturas podem, assim, expressar significados múltiplos ou ambíguos. Isso torna a postura um ponto crucial de entrada em análises que focalizam as maneiras complexas pelas quais os falantes gerenciam múltiplas identidades (ou múltiplos aspectos da identidade) através dos diferentes estilos que escolhem ‘usar’ na interação.

Escolher um estilo em uma situação comunicativa de interação é eleger, considerando um número de possibilidades distintas, que *máscara social* (JUNG, 1975) usar em cada contexto. Essas escolhas estilísticas configuram-se como um processo contínuo e agentivo, em que a agentividade é concedida tanto ao falante quanto ao ouvinte, haja vista que é na relação locutor-interlocutor, ou na autorrepresentação do eu perante o outro, que os estilos e os significados são construídos e reconstruídos.

É através dos movimentos estilísticos dos sujeitos que as *personae* – que correspondem a parte de um processo no qual os sujeitos performam maneiras de se mostrar para o outro através de máscaras sociais (JUNG, 1975) – são construídas. Tendo isso em vista, as *personae* não podem ser vistas nem como estáticas, muito menos como pré-determina-

¹³ No original: “*identity is how individuals define, create themselves in terms of their relationships with other individuals and groups, whether these others are real or imagined.*”

das. Elas são construídas e reconstruídas a todo momento, sobretudo quando o sujeito se depara frente a demandas e convenções socialmente estabelecidas. Para Kiesling (2013), essas *personae*, junto com *categorias de censo*, *papéis institucionais*, *posturas* e *características* interferem no processo de construção das identidades porque estão interconectadas, configurando um processo em multicamadas e multiníveis. Esses variados níveis de identidade se conectam através da variação, momento em que se tornam alinhadas em ideologias semióticas mais amplas que multiplicam seus efeitos.

Por tudo isso, entendemos que a identidade é construída por meio da relação entre variação linguística e significado social. Nesse sentido, analisar a identidade como um componente estilístico ou o estilo como um componente identitário requer tanto (i) um olhar mais amplo para o contexto sócio-histórico e cultural das identidades e a relação entre elas e as ideologias nas quais estão envolvidas; quanto (ii) um olhar mais direcionado para o uso de variantes em relação aos tipos de interação em que ocorrem, já que é no interior desses cenários de interação que os padrões mais amplos de variação se acomodam. Tendo isso em vista, compreender a identidade como uma construção socioideológica é entender que ela “não é só local, tampouco global, nem micro nem macro, mas se estabelece através de uma relação dialética entre esses níveis” (KIESLING, 2013, p. 465)¹⁴.

Outra dimensão em que podemos pensar sobre as várias formas com as quais os indivíduos (re)constroem e mantêm suas identidades é em termos de afiliação a grupos, mais especificamente através das comunidades de práticas (CP).

2.4 A construção da identidade em comunidades de práticas

Uma comunidade de práticas corresponde a um grupo de pessoas que compartilham comportamentos, pontos de vistas, opiniões, valores e preceitos, relações de poder e formas de se comunicar e que negociam e renegociam os significados de suas práticas estilísticas (ECKERT, 2006).

Para Scruton (1986 apud HALL, 2006), uma das principais motivações para formação de comunidades se dá pelo fato de que os sujeitos, ainda que se reconheçam como seres autônomos, buscam a todo momento sentir-se parte de algo mais amplo como um mecanismo de autoidentificação. Entretanto, o sentimento de unidade e plenitude trazido pelo pertencimento a um grupo não é suficiente para neutralizar a fragmentação e a multiplicidade do sujeito pós-moderno.

As práticas sociais coletivas que desencadeiam os processos de significação no interior das CPs podem muitas vezes levar a um entendimento de que as relações construídas

¹⁴ No original: “Identity construction is neither local nor global, micro nor macro, but represents a dialectic between them.”

nesses grupos são conduzidas por uma ideia de *identidade mestra* que unifica as identidades individuais de cada integrante (HALL, 2006). Contudo, ainda que os significados sejam convencionalizados com base na experiência e no conhecimento compartilhado de seus integrantes, a identidade, como um processo constitutivo que não finda em si, não se limita à plena afiliação a uma dada comunidade, mas sim “pelos esforços que trazem esses membros [...] nas relações uns com os outros [...], e pelas práticas que desenvolvem e transformam estes esforços” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1995, p. 204). Nesse sentido, a noção de CP oferece uma nova lente para se entender o modo como os indivíduos constroem e mantêm suas identidades e relacionam modos de fala com modos de participação no mundo social (KIESLING, 2013). Tendo apresentado a base teórica que fundamenta a discussão sobre o significado social do uso variável de [-STE], apresentamos a seguir a descrição da comunidade em análise, *locus* desta pesquisa etnográfica.

3 A comunidade Tal Qual Dublagens

Um processo de observação e geração de dados em uma investigação etnográfica no ambiente virtual tem suas especificidades e suas limitações em relação ao fazer etnográfico tradicional, sobretudo quando se trata de realizar densas descrições sobre a comunidade observada.

No caso deste estudo, acreditamos que os principais desafios para traçar um perfil detalhado sobre o grupo em análise sejam o fato (i) de que se trata de uma comunidade com muitos membros (mais de 100 mil seguidores), o que dificulta uma observação mais profunda, principalmente porque chegar a um alto nível de detalhamento para esse quantitativo requer esforço e tempo de que não dispomos, e (ii) de que como não tivemos contato direto com cada um dos membros através de entrevistas virtuais ou on-line, por exemplo, as informações que temos sobre esses sujeitos foram coletadas através do próprio Instagram, o que nem sempre oferece profundos detalhamentos a respeito de suas características sociodemográficas.

Considerando essas limitações, apresentamos, de uma forma mais abrangente, uma descrição do perfil dos participantes e da dinâmica interacional da comunidade, ressaltando que interesses, opiniões ou valores são compartilhados entre essas pessoas, e que faz com que construam e integrem uma comunidade de práticas (CP).

Na época em que realizamos a etnografia (entre 2018 e 2020), a página contava com mais de 100 mil seguidores. É importante ressaltar que, apesar de considerarmos como membros da comunidade *Tal Qual Dublagens* no Instagram, esses mais de 100 mil

seguidores podem remeter a perfis de pessoas físicas, de lojas, empresas ou outras instituições; dentro dessa grande comunidade – que se forma em torno de um interesse comum geral, que parece ser a busca por entretenimento – há outras subcomunidades que parecem ser formadas por interesses mais complexos, algo que tende a criar conexões mais profundas entre os seguidores e o criador da página.

Em um primeiro momento, pela grande quantidade de seguidores naturais de Manaus, de outros municípios do Amazonas e do Pará, concluímos que essas conexões estariam atreladas majoritariamente ao compartilhamento de traços e laços territoriais, como uma espécie de identificação por pertencerem à mesma região, compartilharem de culturas semelhantes, o que iria, de certa forma, ao encontro da noção de comunidade de fala. No entanto, ao visitarmos o perfil de alguns dos seguidores mais participativos na página, verificamos que muitos deles são naturais de cidades de outras regiões do país – como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, por exemplo – o que faz com que a hipótese sobre a conexão de um laço geográfico para a formação dessa comunidade não se sustente inteiramente, ainda que a página se mostre mais popular e conhecida entre os nortistas.

Como o aspecto da naturalidade parecia não ser suficiente para explicar a adesão de todos os membros, nos atentamos também ao fato de que a página conta com uma grande participação e engajamento de homens gays e mulheres heterossexuais que estão em contato com o universo gay¹⁵, o que seria mais um aspecto em comum com Gustavo, criador da página, isto é, a orientação à homossexualidade, ou no caso das mulheres heterossexuais, a simpatia aos homossexuais. A identificação gerada em torno do aspecto da orientação sexual, que pode desencadear tantas outras questões mais complexas, significa que esses sujeitos estão ligados por questões mais subjetivas e ideológicas, o que alude à noção de comunidade de práticas desenvolvida na subseção anterior. Esse nível de identificação parece ter levado ao estabelecimento e fortalecimento da comunidade na dimensão virtual e à adesão cada vez mais frequente de outros sujeitos que se identifiquem com esses aspectos identitários.

Considerando esses dois cenários, verificamos que a CP *Tal Qual Dublagens* é formada por sujeitos que podem ou não ser amazonenses ou paraenses, podem ou não ser

¹⁵ Essas mulheres podem ser caracterizadas pela expressão *gay friendly*, que remete à categoria de simpatizantes no antigo acrônimo GLS, substituído há alguns anos pela sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis). Ao longo desta pesquisa, assumimos a sigla LGBT. Sabe-se que há outras formas de representação mais inclusivas, como LGBTQIA, LBGT+, por exemplo, no entanto, como nosso objetivo não é discutir especificamente sobre isso, utilizamos a primeira por ser mais usualmente referenciada.

homossexuais. Isso quer dizer que essas características podem estar inter cruzadas, por exemplo, o que nos dá algumas opções de perfis: (i) nortista gay (homem ou mulher); (ii) não nortista gay (homem ou mulher); (iii) nortista heterossexual (homem ou mulher) e (iv) não nortista heterossexual (homem ou mulher).¹⁶ É importante destacar que esses quatro perfis sociais não são dados de antemão pelo pesquisador. Eles são construídos/negociados durante a prática estilística desses sujeitos (seja o criador da página, seja seus seguidores), em que podem assumir diferentes posturas (*stances*), e são compreendidos na observação etnográfica.

Além desses dois principais aspectos envolvidos na formação dessa comunidade, os membros dessa CP, em geral, são indivíduos entre 15 e 50 anos de idade, com grau de escolaridade variando entre nível básico (ensino médio) e nível superior e de variadas ocupações, dentre as quais: estudante, artista, digital influencer/youtuber, vendedor, atendente, auxiliar administrativo, empresário, publicitário entre outras.¹⁷

Descrever o perfil da comunidade também implica levar em conta a maneira como os membros interagem entre si e o que está em jogo nessa interação. Nesse sentido, percebemos que a dinâmica interacional do grupo está relacionada com alguns fatores envolvidos na produção dos conteúdos da página.

Ao longo da nossa observação, verificamos que os principais conteúdos produzidos por Gustavo são as dublagens de vídeos e as postagens nas redes sociais. Em relação aos vídeos publicados no *feed* do Instagram, eles possuem curta duração (não podendo ultrapassar um minuto). Geralmente são recortes de um vídeo de dublagem mais extenso, que já foi postado no canal da página no Youtube e que trata de situações de briga entre vizinhos, briga entre gays e entre travestis, sobre a cidade de Manaus, sobre cenas de filmes e novelas e cenas de animais. Além das dublagens, Gustavo também publica outros tipos de vídeos, que diferentemente das dublagens, contam com a sua aparição, e retratam muitas das vezes aspectos mais pessoais de sua vida.

Já no que se refere às postagens, geralmente se referem a *posts* relacionados (i) às dublagens – em que os seguidores comentam e avaliam o vídeo –; (ii) a alguns aspectos da vida pessoal de Gustavo – por exemplo: coisas do cotidiano como ir ao supermercado,

¹⁶ De um modo geral, as opções nortista gay e não nortista gay parecem ser as mais frequentes, inclusive esses membros são os que mais interagem com a “titia Tal Qual” e com outros membros da página. Além desses perfis, entre as opções de heterossexuais, tanto nortista quanto não nortista, observamos uma participação mais recorrente das mulheres.

¹⁷ É importante esclarecer que essas e outras informações sobre os membros da CP em questão foram captadas a partir de comentários postados por esses sujeitos na página e também a partir de visitas no perfil pessoal de alguns seguidores. E, como ressaltamos anteriormente, nosso objetivo é apresentar uma descrição mais geral da comunidade e de seus participantes, já que algumas limitações, já mencionadas anteriormente, impossibilitam maiores detalhamentos.

sobre sua relação com seu marido, sobre sua família –; (iii) à divulgação de seus shows de *stand-up comedy* –; e (iv) à publicidade de marcas e serviços.

Esse tipo de conteúdo mais pessoal só passa a ser incorporado nas publicações da página a partir de 2015, que remete ao período em que Gustavo revela sua identidade a seus seguidores (antes disso, as dublagens e as postagens são feitas de forma anônima). Pelo que observamos, por conta da revelação de sua identidade, a dinâmica interacional entre os seguidores passa a ser mais frequente e produtiva. Isso se verifica no mapeamento que fizemos, pois a quantidade de comentários, sobretudo os que contêm a forma [-STE], é muito maior no ano de 2015 do que em 2013 e 2014. Acreditamos que isso se deve ao fato de que a partir daquele momento os seguidores puderam associar um rosto, uma pessoa às dublagens e ao perfil virtual, o que parece ter tornado as interações mais intensas e frequentes. Provavelmente, por causa disso, o engajamento com a página aumentou nesse período, porque os sujeitos passaram a criar laços mais densos de identificação com a “titia Tal Qual”, que a partir daquele momento tinha se tornado um personagem “real” e acessível.

Além da interação virtual, muitos dos membros, principalmente os residentes e/ou naturais de Manaus, conseguem ter esse contato mais direto e face a face com Gustavo através de encontros em lugares públicos da cidade ou em seus shows de *stand-up comedy*. Esses encontros acabam rendendo fotos e publicações nas redes sociais, configurando-se como um tipo de conteúdo bastante interativo e importante para a consolidação do grupo, haja vista que parece criar uma proximidade maior entre Gustavo e seus seguidores e dá a oportunidade de os outros membros, associados virtualmente a essa comunidade, se conhecerem pessoalmente.

Essa proximidade com Gustavo faz com que a página tenha altos níveis de interação e engajamento, porque as pessoas que escolhem fazer parte dessa comunidade não o fazem só porque querem se entreter com o conteúdo e a linguagem das dublagens, mas também porque se identificam com as características e/ou traços socioculturais de Gustavo. E é nesse cenário que a *CP Tal Qual Dublagens* se estabelece.

A seguir, apresentamos e discutimos os resultados encontrados.

4 Os significados sociais na variação de [-STE]

Esta seção trata da análise e discussão dos resultados e está centrada na investigação dos significados sociais indexicalizados pelas formas alternativas de realização de [-STE].

Tendo isso em vista, desenvolvemos uma análise quanti-qualitativa a partir dos dados da amostra principal; de hipóteses baseadas em alguns estudos correlacionados com o

fenômeno em questão; e da etnografia virtual realizada na CP analisada. A partir dos mapeamentos do referido morfema na página *Tal Qual Dublagens*, observamos cinco formas nas quais [-STE] pode ser realizado. São elas: *-ste*, *-stes*, *-stis*, *-rte* e *-rtes*, sendo *-stes* e *-ste* as mais recorrentes, com 61% e 24,5% respectivamente, como podemos observar na **Tabela 1**.

Tabela 1. Distribuição das formas de realização de [-STE]

Formas	<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	Total
N	74	187	1	4	36	302
%	24,5	61,9	0,3	1,3	11,9	100

Fonte: Elaborado pela autora.

Em todos os dados analisados (302 ocorrências), qualquer uma das cinco formas alternativas de [-STE] estão agregadas a uma base verbal, mais especificamente após o tema (radical + vogal temática da conjugação correspondente) de um verbo; e associadas a P2 (tu), que funciona como sujeito. Além disso, parecem corresponder à categoria morfológica de sufixo flexional (desinência modo-temporal/DMT Ø e desinência número-pessoal/DNP); e expressam o *significado referencial de segunda pessoa do singular*, desempenhando a função comunicativa de referência ao interlocutor (P2).

Além de todos os traços gramaticais envolvidos, o emprego de [-STE], particularmente na forma *-ste*, sinaliza uma situação de marcação de concordância canônica, que por si só já carrega valores sociais e estilísticos, como por exemplo: *alta escolaridade*, *prestígio* e *formalidade*, valores esses que remetem a um dos significados sociais indexicalizados pelo morfema, que denominamos aqui como *significado de identidade macrosociológica*¹⁸.

Somado a isso, os estudos de Scherre et al. (2015) e Babilônia e Martins (2014) caracterizam o uso de [-STE], associado a P2 (tu), como um dos seis subsistemas pronominais de segunda pessoa característico de algumas regiões do país, como a Região

¹⁸ Conforme aponta Martins e Martins (2014), a fala manauara apresenta um subsistema misto no que se refere à referencialização à segunda pessoa (P2), em que as formas *tu* ou *você* podem ser utilizadas. No caso do *tu*, os autores indicam que o uso dessa forma remete a uma situação de informalidade. No entanto, quando combinado com *-ste* (no PP) ganha status de formalidade, uma vez que passa a indicar uma situação de marcação canônica. Scherre et al. (2015) reiteram que em Manaus essa marcação de concordância canônica é baixa, o que significa que pode haver situações de marcação não canônica com *tu*.

Norte, por exemplo, mais especificamente de municípios do estado do Amazonas, como Manaus – de onde uma parcela significativa dos membros da CP em análise, inclusive o criador da página *Tal Qual Dublagens*, são naturais.

Diante disso, em termos diatópicos, o uso de [-STE] e, potencialmente, de qualquer uma de suas formas de realização, parece veicular também um valor sociolinguístico que distingue uma região da outra, o que significa que, concomitantemente aos traços de significado de identidade macrosociológica mencionados acima, o uso do morfema carrega também um traço constitutivo de *significado identitário regional*. Nessas condições, como a CP em questão, em certa medida, integra essa comunidade regional global, esse significado também é mantido na comunidade local, a CP *Tal Qual Dublagens*.

Outro resultado importante para esta análise está no estudo de Barroso (2017), que identifica o morfema *-te* (que se refere a [-STE]) como uma das sete categorias que compõem o dialeto bajubá/pajubá utilizado pela comunidade LGBT, sobretudo da cidade de Manaus. Com base nisso e considerando que alguns membros dessa comunidade também podem fazer parte da comunidade *Tal Qual Dublagens*, chegamos ao entendimento de que o uso de [-STE] na amostra analisada, por remeter a uma característica linguística da comunidade LGBT, pode ser entendido como um traço indexicalizador de mais um tipo de significado identitário, o que, nesse caso, denominamos como *significado de identidade gay*.

Além dos traços de significados indexicalizados por [-STE], mencionados acima, verificamos ainda que alguns traços fonético-fonológicos presentes nas quatro formas inovadoras (*-stes*, *-stis*, *-rte* e *-rtes*) do morfema em questão podem adicionar mais traços socioidentitários ao campo indexical de [-STE].

O primeiro caso está associado à presença de /s/ em posição de coda nas formas *-stes*, *-stis* e *-rtes*. Quanto a isso, aventamos a seguinte hipótese: no nosso entendimento, o acréscimo de /s/, sobretudo na forma *-stes*, pode ocorrer em razão de uma hipercorreção da forma *-ste* associada à segunda pessoa do singular (P2). Entretanto, acreditamos que essa não é a única explicação, até porque essa alteração fonética se apresenta nas outras duas formas.

Tomamos como base o estudo de Barbuio (2016), que evidencia a duração longa da fricativa /s/ em posição de coda final como um traço produzido por e associado a homens gays. Considerando isso, bem como o fato de que a maioria dos membros da *Tal Qual Dublagens*, incluindo o criador da página, possuem orientação sexual à homossexual-

lidade¹⁹ – o acréscimo de /s/ à *-stes*, *-stis* e *-rtes* pelos membros da *Tal Qual Dublagens*, em alguma medida, pode remeter a uma produção mais longa tanto do fonema em questão, quanto das formas em que ele é agregado²⁰. E, nesse sentido, em alguma medida, isso se configuraria como mais um traço constitutivo de identidade gay. Desse modo, todas as formas em que o /s/ é acrescido estariam retendo esse traço socioidentitário e o incorporando no campo indexical de [-STE].

O segundo caso de acréscimo de traço socioidentitário refere-se às formas que comecem com -r (*-rte* e *-rtes*), mais especificamente no que se trata da troca de -s inicial por -r, que nesse caso é uma forma de representação ortográfica do processo fonológico de aspiração de /s/, o qual gera as formas aspiradas. Os trabalhos de Amaral (2016) e Vasconcellos (2017) têm evidenciado esse processo fonológico como uma importante marca da fala e também da escrita manauara e, tomando isso como base, compreendemos que o significado veiculado por esse traço fonético, grafado pelo -r inicial, seja mais um traço constitutivo do significado identitário regional atrelado ao uso de [-STE] na *Tal Qual Dublagens*. Nesse caso, como já mencionamos anteriormente, como a CP em questão, em alguma medida, integra a comunidade manauara, esse traço de significado também é compartilhado e expresso pelos membros da *Tal Qual*.

Além desses dois casos, parece haver um terceiro que não está relacionado a aspectos fonético-fonológicos, mas a um determinado contexto de uso: o uso de [-STE], e qualquer uma de suas formas alternativas, agregado a alguns verbos reconhecidos como itens do bajubá/pajubá (SILVA; PALHETA, 2008; BARROSO, 2017). Nossa interpretação é que quando as formas variantes de [-STE] são agregadas a esses itens, a expressão de identidade gay torna-se ainda mais saliente. No caso da amostra analisada, [-STE] é empregado aos verbos *arrasar*, *lacrar* e *grelhar*, que representam respectivamente 43,7%, 4,3% e 2,3% das ocorrências. Esses três verbos são realizados pelas formas *-ste*, *-stes*, *-rte* e *-rtes*, que estão distribuídas como mostra a **Tabela 2**.

¹⁹ No caso dos seguidores, a informação sobre a orientação sexual é captada indiretamente, através da observação da linguagem utilizada nos comentários. Em alguns casos (não temos quantitativo), observamos o perfil dos seguidores mais participativos e verificamos que são mulheres heterossexuais vinculadas ao universo gay e homens gays.

²⁰ A pronúncia alongada do /s/ nas formas de [-STE] é uma hipótese especulativa já que nenhuma análise foi realizada nesse sentido. Os dados de fala (através dos vídeos e dublagens) poderiam ter sido aferidos, mas a página foi removida do Instagram durante a realização desta pesquisa e, portanto, ficamos impossibilitados de testar essa hipótese.

Tabela 2. Distribuição das formas alternativas de [-STE] agregadas a itens do bajubá

Itens		-ste	-stes	-rte	-rtes	Total
Arrasar	N %	32 24,3	86 65,2	4 3,0	10 7,5	132/302 43,7
Lacrar	N %	1 7,7	9 69,2	0 0	3 23,1	13/302 4,3
Grelhar	N %	4 57,2	3 42,8	0 0	0 0	7/302 2,3

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o conjunto de traços de significado descritos acima, compreendemos que eles transitam entre duas diferentes instâncias de significação: uma referencial ou semântico-pragmática, constituída pelos traços *segunda pessoa do singular* (P2 [tu]); *referência ao interlocutor*, e associado à *categoria de sufixo flexional* (DNP standard); e a outra de significado social associado a aspectos identitários, que se distribui em três diferentes camadas. A primeira camada refere-se a uma identidade macrossociológica – constituída pelos traços *formalidade*, *prestígio* e *alta escolaridade* –; a segunda, a uma identidade regional – constituída pelos traços P2 (tu) + *marcação de concordância* e *aspiração de /s/* (*troca de -s por -r*) –; e a terceira, a uma identidade gay – constituída pelos traços *morfema -te* (referente a [-STE]); *produção de /s/ em coda final*; e *morfema -te agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá*.

As ocorrências de [-STE] na amostra indicam que o item e, potencialmente, suas cinco formas alternativas de realização expressam concomitantemente essas duas instâncias. Considerando isso, chegamos ao entendimento de que a atuação simultânea dessas duas instâncias, mais especificamente, das camadas que constituem o significado social, resulta na expressão de um significado mais amplo, que carrega uma noção de identidade plural, que denominamos como *significado de identidade de grupo social* (referente à CP *Tal Qual Dublagens*). Contudo, apesar de a atuação conjunta dessas camadas indexicalizar a identidade de grupo social, isso se dá em diferentes graus de saliência. E é isso que verificamos adiante.

4.1 [-STE] e a expressão de identidade de grupo social

Antes da análise, julgamos importante descrever o procedimento analítico elaborado para a verificação dessa saliência.

Primeiramente, cada um dos traços constitutivos dos significados indexicalizados

por [-STE] foram distribuídos em quatro grupos: 1º grupo: significado referencial; 2º grupo: significado de identidade macrosociológica; 3º grupo: significado de identidade regional; e 4º grupo: significado de identidade gay; conforme mostra o **Quadro 2**.

Quadro 2. Significados indexicalizados por [-STE] e seus traços constitutivos

1º grupo: Significado referencial	2º grupo: Significado de identidade macrosociológica	3º grupo: Significado de identidade regional	4º grupo: Significado de identidade gay
Segunda pessoa do singular; Referência ao interlocutor; DNP standard.	Alta escolaridade; Prestígio; Formalidade.	P2 (tu) + concordância canônica; Aspiração de /s/.	Produção de /s/ em coda final; Morfema -te (referente a [-STE]); Morfema -te (referente a [-STE]) agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, foram atribuídos valores [+] ou [-], que indicam presença ou ausência de cada um desses traços, totalizando uma média de três valores para cada grupo. Considerando que no caso do 3º grupo só há dois traços constitutivos, é atribuído dois valores ao traço de *aspiração de /s/*, por entendermos que tal traço expressa *identidade regional* de modo mais proeminente.

A partir disso, definimos, portanto, que a identificação da saliência em relação ao *significado de identidade de grupo social* (referente à CP *Tal Qual Dublagens*) se daria a partir da atribuição de graus escalares. Considerando que o 1º e o 2º grupos estão mais diretamente associados ao uso canônico de [-STE], enquanto o 3º e o 4º grupos remetem mais especificamente a características sociais e identitárias da CP em questão, percebemos que os dois últimos grupos têm um peso diferenciado no que se refere ao *significado de identidade de grupo social*. Tendo isso em vista, definimos o seguinte critério: quanto mais valores [-] nos 1º e 2º grupos e mais valores [+] nos 3º e 4º grupos, maior será a escala de saliência do *significado de identidade de grupo social* (referente à CP *Tal Qual Dublagens*). A atribuição de graus se dá de modo decrescente e está correlacionada com a quantidade de formas alternativas de [-STE]. No caso da base verbal padrão, temos cinco formas alternativas, portanto a escala vai do 1 ao 5. A forma que receber a escala 1 indexicaliza o significado de grupo social de modo mais saliente e essa saliência vai sendo atenuada à medida que a escala vai diminuindo, podendo chegar à escala 5, isto é, que sinaliza uma menor saliência. Em caso de as formas possuírem a mesma quantidade de

valores, o maior grau de saliência será definido pelo grau de inovação da forma e não pela frequência na amostra.

Apresentados os esclarecimentos quanto ao procedimento analítico elaborado, verificamos a seguir qual das cinco formas de realização de [-STE] expressa identidade de grupo social de modo mais saliente.

O Quadro 3 exibe os valores associados a cada forma de realização correspondente a cada grupo. A última linha desse quadro corresponde à atribuição do grau de saliência associado ao *significado de identidade de grupo social* (CP *Tal Qual Dublagens*).

Quadro 3 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de [-STE] e graus de saliência do significado de identidade de grupo social

Grupos	-ste	-stes	-stis	-rte	-rtes
1º grupo: Significado referencial (i) Segunda pessoa do singular; (ii) Referência ao interlocutor; (iii) DNP standard.	[+++]	[++-]	[++-]	[++-]	[++-]
2º grupo: Significado de identidade macrosociológica (i) Alta escolaridade; (ii) Prestígio; (iii) Formalidade.	[++-]	[++-]	[++-]	[--]	[--]
3º grupo: Significado de identidade regional (i) P2 (tu) + concordância canônica; (ii) Aspiração de /s/.	[+--]	[+--]	[+--]	[---]	[---]
4º grupo: Significado de identidade gay (i) Produção de /s/ em coda final; (ii) Morfema -te (referente a [-STE]); (iii) Morfema -te (referente a [-STE]) agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá.	[---]	[+++]	[++-]	[---]	[+++]
Graus de saliência					
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	5	4	3	2	1

Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere ao 1º grupo, somente a forma -ste expressa o significado referencial de modo mais proeminente, haja vista que é a única que retém todos os traços constitutivos desse tipo de significado. As demais formas, embora estejam associadas à maioria dos traços – *segunda pessoa do singular; referência ao interlocutor* –, recebem um valor [-] porque correspondem, em diferentes graus, a formas inovadoras e, portanto, não remetem à DNP standard.

Em relação ao 2º grupo, foram atribuídos a cada uma das cinco formas realizadas

um valor [-] no que se refere ao traço *formalidade*, haja vista que o contexto de uso de [-STE], isto é, um site de rede social, como o Instagram, pode indicar uma situação de menor monitoramento e, portanto, um ambiente informal; e um valor [+] em relação ao traço *prestígio*. Embora tal traço esteja mais diretamente associado à forma canônica de [-STE] e, nesse sentido, somente *-ste* deveria receber um valor [+], acredita-se que a realização de qualquer uma das formas inovadoras – o que no contexto de uma comunidade mais ampla poderia causar certo estigma – acaba carregando valor positivo dentro da comunidade de prática em análise, uma vez que tais formas estão associadas a traços identitários da comunidade.

Quanto aos outros dois traços constitutivos do significado de identidade macrosociológica, eles só deveriam ser atribuídos a *-ste*, haja vista que estão mais diretamente vinculados à forma canônica. No entanto, *-stes* e *-stis* também recebem um valor [+] quanto à alta escolaridade. Nesse caso, uma das hipóteses aventadas em relação a isso é de que o acréscimo de /s/ indica uma situação de hipercorreção associada a P2 e, possivelmente por causa disso, no que se trata desse significado, *-stes* e *-stis* continuam retendo o traço de alta escolaridade porque permanecem fortemente associados ao uso standard de [-STE]. Verifica-se, pois, que *-ste*, *-stes* e *-stis* são as formas mais proeminentes em relação ao significado de identidade macrosociológica. No caso de *-rte* e *-rtes*, como se trata de formas com um grau maior de inovação, elas parecem ser as menos proeminentes do referido significado.

Quanto ao 3º grupo, verifica-se de um modo geral que o significado de identidade regional é o menos saliente em comparação aos demais grupos, porque os traços que o constituem estão diretamente relacionados a traços morfossintáticos e fonético-fonológicos presentes somente em algumas formas. Considerando isso, *-ste* retém o traço de P2 + *concordância canônica* e, por isso, possui um valor [+]; as formas *-stes* e *-stis*, ainda que não sejam canônicas, remetem em diferentes graus ao uso standard e, por isso também recebem valor [+] em relação a esse traço. No caso de *-rte* e *-rtes*, atribui-se dois valores [+] a cada uma, haja vista que estão associadas ao traço de *aspiração de /s/*.

Em relação ao 4º grupo, por outro lado, o significado de identidade gay parece estar fortemente associado a [-STE] de um modo geral, e nesse sentido, suas formas de realização expressam tal significado com bastante proeminência. Considerando que um dos traços desse significado é o próprio item lexical analisado, todas as formas de realização de [-STE] recebem um valor [+]. No caso das formas *-stes*, *-stis* e *-rtes*, que estão associadas ao traço de *produção de /s/ em coda final*, é acrescido mais um valor [+]

para cada. Além disso, todas as formas alternativas, com exceção de *-stis*, estão agregadas a *itens lexicais do bajubá/pajubá*, e, portanto, todas elas retêm mais um traço constitutivo desse significado. Diante disso e conforme o Quadro 3, as formas que terminam com /s/ expressam o significado de identidade gay com maior proeminência.

Considerando todos os valores atribuídos a cada conjunto de traços que constituem as quatro camadas de significados veiculadas por [-STE], verifica-se que *-rtes* é a forma mais saliente no que se refere à expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP *Tal Qual Dublagens*), uma vez que retém mais traços dos 3º e 4º grupos, os quais estão mais diretamente associados a características compartilhadas pelos membros da CP em análise.

A seguir, tecemos mais alguns comentários sobre os significados socioidentitários que compõem o campo indexical de [-STE], retomando alguns resultados e finalizando, por hora, a discussão.

5 Finalizando a discussão²¹

Ao longo desta investigação sobre o uso variável de [-STE] e os significados indexicalizados pelo referido morfema, verificamos que cada uma das cinco formas alternativas de realização de [-STE] expressa em maior ou menor saliência quatro camadas de significação, as quais constituem o significado de identidade de grupo social (referente à CP *Tal Qual Dublagens*) potencialmente veiculado por [-STE]. Mais especificamente no que se refere às três camadas de significados socioidentitários, é importante destacar que cada um está relacionado a diferentes noções de identidade.

O significado de identidade macrosociológica nos parece mais associado a uma noção de identidade em que os falantes são identificados a partir de características mais estáticas e que são comuns a todos os indivíduos, algo como uma identidade mais coletiva. Por exemplo, a pessoa que faz marcação de concordância canônica com P2 no PP é um falante que tem alta escolaridade e nos remete a uma situação de formalidade e consequentemente esse modo de uso é visto como prestigioso por membros de uma comunidade ampla (comunidade de fala, por exemplo). No entanto, essas informações não são capazes de evidenciar características mais complexas desse sujeito, justamente porque ele é observado apenas em relação às macroestruturas sociais em que se envolve.

Considerando os dados da amostra analisada e as hipóteses aventadas nas seções anteriores, compreendemos que o significado de identidade macrosociológica expresso

²¹ É importante esclarecer que alguns argumentos apresentados nessa seção são baseados em hipóteses interpretativas que precisam de resultados robustos de testes de percepção para serem validadas.

por [-STE] está sensível a duas interpretações contextualmente estabelecidas pelos sujeitos (membros da CP em questão). Tais interpretações se dão a partir da relação dialética entre significados mais globais e mais locais (SILVERSTEIN, 2003). Desse modo, quando associado à forma canônica *-ste*, o uso de [-STE] expressa significados mais globais (associados a traços de alta escolaridade, formalidade e prestígio por exemplo) e, conseqüentemente uma noção de identidade mais estática. Já quando as formas inovadoras (*-stes*, *-stis*, *-rte* e *-rtes*) são usadas, [-STE] tende a expressar significados localmente estabelecidos, em que o valor de prestígio associado predominantemente à forma *-ste* é ampliado também para as suas outras formas de realização, o que também ocorre com os outros níveis de identidade.

No caso da identidade regional, é possível pensar que esse tipo de significado – apesar de ainda estar associado à identificação de características mais amplas e comuns a um número maior de indivíduos, como a questão da naturalidade, por exemplo – parece ganhar um grau a mais de significação social porque ele é expresso variavelmente dentro de um grupo específico, que tem objetivos, valores, opiniões em comum, no caso, a CP *Tal Qual Dublagens*. E, nesse sentido, as formas de realização que carregam traços constitutivos de identidade regional (como *-ste*, *-rte* e *-rtes*) acabam ganhando valor positivo pelos membros da comunidade, adquirindo prestígio encoberto. Pode-se dizer, pois, que a noção de identidade envolvida nesse tipo de significado remete a uma identificação que se dá a partir de aspectos mais subjetivos dos sujeitos, que se situa no escopo de algo mais local e menos global (SCHILLING, 2013).

Entretanto tal significado acaba sendo menos proeminente que a expressão de identidade gay, possivelmente porque nem todos os membros da CP em questão possuem a naturalidade manauara, e, portanto, podem não compartilhar os mesmos traços sociolinguísticos. E mesmo que todos fossem manauaras ou da Região Norte em geral, a regionalidade sugere um nível de identificação baseada no lugar de nascimento e/ou moradia, e tal aspecto parece não ser suficiente para a manutenção de relações sociais e formação de comunidades na dimensão online (WELLMANN, 2000).

No último caso, da identidade gay, como se trata de um nível mais complexo de identificação, haja vista que está mais relacionada a características mais subjetivas e ideológicas dos sujeitos, acredita-se que ela é capaz de formar e consolidar relações sociais mais significativas e, por isso, a expectativa é que cada vez mais os signos utilizados na CP em questão indexicalizem esse tipo de significado identitário, indicando, portanto, como categorias microssociais de identificação podem ser expressas a partir de fenôme-

nos linguísticos variáveis (SILVERSTEIN, 2003). Um indicativo disso é o fato de que, ao longo dos quatro anos em que os dados foram produzidos (2013, 2014, 2015 e 2018), a forma *-rtes*, a que expressa de modo mais saliente o significado de grupo social aqui analisado, tem sido cada vez mais utilizada pelos membros da comunidade, o que nos leva a entender que os significados sociais vinculados a essa forma possam estar se tornando mais evidentes, levando-os a serem convencionalizados na comunidade. Contudo, apesar de *-rtes* apresentar essa inclinação gradativa a uma maior produtividade, é preciso levar em consideração que *-stes*, que em certa medida remete à variante standard, também é bastante utilizada, o que parece indicar que os significados sociais indexicalizados por [-STE] são fortemente expressos por essa forma.

Nesse grau de identificação, a formação de comunidades não se dá simplesmente porque os sujeitos têm algumas características em comum, por exemplo, ou possuem o mesmo grau de escolaridade ou porque são da mesma cidade. A comunidade se estabelece porque os sujeitos querem se associar; se afiliar e querem pertencer a esse grupo social porque se identificam uns com os outros em um nível mais complexo.

No caso da CP *Tal Qual Dublagens*, através da etnografia virtual realizada, observamos que o significado de identidade gay indexicalizado por [-STE] parece ser expresso de modo proeminente tanto para quem faz parte da comunidade – e, nesse caso, inclua-se a CP analisada e a comunidade LGBT –, quanto para não membros. Tal proeminência sugere que os traços constitutivos desse significado (*morfema -te*; *produção de /s/ em coda final* e *morfema -te agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá*) estão em um alto nível de consciência desses sujeitos mesmo quando [-STE] é usado na forma canônica. E isso possivelmente ocorra porque esses sujeitos, principalmente aqueles que se afiliam tanto à CP *Tal Qual Dublagens*, quanto à comunidade LGBT, são responsáveis pela construção e estabelecimento desse significado em ambas as comunidades.

Para finalizar, é importante deixar claro que as discussões sobre o objeto desta pesquisa não se esgotam aqui. Muitas outras questões poderiam ter sido melhor exploradas – como, por exemplo, as diferentes situações de interação entre os membros da CP; o processo de construção de *personae* dos sujeitos que se afiliam a essa comunidade; a elaboração e aplicação de testes de atitude e percepção, entre muitos outros – se não fossem as limitações de tempo e de espaço (extensão da pesquisa). Tais questões fazem parte dos nossos interesses, os quais deixamos como embrião de encaminhamentos para pesquisas futuras.

Referências

- AMARAL, K. O. do. *Enfraquecimento das fricativas na fala manauara retratado na página Tal Qual Dublagens*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras). Universidade do Estado do Amazonas, 2016.
- AMARAL, K. O. do. Emergência de usos linguísticos inovadores em comunidades de práticas: o caso de [-STE] na página Tal Qual Dublagens. *Working Papers em Linguística*. Gramática do uso, v.21, n. 1, p. 168-196, 2020a.
- AMARAL, K. O. do. *Emergência de usos, variação e identidade: o caso de [-STE] na página Tal Qual Dublagens*. 2020. 257 f. Dissertação [Mestrado em Linguística] – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020b.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A influência dos fatores sociais dos pronomes tu/você na fala manauara. *Revista Guavira Letras*. Três Lagoas, v. 13, p. 46-60, 2015.
- BARBUÍO, E. *Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala*. 2016. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística (CCHLA/UFPB), João Pessoa, 2016.
- BARROSO, R. *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2017.
- BLOMMAERT, J. *Discourse: A Critical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press (Key Topics in Sociolinguistics), 2005.
- BRUBAKER, R.; COOPER, F. Beyond “identity”. *Theory and Society* 29. p. 1-47, 2000.
- COUPLAND, N. The Sociolinguistics of Style. In: MESTHRIE, R. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Sociolinguistics*. Cambridge: CUP, p. 138-156, 2011.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Constructing meaning, constructing selves: Snapshots of language, gender and class from Belten High. In Kira Hall & Mary Bucholtz (Ed.), *Gender Articulated: Language and the socially constructed self*. London: Routledge, 1995. p. 459-507.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Paper presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland, 2005.
- ECKERT, P. Communities of Practice. In: BROWN, K.; ANDERSON, H. (Ed.) *Encyclopedia of Language and Linguistics*, V. 2, Oxford, Elsevier, p.683-685, 2006.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.
- ECKERT, P. *Third wave variationism*. 2016. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb9780199935345-e-27>.

- ECKERT, P. *Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guarareira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.
- IRVINE, J. Style as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Ed.). *Stylistic variation in language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 21-43, 2001.
- IRVINE, J; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Ed.). *Regime of language: Ideologies, politics, and identities*. Santa Fe: School of American Research Press, p. 35-84, 2000.
- JAFFE, A. Stance: Sociolinguistic perspectives. *Oxford Studies in Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, - Volume 46 Issue 2, p. vii+261, 2009.
- JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Reunidas e editadas por Anieli Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. ed. Oxford, U.K.: Blackwell, p. 448-467, 2013.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MARTINS, S; MARTINS, V. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, V. 3.1, p. 177-195, 2014.
- SCHERRE, M; DIAS, E. P; ANDRADE, C; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes Tu e você. In: MARTINS, M. A; ABRAÇADO, J. (Org.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, p. 133-172, 2015.
- SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P; SCHILLING, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. 2. ed. Malden: Blackwell, 2013, p. 327-349.
- SILVA FILHO, M. R; PALHETA, S. P. *Ser ou não ser? Os gays em questão: uma leitura antropológica das gírias utilizadas pelos homossexuais em Belém-PA*. In: CD Virtual da 26ª RBA, Porto Seguro-BA, 2008.
- SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. *Language & communication*, University of Chicago, n.23, p.193-229, 2003.
- SILVERSTEIN, M. Pragmatic Indexing. In: MEY, J. L. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. London: Elsevier, p. 756-759, 2009.

STETS, J. E.; BURKE, P. J. Identity Theory and Social Identity Theory. *Social Psychology Quarterly*, 63, p. 224-237, 2000.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

VASCONCELLOS, S. *A interferência dialetal na representação gráfica de fricativas na escrita de manauaras*. 2017. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

WELLMANN, B. 'Physical Place and Cyber-Place: The rise of Networked Individualism'. Paper presented to Community Informatics: *Connecting communities through the web*. University of Teeside, 2000.



Data de submissão: 30/08/2020

Data de aceite: 25/10/2020